



DÔ CHEIRO DA TERRA AOS FIOS DA MEMÓRIA

Júliane Ferreira Vieira
Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira
(ORGANIZADORAS)

DO CHEIRO DA TERRA AOS FIOS DA MEMÓRIA

Juliane Ferreira Vieira
Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira
(ORGANIZADORAS)



2013

Universidade Federal da Grande Dourados
COED:
Editora UFGD

Coordenador Editorial : Edvaldo Cesar Moretti
Técnico de apoio: Givaldo Ramos da Silva Filho
Redatora: Raquel Correia de Oliveira
Programadora Visual: Marise Massen Frainer
e-mail: editora@ufgd.edu.br

Conselho Editorial - 2011/2012
Edvaldo Cesar Moretti | Presidente
Wedson Desidério Fernandes | Vice-Reitor
Célia Regina Delácio Fernandes
Luiza Mello Vasconcelos
Marcelo Fossa da Paz
Paulo Roberto Cimó Queiroz
Rozanna Marques Muzzi

Impressão: Editora De Liz | Várzea Grande | MT

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

401.41098171 Do cheiro da terra aos fios da memória / Juliane
D631 Ferreira Vieira, Áurea Rita de Ávila Lima
Ferreira (organizadoras) – Dourados : Ed.
UFGD, 2013.
369 p.

ISBN: 978-85-8147-034-4

Possui referências.

1. Estudantes universitários – Dourados. 2.
Análise do discurso. I. Vieira, Juliane Ferreira. II.
Ferreira, Áurea Rita de Ávila Lima.

Dedicamos esta obra aos acadêmicos e às acadêmicas sem-terra do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/PRONERA/UFGD que nos proporcionaram trilhar, por meio de suas histórias, seus caminhos, suas trajetórias, suas experiências e conhecer um pouco mais sobre o processo de Reforma Agrária em Mato Grosso do Sul.

SUMÁRIO

- 13 **Apresentação**
Alzira Salete Menegat
Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira
Juliane Ferreira Vieira
Marisa de Fátima Lomba de Farias
- 19 **Momento I**
- 21 **Histórias de vidas de acadêmicos e acadêmicas sem-terra: uma breve análise de discurso**
Juliane Ferreira Vieira
- 45 **Momento II**
- 47 **Adriano Aparecido Santana de Oliveira**
- 51 **Alessandro Santana de Oliveira**
- 59 **Alice Araújo do Nascimento**
- 67 **Aline Alves Fernandes**
- 71 **Andriever Rodrigues Santana**
- 77 **Cristiane Paula Morais Vilasboa**
- 87 **Cristiano Almeida da Conceição**
- 93 **Dalva Marques Machado**
- 107 **Diego Silva dos Santos**
- 115 **Eder Moreira de Souza**
- 125 **Edmilson Marques dos Santos**
- 137 **Elisandra Tomascheski**

145	Fabio Pereira Nunes
159	Ivanilda Ricardo de Farias
169	Ivone Fernandes Santos
175	Jucélia dos Santos Silva
181	Lauraline da Silva Ramos
185	Luci Dalva Maria de Souza
191	Luiz Carlos Marques Valejo
201	Marialves Conceição
215	Maria Aparecida do Nascimento
227	Maria de Fátima Ferreira
239	Marisete Inês Resmini
247	Nelson Aparecido Silva Casimiro
255	Nilda G. Nunes Roza
263	Rosana dos Santos
277	Rosângela Fátima C. Ávila
287	Rosemeire da Silva
305	Sonia Regina da Silva
317	Valdirene de Oliveira
327	Vilma Martins de Oliveira
335	Wagner José da Rosa
343	Wellyngton Silva de Jesus
347	Wilki Richard Almeida do Nascimento
353	Zilda Alves de Souza

Agradecimentos

Agradecemos às várias mãos e pensamentos que nos ajudaram a construir esta obra, a qual nos desperta sensações, doces e amargas, ao nos transportar ao vivido, às experiências passadas, a lugares e tempos concretos, a histórias construídas coletivamente ou até a histórias inconclusas.

Somos gratas aos acadêmicos e às acadêmicas sem-terra, por nos proporcionarem conhecer e divulgar o aroma de seus sonhos, de seus desencantos, de suas lutas, de suas conquistas e de suas expectativas.

Agradecemos também às coordenadoras do curso de licenciatura em Ciências Sociais, Alzira Salete Menegat e Marisa de Fátima Lomba de Farias, pelos pensamentos experientes, perspicazes no trabalho com as palavras e com os outros, pelas mãos amigas e orientadoras, pelo incentivo e oportunidade de nos deixar lançar sobre o vivido do outro, experienciando sensações individuais e coletivas.

“Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável”.

Maurice Halbwachs

“A nossa luta não é só pela conquista da terra, mas lutamos também por uma sociedade mais justa e igualitária. Nessa trajetória de ocupações e mobilizações que visam chamar atenção das autoridades e sociedade, temos vitórias e derrotas.”

Ivanilda Ricardo de Farias

APRESENTAÇÃO

A ideia de produzir esta obra surgiu durante o desenvolvimento da disciplina Produção de Texto, ministrada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais (iniciado em 2008), oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em parceria com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), com o Movimento de Desenvolvimento Agrário (MDA), o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) e Movimentos Sociais Rurais de Mato Grosso do Sul.¹

A rede de diálogos entre os parceiros vem sendo o vetor que tem promovido o Curso², rede à qual se soma o compromisso da UFGD, uma nova universidade pública, criada em 2005 e instalada em 2006, com os diversos segmentos da sociedade, no sentido de se construírem propostas pautadas no desenvolvimento intelectual, na inclusão social, no ambientalmente viável.³

1 O curso de Licenciatura em Ciências Sociais (PRONERA) teve início em 2008 e se estenderá até 2012.

2 De acordo com Menegat (2008), os movimentos sociais em Mato Grosso do Sul se organizaram, mais efetivamente, em meados da década de 1980, quando despontaram no debate em torno da concentração de terras, contribuindo, assim, para que hoje, em Mato Grosso do Sul, tenha-se um total de 182 assentamentos instalados: 174 criados pelo Governo Federal, por meio do INCRA, e 8 criados pelo Governo Estadual. Esses assentamentos permitem a inserção de 30.543 famílias numa área de 660.890 ha (INCRA, fev. 2010).

3 Na UFGD tem-se também, desde 2006, o curso de Licenciatura Indígena, oferecido para pessoas das comunidades Guarani e Kaiowá. Outra ação de ensino da UFGD, direcionada a atender grupos historicamente marginalizados, é o curso de pós-graduação, nível de especialização, intitulado “Estudos de Gênero e Interculturalidade”, iniciado em 2011 e que se estenderá até 2013. Esta pós-graduação, resultado do convênio entre

O Curso de Licenciatura em Ciências Sociais (conhecido na UFGD como Curso PRONERA) organiza-se sob a Metodologia da Alternância, caracterizada pelo oferecimento de aulas presenciais no Tempo Universidade e de aulas/atividades no Tempo Comunidade. É ministrado para cinquenta e seis acadêmicos que vêm de assentamentos rurais de Mato Grosso do Sul. São trinta e uma mulheres e vinte e cinco homens.

Na obra aqui apresentada, *Do cheiro da terra aos fios da memória*, mostram-se histórias de vida, vivências individuais e coletivas dessas acadêmicas e desses acadêmicos sem-terra. Histórias em que se reconstroem lembranças que trazem à cena registros de vida, de experiências, de lutas, de trajetórias. Memórias que podem contribuir para a ampliação de conhecimento e de reflexão acerca do desenvolvimento do processo de Reforma Agrária em Mato Grosso do Sul.

Há que sublinhar que a linguagem, como prática social, tem objetivos, ou transparentes ou velados, constituindo instrumento de poder que se instaura nos fios do discurso nos momentos de interação entre os diferentes sujeitos sociais. Assim as histórias das/dos acadêmicas/os do Curso PRONERA vão sendo tecidas por meio de uma linguagem que vai produzindo ecos que podem, ou não, desmistificar, responder, a discursos cristalizados sobre suas imagens, suas identidades.

O texto apresenta dois momentos. No primeiro visualiza-se o ensaio “Histórias de Vidas de Acadêmicos e Acadêmicas Sem-Terra: uma breve análise de discurso”, de Juliane Ferreira Vieira, em que se efetuam reflexões acerca do discurso com ênfase na categoria da memória, ancoradas na teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD) e nos estudos de gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin (2000).

UFGD/INCRA/MDA/PRONERA, está organizada sob a proposta metodológica similar ao da Licenciatura em Ciências Sociais e se direciona exclusivamente a pessoas de assentamentos rurais.

No segundo mostra-se a coletânea de histórias produzidas. A esse respeito, algumas considerações fazem-se necessárias. Por exemplo, com relação à metodologia desenvolvida para a feitura e para a seleção dos textos que compõem a coletânea. Conforme apontado, o interesse em publicar os textos nasceu durante atividades realizadas na disciplina Produção de Texto. A preocupação em divulgar esses textos-memórias associava-se ao fato de se reconhecer a importância do vivido na constituição de identidades, na revelação de saberes culturais. A memória é entendida aqui como um “conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído por uma série de tecidos de índices lisíveis, que constitui um corpo sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1990, p. 286).

Em relação à proposta de feitura dos textos, considerou-se a heterogeneidade da turma no que diz respeito a ocuparem, ao longo de suas trajetórias, e mesmo nos dias de hoje, diferentes lugares de origem – acampamentos/assentamentos espalhados em diversas regiões de Mato Grosso do Sul –, considerou-se também o fato de representarem diferentes faixas-etárias, o que conduz a múltiplas vivências pessoais.

Ainda quanto à construção dos textos, cabe sublinhar que se apresentou às acadêmicas e aos acadêmicos um roteiro no qual estavam indicadas informações que deveriam ser levantadas junto a familiares, a pessoas de suas comunidades. Por exemplo, origem e escolha do nome de cada uma, cada um, momentos de infância, de adolescência, experiências escolares, relações familiares, participação nos Movimentos Sociais, permanência nos acampamentos, vivências nos assentamentos, entrada na Universidade, expectativas para o futuro.

Dos cinquenta e seis textos produzidos, trinta e cinco foram enviados para publicação. Nesse momento, alguns critérios foram observados: extensão dos textos (máximo de dez páginas), subtração de informações que pudessem causar qualquer constrangimento ao autor, valorização de informações que trouxessem à tona experiências pessoais ou coletivas em torno da conquista pela terra.

O pano de fundo que perpassa as histórias aqui ouvidas pauta-se na luta, na travessia pela conquista de terra em acampamentos e assentamentos rurais em Mato Grosso do Sul, especialmente no período entre as décadas de 1980 a 2000. Conquista combinada com embates, ainda hoje, pelo permanecer na terra. Visualizam-se histórias, construídas por pessoas em busca de estratégias de pertencimentos sociais que, com seus movimentos, produzem questionamentos acerca do modo como é/está organizada a estrutura social brasileira.

No tecer das narrativas, o estilo de cada autor vai sendo desvelado: alguns textos marcam-se pela presença de título, subtítulos; outros, por letras de composições musicais ou de poemas que orientam as relações dialógicas, a produção dos sentidos; outros ainda por sua escrita em que se visualiza um jogo de distanciamento ou aproximação marcado ora pelo uso da terceira pessoa verbal, ora pelo da primeira.

A leitura dos depoimentos permite afirmar que alguns traços/situações são recorrentes e similares na vida desses produtores dos textos. Por exemplo, a necessidade de buscarem trabalhos esporádicos em vilas ou cidades próximas aos acampamentos com vistas à manutenção da sobrevivência pessoal para a continuidade da luta pela terra almejada; a interrupção na rotina escolar em razão de deslocamentos constantes, de inexistência de estabelecimentos de ensino próximos aos acampamentos ou aos assentamentos; a desagregação, temporária ou definitiva, da família até o momento de pertencimento “oficial” em relação às terras almejadas.

As diversas situações e condições estruturais vividas e manifestadas nas histórias possibilitam a construção de um mapa que aponta para o delinear da rotina, da luta – pessoal do acadêmico, da acadêmica e/ou de sua família – em busca de um pedaço de terra que lhes ofereça oportunidades para atingir o que chamam de “sossego”, mas que se configura como autonomia cidadã, posto que a vida nos assentamentos, marcada por enfrentamentos de diversas problemáticas, dentre elas a de viabilização da produção em terras, por vezes, de baixa fertilidade, permite a efe-

tiva inserção social de pessoas que anteriormente experienciavam circunstâncias precárias de vida.

Assim, a concretização do livro *Do cheiro da terra aos fios da memória* é o resultado de um movimento de pessoas que, ao se organizarem coletivamente, questionam estruturas consolidadas e imprimem movimento na sociedade, mesmo quando esse movimento aparenta-se estático. As histórias aqui apresentadas são, portanto, histórias de pessoas em movimento e, por isso, não se findam em si, uma vez que seu teor sinaliza para caminhadas que apenas se iniciaram. Nesse sentido, elas se desenham como histórias, caminhadas, diálogos e sujeitos em construção.

Em Dourados, novembro de 2011.

Alzira Salete Menegat

Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira

Juliane Ferreira Vieira

Marisa de Fátima Lomba de Farias



MOMENTO I

HISTÓRIAS DE VIDAS DE ACADÊMICOS E ACADÊMICAS SEM-TERRA: UMA BREVE ANÁLISE DE DISCURSO



HISTÓRIAS DE VIDAS DE ACADÊMICOS E ACADÊMICAS SEM-TERRA: UMA BREVE ANÁLISE DE DISCURSO

Juliane Ferreira Vieira¹

Introdução

Este ensaio objetiva apresentar uma análise de “amostras discursivas historicamente situadas”, Histórias de Vida de acadêmicos e acadêmicas sem-terra do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/PRONERA/UFGD, pois a seleção de um *corpus*² permite a abordagem do uso “real” da língua com todas as suas implicações sociocognitivas e culturais, como também a exploração dos fenômenos da realidade discursiva. Vale ressaltar que se trata de uma análise discursiva, com ênfase na categoria da memória, ancorada na teoria da Análise Crítica do Discurso e nos estudos de gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin (2000). As Histórias foram escritas com vistas a atender solicitação da disciplina Leitura e Produção de Texto.

1 Professora Voluntária do curso de Licenciatura em Ciências Sociais – PRONERA – UFGD.

2 *Corpus* refere-se às fontes de análise para a Linguística.

Os 56 acadêmicos/as matriculados/as escreveram seus textos, e 35 disponibilizaram suas histórias para publicação.

As autoras e autores das Histórias de Vida, aqui analisadas, são oriundos de assentamentos rurais de várias regiões do estado de Mato Grosso do Sul – Corumbá, Nioaque, Terenos, Sidrolândia, Nova Alvorada do Sul, Rio Brilhante, Juti, Japorã, Itaquiraí, Ponta Porã – o que revela situações que os aproximam como também os distanciam. Como exemplo, citamos características distintas das regiões dos assentamentos: clima, vegetação, qualidade da terra, proximidade ou não com as cidades. Conforme estudos de Marisa de Fátima Lomba de Farias (2010), os assentamentos de Mato Grosso do Sul, de forma geral, apresentam terras com baixa fertilidade. Isso em decorrência da exaustão ocasionada pelo uso intenso da terra por parte dos proprietários anteriores, seja com o plantio de soja, milho, algodão ou cana-de-açúcar, seja com a criação de gado.

Outra diferença marcante entre os autores e autoras é o lugar de origem, que revela traços de sua cultura familiar. Entre eles/elas, temos, além dos sul-mato-grossenses, os descendentes de paraguaios, os paranaenses, os sul-rio-grandenses, os nordestinos, os mineiros, os paulistas, que entre idas e vindas se encontraram no solo sul-mato-grossense.

Essas singularidades fizeram com que as aulas fossem regadas pelo tereré, pelo chimarrão, bebidas trazidas pelos antepassados paraguaios e gaúchos, respectivamente. A presença também marcante de um violão que ajudava o cantor da turma a entoar canções sul-mato-grossenses, ou não, contribuiu para que as longas semanas de estudos se tornassem mais descontraídas e, assim, pudessem ocultar um pouco da saudade de mães, pais, filhos, filhas, companheiros e companheiras, de suas casas.

As Histórias de Vida narram fatos alegres da infância, como as brincadeiras, verdadeiras travessuras, mas também contam momentos tristes, em que crianças largam a escola para se responsabilizarem pelo sustento da família. Ao ler as histórias, percebemos que as trajetórias foram trilha-

das em situações de sofrimento, de dor seja na infância, no acampamento, no assentamento ou mesmo nas relações familiares. Contudo, também observamos momentos de alegria nascidos do sofrimento, pois estar no acampamento, à margem da rodovia, durante o inverno, sem alimentação adequada, gera um sentimento de solidariedade, em que o pouco é dividido entre todos.

Ao desvelarmos as Histórias de Vida desses acadêmicos/as sem-terra, deparamo-nos com parte da história do estado de Mato Grosso do Sul e do processo de efetivação da Reforma Agrária. As linhas que desenhavam essas histórias revelam os desencontros entre princípios do Estado e dos grupos que lutam pela terra e pela permanência digna nelas. Nesse contexto, entre jagunços, despejos, tiros, estão os sonhos de homens, mulheres, jovens e crianças em terem a tão sonhada terra para plantar e viver nela e dela e, por isso, persistem alimentando seus sonhos e também os ampliando. Assim, as histórias deste livro fazem com que as vozes dos/das acadêmicos/as sem-terra do curso de Ciências Sociais/PRONERA ecoem, denunciem as situações de abandono em que se encontram os assentamentos e, por sua vez, também desvelem discursos já cristalizados na sociedade quando se trata dos acampamentos nas rodovias, do sustento nos assentamentos. Temos, assim, a história contada por seus próprios protagonistas.

Para desvelarmos os discursos contidos nas Histórias de Vida, utilizaremos da teoria da Análise Crítica do Discurso, que se propõe examinar em profundidade não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também o seu papel fundamental na transformação social. Nela, o discurso é visto como prática social que se realiza a partir dos gêneros discursivos e apresenta dupla face: primeiro, é moldado pela estrutura social e, segundo, é constitutivo da estrutura social. Entendemos as Histórias de Vida como momentos de enunciação, o que constitui certo tipo de ação sobre o mundo e sobre os outros. Qual-

quer enunciação é moldada pelo gênero discursivo ao qual pertence. Por isso, o estudo dos gêneros discursivos, aqui Histórias de Vida, auxilia na compreensão sobre o que acontece quando a linguagem é usada para interagir em grupos sociais, uma vez que as ações na sociedade realizam-se por meio de processos estáveis de escrever/ler, falar/ouvir (VIEIRA, 2007).

Fios Teóricos: análise crítica do discurso, discurso e gêneros discursivos

Inicialmente, importa tratarmos, mesmo que brevemente, da teoria que embasa nossa noção de discurso. A Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, concebe a linguagem como prática social, leva em consideração o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial para a análise e apresenta um interesse particular pela relação entre linguagem e poder.

Segundo Viviane Heberle e Sabrina Jorge (2002, p. 178), a ACD “é considerada importante em uma época em que, cada vez mais, as pessoas estão adotando novas práticas discursivas a fim de restabelecer suas posições sociais e identidades profissionais na sociedade”. Assim, a teoria visa mostrar como o discurso é moldado pelas relações de poder e ideologias, nem sempre aparentes aos participantes do discurso.

A ACD evita estabelecer uma relação simplista de determinação entre o texto e o social, uma vez que leva em consideração que o discurso é estruturado pela dominação e que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, ou seja, está situado no tempo e no espaço. Nesse sentido, as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detêm o poder. Desse modo, uma abordagem complexa defendida pelos princípios dessa vertente dos estudos linguísticos possibilita a análise das pressões verticalizadas e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder, que figuram como convenções sociais.

As teorias críticas visam à produção da conscientização e da emancipação; visam não somente a descrever e a explicar, mas também a expor um tipo particular de engano. Por mais que adotem conceitos diferentes de ideologia, as teorias críticas pretendem despertar nos sujeitos a consciência de que eles são enganados a respeito de suas próprias necessidades e interesses. Dessa forma, um dos objetivos da ACD é desmitificar os discursos, decifrando as ideologias.

Dentre os princípios defendidos por essa corrente, destaca-se que um texto não é resultado do trabalho de uma pessoa. As diferenças discursivas são negociadas e determinadas por diferenças de poder que são, elas mesmas, em parte codificadas e regidas pelo discurso e pelo gênero. Dessa forma, o texto é um espaço de luta, uma vez que guarda traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle.

Nesse sentido, o texto é um instrumento-objeto que o produtor apresenta ao leitor-ouvinte como uma materialidade a ser decifrada, compreendida e interpretada, em cujo interior o leitor encontra uma unidade de sentido, resultante de um conjunto de enunciados que, além do que é visível, indicam os valores éticos, as posições sociais, políticas e ideológicas dos outros textos que constituem essa materialidade. O produtor condiciona-se a determinados padrões concretos de organização e a regras para o estabelecimento de relações estruturais.

Quanto ao discurso, é o espaço extratextual em torno do qual permeiam as marcas do eu ideológico, do eu social, do eu cultural, que possibilitam ao leitor-ouvinte identificar o dizer do produtor, descobrir-lhe a posição político-ideológica, sócio-econômica, enfim: aquilo que está fora do texto-produto. José Luiz Meurer (2002, p. 18), com base em Norman Fairclough (2001), destaca que o discurso apresenta um tríplice poder constitutivo: “(1) produz e reproduz conhecimentos e crenças por meio de diferentes modos de representar a realidade; (2) estabelece relações sociais; e (3) cria, reforça ou reconstitui identidades”.

Uma das principais preocupações da ACD é com o poder como condição central da vida social, e seus esforços direcionam-se ao desenvolvimento de uma teoria linguística que incorpore essa visão como uma de suas premissas fundamentais. Desse modo, volta-se não só para as lutas pelo poder e pelo controle, mas também para a intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si.

O poder envolve relações de diferença e, especialmente, os efeitos dessas diferenças nas estruturas sociais. A unidade permanente entre a linguagem e outras questões sociais garante que a linguagem esteja entrelaçada com o poder social de várias maneiras. Assim, a linguagem classifica o poder, expressa poder e está presente onde há disputa e desafio ao poder. Este não nasce da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiá-lo e subvertê-lo.

A linguagem estabelece um meio articulado com precisão para construir diferenças de poder nas estruturas sociais hierárquicas. A ACD também se ocupa da maneira como as formas linguísticas são usadas em várias expressões e manipulações do poder. Este não é visto, todavia, somente pelas formas gramaticais presentes em um texto, mas também pelo controle que uma pessoa exerce sobre uma ocasião social por meio do gênero discursivo. Frequentemente, é no interior dos gêneros discursivos, associados a certas ocasiões sociais, que o poder é exercido ou desafiado.

Quanto ao caráter constitutivo do discurso, apontado por Fairclough, cabe salientarmos que o linguista inglês adota de Michel Foucault (1972) a noção de que o discurso tem implicações constitutivas, uma vez que, a partir dele, os indivíduos constroem ou criam realidades sociais.

Para Fairclough (2001, p. 99), as práticas são “os exemplos reais das pessoas que fazem, dizem ou escrevem coisas”, além disso, o autor determina o discurso a partir da visão de que o uso da linguagem é uma maneira de prática social. O conceito de prática social perpassa a forma como o homem age no mundo. Assim, o discurso é visto como um modo de ação

no mundo, a maneira como as pessoas agem sobre o mundo e, particularmente, sobre os outros, como também um modo de representação. Diante disso, há uma dupla relação entre discurso e estrutura social, existindo uma relação mais estreita entre prática social e estrutura social, sendo esta uma condição e um efeito da primeira. Fairclough (2001, p. 91) ainda salienta que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, diretamente ou indiretamente, o moldam e o restringem”.

Nesse sentido, Fairclough (2001, p. 99) ainda sublinha que a análise de um discurso particular deve centrar-se na produção, distribuição e consumo textual: “Na explicação desses processos sociocognitivos, uma preocupação é especificar [...] as ordens do discurso [...] em que se baseiam a produção e a interpretação dos sentidos e como isso ocorre”. Ao analisar a ordem do lugar e do momento, percebe-se que os gêneros têm um certo lugar e um certo momento já definido. Isso não significa dizer que eles atendam a necessidades externas, mas sim a elementos constitutivos. Dessa maneira, podemos pensar, como exemplo, a celebração de uma missa em uma praça ou a ministração de uma aula em um bar. Esses exemplos põem à mostra lugares ilegítimos para a efetivação desses gêneros de discurso, mas essa mudança de lugar aponta para um objetivo, uma finalidade, seja tornar um local legítimo para se aproximar mais dos “fiéis”, seja protestar.

Assim, adentramos ao terreno dos gêneros discursivos, com base na tipologia discursiva apresentada por Mikhail Bakhtin (2000). Os gêneros refletem a variedade de utilização da língua feita pelo ser humano e os enunciados são organizados conforme as condições específicas e as finalidades de cada modo de utilização da língua, que, por sua vez, se refletem em um enunciado por meio de um conteúdo temático, das escolhas operadas nos recursos linguísticos e por sua organização composicional: “Estes três elementos [...] fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado,

e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Ao conceituar os gêneros do discurso como *tipos relativamente estáveis de enunciados* (BAKHTIN, 2000), o autor apresenta a natureza verbal comum entre gêneros e enunciados, visualizando os gêneros a partir de sua historicidade, razão pela qual não são de natureza convencional. Bakhtin os analisa como tipos históricos ao relacionar a eles o mesmo caráter de enunciado, caráter social, discursivo e dialógico (2000).

É preciso observar, no entanto, que a palavra *tipo* (de enunciado) não está relacionada às sequências textuais (narração, dissertação, injunção, descrição, exposição) e nem a uma denominação científica, mas a uma tipificação social dos enunciados que apresentam certas marcas/traços comuns, que se elaboraram historicamente nas atividades humanas, diante de uma interação verbal relativamente estável. Nesse sentido, percebemos que um gênero é constituído por sua ligação com a situação social envolvente, e não por estruturas formais.

Importa destacarmos que cada esfera da comunicação produz historicamente, na/para a interação verbal, os gêneros discursivos que lhe são próprios. Desse modo, estes se estabilizam e se constituem historicamente por meio de novas situações de uso da língua e, assim, de novas formas de interação verbal necessárias nas diferentes esferas de comunicação.

A riqueza e a variedade dos gêneros acompanham a infinita variedade da atividade humana, e cada esfera (esfera cotidiana, do trabalho, científica, jurídica, escolar, religiosa) dessa atividade é composta por um repertório de gêneros discursivos que se diferenciam e se ampliam a partir do desenvolvimento de cada uma dessas esferas (receitas, ofícios, artigos científicos, resumos, parábolas). Bakhtin sublinha que, diante da capacidade humana de elaborar uma infinita variedade de gêneros, podemos pensar que não há e não poderia existir um terreno comum para seu estudo, de forma a colocar no mesmo terreno de análise um relato familiar e uma

ordem militar padronizada, cada uma com suas características particulares. Assim, “A diversidade funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes” (BAKHTIN, 2000, p. 279-280). Talvez seja esse caráter dinâmico que tenha dificultado a exposição do problema geral dos gêneros e, por isso, durante muito tempo, optou-se por estudar os gêneros literários, caracterizados por uma fixidez.

Os gêneros discursivos caracterizam-se, pois, como eventos mais maleáveis, mais dinâmicos e mais plásticos que as formas da língua, uma vez que estas se estabelecem por regras mais fixas e mais rígidas, enquanto aqueles se apresentam com um caráter relativamente estável. Isso significa dizer que o gênero está em relativa estabilização, haja vista que está ligado ao processo da atividade humana que se faz em situações diferentes.

Interessado pela questão dos gêneros, Fairclough (2001, p. 161) concebe-os como:

[...] um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, a compra de produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico [...].

O autor ainda destaca que “um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 161). Nesse sentido, Meurer (2005, p. 82) aponta que “Cada gênero, portanto, ocorre em determinado contexto e envolve diferentes agentes que o produzem e consomem (lêem e interpretam)”. As Histórias de Vida, aqui analisadas, são textos construídos dentro de uma condição de produção determinada, caracterizados por um estilo e por uma temática. Na próxima seção, essas Histórias serão descritas, haja vista a temática que apresentam, sublinhando o que os discursos destacam, evocam, denunciam.

Histórias de Vida: sobre o que tratam

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 24), “Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia-a-dia” e não podem ser concebidos como modelos isolados nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social materializadas na linguagem. O estudo dos gêneros deve focalizar a sua natureza dinâmica, processual, social, interativa, cognitiva, o que evita a classificação e a postura estrutural.

As Histórias de Vida dos/das acadêmicos/as sem-terra do curso de Ciências Sociais/PRONERA, assim como todo gênero apresentam regularidades como também particularidades, pois todo ato de tomar a palavra resulta na construção da imagem de quem fala ou escreve.

Tratam-se de textos que trazem à tona memórias ligadas ao fluxo emocional e fragmentado do passado. Apresentam fatos/acontecimentos pré-selecionados pela memória do narrador que não seguem uma linearidade temporal. São escritos ora em primeira pessoa do singular, ora em terceira pessoa do singular, conforme o estilo e a intenção do enunciador. Nos trechos a seguir (1 a 3), é possível perceber um discurso marcado pelo uso da primeira pessoa verbal.

1) Nasci no dia 4/1/1988, na cidade de Mogi das Cruzes, interior de São Paulo; contudo fui registrado em Jundiapéba – cidade mais próxima de onde morávamos. (ADRIANO).

2) A minha existência é resultado da união de duas pessoas: José Araújo da Silva (pernambucano) e Matilde Rodrigues (baiana). (ALICE).

3) Meus pais sempre gostaram da roça e decidiram criar seus filhos todos ali. Mesmo morando com meus avós e as condições de vida difíceis meus pais eram felizes. Nada superava o amor que os meus pais tinham pela família [...]. (MARISETE).

Percebemos nos trechos citados que os enunciadores se colocam na história ao utilizarem a primeira pessoa do singular, como em “nasci”, “fui”. Da mesma forma, ao utilizarem os pronomes possessivos “meus”, “minha” aproximam-se do que narram como também do leitor, buscando evidenciar a veracidade dos fatos e o convencimento do leitor. Já nos casos, abaixo, observamos outras estratégias linguísticas:

4) Ivone nasceu com muita saúde e disposição, aprendeu a engatinhar cedo, era a diversão da casa. Aos nove meses de vida, e curiosa como sempre, parou em pé, segurando-se em cima da caixa d’água que ocupava o lugar de uma mesa. (IVONE).

5) Após muito sofrimento e trabalho que aquelas mulheres tiveram, às 13h daquele dia, nasce uma grande menina, gordinha de pele rosada, sem nenhum cabelo. (NILDA).

6) Aos cinco anos, a menina ganhou mais um irmão, Daniel, quem completaria o trio. Dois meses depois do nascimento do irmão, Cristiane entrou na pré-escola, seus pais a levavam todos os dias. Assim, a menininha vestia camisa xadrez, short azul, meias vermelhas e congüinha, e levava uma bolsinha de lado. Era sua primeira vez longe dos pais. (CRIS-TIANE).

Verificamos nos trechos apresentados o objetivo dos enunciadores em se manterem distantes do que narram, como se observassem os fatos e não tivessem participação neles ou não quisessem interferir. Isso se evidencia ao utilizarem os verbos na terceira pessoa do singular: “nasceu”, “aprendeu”, “entrou”, “vestia”; e também ao se referirem a si pelo uso dos próprios nomes: “Ivone nasceu com muita saúde”, “Cristiane entrou na pré-escola”. Essas escolhas revelam o estilo de cada enunciatador para demonstrar aproximação ou distanciamento com o que conta, assim como para constituir um jogo entre narrador e leitor, demonstrando controle sobre o discurso.

As Histórias de Vida também revelam lembranças de tempos passados, em que os enunciadores eram crianças e brincavam com seus familiares. Observamos que os fios da memória possibilitam o retorno a temas e a figuras do passado, atualizando-os e provocando sua urgência na memória do presente. A seguir, os trechos revelam aspectos da infância que demonstram a união familiar, os ensinamentos dos pais, o apego à religiosidade.

7) Minha infância foi atravessada por divertidas brincadeiras que envolviam, por exemplo, carrinhos de madeira, feitos por meu pai; jogos de futebol desenvolvidos no quintal de minha casa e jogados com uma bolinha parecida com a de tênis (o espaço do gol ficava entre os paus da área do tanque e a rede eram os tijolos do tanque. No meio do nosso ‘campo’ havia uma fossa de esgoto); pernas de pau – construídas com madeira de balastras que era usada para cercar o quintal – feitas por mim e por meus irmãos; estilingues, com os quais eu e o ‘Gerfin’ – um dos primeiros amigos – passávamos várias horas caçando passarinho; jogos de betê; de bolitas/bolinhas de gude; arremessos de pipas arquetetadas por meu irmão. (ADRIANO).

8) Com ela aprendi a rezar, ganhei a primeira boneca e ouvi as primeiras histórias, entre elas, a da Gata Borrallheira.

[...] nas noites de lua clara, meu pai contava histórias, falava da cultura do nordeste (Ceará e Pernambuco), cantava Asa Branca (Luís Gonzaga) para mim e para minhas irmãs.

[...] Fizeram ainda parte de minha infância: brincadeiras de roda, de passar anel, de pular corda; brincadeira com boneca de pano, com sabugo de milho. (ALICE).

9) Aprendi com ele, e com meus pais, algumas brincadeiras como, por exemplo, cabra-cega, cantiga de roda, amarelinha. (ALINE).

10) Levava uma vida de menino pobre, mas feliz: brincava de balanço, cavalinho, fazendinha e de car-

rinho, que era feito por meus irmãos mais velhos. Tinha como parceiro das brincadeiras meu irmão um ano mais velho. (EDER).

11) Lembro também das cantigas de rodas como se fosse hoje: ‘ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar, o anel que tu me destes era vidro e se quebrou, a amizade que nós tínhamos era pouca e se acabou, por isso dona fulana faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vai se embora’. Ainda tinham as brincadeiras de pega-pega, pé na lata, corre cutia, esconde-esconde com os primos, amigos e irmãos. (IVANILDA).

12) Brinquei muito também: betes, bandeirinha, pega-pega, esconde-esconde, queimada, pega varinha. Mas as de que eu mais gostava e tinha competência para jogar eram bandeirinha e queimada. (LUCI DALVA).

13) [...] brincávamos de esconde-esconde, de passar anel, de carrinho, de cai no poço, dança de roda, cavalinho, betes. Era maravilhoso, nos divertíamos muito. (ANDRIEVER).

A análise dos trechos demonstra a constituição de uma memória coletiva, ao percebermos a repetição das brincadeiras expressas no texto por enunciadores de diferentes idades. Eles relatam sobre passa-anel, pique-esconde, corre-cotia, cantigas de roda, betes, bandeirinha, pega-pega, esconde-esconde, queimada, pega varinha, balanço, cavalinho, fazendinha, carrinho. Assim, recorrem à memória para evidenciar o que é importante para a vida de sua comunidade, o que certamente está nas brincadeiras citadas. Podemos analisar que as brincadeiras apresentadas pelos enunciadores fazem parte da memória coletiva das crianças da época da qual eles faziam parte, pois eles/elas narram com propriedade e de forma recorrente as brincadeiras que os divertiam. Como bem afirma Maurice Halbwachs (2006, p. 31): “Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos [...]”.

As Histórias de Vida também tratam de outro tema: o momento nos acampamentos e de como conheceram os Movimentos Sociais dos quais participam. Relatam também tempos difíceis, de falta de alimentos e de moradia digna.

14) O tempo de acampamento foi difícil, mas gratificante; o contato com as pessoas, as dificuldades, o pouco que todo mundo dividia, os momentos de confraternização, as cantorias à noite, a falta de energia, de aparelhos como televisão. Enfim, muitas destas coisas ou tudo isso contribuíram para repensarmos nossa prática, rever alguns conceitos. O acampamento é uma escola, informal, porém seriamente formadora, o conhecimento popular adquirido dentro desse ambiente é enorme, e ajuda na construção de homens e mulheres, sujeitos de sua história. (VILMA).

O tempo de acampamento é retratado por Vilma como um momento de aprendizagem, em que é preciso rever conceitos. Trata-se de um tempo em que a solidariedade é chamada a compor a rotina de vida dos acampados, uma vez que as dificuldades são de todos e para vencê-las é necessário intervir com o pouco que cada um tem. Ademais, não só o material é doado, como também o conhecimento, a fim de que homens e mulheres sigam suas trajetórias na luta pela terra e nenhum fique pelo caminho. Por isso, o enunciador se refere ao acampamento como “gratificante”, já que possibilita a união, a solidariedade, a confraternização e a solidificação da luta.

Outro trecho também revela que, apesar de difícil, o tempo no acampamento é uma aprendizagem para os Sem-Terra.

15) O ano de 1991 foi um marco em nossas vidas. Frequentávamos a Igreja Católica e através de uma marcha que passou por Nova Alvorada, conhecemos o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Nesta marcha, meu pai ajudou com produtos alimentícios, produzidos por nós. Naquele

dia, o senhor Antonio queria seguir a marcha; segundo ele, já tinha certeza de nosso destino. No ano seguinte, fomos para a ocupação. O trabalho de base foi intenso e mobilizou 500 famílias. Ocupamos uma fazenda em Rio Brillhante. Entramos na área às 3h da manhã num domingo, e fomos despejados violentamente às 10h da manhã do mesmo dia. O juiz assinou em pleno final de semana a ordem de despejo. Observamos, assim, que quando a justiça é para os grandes ela funciona e rápido. No dia do despejo, jogaram nossa alimentação no chão, pegaram as crianças pelo braço e as forçaram a subir no caminhão. Além disso, sequestraram os militantes, porém não mataram, porque houve interferência das autoridades na época. Mesmo assim, foram torturados e submetidos a interrogatórios. Assim, começa nossa história de luta. Ficamos acampados em Rio Brillhante às margens da rodovia. Que tempo bom, tudo era novidade. Descobrimos o que é 'ser sem terra'. Os acontecimentos passados deixamos para traz e assumimos uma nova identidade. (VALDIRENE).

O discurso de Valdirene traz à cena o momento em que sua família faz a opção por caminhar junto a um Movimento Social. Observamos que o enunciador enaltece o ano de 1991, pois foi neste que sua família entrou para o Movimento. Percebemos, desse modo, que entre tantos fatos acontecidos neste ano, este é trazido à tona e destacado pela memória da narradora. Assim, evidenciamos que a memória seleciona fatos e rejeita outros, visando a uma ação mais concreta e verdadeira. Nesse sentido, “Memória e esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda a ação” (ZUNTHOR, 1997, p. 20). Assim, o enunciador produz seu discurso em um fio de memória. Enunciar significa não só manter o fio do discurso, mas também repetir, lembrar, esquecer. O esquecimento sinaliza para uma seleção inicial que prestigia os elementos da memória mais carregados de valor do passado para, então, modificar o presente. Paul Zunthor (1997, p. 16) alerta, porém, para o fato de que “este esquecimento implica

um desejo latente. É dinâmico: rejeita, mas em vista de. Ele não anula, ele pole, apaga, e, por isso, clarifica o que deixa à lembrança [...]”.

O discurso também evidencia como o poder público se dirige aos acampados ao destacar que durante uma ocupação: “jogaram nossa alimentação no chão, pegaram as crianças pelo braço e as forçaram a subir no caminhão. Além disso, sequestraram os militantes, porém não mataram, porque houve interferência das autoridades na época.” As linhas dessa História retratam as ações daqueles que representam o poder público do estado de Mato Grosso do Sul, ressaltadas pelos verbos: “jogaram”, “pegaram”, “forçaram”, “sequestraram”, “não mataram”, ademais revelam um processo de Reforma Agrária marcado pela violência, vivenciado e sentido pela narradora. Como salienta Halbwachs (2006, p. 78-9), “Nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros [...]”.

A seguir, as palavras do enunciador evidenciam a luta que se trava quando se está em um acampamento e como são longos os dias de espera pela tão sonhada terra.

16) Ao raiar do dia seguinte, quando acordamos, começamos a fazer os barracos. Foi incrível. Durante uns três anos, ficamos na angústia, no sofrimento até meus pais, avós, tios pegarem um pedaço de chão. A vida no barraco não é nada fácil, porém há momentos de muitas alegrias, mas o que ficou marcado e que nunca esquecerei são as noites de inverno que passei no barraco à beira do Rio Dourados. [...] Para nossa família se manter, nos trabalhávamos, eu e minha mãe, e meu pai é quem mais permanecia no barraco. Eu e minha mãe tínhamos a responsabilidade de prover o sustento da família. (LUIZ CARLOS).

No trecho acima, verificamos a falta de infraestrutura que os acampamentos dispõem e que ali as pessoas estão esquecidas pelas políticas públicas. Por isso, o discurso de Luiz responde ao senso comum que diz que

“acampado não fica no acampamento” ao relatar que para se manter era preciso trabalhar fora dali, a fim de trazer sustento para sua família. Da mesma forma que os trechos anteriores, o enunciador também evidencia que há alegria no acampamento apesar das dificuldades do barraco. Mas entre suas memórias o que seleciona são os momentos em que passou no barraco durante o inverno, debaixo da lona, à beira do Rio Dourado. Percebemos que a ênfase neste acontecimento está ligada ao fato de sua memória selecionar o que mais o marcou naquele tempo e demonstrar que o presente foi modificado.

Passemos à análise de outro tema das Histórias de Vida, a vida nos assentamentos.

17) Após essas batalhas, houve a concretização do Assentamento São João, em 16/08/2004. Recebeu o mesmo nome da antiga fazenda, às margens da BR 267, Km 173, na divisa entre os municípios de Nova Andradina e Nova Alvorada do Sul.

Em vista de sua localização, na linha de divisa entre dois municípios, o Assentamento sofre muito descaso por parte dos dois governos: não há, por exemplo, qualquer proposta de projeto de cunho público. O que existe é aquele famoso jogo de empurra, cada prefeitura empurra a responsabilidade para a outra, e nenhuma resolve os problemas reivindicados pela comunidade. (ALESSANDRO).

Percebemos aqui a ênfase dada pelo enunciador às características do assentamento onde mora, como nome: São João, data de fundação do assentamento: 16/08/2004, localização: margens da BR 267, Km 173, na divisa entre os municípios de Nova Andradina e Nova Alvorada do Sul. Essa riqueza de detalhes se explica pela necessidade de o enunciador manter seu interlocutor informado e, assim, garantir a interação. Também verificamos que datas e locais, frequentemente, são estratégias utilizadas pelos narradores para trazerem à cena suas lembranças, assim como sublinha Halbwachs (2006, p. 160):

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

Ao localizar o assentamento São João, o narrador também objetiva demonstrar o descaso público com relação à falta de infraestrutura do local. A seguir, o enunciador demonstra seu apego a terra e de como o trabalho no campo está ligado à sua história.

18) No que se refere à luta pela conquista de terras, ela faz parte de minhas raízes, de minha história: fui criada na roça, meu pai, um lavrador que estava sempre em busca de terra própria, consegue comprar seis alqueires, a seis quilômetros de vila Juti, onde havia uma pequena cachoeira em que eu e meus irmãos passávamos momentos muito divertidos. Com o tempo, meu pai foi pressionado a vender as terras, pois ficamos cercados por fazendeiros interessados em comprar pequenas chácaras para ampliar suas fazendas. [...] Estamos integrados ao Assentamento Sebastião Rosa da Paz, criado no dia 21 de junho de 2001. O nosso lote, número 9, do grupo Santa Luzia, localiza-se no outro lado do rio Amambaí. [...] A maior parte desse grupo recebeu terras fracas, que dependem de correção (adubação): o PRONAF não analisa a terra de acordo com sua carência, o valor do financiamento é igual para todos, independente da qualidade da terra. Além disso, os atrasos na entrega do maquinário prejudicam o plantio. Lavouras são perdidas. [...] Isso ocasiona dívidas com os bancos financiadores e, conseqüentemente, desestímulo e necessidade de se buscar trabalho fora do assentamento, para se tentar pagar as dívidas obtidas pelas perdas frequentes. Contudo, apesar das dificuldades, viver no campo é possível, na medida em que se têm vantagens como, por exemplo, criar animais domésticos dos quais obtêm-se o leite, o ovo, a carne; plantar frutas, verduras. (ALICE).

Inicialmente, o enunciador evidencia que o desejo de ter a própria terra já inicia com seu pai, que a criou no campo. Assim, demonstra que sua experiência de vida se efetiva no campo e por isso seu desejo de continuar ali. Mesmo seu pai tendo condições de comprar um pedaço de terra, é impossibilitado de continuar, já que, segundo a narradora: “Com o tempo, meu pai foi pressionado a vender as terras, pois ficamos cercados por fazendeiros interessados em comprar pequenas chácaras para ampliar suas fazendas.” Percebemos, nesse discurso, que o latifúndio se coloca frente às pequenas propriedades, pressionando os pequenos produtores a venderem suas terras. Desse modo, o que resta a eles é vender e continuar sua luta em outros lugares. Assim, o discurso age sobre o mundo e sobre os outros, nós leitores, denunciando o poder do latifúndio sobre os pequenos proprietários.

Da mesma forma que o narrador anterior, esse enunciador enfatiza o nome do assentamento, Sebastião Rosa da Paz, como ainda a data de fundação: 21 de junho de 2001. Dessa forma, por meio das datas exatas e da localização do assentamento, as lembranças da narradora tomam corpo e se completam. Como também evidenciam que o narrado é fato verdadeiro.

É possível verificar que o discurso está em consonância com os estudos de Farias (2010), que evidenciam que os assentamentos em Mato Grosso do Sul, de forma geral, apresentam terras com baixa fertilidade por causa da exaustão ocasionada pelo uso intenso da terra por parte dos proprietários anteriores, que plantavam soja, milho, algodão ou cana-de-açúcar ou ainda pela criação de gado. Além disso, o discurso denuncia o atraso dos maquinários, a falta de comprometimento das autoridades públicas com o desenvolvimento dos assentamentos, pois com a perda das lavouras os assentados precisam deixar suas terras para trabalharem em outras propriedades, a fim de cumprirem com os financiamentos.

Na mesma direção, está o discurso a seguir, que também denuncia a falta de compromisso público com os assentados:

19) Após um ano de assentamento, estávamos abandonados por parte do Município, sem transporte ideal para os alunos, tanto da rede municipal como da estadual, sem ambulância, sem o atendimento de profissionais da área de saúde para atender às necessidades. (ANDRIEVER).

Verificamos, assim, que os discursos sobre a vida nos assentamentos apresentam regularidades quanto ao conteúdo que tratam, pois os narradores apontam os mesmos problemas: falta de investimento público, falta de infraestrutura, o que faz com que a luta agora seja pela permanência na terra. Nesse contexto, os assentados buscam estratégias para se manterem na sonhada terra por meio de financiamentos nos bancos, trabalhos fora do lote, mas também de luta por seus direitos, pressionando as autoridades e órgãos públicos, denunciando os descasos, como demonstra o discurso a seguir:

20) Agora, tínhamos nosso lar, nosso lugar (sensação que trago em mim até hoje). Porém, posso dizer que a única coisa que lamento em todo este processo é o fato de ainda estarmos em barracos, pois muitos ainda não tinham suas casas prontas. Assim, saímos para reivindicar, íamos ao INCRA, pressionávamos a FETAGRI, e após muita insistência nós, que havíamos sido assentados no ano de 2006, só começamos a ver nossas casas serem construídas em 2009, não estando ainda todas terminadas até o momento em que narro esta história (2010). (DIEGO).

Percebemos que o assentamento é o local onde os sonhos se concretizam, onde homens, mulheres, jovens, crianças se encontram e traçam novos sonhos, embora encontrem dificuldades. Sonhos outros, como o de chegar à Universidade.

21) Em vista das dificuldades de se estudar em zona rural e das questões financeiras, nunca tive a oportunidade de cursar uma faculdade. Contudo, uma

oportunidade surgiu: a parceria Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e o Programa PRONERA possibilitou que pessoas do campo (filhos e filhas de assentados de toda parte do estado de Mato Grosso do Sul) pudessem concorrer a uma vaga no Curso de Graduação em Ciências Sociais. (ADRIANO).

O discurso de Adriano, assim como os que o seguem, aponta para a importância em se oferecer oportunidade para a concretização de mais um sonho: entrar em uma universidade pública. Sonho de pessoas que durante suas trajetórias tiveram de abandonar os estudos para trabalharem e sustentarem suas famílias. Desse modo, mulheres, homens, jovens e crianças vencem a distância entre o campo e a cidade, mas também a distância de oportunidades antes destinadas àqueles dos centros urbanos.

Apesar de pouco tempo no curso, os/as acadêmicos/as sem-terra do curso de Ciências Sociais/PRONERA já sentem as diferenças entre o antes e o depois de ingressarem na universidade.

22) Hoje sou acadêmica do Curso de Ciências Sociais oferecido pela UFGD e, apesar de estar ainda no segundo ano, constato que ele já tem ampliado muito meus conhecimentos. Por meio deste curso estou conhecendo pessoas maravilhosas como os professores e professoras que estão trabalhando conosco, abrindo mão de suas férias e também vindo ao Assentamento para trabalhar junto aos assentados e assentadas, para realizar pesquisas, propor projetos e parcerias voltados, por exemplo, para a agricultura familiar, com o objetivo de melhorar a vida e a geração de renda dos que aqui estão. (ROSEMEIRE).

O discurso de Rosemeire revela ainda que, além de estarem na universidade se preparando para serem professores e professoras, também participam de projetos dos docentes do Curso, os quais oportunizam parcerias entre universidade e assentados, objetivando o desenvolvimento da agricultura familiar e a permanência na terra.

23) Chegar onde chegamos, eu e minha família, foi uma luta muito grande e nos custou muitas idas e vindas, mas creio que aqui é o lugar de criarmos raízes. Amo essa região, amo essa terra e nela quero fazer minha morada por muito tempo.

Quero concluir meu curso e não parar nele. [...] Estou certo de que a forma mais fácil de tornar essa vida terrena mais simples e mais agradável é através do conhecimento, pois quando saímos da ignorância em que nos encontramos, conseguimos alcançar vãos que até então nos pareciam impossíveis. (WAGNER).

Analisamos que nas memórias dos acadêmicos e das acadêmicas sem-terra do curso de Ciências Sociais/PRONERA sobressaem-se as lutas no campo, seja como funcionário, seja como pequeno proprietário, assim como as idas e vindas entre uma cidade e outra, as conquistas e as perdas, os sonhos e as concretizações, as decepções e as alegrias. Desse modo, estar no campo é estar seguro, no local onde se pode “criar raízes”, como aponta Wagner. Também é o lugar para se construir e reconstruir novos sonhos, alimentar novas expectativas, traçar novas metas, como: “fazer um doutorado”. O exposto confirma a importância da criação e permanência de cursos superiores e médios que atendam e entendam as diversidades de quem mora e quer permanecer no campo, pois esta relação não se faz no concreto das ruas, mas se efetiva por meio de sentimentos, de emoções vividas: “Amo essa região, amo essa terra e nela quero fazer minha morada por muito tempo.”

Palavras Finais

A análise de trechos das Histórias de Vida de acadêmicos e acadêmicas sem-terra do curso de Ciências Sociais/PRONERA demonstra que essas histórias são construídas mediante acontecimentos sociais que evidenciam trajetórias, acionadas de memórias. Os discursos foram analisados tendo em vista a concepção de gênero discursivo apontada por

Bakhtin (2000), no que diz respeito ao tema, já que, como afirma Juliane Ferreira Vieira (2007, p. 56), com base em Bakhtin, “todo gênero é gerado a partir de um tema, ou seja, apresenta seu objeto discursivo e sua finalidade discursiva”.

A teoria da ACD foi fundamental para a análise dos fragmentos, uma vez que essa perspectiva teórica procura mostrar nos textos os traços e pistas que refletem os discursos e estruturas sociais que privilegiam certos grupos de indivíduos em detrimento de outros e preparar o caminho para a emancipação dos indivíduos que se encontram no lado menos privilegiado da ordem social.

A análise permitiu-nos verificar que o discurso objetiva demonstrar a rotina durante a infância, as brincadeiras, o acampamento, o assentamento, mas também enfatiza as lutas pela terra e na terra. Desse modo, constatamos que nenhum discurso é neutro, pois deixa marcas de um “eu” que concebe os Sem-Terra como interlocutores e sujeitos de uma história e de uma prática discursiva.

Isso se evidencia nos fios de memória que tornam o discurso concreto, revelando momentos de tensão, de dificuldades, de denúncias, mas também de concretizações, de solidariedade. As forças que lideram o discurso estão ligadas à luta pelas minorias que não dispõem de recursos para lutar pelos seus direitos. Dessa maneira, o discurso do sujeito pretende corrigir injustiças sociais construídas historicamente, no caso com os Sem-Terra.

É possível verificar também que os discursos dos/as acadêmicos/as sem-terra do curso de Ciências Sociais/PRONERA se interrelacionam, apontando aspectos semelhantes. Assim, os enunciadores demonstram que o grupo partilha das mesmas experiências e as transformam em afirmações, o que instaura a elas um peso de verdade. Dessa forma, o apontado por eles/elas constitui a memória coletiva do grupo, o que demonstra credibilidade ao que é dito.

Há que ressaltarmos que a escolha pelo gênero Histórias de Vidas contribui para que os discursos se concretizem e se tornem espaços de denúncias, de respostas, pois este gênero comporta estas especificidades e finalidades. Ademais, são os próprios Acadêmicos/as Sem-Terra do cur-

so de Ciências Sociais/PRONERA que contam suas trajetórias, que selecionam suas memórias, a fim de desconstruir discursos já cristalizados em nossa sociedade.

Do exposto, podemos (re)afirmar o poder constitutivo do discurso e os papéis ou funções da linguagem nessa constituição: são os diferentes modos de representar a realidade que permitem o estabelecimento das identidades sociais; as relações sociais estabelecidas entre os participantes do discurso são representadas e negociadas pelo discurso; ao significarem o mundo e seus processos, entes/entidades e relações, os textos (re)constituem identidades.



MOMENTO II

HISTÓRIAS DE VIDA



Adriano Aparecido Santana de Oliveira

Nasci no dia 4/1/1988, na cidade de Mogi das Cruzes, interior do estado de São Paulo; contudo fui registrado em Jundiapéba – cidade mais próxima de onde morávamos. Sou o segundo filho do casal Fátima e Sivaldo. Logo após meu nascimento, meus pais decidiram mudar-se para Fátima do Sul, estado de Mato Grosso do Sul. Ali meu pai passou a trabalhar numa firma de secagem de grãos, deixando de exercer a profissão de horticultor.

Meu primeiro nome, Adriano – o que veio da região da Ádria –, foi escolhido por minha mãe, influenciada pela beleza de um personagem de novela o qual tinha esse nome. Meu segundo nome, Aparecido, foi-me dado por meu pai, atendendo a um costume familiar e ao cumprimento de uma promessa. Segundo a crença, o nome Adriano está associado a pessoas muito ativas que costumam oscilar entre os interesses imediatos e os ideais de longo prazo, o que lhes acarreta dilemas constantes. E essa tem sido a minha sina.

Minha infância foi atravessada por divertidas brincadeiras que envolviam carrinhos de madeira, feitos por meu pai; jogos de futebol desenvolvidos no quintal de minha casa e jogados com uma bolinha parecida com a de tênis (o espaço do gol ficava entre os paus da área do tanque e a rede eram os tijolos do tanque, no meio do nosso “campo” havia uma fossa de esgoto); pernas de pau, construídas com madeira de balastras que era usada para cercar o quintal, feitas por mim e por meus irmãos; estilingues, com os quais eu e o “Gerfin” – um dos primeiros amigos – passávamos várias horas caçando passarinho; jogos de beto, de bolitas/bolinhas de gude; arremessos de pipas arquitetadas por meu irmão. As alegrias des-

ses momentos ampliavam-se com a presença dos primeiros amigos, “Ge-fín” e “Tatu”, que vinham sempre à nossa casa para brincar.

Em busca de um futuro melhor, em determinado momento, meus pais resolveram fazer parte de um Movimento Social, nomeado Sem Terra. Foi uma decisão muito difícil, uma vez que não tínhamos quase nenhum conhecimento acerca do que representava aquele Movimento. Então meu pai foi sozinho para o acampamento; meses depois, levou toda a família. Fomos morar à beira de uma Rodovia. Nessa época iniciei meus estudos na primeira série, numa escola improvisada, feita de madeira e lona.

Por gostar muito de brincar, eu ficava durante as aulas “brincando de aviãozinho” com o lápis. Por isso ficava, quase sempre, de castigo. Deixava de fazer as tarefas da escola para jogar bola, tomar, nos dias de calor, banho no rio que ficava próximo ao nosso barraco. Nesse período, eu e meu irmão íamos, sempre que possível, pescar com meu pai. Terminado o ano letivo, eu, como não podia ser diferente, fui reprovado na escola. Meu pai, desanimado, resolveu desistir do acampamento e voltou com a família para Fátima do Sul. Contudo, por insistência de um tio, que era coordenador do acampamento, meu pai retornou sozinho e o restante da família permaneceu em Fátima por um ano. Comecei então a frequentar novamente a primeira série; agora, na escola Filinto Müller. Terminado o ano e, com a desapropriação da fazenda, próxima ao acampamento, fomos para o assentamento. Aí dei continuidade e concluí meus estudos.

Passei a maior parte da adolescência na Agrovila, onde moramos inicialmente. Aí, desde pequeno, eu trabalhava carpindo quintais e vendendo sorvetes, não por necessidade financeira, mas porque eu gostava de ter meu próprio dinheiro. Anos depois, nos mudamos para o sítio. A vida pacata na zona rural não oferecia muitas oportunidades, por isso fui para Aparecida do Norte/SP, onde conheci minha ex-mulher, quando fazia, de ônibus, uma excursão. Por morarmos longe um do outro (eu, no assentamento e ela, numa fazenda há mais de cento e quarenta km de distância), resolvemos nos casar depois de seis meses (eu com dezoito anos

e ela com dezesseis). Vivemos com meus pais durante um ano. Eu dividia meu trabalho no sítio (com meu pai) e em uma usina de cana de açúcar. Tempos depois resolvi ir com minha mulher morar em Rio Brillante/MS. Lá trabalhei como motorista entregando marmiteix para firmas que prestavam serviço à usina *Passa Tempo*. Permaneci neste trabalho por quatro meses, depois retornei para o assentamento.

Com o passar do tempo, a produção de leite diminuiu e, conseqüentemente, a renda da família. Retornei para Rio Brillante e fui trabalhar, por algum tempo, com o meu ex-sogro como servente de pedreiro; em seguida, passei a exercer a função de auxiliar de montagem mecânica, por seis meses, numa firma do Rio Grande do Sul, numa usina de cana de açúcar, a qual estava em construção próximo à cidade. Assim que finalizou o trabalho, a empresa se deslocou para outra cidade; eu não quis acompanhá-los e permaneci em Rio Brillante até que foi aberto um acampamento próximo, a dezoito km de distância. Meu pai conseguiu uma vaga para mim. Vim acampar para tentar conseguir meu próprio pedaço de terra, fiquei ali pouco mais de um ano. Meses antes de conseguir o nosso sítio, eu e minha esposa nos separamos e o sítio ficou só para mim. Depois fui morar com meus pais no sítio deles para não ficar sozinho e por não ter recebido recursos do governo para me manter.

Cabe pontuar que, no período de acampamento, foram muitas as etapas e as dificuldades a serem vencidas. A união de todos, contudo, era impressionante, apesar de pertencermos a diferentes movimentos sociais: CUT, FAF (eu estava ligado à CUT). As dificuldades levaram alguns, inclusive os que já tinham raízes no campo, a desistirem de seus objetivos. A lentidão das políticas públicas em relação ao repasse dos recursos governamentais foi um dos principais motivos dessa desistência.

Na época em que estava ainda morando com meus pais, participei de um processo seletivo no qual disputei uma vaga para ACS (Agente Comunitário de Saúde). Após seis meses, fui convocado e passei a trabalhar no *Assentamento Volta Redonda*.

Em vista das dificuldades de se estudar em zona rural e das questões financeiras, nunca tive a oportunidade de cursar uma faculdade. Contudo, uma oportunidade surgiu: a parceria Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e o Programa PRONERA possibilitou que pessoas do campo (filhos e filhas de assentados de toda parte do estado de Mato Grosso do Sul) pudessem concorrer a uma vaga no Curso de Graduação em Ciências Sociais. O curso oferecia sessenta vagas e as provas do vestibular foram elaboradas com o objetivo de atender às especificidades da clientela prevista para o Curso. Apesar das dificuldades encontradas para nos deslocarmos até à cidade de Dourados/MS onde as provas seriam realizadas – chuvas constantes, deslocamentos por meio de motocicleta –, veio a recompensa: consegui uma vaga entre os mais de quatrocentos inscritos.

A experiência no Curso, convivendo com pessoas de diferentes lugares e com professores compreensíveis e competentes, tem sido gratificante e importante para todos: hoje temos uma visão de mundo mais ampliada. Os trabalhos realizados têm nos mostrado um conhecimento mais crítico da realidade, assim como têm nos despertado para a importância de nossas raízes, de nossas memórias.

Quanto às expectativas para o futuro, elas são bastante promissoras – espero me formar como professor de Ciências Sociais para ajudar a minha comunidade a valorizar o potencial do local em que está inserida e a identificar a importância que um educador do campo tem nesse ambiente rural.

Alessandro Santana de Oliveira

Eu, Alessandro Santana de Oliveira, nasci no dia oito de janeiro de um mil novecentos e oitenta e três em Fátima do Sul, cidade do interior do estado de Mato Grosso do Sul. Sou filho de pequenos agricultores que trabalhavam em chácaras na região. Sou o primeiro filho. Nasci aos oito meses, resultado de uma gestação marcada por riscos. Pesava um quilo e oitocentos gramas, o que fez com que muitas pessoas duvidassem que eu pudesse sobreviver. Sobrevivi e quebrei a sina.

A gravidez de risco fez com que minha mãe se apegasse muito ao médico que a acompanhou. Para homenageá-lo, deu-me seu nome: Alessandro. Meu pai resistiu um pouco à ideia, talvez por ciúmes, mas acabou concordando, hoje não me vejo com outro nome que não esse, eu o adoro.

Contam meus pais que, nos meus primeiros anos de vida, levavam-me com eles para a lavoura na época da colheita de algodão, por não terem com quem me deixar em casa. Dizem que eu colhia algodão e colocava em um pacote de arroz, chorava por causa dos carrapichos, praga espinhenta comum nas lavouras. Vivemos nessa rotina até meus quatro anos de idade, quando a crise no campo obrigou minha família paterna a buscar dias melhores em Mogi das Cruzes/SP. Foram trabalhar com imigrantes japoneses no plantio de verduras.

Em Mogi das Cruzes, tiveram início minhas primeiras brincadeiras: brincava de carrinho (todas às vezes que minha mãe ia ao vilarejo mais próximo do sítio em que morávamos, trazia um carrinho novo pra mim), de estilingue (usava bolinhas feitas de argila para atirar). Ali tiveram início também as primeiras responsabilidades: com cinco anos de idade, ajudava minha mãe a cuidar de meu irmão – o segundo filho da família. Quando

meus pais iam trabalhar no plantio e na colheita de brócolis, eu ficava com meu irmão, debaixo de uma árvore. Apesar de ter morado apenas um ano em Mogi, tenho várias lembranças de lá: das primeiras amizades, das primeiras descobertas, até dos sustos ao encontrar objetos de macumba nas encruzilhadas das ruas, o que era muito frequente ali.

De volta a Fátima do Sul, continuei a fazer amizades, conheci o “Tatu”, apelido do meu melhor amigo de infância (dos cinco aos onze anos sempre brincamos juntos). A principal brincadeira, inicialmente, era com carrinhos, às vezes, feitos de latas de pescadinha e óleo. Com o passar do tempo, o futebol se tornou uma obsessão, dormia pensando em jogar no dia seguinte. O jogo não era realizado em um campo/gramado, e muito menos com uma bola de futebol, mas no quintal de minha casa, com uma bolinha parecida com a de tênis. O espaço do gol ficava entre os paus que seguravam o tanque, a rede eram os tijolos nos quais o tanque era assentado. Havia também uma fossa de esgoto bem no meio do nosso “campo”. Apesar disso, quando fazíamos um gol era uma alegria inexplicável. Com o avanço da idade, a bolita, a pipa, o estilingue, o betes, a perna de pau foram substituídos pelo futebol, pelo basquete, pelo vôlei, pelo handebol – os quais eram jogados sobretudo na escola.

Registre-se que o início da vida escolar foi envolvido por ansiedade, amenizada pelo carinho e atenção recebidos da primeira professora, uma pessoa marcante em minha caminhada na escola. As dificuldades enfrentadas por uma criança pobre influenciavam meu desempenho: por não ter conseguido comprar a cartilha *Caminho Suave*, utilizada na primeira série, tive dificuldades no início do ano letivo. Lembro-me que minha professora havia ganho uma cartilha usada. Então propôs a mim e a um colega um desafio: aquele que conseguisse ler melhor, ficaria com o livro. Ganhei a disputa e isso foi muito importante para mim, minha primeira vitória na escola.

Da primeira à quarta série, no final do ano letivo, eu e meus amigos comemorávamos bastante quando passávamos de ano sem recuperação, era uma alegria grande, jogávamos as bolsas para o alto, gritávamos mui-

to. No início de cada ano era outra alegria, quando nos reencontrávamos novamente para estudarmos na mesma sala. Nunca fui apaixonado pela escola, mas sempre me empenhei por entender a necessidade do estudo. Fui bom aluno nas cinco escolas por onde passei.

Da primeira à quinta série, morava a uma quadra de distância da escola. Quando concluí a quinta série, meus pais resolveram ir para um acampamento de sem terras, organizado pela Comissão Pastoral da Terra/ CPT, incentivados por tios que haviam sido assentados. Fomos morar às margens da rodovia MS-145, no Km 155. Aos doze anos de idade, no acampamento, comecei a trabalhar com meus pais, durante o dia, em lavouras da região, para ajudar no sustento da família; às seis horas da tarde, ia, em cima de uma caminhonete, para a escola cursar a sexta série. A escola ficava a 35 quilômetros de distância, em Ipezal, distrito do município de Angélica/MS. Retornava à meia noite e levantava às quatro da manhã para trabalhar.

Apesar das dificuldades enfrentadas por ter assumido responsabilidades ainda muito jovem, a vida de acampado foi construtiva para minha vida de adolescente. Trabalhava bastante, mas levava a vida como qualquer adolescente, com paixões, medo, ansiedade, timidez.

Em 1997, após um ano em que estávamos acampados, retornamos para Fátima do Sul, desiludidos com a demora na desapropriação da fazenda. Meu pai continuou acampado, ficando eu, minha mãe e meus irmãos na cidade. Um ano depois, meu pai trouxe a notícia que esperávamos há anos: o número do sítio que havia pego, por meio de sorteio. Foi uma imensa alegria na família.

De mudança novamente, agora para o assentamento, não acompanhei meus pais, fiquei com meus avós para concluir a sétima série. No final do ano fui morar com meus pais. Mais uma vez fui estudar, à noite, longe de casa. Fiz a oitava série no Zuzu – vilarejo que ficava a quarenta quilômetros do assentamento. O primeiro e o segundo anos do Ensino Médio

foi realizado em Nova Alvorada do Sul/MS. Durante o dia ajudava meu pai no trabalho do sítio recém conquistado, tínhamos grandes desafios pela frente. O terceiro ano cursei em Campo Grande/MS. Ao término do Ensino Médio, prestei dois vestibulares, mas não consegui aprovação. Fiquei um pouco desiludido, frustrado.

Depois disso, voltei para o assentamento. Comecei a namorar aquela que hoje é minha esposa. Um ano depois nos casamos e fomos para um acampamento, com a perspectiva de adquirir um sítio para nós. Nessa nova luta, os obstáculos foram maiores que os enfrentados anteriormente. Permanecemos no acampamento, às margens da Rodovia 267, em frente à fazenda onde se pleiteava o assentamento. Durante o período de acampado, trabalhava como diarista em fazendas vizinhas, e, com ajuda de meus pais, conseguia sobreviver relativamente bem, apesar de estar morando em um barraco.

O pior momento da luta aconteceu após a desapropriação da fazenda. Já havíamos nos mudado para dentro da fazenda, tudo parecia perfeito, quando o arrendatário das terras não quis desocupá-las. Começa então o conflito: jagunços armados por todos os lados, muitas ameaças e dois ataques com muitos tiros e marcas de balas nos barracos, graças a Deus ninguém ficou ferido. Sentimo-nos acuados e resolvemos fazer justiça com nossas próprias mãos. Com o apoio da Central Única dos Trabalhadores/CUT-Rural, representada pelo vice-presidente da entidade, retiramos o gado da fazenda, prendemos os pistoleiros contratados pelo arrendatário e os entregamos à polícia.

Superadas as dificuldades de lutar contra o latifúndio, chega a vez de lutar contra o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA.

Há que se registrar que, no momento em que uma família resolve enfrentar as dificuldades financeiras, os preconceitos, ao passar a integrar um acampamento sem-terra, tem como objetivo conseguir, no futuro, uma vida independente e digna para a família. Comigo não poderia ser diferente, porém, a proposta do INCRA para o assentamento minava esse

sonho. De acordo com o projeto denominado Terra Vida, haveria redução no tamanho da propriedade: de 30 hectares passaria para três hectares (para o trabalho individual) e para cinco hectares (para o trabalho sócio proprietário). Tal proposta levou-nos a travar verdadeira guerra com o INCRA. Depois de várias discussões, e com o apoio mais uma vez da CUT, conseguimos alterar o projeto, aumentando o tamanho da área para oito hectares no individual, e dez para o trabalho coletivo. Essa foi uma vitória para o assentamento: ele se tornou o assentamento com maior área por família que o projeto assentou.

Após essas batalhas, houve a concretização do Assentamento São João, em 16/08/2004. Recebeu o mesmo nome da antiga fazenda, às margens da BR 267, Km 173, na divisa entre os municípios de Nova Andradina e Nova Alvorada do Sul.

Em vista de sua localização, na linha de divisa entre dois municípios, o Assentamento sofre muito descaso por parte dos dois governos: não há, por exemplo, qualquer proposta de projeto de cunho público. O que existe é aquele famoso jogo de empurra, cada prefeitura empurra a responsabilidade para a outra, e nenhuma resolve os problemas reivindicados pela comunidade. Nem a entidade responsável pelo Assentamento, o INCRA, tem uma posição concreta sobre qual município pertence o Assentamento.

Apesar disso, os assentados continuam firmes: alguns, por apresentarem condição financeira melhor, adquiriram vacas leiteiras para auxiliar na renda mensal, vendendo o leite. Os assentados do São João esperam que os responsáveis pela Reforma Agrária cumpram seu propósito, oferecendo uma vida digna para o homem do campo.

Enfrentando as dificuldades próprias de um assentamento recém-criado, sem condições financeiras, trabalhando de diarista para sobreviver, surgiu-me a oportunidade de fazer um vestibular, oferecido para uma clientela específica: assentados. Dispus-me a fazê-lo. Minha inscrição foi efetuada no último dia. Nesse momento é que tive maiores informações sobre o curso proposto, Licenciatura em Ciências Sociais.

Há oito anos fora da sala de aula, confesso que não me sentia preparado para entrar em uma Universidade. No entanto, as questões das provas versavam sobre realidade agrária no país, movimentos sociais e campesinos. Isso fez com que eu não tivesse muitas dificuldades para ser aprovado. O período entre minha aprovação no vestibular e o início do curso foi vivido com ansiedade, preocupação. Fazer um curso no período de férias significava que eu teria de ficar dois meses fora de casa por ano, o que dificultaria o trabalho, e conseqüentemente o sustento de minha família; no entanto, recebi o apoio de todos no sentido de procurar vencer mais esse obstáculo em minha vida.

No início do Curso, em julho de 2008, fui logo surpreendido com a metodologia aplicada pelas professoras de língua portuguesa. O modo de trabalhar com os alunos, por meio de diálogo e utilizando uma dinâmica diferente da que é comum no Ensino Médio me impressionaram muito. A simplicidade e o empenho dos professores do Curso, objetivando a troca de conhecimentos com os acadêmicos, foram realmente importantes para nossa formação. Todos os trabalhos solicitados, durante o Curso, estão sendo voltados à realidade vivida nos assentamentos. A busca de ligação entre teoria e prática tem nos proporcionado entender a importância das teorias na vida cotidiana. Um exemplo foi o trabalho solicitado em língua portuguesa acerca do levantamento de aspectos linguístico-culturais característicos da comunidade em que cada aluno vive. Uma contribuição para a formação do futuro professor, posto que a metodologia poderá dar-lhe orientação sobre a importância de se conhecer a realidade dos alunos, quando da construção da proposta curricular. Confesso que não esperava um curso com professores e coordenadores tão empenhados e comprometidos com o Curso. Com relação à convivência com os colegas, posso dizer que aqui fiz amigos não só para o Curso, mas para toda a vida.

Espero, após me formar como professor de Ciências Sociais, poder desempenhar meu papel como agente transformador, e também poder

utilizar os conhecimentos adquiridos, tentando mostrar a filhos e filhas da reforma agrária que é possível transformar a sociedade, a partir de nossa comunidade. Penso que com esses objetivos estarei dando minha contribuição como ser humano e como agente educador em busca de um país igualitário para todas as classes sociais.

Alice Araújo do Nascimento

A minha existência é resultado da união de duas pessoas: José Araújo da Silva (pernambucano) e Matilde Rodrigues (baiana). Ele, separado, pai de duas filhas (primeiro casamento); ela, viúva e mãe de três filhos (primeiro casamento). Do relacionamento de quatro anos entre José e Matilde, nasceram, na Vila Narendiba (município de Pirapozinho/SP), Ativina, minha irmã, e eu.

Meu nascimento aconteceu por meio de parto normal, com ajuda de parteira – naquela época, as mulheres camponesas dificilmente tinham seus filhos nos hospitais. Pesei em torno de três a quatro quilos. Meu pai foi quem escolheu o meu nome – Alice – em homenagem a um casal (amigo e parente), cuja filha tinha o nome Alice. Quando fiz um ano de idade, meus pais se separaram.

Minha mãe foi para o estado do Paraná, levando consigo os filhos Arcênio, Manoel e Euzite. Casou-se pela segunda vez e teve mais cinco filhos (Francisca, Rubens, Maria, Sebastião e Luzia), os quais conheci quando eu tinha quarenta e dois anos de idade (minha mãe só revelou a eles nossa existência – a minha e a de minha irmã – em um momento em que passava por problemas de saúde).

Ficamos com nosso pai que se casou com uma jovem de 15 anos de idade (órfã de pai e mãe). Para a efetivação do casamento civil foi necessária a presença de um tutor. Ela e meu pai tiveram dez filhos: Aureni, Maria Aparecida, Aldeide, Maria de Fátima, Joel, Adélia, Auzeni (que faleceu com onze dias de nascida), Antônia, Aurizete e Regina Rozania.

Quando eu tinha sete anos, viemos de São Paulo para Mato Grosso do Sul. Fiquei morando em Itaporã com meus padrinhos: Antônio de Oliveira e Josefa de Oliveira. Minha madrinha era uma mulher culta, tinha

sido professora em Pernambuco, inclusive de meu pai. Era católica praticante. Com ela aprendi a rezar, ganhei a primeira boneca e ouvi as primeiras histórias, entre elas, a da Gata Borracheira. Madrinha Josefa foi quem fez minha matrícula na primeira série, momento que me trouxe muita felicidade: descobri que minha professora também se chamava Alice e que minha cartilha tinha o título “Dona Alice”. Meus padrinhos me proporcionavam muitas coisas boas: paz, presentes, carinho, principalmente minha madrinha, mas a saudade da família fez com que eu voltasse para casa.

O ambiente familiar, embora um pouco conturbado em vista de frequentes brigas entre meu pai e minha madrasta, propiciou-me uma infância marcada por boas lembranças, carinho, amor: nos momentos mais tristes de minha vida, minha madrasta sempre esteve presente, me ajudando, me apoiando; nas noites de lua clara, meu pai contava histórias, falava da cultura do nordeste (Ceará e Pernambuco), cantava Asa Branca (Luís Gonzaga) para mim e para minhas irmãs. Sabia educar os filhos, só castigava, com voz baixa e sem ira, quando já havia falado mais de cinco vezes, mas nunca na presença de outras pessoas.

Fizeram ainda parte de minha infância: brincadeiras de roda, de passar anel, de pular corda; brincadeira com boneca de pano, com sabugo de milho. Sempre ao lado de minhas irmãs e de duas amigas gêmeas – Júlia e Joana –, pois meu pai não permitia que brincássemos com crianças, cujos pais ele não conhecesse. Foi também na infância que descobri que Papai Noel não existia. No Natal de mil novecentos e sessenta e um, coloquei capim em uma caixa para que o Papai Noel deixasse o meu presente. No outro dia, a caixa estava vazia. Comecei a perceber que Papai Noel só atendia às crianças que tinham melhor poder aquisitivo. Essa descoberta contribuiu para que eu não acreditasse mais em sonhos difíceis de serem concretizados, tornei-me mais realista. Penso que a maturidade tenha chegado, para mim, mais cedo, o que foi bom, pois comecei a encarar os desafios da vida com mais força e coragem para vencer.

Ainda na infância, mudamo-nos para Juti/MS – à época, uma vila muito pequena. Fui matriculada na Escola 31 de Março. Existiam duas salas de aula. Após dois anos, fomos morar em uma chácara de quatorze hectares de terra, comprada por meu pai. Para concluir o terceiro e o quarto anos do curso primário, andávamos seis quilômetros de distância, dois quilômetros de picada dentro da mata, quatro quilômetros de estrada de muita areia. Éramos cinco meninas expostas aos perigos da vida: quatro irmãs e uma vizinha de chácara, a mais adulta tinha doze anos. Não concluímos os estudos, pois meu pai não deixou os filhos morarem na casa da tia Odocília Bezerra, mulher muito trabalhadeira, sempre bem humorada, e carinhosa com as sobrinhas. Meus estudos só seriam retomados depois de casada.

Minha adolescência foi como a de tantas outras adolescentes daquela década (1960), as mães não desenvolviam determinados assuntos com as filhas, por exemplo, os que se relacionavam a menstruação, sexo, casamento. Descobri muita coisa por meio de amigas, colegas. Quanto aos momentos de lazer, íamos a cinema, a parque de diversão, a circo de trapézio ou a circo de rodeio. Participávamos de festas de São João e de São Pedro, nesses dias havia fogueira acompanhada de novena ou terço, depois servia-se comida típica do mês de junho. Os jovens, principalmente os que eram namorados, aproveitavam a oportunidade das brincadeiras de roda – Meu Limão Meu Limoeiro, Eu Sou da Lira – para segurar nas mãos do namorado, da namorada, para cantar ou recitar versos um para o outro, enquanto os pais se divertiam com os amigos, contando casos, entre esses os famosos casos de pescador e de caçador.

Por ser o meu pai católico praticante, assistíamos sempre a missas e todos os dias da semana rezávamos o terço, exceto aos sábados, dia em que rezávamos o Ofício de Nossa Senhora, oração tida como muito poderosa pelos nordestinos.

Aos quinze anos conheci João Ribeiro do Nascimento, rapaz de dezessete anos (órfão de pai e de mãe), com quem namorei por três anos e com quem me casei no dia vinte e cinco de julho de um mil novecentos

e setenta, em vila Juti, numa pequena capela de madeira. O padre responsável pelo sacramento foi Frei Mateus, pároco da Paróquia de Caarapó/MS. Em mil novecentos e setenta e um, nasce minha primeira filha, pesava menos de dois quilos, consequência de uma forte anemia, mas cresce com saúde. Era uma adolescente calma, uma filha amorosa e prestativa. Aos dezessete anos falece, em vista de insuficiência renal, hoje faz vinte e um anos sem Maria do Socorro. Em dezessete de junho de um mil e novecentos e setenta e três, nasce Meire Aparecida, cresce saudável e se torna uma jovem equilibrada, religiosa. Aos vinte e sete anos vem a falecer em decorrência de um aneurisma. Tais acontecimentos fazem com que eu faça minhas as palavras do cantor Gilberto Gil “Os pais não deveriam sepultar os filhos”. No ano de 1975, nasce meu terceiro filho, Marcos Heleno, que, apesar de ter passado por sério problema de saúde, está hoje com trinta e cinco anos de idade (casado com Luzinete, tem um filho, Jorge Augusto de três anos de idade. Concluiu o quinto ano do Ensino Fundamental. Não querendo prosseguir estudando, optou por seguir a profissão do pai: operador de máquinas pesadas. Em dezessete de dezembro de um mil novecentos e setenta e seis, nasce, no Hospital Evangelho de Dourados, minha filha caçula, Muza Giselle. Os três primeiros filhos nasceram em casa com ajuda de parteiras, mas como na gravidez de Muza Giselle tive começo de aborto foi necessário que o parto fosse feito no hospital. Ela nasceu pesando dois quilos e seiscentos gramas. Sempre foi uma criança inquieta. Na adolescência sonhava com a liberdade (morar sozinha). Jovem rebelde, não aceitava conselhos. Concluiu o Ensino Médio e é mãe (solteira) de três filhos.

Em relação à educação de meus filhos, tentei ser boa mãe; contudo, como muitas, cometi falhas ao querer protegê-los. Percebo, hoje, com os conhecimentos que adquiri por meio de capacitações pela Pastoral da Criança e por meio de participação em encontros oferecidos pela Comunidade Eclesiástica de Base/ CEB, a importância de se educar por inter-

médio de diálogo e não de surras, quando há teimosias. É preciso ressaltar que assumi sozinha a educação dos filhos: depois de casada, meu marido começou a trabalhar em companhia de terraplenagem, fazendo estradas, açudes, desmatando fazendas; trabalhava também como mecânico de máquinas pesadas. Em vista disso, eu arcava com a educação das crianças e ele com a despesa da família. Eu também ajudava na renda, fazendo “bicos”: confeccionando algumas peças de roupas, revendendo cosméticos. Com a ajuda dos filhos, fazia e vendia pão e rosca caseiras. Assumi ainda aulas de reforço, por um ano, pela prefeitura de Campo Grande no mandato do prefeito Juvêncio da Fonseca. Neste ano cursava o primeiro ano do Magistério na Escola Vespasiano Martins. Interrompi o curso em razão de mudança para Juti.

No que se refere à luta pela conquista de terra, ela faz parte de minhas raízes, de minha história: fui criada na roça, meu pai, um lavrador que estava sempre em busca de terra própria, consegue comprar seis alqueires, a seis quilômetros de vila Juti, onde havia uma pequena cachoeira em que eu e meus irmãos passávamos momentos muito divertidos. Com o tempo, meu pai foi pressionado a vender as terras, pois ficamos cercados por fazendeiros interessados em comprar pequenas chácaras para ampliar suas fazendas. Meu marido também foi criado na roça e entrou na luta pela terra como forma de solução para o desemprego que enfrentava.

Inicialmente participamos do acampamento pelo movimento da FETAGRE, mas não deu certo em razão de manipulação por parte do coordenador do movimento. Depois participamos do acampamento pelo movimento da CUT, desde o processo de ocupação, até o assentamento. Ficamos acampados durante três anos, nesse período houve momentos de alegrias e de frustrações: lideranças cometendo injustiças, por abuso de poder – quando a área da terra tinha vaga para cinquenta pessoas, eram cadastradas cem; quando o decreto era assinado e iniciava-se a divisão da área, começavam a passar a tal da peneira, ficando a metade, sem falar nos

andorinhas (funcionários públicos e empregados de fazendas) os quais pagavam uma taxa maior e só iam para o assentamento aos sábados e domingos, enquanto a pessoas que moravam nos barracos não podiam sair dali nem para trabalhar, o que lhes causava uma situação financeira difícil, quando assentados. Quando acampada, tive fratura exposta na perna direita, sofri com a falta de conforto no acampamento, ao me restabelecer da perna, perdi minha segunda filha. Tamanho sofrimento era o nosso que quase desistimos da luta pela terra, apesar de faltarem poucos meses para o processo de loteamento. Nesses momentos difíceis, contava sempre com a ajuda de Deus e com a força de meus familiares, que nos ampararam com solidariedade e ajuda financeira, com a solidariedade das Irmãs da Congregação de São José (Anari, Ramona, Ana Amélia, Gema), com a ajuda do prefeito Donizette, para o qual lutamos por três campanhas, até conseguirmos elegê-lo, com a amizade de pessoas próximas. No momento da entrega dos lotes foi celebrado um culto ecumênico, promovido pela Irmã Anari. Segundo Celso Cestari, (Superintendente do INCRA no ano de 2000), “já participei de comemorações na entrega de lotes em que as pessoas batiam panelas, dançavam, mas nunca havia participado de um culto religioso em agradecimento a DEUS pela terra”. Curioso é que o lote número 9 saiu três vezes para nós, duas simbolicamente e a última no dia da entrega dos lotes.

Estamos integrados ao Assentamento Sebastião Rosa da Paz, criado no dia 21 de junho de 2001. O nosso lote, número 9, do grupo Santa Luzia, localiza-se no outro lado do rio Amambai. Apesar de pertencer ao município de Amambai, ele fica mais próximo do município de Juti, por isso atividades como educação, comércio, saúde são realizados neste município. Escolhi fazer parte desse assentamento por estar ele mais perto da cidade onde fui criada. A maior parte desse grupo recebeu terras fracas, que dependem de correção (adubação): o PRONAF não analisa a terra de acordo com sua carência, o valor do financiamento é igual para todos, independente da qualidade da terra. Além disso, os atrasos na entrega do

maquinário prejudicam o plantio. Lavouras são perdidas: milho, feijão, três anos seguidos. Plantio de maracujá e de mamona por vezes é feito por influência de técnicos do IDATERRA. Depois da colheita, os produtos não são vendidos por falta de compradores. Isso ocasiona dívidas com os bancos financiadores e, conseqüentemente, desestímulo e necessidade de se buscar trabalho fora do assentamento, para se tentar pagar as dívidas obtidas pelas perdas frequentes. Contudo, apesar das dificuldades, viver no campo é possível, na medida em que se têm vantagens como, por exemplo, criar animais domésticos dos quais obtêm-se o leite, o ovo, a carne; plantar frutas, verduras. Outro aspecto positivo a destacar em relação ao assentamento, é a oportunidade de contato com pessoas que vêm de outros municípios, outros estados, trazendo consigo outras culturas, o que contribui para uma vivência, um aprendizado mais rico entre as famílias. Para mim surgiu também dali a oportunidade de fazer e de passar no vestibular para o curso de Ciências Sociais, oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Impulsionada por Irmã Lucinda Morette, prestei o vestibular e hoje, apesar da diferença de idade entre mim e meus colegas, não tenho problemas com eles. Tem sido muito bom nosso convívio, tenho aprendido com o comportamento de cada um. O Curso é muito difícil, principalmente a disciplina de língua portuguesa, os trabalhos não são fáceis, mas as discussões em grupo ajudam-me a assimilar melhor os conteúdos. Tenho me esforçado muito para aprender, e contado com o apoio de duas pessoas extraordinárias, Alzira e Mariza, que não medem esforços para nos atender, com o da equipe de professores comprometidos que tem nos oferecido a oportunidade de fazermos um curso superior de qualidade. Parabens a UFGD por ter sido uma das Universidades a acreditar na classe dos assentados. Vale registrar que o Curso já tem me ajudado no trabalho que desenvolvo no município de Juti junto ao Programa Vale Renda/PVR, com as famílias vulneráveis financeiramente; nos trabalhos voluntários com a Pastoral da Criança e com o Clube de Mães.

Aline Alves Fernandes

Era o dia 6 de março de 1990: nasce, no hospital Bezerra de Menezes (cidade de Mundo Novo/MS), pelas mãos do médico Carlos Sazaki, Aline Alves Fernandes, a primogênita do casal Marina Alves da Cunha Fernandes e Rafael Zujeiros Fernandes. O nome Aline era influência de determinado personagem da novela *Que Rei Sou Eu*, exibida pela rede Globo, e também, considerado bonito e de fácil pronúncia.

Como contam meus pais, com um ano comecei a andar e, com um ano e cinco meses, pronunciei a primeira palavra (nesse período nasce também minha única irmã, Priscila Alves Fernandes); apesar disso, não me tornei uma criança muito falante, talvez seja por essa razão que até hoje prefira me expressar por meio da escrita.

Na infância passei por alguns problemas de saúde: por exemplo, uma grave disenteria e um início de bronquite. A primeira só cessou após 45 dias, devido a muitos cuidados e tratamento sobretudo com chás caseiros; a segunda, com a aplicação do sebo de carneiro no tórax e nas costas.

Nessa época, convivia, na mesma casa, com meus pais, minha irmã, meu primo Anderson Fernandes Xavier (que viera morar conosco aos sete anos para estudar), meu avô paterno José Zujeiros Fernandes (que fazia tratamento de uma enfermidade), e meu avô materno João Alves da Cunha.

Vale destacar que meu avô João – que era de grande sabedoria – contava muitas histórias, eu e minha irmã ficávamos impressionadas ao ouvi-las. As estórias tratavam de suas vivências, empreitadas, aventuras, assombrações. Ele também fazia poemas, trovações. Cabe aqui citar uma de suas criações:

No sertão do Paraná tenho minha habitação
Perto da praça Guaritá tenho um pequeno quinhão
Onde trato da lavoura e alguma criação
Eu vendi uma porcada por um preço muito bão
50 porcos escolhidos deram uma completa lotação
Sendo todos crioulos do meu próprio mangueirão
Vendi para José Aspark comprador de profissão
Viajei junto com ele em seu próprio caminhão
Sendo o mesmo motorista este honesto cidadão
Do Paraná a São Paulo não houve tribulação
Fizemos uma boa viagem o tempo estava bão
Na chegada a São Paulo alugamos um mangueirão
Descarregamos a porcada para dar uma ração
Para pegar melhor tipo e fazer um negócio bão
Parei no Hotel Bragança e tomamos um chimarrão
Após um aperitivo pegamos uma refeição
Depois alugamos um quarto neste mesmo pavilhão
No outro dia seguinte viajei com atenção
Deixando José Aspark fazendo a negociação
Peguei o ônibus cutia e fui até um ponto bão
Passei no 78 fui no Bairro do Limão
Fiz a meu irmão uma surpresa isto tinha por intenção
Meu irmão me convidou – vamos dar um passeio então
Vamos ao centro da cidade lá nós vê tudo que é bão
Esta grande capital que do Brasil é o coração
Demos uma volta na cidade satisfiz minha inspiração
Voltamos para o interior no Bairro do Limão
Assistimos a lindos filmes no rádio e na televisão
Numa bela madrugada escrevi com atenção
Quando vinha regressando de São Paulo para o sertão
Sendo João Alves da Cunha quem fez esta trovação!!!

João Alves da Cunha

Aprendi com meu avô João e com meus pais algumas brincadeiras: cabra-cega, cantiga de roda, amarelinha. Por meio deles, passei a frequentar uma igreja próxima à nossa residência: Capela Divino Espírito Santo. Sempre que possível, participávamos dos cultos dominicais, das missas, das novenas, por mim tão esperadas em todo fim de ano. Houve uma épo-

ca, contudo, em que eu ficava ansiosa para que as celebrações terminassem e eu pudesse me juntar às outras crianças para brincar de pega-pega, pique-esconde, duro-mole, agacha-agacha, balança-caixão. Brincadeiras similares às desenvolvidas no intervalo da escolinha-primária a qual passei a frequentar aos seis anos de idade. Ela era simples, possuía uma única sala de aula (multisseriada), onde estudavam em torno de quinze alunos. A professora responsável – Nilza Miranda da Silva – morava bem próximo dali. Aprendi logo a ler e a escrever, sempre gostei de estudar e achava péssima a ideia de faltar à aula por qualquer motivo. Foi também na escola primária Padre José de Anchieta que consegui minha primeira melhor amiga, Jaqueline Pires da Silva, até hoje mantemos contato.

Foi nessa época também que vivenciei um medo inesquecível: as notícias de jornal, televisão traziam a todo momento comentários a respeito do “chupa cabra”. Isso me assustava de tal maneira que eu tinha a sensação de que a criatura poderia surgir de qualquer lugar para me atacar. Cheguei a ter pesadelos à noite e a dormir com dificuldade. Com o tempo o medo foi passando.

Após concluir o ensino primário, no ano 2000, começaram a ocorrer mudanças significativas em minha vida. No ano seguinte fui cursar a 5ª série em Mundo Novo/MS, no colégio Humberto de Alencar Castelo Branco. Em 2002 saímos do município, e, com a venda do sítio, compramos um lote no Assentamento Floresta Branca de Eldorado, a 7 km da cidade de Eldorado.

Com a mudança, passei a estudar na Escola Estadual Eldorado, onde concluí, em 2004, o restante do ensino fundamental. Durante esse período conheci várias pessoas, fiz e desfiz amizades, esforcei-me bastante nos estudos e comecei a participar de uma igreja católica. Durante as novenas de fim de ano, ficou decidido que as famílias participantes passariam a se reunir todas as semanas em uma das casas, seguindo um rodízio. Tal fato fez com que fossem fortalecidos, cada vez mais, os laços de amizade entre essas pessoas.

Em 2005 realizei entrevista de estudo e fui aprovada para a Escola Família Agrícola de Itaquiraí/MS – EFAITAQ. Ali estudei, por meio da pedagogia de alternância, o Ensino Médio paralelamente ao curso profissionalizante Técnico em Agropecuária, por um período de três anos. Considero que a EFA foi muito importante para minha transformação. Nela aprendi a valorizar o que tenho, principalmente minha família, a escolher bem meus amigos, a me expressar melhor. Por meio dela, realizei viagens, conheci lugares diferentes e estabeleci contatos com movimentos militantes. Enquanto eu estudava na EFA, pude assegurar laços com pessoas do lugar onde eu morava, e estabelecer novos laços.

Em 2009, conheci Rony Alves Máximo, com quem iniciei um relacionamento em 2010. Rony é uma pessoa que procura estar sempre próxima de mim, me fazendo muito feliz, o qual considero muito importante.

Em 2008 passei no vestibular para licenciatura em Ciências Sociais, oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD/PRO-NERA. Na faculdade passei a conviver num Curso que apresenta certas especificidades, por exemplo, atender pessoas ligadas a movimentos sociais camponeses, provenientes de vários lugares, o que contribuiu para a formação de uma turma heterogênea, no que diz respeito a idade, a cultura, a interesses. Diante disso, torna-se necessário aceitar diferenças, ceder diante de certas opiniões. O mais importante é que o aprendizado adquirido no Curso tem me possibilitado ser mais crítica e perceptiva, além de estar me permitido fazer bons amigos, os quais me ajudam a lidar com os novos horizontes que surgem.

Cabe registrar que os vários momentos de mudança vivenciados por mim têm sido acompanhados do apoio de minha família. O respeito, a confiança têm sido essenciais para que eu me sinta agora mais capaz do que antes, tanto no sentido profissional, quanto no pessoal e no sentimental.

Andriever Rodrigues Santana

O quarto filho de Maria e José

No dia 6 de junho de 1989, às 15 horas, em Glória de Dourados, cidade do Mato Grosso do Sul, nasce Andriever Rodrigues Santana, o quarto filho de Maria Rodrigues Santana e José Caetano Santana na maternidade do Hospital São Paulo.

O nome Andriever foi escolhido por minha mãe. Em abril, grávida de sete meses, ela ainda não sabia o sexo da criança que esperava. Certo dia, após horas em uma fila no Hospital Universitário da cidade de Campo Grande/MS, ouviu alguém dizer: – Venha cá, Andriever, é sua vez. Minha mãe ficou impressionada e encantada ao ouvir aquele nome e, humildemente, pediu à mãe da criança que o escrevesse em um pedaço de papel. Chegando a casa deu a notícia a meu pai, que já havia escolhido o nome da criança, caso fosse menino. Ao ouvir o nome Andriever, papai achou-o estranho e difícil, mas, em seguida, concordou.

Desde meu nascimento, meus pais passaram a viver na Sétima Linha, município de Glória de Dourados-MS. Cultivavam lavoura em terras arrendadas; com o lucro compraram uma chácara na Décima Linha, município de Deodápolis/MS para onde nos mudamos. Ali não havia vizinhos que morassem por perto, assim as únicas crianças com quem eu tinha contato eram meus irmãos Aparecido, André e Alcione. Em 1991, meu pai, em busca de novos horizontes, ingressa no Acampamento de Furnas no município de Nova Andradina-MS; contudo, nós continuamos em Deodápolis. No ano de 1992, por motivos financeiros e por perseguição por parte de alguns, vendemos o sítio e, em 1993, meu pai junta-se a famílias

oriundas de outras cidades e formam o Acampamento Pana, às margens da MS/145, no km 55 que liga Deodápolis à BR 267 (saída para São Paulo-SP e Campo Grande/MS) no município de Nova Alvorada do Sul/MS.

Passamos a acreditar em dias melhores quando mudamos para o Acampamento. Com o dinheiro que meus pais e irmãos ganhavam pelas diárias que faziam em fazendas da região, vivíamos bem e ainda pagávamos aluguel de uma casa no Ipezal, município de Angélica/MS, onde guardávamos os móveis que não pudemos trazer para o barraco de lona. No início detestei a ideia de viver em um lugar que não tivesse energia, água encanada, nossa TV, mas depois comecei a interagir com os filhos de outros acampados e me acostumei com a ideia de morar em um barraco de lona. Eu, Tina, Bel, Daniel, Cristiane, Jaqueline e minha irmã, Alcione, brincávamos de casinha, de esconde-esconde, de passar anel, de carrinho, de cai no poço, dança de roda, cavalinho, betes. Era maravilhoso, nos divertíamos muito. Não tendo dinheiro para comprar brinquedos, fazíamos nós mesmos alguns: com galhos de árvores fazíamos cavalos; com sabugos de milho, carrinhos; com lonas velhas, casinhas; com latas de óleo, o gol para jogar betes.

Em fevereiro de 1995, por não ter escola no Acampamento, nem transporte durante o dia para conduzir as crianças até a escola mais próxima (havia somente uma camionete que levava os jovens à noite para a escola estadual Luiz Vaz de Camões de Ipezal que ficava a 35 km), passamos a morar em Ipezal, mas meu pai continuou no Acampamento. Para que minha irmã Alcione pudesse estudar, meus irmãos, Aparecido (Cido) e André (Bug), trabalhavam junto com minha mãe para manter a casa. No ano de 1996 iniciei meus estudos em Ipezal, conquistei novos amigos: André, Mayco, Diana, Danilo, Flávia, todos os dias brincávamos no parquinho da escola, às vezes íamos assistir ao ensaio de um grupo de dança no clube, que também fazia parte da escola.

Em janeiro de 1997, foram sorteados os lotes do Acampamento Pana, mudamo-nos com “mala e cunha” para nossa nova casa na agrovila. Chegamos à noite, num caminhão que meu pai contratou. Tive vontade de

voltar para Ipezal: o mato quase entrava dentro de casa. Mas no meu primeiro dia de aula na escola Martinho Barbosa Martins (extensão do Zuzu) fiz novos amigos (Flávio, Lucas, André, Nivaldo, Lucilene, Valdeir, Wagner, Talita, Edson) e o desejo de ir embora passou. Ali brincava de futebol, betes, queimada, casinha, vôlei; aprendi, com meu irmão Cido, a pilotar moto; sofri um grave acidente de cavalo. Por isso fiquei internado em um hospital de Campo Grande por quinze dias e passei mais alguns dias em casa de minha avó, Josefa.

Em meu primeiro dia de aula, tive de ir de moletas e todos debochavam, chamavam-me de perninha, mas, não me importava. Apesar de estar usando moletas, tinha muita vontade de ir ao sítio: queria ver as vacas, tirar o leite. Nessa época, meu pai trabalhava com uma camionete fazendo linha, transportando todo o leite do assentamento para o resfriador que ficava perto da agrovila e me levava todos os dias para ajudá-lo. Quando me recuperei, voltei a trabalhar no sítio, tirando leite, carpindo.

Passei da 4ª para a 5ª série, a escola mudou de nome, passou a se chamar Comendador Luiz Meneghell. Tiveram início muitas curiosidades, uma delas era entender o como os bezerros nasciam. Matei minha curiosidade quando fui com meu pai fazer o parto de uma vaca.

Entre na adolescência como qualquer outra criança, na 6ª série já começaram os primeiros namoros, o interesse por andar sempre ao lado da menina de que gostava. Desejos que não conhecia iam sendo despertados.

Em 2006 concluí o 3º ano do Ensino Médio. Mais amadurecido, cuidava do sítio quando meu pai saía, dirigia carro, pilotava moto, sabia diagnosticar quando uma vaca ou um bezerro estavam doentes, aplicava medicamentos quando necessário, mas mesmo sabendo de tudo isso ainda era menor de idade (tinha somente 17 anos) e não podia obter carteira de habilitação ou sair para festas nas cidades vizinhas. Sentia-me preso como um pássaro em uma gaiola.

Em 2007, ao completar 18 anos, tirei a habilitação, entrei no curso de Tecnologia em Gestão Ambiental do Centro Universitário Leonardo da Vinci/SC. Estava “livre” para fazer tudo o que desejasse; contudo, com a maior idade, vieram também muitas responsabilidades, deveres, necessidades. Tive que trabalhar ainda mais para pagar a mensalidade da faculdade – o dinheiro faltava, pois a produção de leite diminuiu e o preço também. Comecei a trabalhar em uma empresa agrícola que prestava serviço no preparo de terra para plantio de lavouras. Fiquei nessa empresa durante seis meses, desenvolvendo uma carga horária de 12 horas por dia. O excesso de trabalho começou a provocar prejuízos na vida acadêmica, por isso resolvi arranjar um serviço compatível com meus horários de estudos. Surgiu a possibilidade de haver um assentamento na região. Abracei a ideia e fui para o acampamento na expectativa de dias melhores. Voltei a trabalhar com meu pai no sítio e a fazer diárias para os vizinhos, carpindo, tocando gado a cavalo, efetuando serviços gerais. Permaneci no *Acampamento Volta Redonda* que pleiteava a fazenda *Volta Redonda* (à época a fazenda pertencia ao ex-jogador de futebol Antônio Carlos). Apesar das dificuldades financeiras, eu estava sempre animado – os companheiros de acampamento me davam apoio e incentivo moral, eu participava neste período como simpatizante da CPT (Comissão Pastoral da Terra), ligada à CUT (Central Única dos Trabalhadores), movimento representava o Acampamento. Todos viviam numa constante luta para sobreviver no Acampamento, posto que não havia serviço suficiente para todos nas proximidades. A saída era trabalhar na usina de cana de açúcar no município de Rio Brillhante/MS, plantando cana-de-açúcar ou catando raízes.

Algum tempo depois, houve o sorteio dos lotes do Assentamento Volta Redonda, localizada ao lado do Assentamento Pan. Fui sorteado com o lote número 140, no dia 4 de maio de 2008. Após um ano de assentamento, estávamos abandonados por parte do Município, sem transporte ideal para os alunos, tanto da rede municipal como da estadual, sem

ambulância, sem o atendimento de profissionais da área de saúde para atender às necessidades. O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) – que deveria nos dar apoio nesta fase de instalação, agilizando os projetos de rede de água, de habitação, eletrificação; incentivando a compra de sementes e animais (vacas, cavalos) – ficava imobilizado, sem se preocupar com a situação dos assentados. Contudo, todos nós, apoiados pela CUT, estamos trabalhando para agilizar os projetos, facilitar nossa vida para produzirmos alimentos e, como consequência, melhorar a qualidade de vida de todos.

Mais tarde soube que haveria vestibular para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados/ UFGD, o público alvo seria constituído por assentados ou filhos de assentados. Fiz a inscrição no último dia, prestei o vestibular e passei na 37ª posição, entre as 60 vagas disponíveis. Ao saber do resultado, fiquei feliz, ainda mais quando soube que, além de mim, meus primos Adriano e Alessandro, os amigos Moisés, Onorail, Wagner, Luiz, Luciene também haviam sido aprovados.

No dia 7 de julho de 2008, fiz minha matrícula, estava curioso para saber quem seriam os outros acadêmicos, aonde seria o alojamento em que ficaríamos. O convívio no alojamento e em sala de aula despertou na turma um sentimento de companheirismo: um por todos e todos por um, não importando a situação. A conquista do sonho de fazer uma faculdade despertou em mim perspectivas de mudança – com um curso superior ficaria mais fácil me relacionar com outras pessoas e ajudá-las. Pretendo atuar como educador do campo, fazer um mestrado, um doutorado. Sou e vou ser ainda mais feliz graças a dois anjos que muito admiro: as coordenadoras do curso, duas mães que Deus nos enviou.

Cristiane Paula Morais Vilasboa

No desabrochar de uma utopia

Era uma noite calma, estrelada, quando Sandra sentiu as primeiras dores. O ano era o de 1984, fim da ditadura militar, mais precisamente 15 de abril. Era hora de correr! Sebastião, seu cunhado, e Vicente, seu marido, aprontaram-se e, rapidamente, colocaram-na em um carro velho. A inexperiência a deixava com um estranho medo, mas, ao mesmo tempo, uma força tomava conta de seu corpo e a fazia seguir em frente.

No hospital, sentaram-na numa cadeira onde ficou praticamente só. No quarto de paredes frias, Sandra e mais algumas mulheres esperam a hora de dar à luz. Instantes depois, na cidade de São Bernardo dos Campos, em plena madrugada, um grito. Um choro tímido, mas estridente, de alguém que estaria disposto a fazer isso pelo resto de sua vida. Nascia naquele momento a primeira neta menina da família Morais e a segunda da família Vilasboa.

O primeiro nome escolhido para menina foi Cristiane, assim como a bela moça da tv “Cristiane Torloni”, e Paula seria seu segundo nome, pois seu pai dizia ser um nome forte que sustentaria sua personalidade.

Uma menina serelepe, como dizia sua avó: – Nasceu menina, mas com jeito de moleque!

Desde pequena Cristiane gostava dos finais de semana, pois almoçavam todos na casa da avó, onde brincava com os primos, e se deliciava com o feijão branco, o cheirinho do arroz e o frango nem cozido nem frito que a vó “Ide” fazia. Seu pai sempre sonhara com uma casa grande, com um terreno sem muros e com terra para plantar. Ele trabalhava como

policial militar durante o período noturno, e mal tinha tempo para ver a filha crescer. Apesar disso, sempre que podiam estavam juntos, gostavam de sonhar com dias melhores e riam de piadas. Soltavam pipa e jogavam vídeo game, e adorava ser chamada pelo apelido TIANE. Ouvir o nome inteiro era sinal de que os pais estavam bravos por alguma arte cometida e se podia ouvir ao longe em alto, bom tom e sílabas nitidamente pronunciadas: CRIS-TI-A-NEEEEE! Era o sinal de alguma coisa cheirava mal. Após dois anos de seu nascimento, a vida rotineira da menina e a mãe na casa ficou mais alegre, com a chegada de um novo membro à família, seu irmão Felipe. Agora ela já não era mais o bebê da casa e uma certa responsabilidade lhe foi dada – ser a irmã mais velha – e cuidar do caçula. É transparente certa rivalidade entre eles, e sempre um queria chamar mais a atenção dos pais. Mas na hora das brincadeiras, tudo era festa, e nem se ouvia a voz dos meninos, que ora corriam pelo quintal, ora subiam no pé de limão nos fundos da casa.

A festa de Natal era comemorada na casa da avó Vera. Era dia de por a roupa mais bonita, cada um preparava um prato diferente. Durante a festa, as crianças subiam para brincar no terraço de esconde-esconde, pega-pega, mãe-da-rua. Antes da meia noite, as crianças dormiam embaladas pela ansiedade em ver o papai-noel chegar, mas sempre acordavam tarde demais e não entendiam o porquê os adultos riam quando lhes perguntavam sobre ele. Contudo, houve um Natal especial, pois todas as crianças, por terem sido boazinhas durante o ano, viram o bom velhinho passar por lá e entregar presentes, dando uma gargalhada gostosa. Tiane mal podia acreditar no que seus olhos viam.

Aos cinco anos, a menina ganhou mais um irmão, Daniel, quem completaria o trio. Dois meses depois do nascimento do irmão, Cristiane entrou na pré-escola, seus pais a levavam todos os dias. Assim, a menininha vestia camisa xadrez, short azul, meias vermelhas e conguinta, e levava uma bolsinha de lado. Era sua primeira vez longe dos pais.

A primeira professora chamava-se Maria, com cara de brava, mas com paciência de criança. Os alunos, às vezes, desenhavam ou iam até à quadra e brincavam todos na casinha de boneca. Na escola, conheceu o mundo pela primeira vez. Estudou na Escola EMEI Thalles de Andrade, mas tinha vontade de estudar na escola ao lado, pois lá iam as crianças mais velhas, o que para ela era sinal de que estava ganhando responsabilidade, além do seu nome da escola que tinha sabor de rebeldia, de algo audacioso: “Lopes Trovão”. No ensino fundamental, conheceu Daniela sua primeira amiga. Todos os dias durante o recreio sentavam-se na escada que dava acesso à quadra e dividiam pão francês com margarina. Daniela era magrinha, mas alta. Vestia calça jeans marrom e camiseta, tinha os cabelos encaracolados. Cristiane a admirava por sua calma quando falava, mesmo quando não conversavam divertiam-se juntas.

Além desta, havia outras amigas que a esperavam todos os dias: Tina e Cherry, duas cadelinhas que ela adorava. Entretanto, toda história tem um fim, e, certo dia, Tina adoeceu e não resistiu, morreu. Assim, a menina conheceu a dor da separação.

Seus pais buscando tranquilidade resolveram mudar de vida. O pai Vicente deixou o posto de policial militar quando vira um menino ser esfaqueado na perna por bandidos. Passou a trabalhar com artesanato e desde então ficava horas junto com Sandra elaborando belíssimas cortinas de bolinhas de madeira e baguetes de bambu.

Tempo depois, os pais decidiram se mudar para Bituruna, no Paraná. O mundo parecia que estava desabando sobre a cabeça de Cris, pois ela não se conformava em ter de deixar a amiga Daniela, os primos, os avós, os tios e tias, a escola, a sua casa, o seu pé de limão. Tinha medo de mudanças. Sentia-se ignorada, pois não havia escolha. Em Bituruna moraram com uma tia, irmã de seu pai. Cristiane dormia no quarto de suas primas, Carla e Bárbara, e apesar de adorar dar risadas o dia todo e brincar sentia-se incomodada por não possuir o seu espaço. Sofria com uma realidade

diferente a que estava acostumada, mas aos poucos foi se adaptando. Pela primeira vez, viu uma carroça sem ser pela tv. Brincou com terra e andou descalço, saiu sozinha na rua, dormiu com as janelas abertas, viu pessoas visitarem umas as outras para tomarem chimarrão.

Passado um ano, o pai novamente decidiu outra mudança. Mais uma vez Cristiane não teve escolha e junto a seus pais e irmãos fizeram outra viagem. O destino desta vez seria Mato Grosso do Sul, onde no distrito de Indápolis seu tio Sebastião residia.

No fim de uma tarde de julho de 1994, embarcaram junto à mudança, em dois caminhões. A viagem foi calma, mas longa. De repente ouviu-se um estouro e o caminhão desgovernou-se caindo em uma valeta que percorria as laterais da estrada. A menina não conseguiu gritar, mas o medo a apavorava, pensava em seu irmão. Quando seu pai conseguiu parar o caminhão, Cristiane chorou desesperadamente, pois, seus poucos anos de vida já eram extremamente valiosos e não suportaria a perda de alguém que amava.

Passado o susto, chegamos a Indápolis. A recepção foi calorosa, porém mais uma vez iriam ficar na casa dos outros durante alguns meses. A menina de nove anos já percebia as diferenças daquele lugar com relação aos outros, o calor, os campos vastos, quando não estavam cobertos de capim e boi, uma plantinha reinava e só quando mais velha descobriu esta ser soja.

Em Indápolis, iniciou seu período da adolescência. Tinha os mesmos sonhos das meninas da sua idade que foram educadas ouvindo histórias encantadas, de princesas maravilhosas, que de repente “era uma vez....” e mais de repente ainda “foram felizes para sempre” com seu sapo que virou príncipe, mas tinha uma diferença das outras meninas, não pensava em casar, mesmo com o exemplo de um casamento de sucesso como de seus pais, pensava em estudar, ter sua profissão, ser independente, agarrava com toda força em sua opinião.

A adolescente Cristiane jogava futebol no time de garotas, mas adorava jogar com os meninos e ser elogiada por eles devido à sua habilidade com a bola. Queria orgulhar seus pais, principalmente seu pai que não a deixava fazer algumas coisas por ser menina, e ajudar sua mãe que não conseguia ter voz ativa em casa, não decidia para onde queria ir, nem o destino do dinheiro que com o trabalho dos dois conseguiam.

O fato da dependência de sua mãe em relação a seu pai a fez prosseguir em sua opinião em relação a casamentos, a sua independência, a lutar por direitos enquanto mulher, não aceitar qualquer violência contra estas.

E outra vez mudaram-se. Agora para Prudêncio Thomaz - MS, em 1997, ou Aroeira como todos a conhecem. Tinha treze anos e tudo era tão diferente de seu mundo, não gostava do lugar, do barro, das pessoas, do jeito de falar das pessoas a irritava, as músicas, o tereré. Moravam de aluguel numa casa enorme e de madeira. Havia um pomar, este foi o primeiro lugar onde a menina teve o seu espaço, seu quarto. Aquela menina a cada instante se transformava, já não era tão faladeira, tendo sensações estranhas, tristezas súbitas, estava mais nervosa do que de costume. As coisas pareciam conspirar contra ela, já não queria mais sair com seus pais.

Aos dezesseis anos, conheceu um menino lindo, moreno, olhos castanho-claro. Adeilson era seu nome. Numa brincadeira resolveram namorar. Cristiane ainda sustentada pelo rigor do pai, o fez pedir consentimento e esse o deu.

Era final de 2001, quando terminava o Ensino Médio, que passou a se sentir diferente, engordava como nunca, sensibilizava-se por qualquer motivo, estava mais ciumenta que o normal, muito irritada, e queria a solidão. Em fevereiro de 2002, apesar de não acreditar, comprou um teste de gravidez e sozinha ajoelhada no chão do banheiro olhou o resultado e desesperou-se. O que faria? Sua irresponsabilidade chegava a tal ponto que não pensou em si mesma. Todos os seus planos seriam interrompidos. Como agiria seu pai ao saber? E o namorado que reação teria?

Ao receber a notícia, o pai Vicente disse que a acolheria. Ao contrário da reação do namorado, que não gostou da notícia, e a deixou só durante o dia todo. A menina que não queria um compromisso com alguém que não conseguia sensibilizar-se com a presença de uma criança, o deixou, mesmo o amando loucamente.

Cristiane chorou durante dois meses dia e noite sem trégua, mas assumiu sozinha o bebê. Somente seus pais a apoiavam. Em julho de 2002, foi para o hospital. Havia medo, mas a vontade de ver o rosto de sua filha superava tudo. Era uma menina! Ela recebeu o nome de Kawany. Era como imaginava: cabelos escuros e cheios, o rosto branquinho e uma pinta no centro do nariz.

Num certo dia seu pai chegou com novidades, havia se inscrito num acampamento de sem-terras próximo a sua casa. Cristiane interessou-se prontamente. Viu ali uma oportunidade de ter seu espaço. Então, se inscreveu também. Por influência do namorado, desistiu do acampamento, mas não do sonho de ter o seu lugar.

O pai não se conformou com a atitude da filha. Ele participou da primeira ocupação do acampamento Ranildo da Silva na fazenda Santa Maria em Rio Brillhante em Mato Grosso do Sul. Segundo Vicente, chegaram em altas horas da madrugada no início de 2003 e lá armaram barracos de lona preta de maneira improvisada. Estava ele e mais ou menos umas duzentas famílias no meio da mata local que usavam para se proteger. Houve tensão e durante vários dias as pessoas ainda tinham dificuldade em sair do acampamento, mas aos poucos o confronto foi ficando menos aparente e as coisas se acalmaram. O acampamento foi aberto a novas inscrições e seu pai a convidou.

No dia 17 de abril de 2003, mesmo contrariada, Cristiane resolveu visitar a moradia do pai. Estava envergonhada, pois não queria burlar a lei e ser uma “desordeira e desocupada”, mas, ao descer do ônibus e se identificar na guarita, surpreendeu-se ao conhecer aquele lugar, que de local an-

tes habitado por bois agora germinava trabalho em horta para alimentar a todos, uma nova realidade se abriu aos seus olhos.

Cristiane encantou-se pelas histórias de luta pela terra que as pessoas contavam, e também com a tranquilidade do lugar, apesar da situação de ocupação, e com a forma como as pessoas se tratavam, pois se chamavam de companheiros. Não hesitou e se inscreveu novamente.

Foi naquele acampamento que descobriu o que realmente gostava de fazer, dar aulas. Observava com frequência discussões sobre política, economia e outros assuntos que nunca havia visto em nenhuma escola. Perguntava-se como pessoas tão simples poderiam saber tanto.

Após um mês em seu novo lar, foi chamada a participar de um curso para aprender a alfabetizar adultos. E logo ela que já havia trabalhado com educação de jovens e adultos em seu projeto no Ensino Médio. Não acreditava em tamanha honra ser chamada, estaria em seu destino trabalhar com educação.

Depois do curso, ao chegar ao acampamento queria transmitir tudo o que aprendeu às pessoas de lá, que lhe confiaram esta experiência.

No dia 13 de setembro de 2003 iniciava uma nova etapa de sua vida, abriria os olhos para o desencantar do seu mundo vivido até aquele dia. Conheceu, inicialmente, a secretaria do Movimento Sem Terra em Campo Grande, onde, ela e companheiros do MST, se concentravam para realizar uma viagem para Rondônia a fim de participar de um curso. Mas a viagem conturbada. Porém, divertida. O ônibus teve problemas mecânicos, perderam-se no caminho, foram barrados pela polícia rondoniense logo na entrada do Estado e só foram liberados no fim da tarde. Enfim, chegaram ao local de realização do curso, apesar do cansaço estavam muito animados e com sede de conhecimento. Cristiane jamais se imaginou diante dessa realidade, viagens, trocas de experiências, vivência no campo e sem vergonha de ser “Sem Terra”. Vivenciou o rompimento com pré-conceitos e concepções. Passou a ser militante do Movimento Sem Terra de Mato Grosso

do Sul no setor de formação no ano de 2004. Seu primeiro trabalho foi contribuir na organização dos acampamentos Ranildo da Silva. A militante, mesmo sem experiência, mas com vontade de transmitir conhecimento, mergulhou fundo nesta tarefa. Porém, os limites da organização do acampamento a fizeram tropeçar em suas convicções. Ela não suportou a pressão e se culpou pelos mal entendidos no acampamento. Resolveu desistir, pois não concordava em conquistar sua terra se não conseguira fazer seu trabalho, seria injusto e antiético se permanecesse. Seu pai entristeceu-se, mas não conseguiu convencê-la.

Alguns dias depois, a Direção da Regional fora até a casa de seus pais, onde ela também morava, explicou a situação, desculpando-se, e mais do que de depressa elevaram a auto-estima e a recolocaram em seu trabalho.

Durante um curso em Campo Grande, conheceu seus primeiros colegas de trabalho e alguns de seus grandes amigos e amigas, uma delas chamava-se Alessandra que Cristiane gostava muito por sua seriedade com a causa, sua criatividade no setor de cultura, sua simplicidade, respeito pelas pessoas e indignação diante das injustiças.

A experiência que adquiriu a fortaleceu para que pudesse entender as situações problema dos acampamentos. Participou de outros cursos, nos quais descobriu dois sentimentos muito fortes: o primeiro é que estava completamente apaixonada por Tile, um companheiro admirável por seu dom de falar, argumentar, e também por ser justo, disciplinado e acima de tudo ético. O segundo é que sua então colega Luci Dalva seria sua melhor amiga, pois se tratava de uma pessoa admirada por sua capacidade de superação, como ainda por sua determinação, alegria e seu jeito desbochado de dizer “danem-se” aos problemas.

O casal Cristiane e Tile descobriram o amor um nos braços do outro. Faziam tudo juntos. Colaboraram na coordenação pedagógica do curso prolongado do ano seguinte. Porém, o ciúmes de Tile com relação às amigas de Cristiane acabou atrapalhando o relacionamento, uma vez

que ele interpretava as ações de Cristiane de maneira errada, e por isso brigaram no fim do curso. Ele refletiu e pediu desculpas. Juntos, Tile e Cristiane, tiveram um filho, João Pedro.

Em dezembro de 2005, a família se mudou para o Assentamento Conquista, na Fronteira, também conhecido como Itamarati. Foi lá que a menina de hábitos urbanos passou a enfrentar a lida da roça com seu companheiro, sua sogra Tere, e seu sogro Didio. Todos juntos trabalhando para vencer as dificuldades da vida no campo. Cristiane aprendeu a tirar leite, a vacinar vacas, a plantar para sobreviver, a carpir, a colher, as trilhas do mato na caça, a por lenha, a conviver com vizinhos tão próximos, mas apesar da vida maravilhosa da roça nunca desistiu de seu sonho de independência financeira. Sentia-se triste, pois estava só, não tinha com quem conversar. Os amigos já não eram os mesmos, faltava-lhe algo que ali as condições não favoreciam, sua faculdade.

Em julho de 2007 foram chamados por seus antigos amigos para compor um grupo coletivo, reanimando o casal. Para Cristiane, o ânimo foi maior, pois possibilitaria o seu sonho de se formar e ser professora, além de estar perto dos pais novamente.

No ano de 2008, a oportunidade de estudar reapareceu, o vestibular aconteceria no início do mesmo ano, o curso seria Ciências Sociais. Ela não sabia ao certo o que lhe proporcionaria este curso, mas para um assentado seria talvez a única chance de ingressar num curso superior por ser especialmente voltado à realidade do campo. Resolveu inscrever-se, e com a ajuda de sua amiga e companheira de grupo Ivone conseguiu.

Não faltava muito para se realizar em sua vida. Tinha sua família, o cheiro de terra, os animais e agora seria professora. Mas apesar da vontade, não conseguiria prestar o vestibular, tendo em vista que a falta de recursos a impossibilitava de realizar a prova. No mesmo período, Kawany, sua filha, foi picada por uma cobra. O destino não conspirava a seu favor, porém o que ela descobriu é que são as pessoas que constroem a sua his-

tória e com apoio da família e sua determinação prestou o vestibular e passou na prova. Esse resultado fez com que ela promettesse a si mesma que nunca desistiria, não se importasse com o que tivesse de fazer para compreender as aulas e chegar ao seu objetivo.

Aprendeu durante o percurso das aulas que se formar seria apenas um detalhe e que o mais importante, para um educador, é saber que ele faz a diferença e tem a responsabilidade de dar os nutrientes iniciais aos educandos para que esses se desenvolvam e possam escolher de que árvores do conhecimento querem se alimentar e, assim, florir e dar frutos multiplicando as árvores.

Hoje a menina-moça-mulher tem 25 anos e uma longa história pela frente, a qual escreverá com suas próprias mãos, pretendendo continuar sempre em um novo desabrochar a cada dia, em um novo sonho.

Cristiano Almeida da Conceição

Em toda competição há sempre a busca pelo primeiro lugar, eu, desde o meu nascimento, tive que lutar muito para conquistar a minha sobrevivência. Nasci em 10 de janeiro de 1987, na maternidade São Pedro, às 10 horas da manhã, na cidade de Eldorado, Mato Grosso do Sul, pesando quatro quilos e seiscentos gramas. Sou filho de lavradores que recém tinham vindo do Paraguai para acampar na cidade de Eldorado/MS em busca de um pedaço de chão para poder criar seus filhos.

Alguns meses após meu nascimento, eu tive início de pneumonia-dupla e fiquei oito dias internado no hospital de Eldorado. Como não estava me recuperando, meu pai resolveu me tirar deste hospital e me levar para o hospital de Guaíra no estado do Paraná. Para isso, ele teve que assinar um termo de responsabilidade.

No traslado de Eldorado para Guaíra, meu pai pagou um táxi para deixar-nos na beira do rio Paraná. Quando estávamos em cima da balsa fazendo a travessia do rio Paraná, eu comecei a passar mal. Meu pai então entrou em desespero, um caminhoneiro vendo aquilo perguntou a ele o que estava acontecendo. Meu pai disse que estava me levando para o hospital de Guaíra e estava com medo de não dar tempo de chegar a tempo ao hospital. O caminhoneiro disse que nos levaria até o hospital e tudo iria dar certo. Quando cheguei ao hospital, já fui atendido. Após oito dias internado, comecei a apresentar recuperação. Quando completaram dez dias, recebi alta, mas tive que voltar várias vezes ao hospital para fazer acompanhamento.

A escolha do meu nome começou quando a minha mãe estava grávida. Ela queria um nome diferente, pois eu era o terceiro filho e os meus irmãos tinham o nome com as iniciais com a letra V. Antes do nascimen-

to, tinham alguns nomes pretendidos, se fosse mulher chamaria Simone e se nascesse homem chamaria Cristiano. Mas o que mais chamava atenção era o de Cristiano, pois no ano de 1986 estava no ar uma novela chamada Cavalo de Aço, na qual o ator principal da novela chamava-se Cristiano, representado por Tony Ramos. Quando era mais jovem não gostava do nome. Mas hoje eu gosto muito, apesar de muitas pessoas me chamarem de Fabiano, Luciano em vez de Cristiano.

A minha infância foi vivenciada no acampamento das cidades de Dois Irmãos do Buriti, Corumbá e La Paloma, no Paraguai.

No acampamento em Dois Irmãos do Buriti, a gente brincava bastante, entre uma brincadeira e outra eu tinha alguns serviços que tinha que realizar. Buscar água era um deles. Como a minha mãe trabalhava na roça e só chegava à noite, eu e meus irmãos mais velhos éramos incumbidos de buscar água no rio para consumo da família. Eu buscava água em uma pequena chaleira e meus irmãos em uma vasilha maior. Já acampado na área onde hoje é o assentamento, a minha tarefa era cuidar da casa e de duas vacas.

Uma das melhores épocas da infância foi o período que moramos em La Paloma – PY. A casa da gente era no terreiro da casa do meu avô paterno, e todos os meus tios também moravam ali. Devido a essa aglomeração de muitas pessoas, sempre tinham muitas crianças, e as brincadeiras eram sempre animadas. Brincávamos de esconde-esconde, caiu no poço, pega-pega, barata e também jogávamos muito futebol. Sempre no final da tarde, todos nos íamos tomar banho na cachoeira. À noite, os vizinhos vinham a casa do meu avô para assistir TV, e então nós brincávamos de rãminho.

O primeiro aniversário de que eu me lembro, foi o de cinco anos quando fizeram um bolo para mim. O bolo de aniversário foi presente da comadre de minha mãe. Não havia convidados, somente a gente de casa e a família dela, nós estávamos acampados ainda, na região do Capim.

Quando eu me arrumei para ir para a escola, lembrei-me da frase que meu pai sempre falava: – Filho, eu não tive a oportunidade de estudar, porque eu tive que sair da escola para ajudar meu pai, mas você está estudando estará realizando um sonho meu, como se eu estivesse estudado.

O meu primeiro dia na escola foi uma festa, brinquei muito com os amigos que eu conheci. Quando comecei a estudar eu já sabia escrever meu nome. Na sala de aula, sentava na segunda cadeira para prestar mais atenção às aulas, e não gostava de faltar à escola de jeito algum.

Na primeira série, realizei uma cirurgia no supercílio em decorrência de um acidente que sofri correndo atrás de um porco que tinha escapado. Após três dias da cirurgia, retornei às aulas.

Durante todo o tempo que estudei na escola Monte Azul, eu nunca liguei para tirar dez nas provas, achava que a nota acima de seis já estava bom.

Todos os dias bem cedo antes de ir para escola a minha tarefa era debulhar milho para as galinhas, depois tomava café, pegava a minha bicicleta e ia até a escola, e na parte da tarde ajudava a família na roça.

A partir da quinta série, estudava no período da tarde. Sendo assim, na parte da manhã, eu levava leite de bicicleta na cidade juntamente com meu irmão. No período até o Ensino Fundamental, eu era uma pessoa muito dedicada ao estudo, detestava faltar às aulas, odiava tirar nota vermelha e jamais matei aula.

A minha adolescência passou muito rápido, e foi marcada pelos estudos e trabalhos na roça. A vontade que eu tinha era de completar logo meus dezoito anos para ganhar minha independência.

Antes de terminar a oitava série, eu procurei saber mais sobre a EFA (Escola Família Agrícola), pois já não queria fazer o Ensino Médio no assentamento, queria algo que poderia me ajudar no futuro, fazendo técnico em agropecuária já seria o começo.

A seletiva para ingressar na EFA foi realizada no dia 16 de dezembro de 2001, na pastoral de Corumbá. Eram duas vagas para o assentamento Taquaral - Corumbá, mas nós estávamos em três pessoas disputan-

do estas vagas. Na seletiva houve duas fases: na primeira, respondia-se a um questionário, e, conforme o resultado, fazia-se uma entrevista. Realizei a entrevista com o diretor da EFA. Ele me perguntou o porquê eu queria ser técnico em agropecuária? Eu respondi que, desde pequeno, eu gostava de trabalhar com agricultura, e estudando eu poderia cuidar melhor das minhas abelhas e da criação de gado.

Fui selecionado para estudar na EFA e realizei um sonho, o que seria o primeiro passo para o segundo sonho: ser engenheiro agrônomo.

A EFA localizava-se em Campo Grande. Na chegada, a coordenação da escola nos recebeu muito bem. Estar na EFA significou para mim uma grande mudança: iria passar vinte dias longe de casa (Assentamento Taquaral/ Corumbá), em uma cidade onde eu não conhecia ninguém. O pernoite no alojamento foi um pouco estranho, já que tinham muitas pessoas dividindo o mesmo quarto. No dia seguinte, tivemos uma reunião com os novos alunos. Antes da reunião, houve uma mística de abertura feita pelos alunos do segundo ano. A mística encerrou com a canção a seguir, que marcou a minha entrada na EFA:

Eu só peço a Deus
Que a morte não me encontre um dia
É um monstro grande e pisa forte (Mercedes
Sossa)

Após esta mística, cada aluno falou de qual assentamento e cidade era. Ao final da apresentação, o diretor Rosalvo ressaltou a importância da agricultura familiar para a sociedade e a nossa importância dentro do assentamento.

Ao entrar na EFA, descobri uma escola que levava em consideração o meu aprendizado, toda descoberta que os professores me privaram no Ensino Fundamental a EFA me proporcionou. Conheci lugares, pessoas e acima de tudo ela me modelou como um cidadão consciente com

o próximo.

Como aluno, participei de vários eventos no Estado de Mato Grosso do Sul e em outros estados: Conferência Terra e Água, em Brasília, Encontro da EFAECOT, em Orizona - GO. O evento que mais me marcou aconteceu em maio de 2005, quando tive a oportunidade de participar da marcha de Goiânia até Brasília. Nessa caminhada, lembrei a vida de acampado.

Em outubro de 2008, participei do encontro Terra Madre, na cidade de Turim, na Itália. Nesse encontro, conheci muitas culturas e isso me proporcionou um acúmulo de novos conhecimentos e a construção de novas amizades.

A conquista da “terra prometida” ocorreu em 1991, no assentamento Taquaral no município de Corumbá, muito longe de onde a gente acampou pela primeira vez. No nosso lote, produzimos feijão, milho, mandioca; cultivamos horta; criamos galinhas, porcos, bovinos, além de nos dedicarmos à apicultura. Comparando com o tempo anterior, agora nossa vida melhorou muito.

A vida acadêmica exige de nós uma dedicação especial. O momento do vestibular foi o mais terrível devido à expectativa que se tinha sobre a aprovação ou não. Ao ver meu nome na lista de aprovados, saí correndo e fui abraçar meu amigo, foi um momento de grande emoção.

Ao entrar na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), em julho de 2008, no dia da matrícula, senti como se estivesse ganhado uma medalha, pois estava ingressando na melhor faculdade de Mato Grosso do Sul. Desde o início, a convivência com os colegas e professores sempre foi boa. Nunca irei esquecer da primeira aula que superou as minhas expectativas. Eu imaginava mais uma aula chata de Língua portuguesa na minha vida, mas no final queria mais aulas.

Após a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, pretendo lecionar no assentamento e, após algum tempo, quero realizar mestrado e doutorado.

Dalva Marques Machado

Numa manhã de primavera do ano de 1961, em Manoel de Freitas, Distrito de Santiago – Rio Grande do Sul, dia da festa dos 15 anos do meu primo José, minha querida e saudosa mãe me trouxe ao mundo.

O sobrinho José, que sempre foi atencioso e prestativo, foi buscá-la juntamente com os primos, pois, ela que nas últimas semanas havia ajudado nos preparativos da festa, não poderia deixar de estar presente para apreciar o bolo e viver aquele momento de união familiar.

Chegando a casa, José encontrou a tia com as dores do parto, e como o tio tinha ido levar uma tropa longe de casa, o jeito foi ir buscar a parteira, dona Preta, que morava a três léguas da morada de minha mãe.

Dona Preta chegou e preparou tudo. Não demorou muito e, para o alívio de todos, ouviu-se um choro vindo lá do quarto. Era mais uma menina que acabara de nascer.

Recebi o nome de Dalva, palavra de origem grega, quer dizer “muito clara”. Significado este que é um dos adjetivos da minha personalidade. Porém, a história para a escolha do meu nome era contada pela minha mãe. Ela dizia que quando estava grávida do meu irmão, três anos mais velho que eu, ela acordava muito cedo para tirar o leite. Quando se posicionava para ordenhar, olhava para o céu (tinha o hábito de rezar por alguns instantes, antes de iniciar sua jornada de trabalho) e avistava uma estrela que insistia em brilhar, enquanto as demais iam dando lugar a um novo amanhecer. O primo José perguntou à minha mãe sobre quem a acompanhava na mangueira, visto que eram muitas vacas para ordenhar e ela estava grávida de mais ou menos sete meses. Ela respondeu-lhe que os seus parceiros de madrugada eram os cachorros Brasão e Piloto e a estrela ca-

dente. O rapaz explicou-lhe que a estrela que insistia em brilhar no amanhecer era a Estrela D'alva. Minha mãe afirmou que, se o seu bebê fosse menina, se chamaria Dalva. Meu pai logo concordou com o nome, dizendo que a estrela também o acompanhava quando estava tropeando e tinha que levantar de madrugada. A criança nasceu e foi um menino; o nome Dalva teve que esperar mais três anos para ser dado à menina que nasceria na primavera de 1961.

Antes de sete dias do nascimento, fui batizada em casa. Naquela época, o batizado tinha que acontecer antes do sétimo dia do nascimento da criança, pois, antes disso, ela era considerada pagã e sua casa era rondada por bruxas.

A vida caminhava, e eu crescia ganhando colo, carinho e atenção dos irmãos mais velhos e do pai, que corria para o abraço e para pegar a caçula quando chegava após vários dias longe de casa. Sem contar os mimos da mãe.

Num certo dia, fomos levadas, eu e minha irmã Jurema, para a casa de minha madrinha Jandira. Entre um carinho e outro ouvi ela me dizer: “agora você já é uma mocinha e não precisa mais do peito de sua mãe, ela precisa descansar”. Mal eu sabia que estava ali para ser desmamada e que outro irmão já estava a caminho. Fui destituída do cargo de caçula da casa, me senti órfã, passei a dormir junto com minhas irmãs, para dar lugar ao mais novo componente da família que acabara de chegar, meu irmão Luiz.

A família crescera bastante, éramos seis filhos e nenhum estudava, o pai e a mãe preocupados resolveram que a saída era vender tudo e irmos para a cidade. Meu pai vendeu nossas terras, pelo negócio recebeu a morada do seu Chiquito Rosa, que havia ficado viúvo.

Quando nos mudamos para essa casa, minha mãe veio com os filhos e a mudança em um caminhão, e o meu pai, de carreta de bois. A cada porteira que passávamos minha mãe ia deixando para traz parte da sua história, a cacimba d'água, o varal de charque, a tábua de queijo, a solidão das longas noites no campo, o uivo do “guará” e o brilho da estrela companheira.

Quando nasceu minha irmã Cleria, eu já estava com seis anos e o Luiz com quatro. Nessa época, minha mãe ficou parálitica, diziam que era recaída do parto. Um curandor, seus Quincas, foi quem a tratou e curou.

Entreí na escola com sete anos, no Grupo Escolar Vila Nova. Minha professora se chamava Sandra Maria dos Santos Cortes, e a primeira cartilha foi *Alegria do Saber*. Como aluna não dava trabalho, cumpria as tarefas e não gostava de faltar às aulas. Porém, fora da sala de aula, só não acontecia o pior porque minha mãe vivia rezando. Se eu estava quieta é porque estava doente ou estava matutando alguma arte.

Quem nunca teve medo de assombração? Pois bem, eu e meu irmão Luiz não tínhamos. Nós íamos buscar água na cacimba da Dona Erécilia, dentro de uma gruta, diziam que a água era benta (hoje se sabe que a água é mineral), e tinha que atravessar uma picada de mato. Fazíamos isso todos os dias.

O povo comentava que nessa picada havia morrido um russo viajante e que ele aparecia por ali. Os vizinhos acendiam vela, levavam flores e faziam promessas no suposto lugar onde ele foi enforcado.

Como eu e Luiz nunca víamos nada, combinei com ele que eu iria ser o russo. Vesti um capote do meu pai, coloquei um chapéu e um par de coturnos e com a cabeça baixa me sentei no lugar onde as pessoas faziam as oferendas.

Lá pelas tantas, seu Abelardo, que por sinal era vesgo, foi agradecer e pagar uma promessa que fez ao Santo sobre um namorico com a Cenirra, moça de família. Ele largou um pacote de velas amarelas e um vidro de mel, ajoelhou e agradeceu pela ajuda e começou a falar o nome da moça: “Cenirinha, Cenirinha...” levantava a cabeça, sorria.

Eu comecei a ficar com medo, mesmo assim, continuei quieta. De repente, ele levantou e saiu sorrindo. Eu, sem perder tempo, falei: “Boa tarde seu Abelardo!”, ele assustado saiu correndo e caiu, ao cair quebrou os óculos, virou e disse: “Viram suas pragas o que fizeram? Vocês vão pa-

gar por isso.” O Luiz, com medo, começou a chorar e eu, apavorada, não sabia como me defender do velho enfurecido que acabou nos reconhecendo.

Larguei tudo, peguei o Luiz pela mão e fugi para a casa da Dona Ercília, que ficava pertinho dali. Passado um tempo, voltei para casa e por medo acabei contando o episódio para minha mãe, que me deu uma lição pela arte.

Cada um de nós tinha suas tarefas de casa e entre elas estava a de cuidar de um irmão menor, a minha irmã Rute era a responsável por mim. Toda as manhãs, além de acender o fogo e preparar o café, tinha que me vestir com aquele tapapó branco, conga azul marinho e pentear os meus cabelos. Esse pentear os cabelos se tornou uma tortura, era um puxa, arranca, desembaraça, amarra, trança... um dilema constante.

Um dia, com dor no coro da cabeça, pensei: se eu cortar os cabelos e levar uma surra vai doer só uma vez, e eu me livro para sempre desses cabelos compridos. Assim sendo, fui até a casa de Dona Maria José e disse a ela que minha mãe havia pedido que ela cortasse o meu cabelo bem curtinho. Ela cortou conforme eu pedi.

Quando cheguei a casa, minha mãe me olhou e começou a chorar dizendo: “O que isso, o que aconteceu com teu cabelo?”. Eu, feliz da vida, disse que resolvi cortá-los. Ela dizia o que iam pensar dela quando me vissem, pois não era comum menina usar os cabelos tão curtos, parecendo um guri. Mais uma vez recebi um castigo, andar de lenço por muito tempo sem contar o porquê.

A minha infância era regada por banhos na sanga, comer pitanga, guavirova e guabijú nos matos, caçar *preús* nos caraguatás, subir em árvores para pegar cigarras, pescar lambaris, além de jogar peteca e bolita. Por vezes quando usava chapéu, confundiam-me com um guri, eu não gostava de usar vestido. Às vezes, nos finais de tarde, fazíamos brincadeiras de roda, esconde-esconde, só nas noites de lua podia brincar de cobra-cega, pois não tínhamos luz na rua.

No tempo de fogueiras, eu, meus irmãos e as crianças dos vizinhos, ficávamos encarregados de puxar os galhos. Os homens armavam à fogueira. As mulheres preparavam os enfeites. O meu pai era o gaiteiro, o Seu Nelico no pandeiro, Jorge, meu primo, no violão, daí o baile estava formado. Os pares começavam a dançar, velhos, moços e crianças. Batata e pinhão eram assados nas brasas da fogueira, canjica com amendoim ou coco, mate doce com mel ou leite, puxa-puxa, pé de moleque e muito mais.

No terceiro ano da festa, eu era a noiva, quando fomos pegar o vestido, que estava dentro de uma mala, um rato tinha comido parte dele, um remendo foi improvisado, o vestido, que já era feio, com isso ficou medonho. E assim, o casamento foi realizado.

Esses momentos eram comemorados com alegria, devoção e muita fartura. Na época de frutas, eram compotas, passas, chimias, geleias, licores, sucos, ameixas, laranjas, goiabas, maçãs, pêssegos, bananas, caqui, figo, ananás, bergamotas, cerejas... Nas tardes de garoas, broas de milho com chá de cidró. Noites frias, mate doce com mel e canela para encurtá-las. Ouvir um causo e outro, pedir a bênção dos pais e dormir.

Assim, entre aromas e sabores, mansamente minha infância ia ficando para trás.

Com doze anos, fui estudar na Escola Estadual Cristóvão Pereira, onde fiz o Ginásio e o Ensino Médio. Tudo era diferente, os professores, os colegas, os uniformes, a distância de casa, o horário das aulas, as aulas de Literatura na biblioteca, laboratório de música.

Desde que eu entrei para o Ginásio, meu sonho era participar do Grêmio Estudantil, porém só podia entrar quando completasse quinze anos, por isso eu era apenas uma filiada.

Nessa época, alguns irmãos foram estudar na capital, Porto Alegre. E não me esqueço o dia em que minha mãe me chamou, e com olhar sereno me disse: “a partir de agora as responsabilidades de cuidar da casa serão suas, a moça da casa é você”. Acatei as ordens de minha mãe, mas

sentia falta das brincadeiras, confesso que nesse período fiquei um pouco triste, minhas notas no colégio caíram, eu não dava conta de estudar e cuidar dos afazeres domésticos.

O tempo passava, eu tomava gosto em ouvir músicas, cuidava mais dos cabelos, e o espelho apontava as modificações. As brincadeiras com as crianças já não tinham a menor graça, falava menos, nem eu sabia o porquê.

Devagar a adolescência chegou e com ela todo seu mistério, a cada dia uma descoberta, os primeiros sonhos, dúvidas, paqueras, as reuniões dançantes no Clube São Vicente, e matinês no domingo à tarde.

Um fato triste marcou meus 15 anos, meu querido primo Jorge faleceu, muito jovem. Por isso, passei os meus 15 anos sem festa. Contudo, para minha satisfação, ganhei um anel dos meus padrinhos Bernardino e Jandira e um bracelete da madrinha Natércia.

Quando estava cursando a primeira série do Ensino Médio, comecei a participar do Grêmio Estudantil. Em Maio de 1977, participei do Movimento Estudantil em Porto Alegre, nesta ocasião, para dar apoio aos Trabalhadores.

Para ir a Porto Alegre, Ana Becon, uma influente mulher e que apoiava o Movimento Estudantil, foi quem conseguiu a rápida autorização do juiz para que eu pudesse viajar. No momento do embarque, além das recomendações do pai e da mãe que não eram poucos, uma euforia tomava conta de mim, afinal de contas era a minha primeira viagem para longe de casa. Tudo que vinha pelo caminho era novidade, e a sensação de liberdade era imensa.

A recepção em Porto Alegre, como sempre, não foi das melhores por parte da polícia e dos militares, apesar de as represárias do Regime Militar já não serem tão violentas.

Os dias de festa também marcaram a minha adolescência. Entre uma estação e outra, sol, chuva, frio, neve, vento minuíano, o que não me

faltava era coragem, vontade de desvendar a vida com todo o furor da mocidade. Então, toda vez que meu irmão me convidava para irmos a um baile, não tinha tempo que nos detinha.

Em um desses bailes, no CTG Coxilha de Ronda, conheci o amor da minha vida, o Valcenir, namoramos, e no Natal de 1977 ficamos noivos, no ano seguinte, em 15 de julho de 1978, nos casamos.

O casamento foi realizado na Igreja Nossa da Conceição em Santiago, a festa foi oferecida aos convidados na casa dos meus pais. Ganhamos muitos presentes, inclusive uma viagem de lua-de-mel que usufruímos seis meses depois do casamento.

Assim que nos casamos, fomos para a casa dos pais dele para eu ser apresentada à família que até então não me conhecia. Na chegada, fomos surpreendidos com uma grande festa, com a presença de todos os familiares, amigos e vizinhos que nos aguardavam.

De volta à minha cidade, aceitei dar aulas em uma escola que ficava a quarenta km de Santiago/RS. O prefeito da cidade, que era patrão do meu marido, estava oferecendo as vagas pela rádio, e eu não pensei duas vezes e fui trabalhar.

Em fevereiro de 1979, comecei a trabalhar na Escola Municipal Anita Garibaldi em Inhacoã, distrito de Santiago, onde lecionei dois anos com multisseriado. Era um lugar de difícil acesso, quando chovia além de enfrentar a temida travessia do rio Inhacoã, que cortava o lugarejo, só era possível sair a cavalo.

Enquanto ensinava e aprendia com as crianças, crescia o meu desejo de ser uma professora de verdade, formada, visto que eu já os amava e percebia que a minha qualificação era insuficiente para formação deles.

Por tantas noites, pois estas eram longas, enquanto preparava aulas, corrigia os cadernos, trabalhos, provas, tudo feito com capricho, eu me preparava para me despedir dos alunos e assumir uma outra responsabilidade: ser mãe, pois estava grávida, do meu primeiro filho.

Sendo assim, procurei me despedir como se fosse voltar no ano seguinte, pois já sentia saudade de tudo e de todos.

Recebi meu filho, Robson, no dia 17 de agosto de 1980. Era um menino saudável. O pai, orgulhoso pelo nascimento do filho varão, recebe a notícia e se encarrega de anunciar aos demais familiares que aguardavam ansiosos.

Entre as tristezas, está o dia em que soube que minha mãe estava muito doente. Ela foi para Porto Alegre para tratamento. Dias depois, eu fui também para capital levando meu filho. Ao chegar, minha mãe estava em coma. Dias depois, para meu espanto, eu entrei no quarto e ela me esperava, com um sorriso, me dizendo: “Minha querida filha, há dias eu te espero, para lhe fazer algumas recomendações e algumas exigências”.

Permaneci por algum tempo ouvindo-a, em estado de choque, sem reação, pasmada... Então ela me disse: “Filha vai, que teu ônibus está de saída, não esquece de nada do que te disse”. Então, questionei-a: “Mãe, como a senhora sabe que estou indo embora, se não lhe falei?”. Ela respondeu: “Seu avô esteve aqui e me contou tudo o que está se passando com vocês, inclusive, eu vi o Robinho, que está a cada dia mais lindo”. Meu avô havia falecido há 10 anos atrás.

Quando saí comentei com meu irmão tudo que ouvi e presenciei, e disse a ele: “Meu irmão, acredito que vim para me despedir da nossa mãe para sempre”. Ele cheio de entusiasmo me respondeu: “Imagina! O médico acabou de me dizer que vai liberá-la para que prossiga o tratamento em casa, ela passou por um coma induzido, mas está tudo bem”.

Em silêncio, mas sem perspectiva de nada, peguei meu filho, embarquei no ônibus e retornei para Santiago. No percurso, revivia aquele momento, suas palavras, e então imaginava, como seria viver sem a mãe, e assim, já me sentia órfã.

Passados dois dias, minha prima veio me avisar que minha mãe havia falecido. Naquele dia, o céu vestiu-se de luto e como se entendesse a

dor pela qual eu e meus irmãos estávamos passando, e, num grito de dor com os trovões, soltou as lágrimas numa torrente de água. Era uma dor que só o tempo poderia curar.

O inverno se foi, a primavera encarregou-se de estampar tudo, o sabiá laranjeira com seu canto melodioso e as cigarras anunciavam que dias alegres viriam e com isso um alento para a nossa saudade. Meu pai, bem que tentava, mas era tomado pela solidão e não conseguia reaver a vida sem a companheira de tantos anos.

Com esse acontecimento, era preciso olhar a vida com mais maturidade. Contudo, eu e meu marido, sentíamos que poderíamos melhorar, se fossemos atrás de outras perspectivas. Com esse espírito de luta, é que aceitamos mudar para Mato Grosso do Sul para trabalhar em uma Fazenda na região de Dourados, até então era só o que sabíamos do lugar.

Assim sendo, não via hora de conhecer o lugar e enfrentar o desafio. Arrumei tudo, colocamos em um caminhão e partimos. Na boleia, eu ia olhando tudo, sentia que parte da minha história ia ficando para trás, e como foi outrora com minha mãe, a história se repetia.

Um dia após o outro, naquela viagem e o destino parecia ficar mais longe. Conta causo, relembra um fato, um acontecimento, faz planos, um questionamento e outro, admira-se a paisagem, afinal de contas tudo era diferente, e, enfim o destino. Na chegada, olhei ao redor e achei tudo muito estranho.

No início não foi fácil, eu me sentia despatriada, sem família, além disso, os costumes, a paisagem eram diferentes, e ainda havia a distância da cidade, a falta de vizinhos por perto, o que levava a sentir uma certa melancolia.

Mesmo com esses obstáculos ia pegando gosto pelo lugar, e com isso o começo de uma nova história. Permaneci nesse lugar por sete anos trabalhando como cozinheira e meu marido como gerente da fazenda.

Opotei por ter mais um filho, e, desta vez, para minha felicidade, veio uma menina a quem dei o nome de Francielli.

Um dia chuvoso, fiz um chimarrão e enquanto tomava comecei a refletir sobre a minha vida. Fiz uma viagem ao passado. Perguntei a mim mesma por onde eu deixara meus sonhos que outrora impulsionaram a minha vida.

O meu filho estava em idade escolar, e, este estava fora da escola. Nessa viagem, percebi que eu estava adormecida, que era hora de tomar outro rumo.

No dia seguinte, arrumei tudo e falei para o meu marido: “se tu tens juízo, vamos embora porque eu já estou de partida”. Ele, sem entender nada, nem eu, questionou: Vamos embora para onde? Sem arrumar outro emprego? O que vou dizer ao patrão? Respondi a ele: “Não sei de nada, a princípio vou ficar na vila, e, depois veremos o que fazer”.

Da mesma maneira que cheguei, parti. Desta vez levava decepções, frustrações, por não ter alcançado o que almejava, e ao mesmo tempo, me questionava: Por que fiquei adormecida por tanto tempo?

Caminho a fora, em silêncio novamente relembrava o passado, percebendo que outra parte da minha história ia ficando para traz. Olhava meus pequenos filhos, o Robson já estava com sete anos e a Francielli com um. Eles sorriam e brincavam no meu colo, mal sabiam o que viria pela frente.

No início, fiquei na casa de Dona Maria, uma amiga querida que me acolheu e me disse: “Tu estás certa em sair desse lugar, vai à luta, arruma outro serviço, matricula teu filho em uma escola que tudo vai mudar”.

Por um tempo trabalhei em um mercado, depois na Enersul, e ainda, prestei um concurso para a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul - SED/MS e continuei a trabalhar.

Meu marido agora já estava na vila, trabalhando como motorista, sem perder o desejo de morar em sítio, pois ele vem de família interiorana.

Em meados de 1997, surgiu o Assentamento Amparo, na região do distrito de Itahum, e com isso, a possibilidade de outros novos assentamentos. Sendo assim, meu marido e um vasto grupo de famílias decidiram montar acampamento na então fazenda Lagoa Grande.

Os barracos foram montados próximo ao córrego que corta o assentamento. A expectativa era grande por parte dos acampados, posto que era a chance de concretizar o sonho de muitas famílias, que até então não tinham conquistado uma moradia.

Nesse período, eu ficava no barraco nos finais de semana ou quando o meu marido estava trabalhando, e confesso que gostava muito, apesar das dificuldades. O tempo corria manso, um bate-papo de cá, outro de lá, chimarrão, tereré, e muitos planos para a posse da terra. Nos outros dias, permanecia na vila, para que meus filhos frequentassem a escola.

Em menos de seis meses tudo estava decidido, foi feito o sorteio dos lotes e para tristeza de muitos, inclusive da minha família, não fomos contemplados. Frustrada, mas não desanimada, levantamos o acampamento, para aguardar outra terra, que, segundo o INCRA, já estava em negociação.

Em seguida outro acampamento foi montado, desta vez na Amparo Dois. Nesse eu não fui, só o meu marido, pois o dono da fazenda, sempre que possível, aparecia por lá e ameaçava a todos com revólver. Temendo pelos meus filhos, eu nunca apareci por lá.

Nas idas e vindas, um bate papo daqui e outro de lá, ficamos sabendo que um assentado teria desistido do lote, pois não se adaptou ao lugar – assentamento Lagoa Grande.

Estávamos diante de uma nova possibilidade, um dos sonhos que estava prestes a se concretizar. Imediatamente partimos para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a pessoa que nos atendeu verificou a documentação e pediu que aguardássemos por trinta dias.

No dia 22 de dezembro de 1998, a mesma pessoa que nos atendeu, pediu, através de um assentado, sem dizer do que se tratava, que fôssemos ao INCRA. Meu filho, Robson agora com 17 anos, sem muita confiança disse: “Mãe do jeito que pobre é sem sorte, é bem possível que estão chamando vocês para dizer que não vão dar o lote”.

Ele não acreditava, mas eu estava confiante. Chegando lá, um senhor nos recebeu e disse: “Vocês já estão no lote?” Eu respondi: Não. Estamos esperando o prazo estipulado para voltarmos aqui”. E ele continuou, dizendo: “Aqui consta que o lote é de vocês! Enfim, podem ocupar a terra prometida, tenham uma boa estadia na morada nova”.

Estávamos às vésperas do Natal, e portanto posso dizer que fui privilegiada com o melhor dos presentes até então. Agora era colocar a mão na massa, o corpo para rebolar, a cabeça para pensar, traçar metas porque com certeza mudanças viriam. Entre um ciclo e outro da vida, o tempo se encarregou do nosso destino. No ano seguinte, fui convocada para assumir o concurso que havia prestado há 5 anos atrás.

Este foi um grande passo em minha vida, não apenas pelo salário, como também, pela valorização e mérito alcançado. E assim, tudo começou a se encaminhar, meus filhos foram para faculdade. E para completar a felicidade da família, em meio a tantos acontecimentos, fui agraciada com a notícia de ser avó. Não se trata apenas de um neto, e sim de uma criança que é mais que um filho no coração de uma avó.

E o sonho de ser professora continuava. Tempo depois, recebi a notícia da oportunidade de prestar o vestibular da UFGD para um curso voltado aos assentados – Licenciatura em Ciências Sociais – PRONERA. Diante do desafio, resolvi acatar a ideia da amiga Rozeli, e então, fizemos minha inscrição.

Em junho de 2008, prestei o vestibular, e para minha surpresa, mais um sonho se concretizava, fui selecionada para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais-PRONERA (Projeto Nacional de Educação e Reforma Agrária).

Agora, cheia de orgulho, afinal de contas estava prestes a ocupar uma vaga na Universidade Federal, sendo esta um privilégio de poucos. No dia da matrícula, me senti como uma adolescente, apesar das dificuldades que iria enfrentar, posto que havia 26 anos que concluíra o ensino médio.

No início das aulas, foi uma grande alegria, pois fomos muito bem recebidos pelos professores, coordenadoras e, em seguida pelo Reitor, dando-nos um grande incentivo para essa nova etapa de nossas vidas. Com isso, me vi diante de grandes mestres que com gabarito excepcional de intelectualidade estavam dispostos a me ajudar e me apoiar nessa jornada.

No decorrer das aulas, fui me acostumando a ser uma universitária, pois essa rotina é exaustiva e ao mesmo tempo produtiva, pois foi se tornando compensatória devido à troca de conhecimento que há entre os colegas de aula e o enorme esforço dos professores em ampliar os nossos conhecimentos. Contudo me sentia meio perdida dentro do contexto acadêmico.

O tempo passou e a etapa foi concluída e o desânimo tomou conta de mim e pensei em desistir. Diante dos trabalhos que tinha que desenvolver, imaginei que não iria dar conta, posto que tinha uma grande deficiência em tudo, principalmente, em Língua Portuguesa.

Ao contar para minha família, meus filhos contestaram. Robson ficou com a palavra dizendo: “Mãe, é muito cedo para você desistir, no início aparentemente tudo é difícil. No decorrer do processo você vai desvendando e se familiarizando com o mundo das ciências. Fique tranquila, comece a ler, aliás, mergulhe na leitura, resgate o teu potencial e aos poucos você estará integrada ao curso.”

Do mesmo modo desabafei com os demais colegas de faculdade e percebi que eles também tinham dificuldades, mas estavam dispostos a continuar e estes me incentivaram a continuar, acreditando que poderíamos superar as dificuldades. A Zilda, que de colega passou a ser uma amiga querida, com suas experiências de vida, não mediu esforços para me reanimar.

Procurei aliviar minhas inquietações, retomar meus sonhos e ampliar meus conhecimentos através de leituras. Sendo assim, comecei a desenvolver os trabalhos, e confesso que foi uma experiência fantástica. Tomei gosto pela leitura, comecei entender o que antes era confuso.

A cada trabalho que desenvolvia, vivia uma experiência, uma delas foi ao realizar o Levantamento dos Elementos Culturais do Assentamento (pesquisa solicitada pela Disciplina de Língua Portuguesa). Conversando com as pessoas, percebia o quanto sentiam prazer em falar das receitas de família, remédios caseiros, causos, valores estes que estavam esquecidos, e agora ressurgiam com a entrevista.

Outro trabalho que me proporcionou muito prazer foi o da Árvore Genealógica da minha família. Este me levou a uma viagem ao passado, em que fiquei sabendo que sou sobrinha neta de Getúlio Vargas, um segredo que minha mãe prometera guardar em memória e respeito a minha bisavó, pois a mesma era mãe solteira. Conheci também, meu tio Carlos, o último sobrevivente dos irmãos da minha mãe, que até então não a conhecia.

Graças ao apoio que recebi dos professores, e também pela dinâmica das aulas, que abrem discussão e isso facilita o entendimento, a colaboração dos colegas na troca de experiência e os Círculos de Palestras reforçaram meu desejo pelo conhecimento.

O curso vem superando todas as minhas expectativas, pois estou cursando uma Faculdade da Universidade Federal, de excelente qualidade, e isso é motivo de muito orgulho para mim.

Por estar engajado na luta pela educação, principalmente das classes menos favorecidas, percebo que o PRONERA é a menina dos olhos dos educadores do nosso curso, sendo este um grande avanço na educação. E eu estou inserida nessa conquista, o que me leva a acreditar na concretização do tão almejado sonho de ser uma professora formada.

O tempo vai passando, e com ele percebi que a vida é um mistério fantástico, e, ao mesmo tempo, nada é tão efêmero e fugaz quanto ela. Sendo assim, não tenho pressa. Nessa incrível trajetória, sofri perdas, tive grandes ganhos e construí histórias, e, sem fugir das minhas raízes, construirei outras tantas...

Diego Silva dos Santos

No dia 24 de dezembro de 1995, eu, Diego da Silva dos Santos, compreendi que aquilo que acontecia ao meu redor era real, não era um sonho, ou a criação de alguma lembrança. Na verdade posso dizer que estava lá, estava presente e atuante em um momento que nunca esquecerei, pois vejo que foi naquele momento, justamente há quinze anos da data presente (2010), que se criou algo em mim. Consequência dos poucos contatos com os familiares da casa de minha avó, mas, até aquele momento, para mim, esses contatos faziam parte da existência de um universo, o meu universo.

Não falo aqui do meu nascimento. Falo do dia em que fiz 5 anos, pois como falar do dia em que nasci sem ter tantas lembranças assim desse dia. No dia dos meus 5 anos, me apropriei de uma noção de consciência, mesmo sendo mínima foi transformadora, pois me incluí no mundo, o qual estava fora das fronteiras do ambiente de minha casa.

Para escrever sobre mim, é necessário considerar alguns fatos a mais. Nasci em um sábado de manhã (às nove e meia), no dia 24 de dezembro de 1989, na maternidade Candido Mariano em Campo Grande/MS. Meus pais e tios falam que aquele sim foi um dia tumultuado. O tio Edson de Jesus é o que mais ri quando se lembra desse dia, pelo fato de que nesse mesmo dia e no mesmo hospital estava o meu primo, o Wellyngton (filho de tio Edson). Minha mãe, Celina, estava sendo levada ao hospital para visitar minha tia, irmã dela, mãe do Wellyngton. No momento em que meu pai passou por um buraco na estrada, minha mãe bateu a cabeça e se sentiu mal; meu pai então a levou para a casa de minha avó onde ela piorou. Minha mãe foi levada ao hospital, não mais para visitar minha tia, mas para dar à luz a mim.

Logo depois que nasci, meus pais se questionaram sobre qual nome dariam ao recém-nascido. Diogo – era a sugestão de minha mãe; João – era o melhor para o meu pai (nada egocêntrico). Minha avó materna toma partido e sugere o nome Thiago. Entre esses e muitos outros nomes, meu pai decidiu impor a sua vontade: “O nome do meu filho eu decido!”, pelo menos foi o que fiquei sabendo. Ele optou por Diego, pois era fã de Diego Maradona. Enfim, trata-se de um ótimo nome, do qual tenho orgulho e com o qual me identifico.

Minha avó me conta que até os meus quatro anos, ela me chamava de Tati, isso pelo fato de que quando ela ia me procurar me chamava dizendo: “Diego, onde você está, guri?”. Ela diz que ouvia: “eu tati”. Com o tempo, isso ficou um tanto constrangedor, quando a molecada da rua de casa ia brincar de esconde-esconde, polícia e ladrão ou quando íamos jogar bola, para me deixarem irritado e constrangido, me chamavam de Tati, o que era suficiente para conseguirem me fazer sair no braço com um deles. O que me favorecia era o fato de que uma grande parte das crianças da rua eram meus primos, os quais me defendiam.

O entrar na escola foi um novo momento especial na minha vida. Posso afirmar que não tenho tantas lembranças que possam narrar minha infância, pois tudo era tão fascinante, tão novo, que é difícil de me atentar a um único fato. Não havia tanta preocupação de minha parte em tentar conservar todas as minhas lembranças, mas vejo que há resquícios de memórias de algumas passagens do tempo de iniciação na escola. Fui acompanhado pelos meus primos, e uma recordação que se destaca está na primeira série. No momento em que a professora passava o conteúdo no quadro, lembro-me que o único som que se ouvia naquela sala era o do giz a riscar o quadro negro, já sabia que aquilo era mais tarefa e que aquelas palavras roubariam minha tarde.

Então, me lembro de ter ouvido um estrondo e diversas pancadas a acertar o telhado, quando sai junto com outros alunos para ver o que era, vi que o pátio inteiro estava inundado e que aquele estrondo era o da chu-

va que estava a cair. Como toda criança eu adorava brincar na chuva, então, eu, meus primos e outros colegas começamos a correr na chuva. Fazíamos isso frequentemente e nossos pais eram frequentemente chamados na escola.

Posso dizer que era inexplicavelmente divino ser criança, era algo fácil de ser compreendido, não havia necessidade de algum professor ou de letras para se entender o que era, apenas bastava ter curiosidade para fazer as coisas. Essa curiosidade viria acompanhada de novas sensações e digo: era algo interessante. Há muitos outros causos sobre minha infância e de nenhum posso me lamentar, por mais que alguns parecessem coisas assustadoras no momento depois sabia que tudo se resolveria.

Contudo minha infância não foi só alegria, não para todos ao meu redor. Talvez, por ser uma criança, não prestasse atenção nas dificuldades que tínhamos em casa, pelo menos não via nada como algum problema real, mesmo porque creio que naquele momento eu não viria a ter uma real noção do que seria um problema para os adultos e pelo fato de minha família tocar um negócio próprio, eu realmente não pensava que passaria alguma necessidade.

Lembro que minha mãe e meus tios trabalhavam desde às cinco da manhã fazendo porções, salgados, para saírem vendendo de obra em obra; só havia hora para começar e não para terminar. Meus pais tinham dupla jornada, pois tinham que trabalhar e serem bons pais ao mesmo tempo e apesar de todas as adversidades da vida, eles conseguiram realizar ambas as tarefas.

Certo dia, me recordo ouvir meu tio falar que ia entrar no Acampamento, eu deveria ter por volta de oito anos de idade; não sabia direito o que se tratava e no momento nem tão pouco me interessava saber. Acabei por comentar com alguém, em sala de aula, sobre essa decisão de meu tio. Disseram-me que acampados eram pessoas que moravam debaixo de barracos nas estradas que davam acesso às fazendas, ficavam esperando

por uma oportunidade para entrarem nas fazendas, matarem o gado, roubarem para si as terras dos fazendeiros, sem contar que tocavam fogo em ônibus para fecharem estradas. Depois de ter ouvido isto, fiquei quieto e com vergonha. Chegando a casa, falei tudo o que tinha ouvido para minha família que, no mesmo momento, me corrigiram, falando não serem bem assim as coisas, fiquei mais tranquilo, mas mesmo assim não aprovava a ideia de mudar para um acampamento.

O tempo passava, a situação econômica de casa não melhorava. Foi quando meu tio e sua esposa se mudaram, levando seus filhos. Depois, mais dois tios meus e tias se mudaram para morarem no acampamento, juntamente com seus filhos. Minha mãe havia construído um barraco no acampamento também, só que nesta época meu pai se recusava a morar no campo novamente, pois, para ele, bastava ter passado a infância no mato. Contudo a vontade de minha mãe prevaleceu e ela, que estava grávida de minha irmã, acabou se mudando para o acampamento. Por causa da saúde frágil de minha avó, minha mãe teve que voltar para a cidade, e eu, que estava na cidade, fui para o acampamento.

A vontade que eu tinha era de fugir daquele local, não aceitava me ver como sem terra. Tinha recém doze anos de idade, estava no início da adolescência e armado com todos os preconceitos de uma mente bruta e revoltada. Via-me melhor que aqueles que estavam no acampamento, ou que aqueles que moravam no campo. Algo veio a mudar de forma esmagadora esta ideia. Comecei a frequentar a escola, a compreender o conteúdo, a tirar boas notas. Vivendo no campo me restava mais tempo para valorizar o meu estudo, coisa que realmente me faltava na cidade, assim começava a surgir em mim um sentimento de autorrealização, uma sensação de auto-afirmação que, ironicamente, brotava de um lugar para o qual eu olhava com tanto desprezo.

Posso ver que muita coisa veio a colaborar para a formação de minha nova mentalidade, como, por exemplo, o fato de meu pai se separar de minha mãe, o que fez com que nos apoiássemos na luta por algo nos-

so. Tanto eu quanto os outros desejavam oferecer um lar para minha irmã. Assim, entramos de vez na luta pela terra, participando mais ativamente das decisões do grupo; um dos meus tios era o presidente da associação e minha mãe a vice-líder.

Alguns de nossos companheiros ainda estavam ligados à dupla vida de viverem nas cidades e terem um barraco no acampamento. Também tinham as pessoas que moravam no acampamento, mas se negavam a tomar frente nas decisões. Tanto eu quanto meus primos acabamos vinculados às atividades de nossos pais, reivindicando benfeitorias para o acampamento, e isso se refletia na escola, éramos conhecidos como os filhos dos líderes do acampamento Matinha, nome do acampamento em que morávamos. Não éramos bem vistos por alguns, mas, na comunidade de Rochedinho (Distrito aonde íamos estudar) nos tratavam muito bem.

Vim a concluir a oitava série na escola do campo, mas por ela não oferecer o Ensino Médio e para não interrompermos os nossos estudos, eu e meu primo fomos estudar na cidade de Campo Grande e morar na casa de nossa avó. Por morarmos na cidade, íamos à FETAGRI para ajudar nossos pais, buscando papéis, passando recados, fazendo o que era possível a nós. Apesar de estarmos vivendo a maior parte do tempo na cidade, ainda estávamos ligados aos nossos laços do campo, sendo esta nossa real identidade.

Um dia me lembro que a situação de instabilidade e de conflitos no acampamento, tanto internamente (com a divisão do grupo em duas partes) quanto externamente (com a liminar favorável ao poceiro da fazenda), nos deixou com o sentimento de derrotados, considerando que oito anos de nossas vidas foram jogados fora, o que provocou um clima de medo seguido de frustração. Nesse clima, procuramos e pressionamos o INCRA, que nos informou que havia uma área que estava para ser desapropriada, uma fazenda entre Sidrolândia e Campo Grande. Assim, nossas forças se renovaram em nossos peitos, e sem tempo a perder logo nos organizamos rumo à fazenda desapropriada.

Logo após termos nos mudado, no período de um ano, saiu a notícia de que havíamos sido assentados. No dia 25 de outubro de 2006, toda espera havia acabado. Agora, tínhamos nosso lar, nosso lugar (sensação que trago em mim até hoje). Posso dizer que a única coisa que lamento em todo este processo é o fato de ainda estarmos em barracos, muitos ainda não tinham suas casas prontas. Assim, saímos para reivindicar, íamos ao INCRA, pressionávamos a FETAGRI, após muita insistência nós, que havíamos sido assentados no ano de 2006, só começamos a ver nossas casas serem construídas em 2009, não estando ainda todas terminadas até o momento em que narro esta história (2010).

Não poço lamentar por tal espera, visto que foi graças a ela que vim a ter informações sobre o PRONERA. Em 2007, concluí meus estudos na cidade, terminando o Ensino Médio. Retornei ao assentamento, trabalhando no lote de minha mãe. Por não termos uma renda estável, sabia que teria que me esforçar para entrar em uma universidade pública. Tentei duas vezes o vestibular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS de Campo Grande e me frustrei com o meu insucesso. Senti-me desestimulado, incapaz, parando por meio ano meus estudos. Porém, um dia, após ter ido à FETAGRI, meu tio me falou sobre o vestibular para o curso de Ciências Sociais/UFMGD/PRONERA, voltado para pessoas oriundas do campo. Ao sabermos disso, eu e meu primo logo decidimos fazer o vestibular. Fomos a Dourados, quase sem dinheiro e sem conhecer a cidade. Ficamos hospedados em uns quartinhos que achamos, no dia seguinte fomos fazer as provas. Lembro-me que senti que aí estava toda a expectativa da conquista.

Ao retornarmos a Campo Grande, não demorou muito para sair a lista de aprovados. Nela constavam o meu nome e o de meu primo. Ficamos em estado de euforia, mas ao unirmo-nos ao corpo acadêmico, ficamos surpresos com a dificuldade de comunicação entre algumas pessoas; apesar de sermos todos ligados pela luta por terra, passamos por processos diferentes e isso tinha que ser visto, compreendido e absorvido pelo

grupo, e foi isso realizamos. Não digo que sejamos hoje um grupo perfeito e harmônico, porém somos um grupo que se vê como tal, se respeita, se ajuda e se compreende, coisa que, em muitos cursos, não se vê. Acima de tudo todos esperamos que nossos colegas se formem, para fazermos a mudança, pois já somos um dos resultados dela.

Bem, há muito mais a ser dito, porém este não é o momento. Sinto que ainda tenho muito a amadurecer, mente e espírito. Para continuar a ver um futuro para mim, dentro do espaço no qual estou, dentro do meu próprio mundo, devo saber o quão firme ele vem a ser. Quando souber que o solo deste já não é tão arenoso, poderei dizer que ele está pronto para produzir bons frutos.

Este não é o fim da minha história, mas apenas o primeiro aparecer dos fatos. Há muito mais a ser dito.

Eder Moreira de Souza

Sou de uma família de oito irmãos. Meu pai é pernambucano e minha mãe matogrossense. Sou o filho caçula, nascido em primeiro de abril do ano de 1963, na fazenda de propriedade do Sr. José Ferreira (Zé Japonês), denominada Pontinha, no município de Rochedo-MS. Fui registrado na comarca de Jatobá, hoje Jaraguari, com o nome de Eder Moreira de Souza. O nome é de origem hebraica e significa *rebanho*, mas a causa da escolha desse nome pelos meus pais se deu em virtude de, na época, o Brasil ter um lutador famoso, com títulos de campeão brasileiro e mundial de boxe, que se chamava Eder Jofre. Meus pais homenagearam o lutador, dando-me o seu nome.

Morei nessa fazenda nos meus primeiros anos de vida e, aos três anos, mudamo-nos para a Fazenda Fortaleza, de propriedade do Sr. Desdete Alves de Alencar. A casa era de pau a pique – com paredes de madeira fina rebocadas com barro e cinza – coberta com folha de bacuri e “piso” de chão batido.

Eu levava uma vida de menino pobre, mas feliz: brincava de balanço, cavalinho, fazendinha e de carrinho, que era feito por meus irmãos mais velhos. Tinha como parceiro das brincadeiras meu irmão mais velho que eu um ano.

O tempo passou, fui crescendo e descobrindo outras formas de diversão. Um pouco mais crescido, comecei a inventar algumas engenhocas feitas com madeiras de caixotes e sabugos. Os sonhos brotavam na mente: um pouco fazendeiro, um pouco tratorista, motorista e cantor. Essas eram minhas brincadeiras prediletas e acessíveis à minha realidade, vivendo sem ter contato com outras crianças. Os amigos que tinha eram meus próprios irmãos.

Os anos foram passando e os desafios aumentando, os fatos iam acontecendo e dois deles marcaram essa fase de minha vida: o primeiro foi quando estávamos brincando num monte de pranchas e de repente apareceram dois cavaleiros que passavam a uns cem metros de distância, meu irmão resolveu, de uma hora para outra, arrumar outro pai e gritando disse: – Benção, papai! Benção, papai! Esqueceu-se que mamãe estava bem perto de nós. Foi uma surra daquelas que eu nunca esqueci. Apanhei de graça. O segundo fato, ocorreu em uma das minhas andanças pela roça, coisa que fazia pelo menos duas vezes por semana. Não era para trabalhar, mas para visitar meu pai e meus irmãos que lidavam com a terra de sol a sol e também para buscar algumas frutas que tinham em abundância. Às vezes, chupava melancia, e quando fui pegar uma aconteceu o inesperado, sem perceber pisei numa formiga preta, que estava entre as ramas, a danada era daquelas que ferroa e deixa suas vítimas com dor por um período de doze horas. Chorei bastante e antecipei o almoço de papai e de meus irmãos. Fui levado para casa nas costas de papai que, chegando a casa, percebeu que eu estava molhado de suor todo encharcado de xixi.

Aos seis anos, mudamo-nos para outro local na mesma fazenda, mas com o nome de São José. Neste local, tinha um córrego e uma vasta vegetação que levava o mesmo nome, e ficava bem pertinho de casa. Enfim, mudamos para uma casa grande, com paredes de pranchas e telhado coberto de telhas de barro e de chão batido. Na cozinha tinha um enorme fogão à lenha. Mamãe assava bolo no forno e papai, após o jantar, quase que diariamente, colocava amendoim com casca para torrar. Nesta época, comecei a levantar bem cedo, pois as atividades foram divididas e me sobrou o trato dos porcos e das galinhas e, quando necessário, levava água e alimentação na roça. O tempo que me sobrava brincava com meu irmão, quase sempre sob a sombra de um açoita-cavalo centenário que, na época de sua floração, as flores se transformavam em bois ou em outros animais dependendo do tamanho delas. Os brinquedos quase sempre eram inspi-

rados naquilo que a natureza oferecia; tudo era inventado: carrinho, peteca e bola, que era feita com garrafa de plástico duro, para chutá-la era uma dificuldade. Moramos ali quase três anos.

O trabalho aumentava e, com oito anos, comecei a ajudar na roça, capinava até às dez horas ou até que o sol estivesse ameno. Já rapazinho, comecei a andar sozinho. Um belo dia, fui dar uma volta numa mata perto de casa e me deparei com uma pequena onça jaguatirica, mas o susto foi tanto que dei um grito e corri para casa. O animal, assustado, se embrenhou na mata. Depois dessa andança, fui outras vezes e aquele susto me fez perder o medo.

Nos finais de semana, andava bastante, ia ao campo de futebol com meus irmãos, onde encontrávamos os vizinhos que moravam a léguas de distância e que quase sempre traziam seus filhos. Era a oportunidade de conversar e brincar com outras crianças, criando, assim, certo laço de amizade.

Aos nove anos, mudamo-nos para uma furna, onde só havia, como vizinho, um velho carvoeiro que vivia sozinho; esta fazenda era do Sr. Jarbas e ficava na região de Campo Alegre, no município de Rochedo-MS. A terra era virgem e com vegetação típica do cerrado, foi desmatada para o cultivo de arroz e de outras culturas de subsistência. Começava a minha adolescência: trabalhando na roça, capinando, plantando, cortando arroz, fazia de tudo. Na época da colheita, quando ia bater o arroz, o pessoal vivava a noite trabalhando. Meu trabalho era levar comida e água para eles, às vezes, passava um sufoco naquela escuridão. Mas sobrava um tempinho para fazer algumas estripulias na companhia de meu irmão.

Aos domingos, quando estava disposto a caminhar uns doze quilômetros, acompanhava meus irmãos que iam jogar bola. No campo, a convivência, na maioria das vezes, era com pessoas adultas, crianças ali era raro, mesmo assim, conseguia me divertir, visto que o local era de uma beleza nunca vista. Ficamos nesta fazenda dois anos e depois nos muda-

mos para Campo Grande, para um bairro da periferia cercado de favelas. A casa era de madeira com quintal cercado de balaustre. Fui me adaptando à nova realidade.

Nessa casa, tive o primeiro carrinho de plástico e o contato com uma bicicleta; comecei a jogar bola e a conhecer outras brincadeiras. A escola era novidade. Iniciei a vida escolar um pouco tarde, aos onze anos, na Escola Estadual Amando de Oliveira. No começo foi muito difícil: as diferenças de idade, uns com sete, outros com quinze anos. Foi complicado, eu ficava meio perdido e fazia o que podia, porém acabei me adaptando rápido e tendo êxito na aprendizagem, terminei o ano como melhor aluno da série inicial, o que se repetiu nas duas séries seguintes.

Com quatorze anos, fui estudar no período noturno na Escola Municipal Padre Heitor Castoldi. Meu pai teve que pedir autorização para eu poder cursar a Educação Integrada, que se equivalia à quarta série. Era novidade estudar à noite. Era o aluno mais novo da sala e da escola. Foi bom, aprendi muito com as pessoas mais velhas que me incentivavam bastante e nem sentia o cansaço do trabalho do dia a dia. Eu era o mascote da sala e representava o grêmio da escola. Concluí o ano letivo e as duas séries seguintes, tendo sempre um bom aproveitamento, apesar de, às quartas-feiras, por vezes, sair da escola na hora do recreio, alegando dor de cabeça, para dar continuidade ao meu divertimento favorito: o futebol. Como morava perto do estádio e era apaixonado pelo esporte, não perdia um jogo sequer, cumpria o dever de casa e não deixava de ir às aulas e nem perdia o futebol. Isso se estendeu nos anos seguintes. Cumpridor do meu dever, saí da escola como aluno exemplar.

A sétima série cursei na Escola Estadual Riachuelo. As dificuldades aumentaram e eu tinha de trabalhar até às 18h. Chegava a casa e só havia tempo para tomar banho, porque tinha de caminhar até a escola, o jantar ficava para a volta. A maratona era instigante e me cansava muito, o que refletia na aprendizagem, mesmo assim superei. No ano seguinte prestei

o serviço militar. Para “servir à Pátria”, fiquei fora da escola. Mais tarde, retornei e me matriculei na Escola Estadual Gal. Malan, as dificuldades se repetiam, embora procurasse me empenhar ao máximo, os resultados não eram os melhores. Apesar disso superei mais essa batalha e segui em frente, fui cursar o primeiro ano do científico na Escola Estadual Maria Constância de Barros Machado. Foi uma decepção, a escola era desorganizada, poucos iam para estudar e a direção tinha dificuldade para manter a ordem, saí da escola.

No ano seguinte, fui estudar na escola particular Argemiro Fialho. Fiz o curso Técnico em Contabilidade, tive poucas dificuldades para concluí-lo. O mais difícil era pagar as mensalidades, já que eu ganhava um mísero salário mínimo como auxiliar de escritório.

A adolescência não foi muito diferente das outras fases de minha vida, que foi sempre regada com poucos recursos financeiros, embora trabalhasse e tivesse a responsabilidade de ajudar a manter a casa, o pouco que me sobrava ia juntando e comprando objetos pessoais. Gostava de sair aos finais de semana, fazendo uma verdadeira peregrinação nos bairros próximos com meus amigos de fé: Ronaldo e Teodoro. Tentei ser jogador de futebol, mas, com pouco físico e estatura pequena para o padrão da época, não pude ser. Então, tive que me contentar em jogar bola nos finais de semana nos campeonatos interbairros.

Entre a juventude e a fase adulta pouca mudança houve. As responsabilidades continuaram: trabalhando e estudando. Nos finais de semana praticava esporte, bailava um pouco e sobrava tempo para me dedicar a um movimento da Igreja Católica, a Pastoral da Juventude, até o início da década de 90. Nessa época conheci uma pessoa em uma viagem, começamos a namorar e, em 1993, ela ficou grávida, fomos morar juntos. Trabalhamos e moramos no mesmo local, quando nossa filha estava para vir ao mundo fomos morar com minha sogra. Moramos com ela por sete meses, depois mudamos para nossa casa. As responsabilidades aumentaram, che-

gava a casa, papericava um pouco o bebê e a fazia dormir. Durante a noite ficava atento a qualquer gemido diferente, pois era muito preocupado. Era cansativo, mas um cansaço prazeroso.

Um ano e meio depois, recebi um outro presente, um menino que nasceu com três quilos e meio e cinquenta e um centímetros, quase um gigante. Era uma criança muito tranquila e não dava trabalho: mamava, brincava e dormia. A vida continuou, eu chegava do trabalho à tarde, as crianças estavam à minha espera para dar um passeio pelas ruas do bairro, passávamos pela padaria e terminávamos em casa. Elas eram muito apegadas, queriam dormir sempre comigo, uma dormia no meu braço e a outra colocava um travesseiro nas minhas pernas e dormia. Era uma forma de compensar a minha ausência durante o dia. Tivemos alguns bons anos de convivência familiar; contudo, me separei, apesar de meus filhos ainda estarem pequenos: um com seis e a outra com sete anos, que ficaram com a mãe.

Quando o meu filho começou a estudar, brigava muito e tinha pouco aproveitamento na aprendizagem, por isso veio morar comigo. No primeiro mês, ora lhe puxava a orelha, ora lhe dava carinho. Consegui assim deixá-lo calmo, o que fez com que ele melhorasse seu desempenho escolar. Ficamos um ano e meio juntos, depois ele voltou a morar com a mãe. Procurei estar em contato com eles sempre que possível, mas depois que fui morar na área rural as coisas ficaram um pouco mais difíceis. Telefone sempre que posso, falo mais com meu filho pelo fato de ele ser mais caseiro, a menina sempre está na casa das amigas.

No começo de 2009, tive uma surpresa, meu filho disse que viria morar comigo a partir das férias de julho, e realmente veio. Ele está bem e feliz, mesmo sem ter o vídeo game, a tv, a geladeira com doces e outras guloseimas. Está saudável, dormindo mais cedo e acordando às 5h. Melhorou seu desempenho escolar, pouco a pouco está ficando mais responsável e se integrando à nova realidade.

Volto um pouco ao passado e relembro como começaram minhas experiências como trabalhador urbano. Aos quatorze anos, trabalhei como gari na Prefeitura de Campo Grande; depois fui vender jornais nas ruas da cidade, não durou muito. Em seguida, trabalhei numa construtora como servente: fazia massa, carregava tijolos. Olhando o pedreiro trabalhar, já no primeiro dia comecei a tentar assentar alguns tijolos. Ao ver o meu empenho, o mestre de obras me colocou para fazer reparos nas casas já construídas, fiz isso até o final da obra. Depois fui ser mecânico e, logo em seguida, balconista de loja de autopeças. Empreguei-me também numa empresa de telecomunicações, depois fui contratado por um escritório de contabilidade, com dois dias trabalhados fui cedido para uma grande joalheria que era de um dos clientes do escritório. Trabalhei ali por quase três anos. Desenvolvi também outras funções: impressor tipográfico, carimbeiro e chaveiro.

A vida não parou por aí, os desafios vieram me colocar ao encontro de minhas origens, voltei a morar no campo. Hoje sou Trabalhador Rural Sem Terra.

Tive uma vida quase que totalmente focada no trabalho, desde minha pré-adolescência, com formação de berço galgada em valores morais que me fizeram buscar um caminho diferente na formação como pessoa humana e também como agente transformador. Na Igreja, tive uma formação política baseada na ética e na valorização do ser humano. Através de grupos de jovens pude desenvolver um trabalho de conscientização de jovens e adultos, buscando mostrar uma visão de um mundo diferente, onde todo indivíduo pode contribuir e transformar seu meio. Como ser social, nunca me mostrei mais importante que minhas ações, sempre gostei de ajudar e aparecer o mínimo possível.

Durante alguns anos, contribuí com o Movimento Sem Terra, a CUT Rural e como militante de carteirinha do PT, quando ainda estava se estruturando no Estado, que de vovozinha passou a lobo mau. Decep-

cionado com a política partidária, resolvi voltar às minhas origens. Fui fazer parte de um acampamento nas proximidades de Campo Grande, participando das reuniões nos finais de semana e também de manifestações e ocupações. Nessas idas e vindas se passaram uns dois anos e meio, só então tive a oportunidade de discutir um projeto cooperado no P.A. Terra Solidária. As discussões eram acirradas e os interesses pessoais prevaleciam: de um lado o representante da Coames e de outro o da CUT. Não houve entendimento entre os grupos e o projeto ficou prejudicado, algo que era único passou a ser rediscutido em grupos separados. Mudei para os fundos da fazenda com o grupo e começamos a desenvolver uma organização mais democrática que era combatida pelas famílias aliadas ao chefe, tudo teria que ser do jeito dele, ele tinha o poder e era um dos coordenadores da CUT Rural. Fui tentando mostrar às famílias que o processo estava errado, e, com muito trabalho e algumas pauladas, conseguimos deixá-los quase isolados. As famílias passaram a ter voz e vez na construção do projeto coletivo a ser discutido. Continuei participando por mais alguns meses mas fui obrigado a desistir da luta por problemas pessoais. O projeto coletivo não foi concretizado, depois de alguns meses, foi tudo individualizado, antes mesmo de se tornar assentamento.

O desejo de voltar a terra continuou, passaram-se alguns anos, voltei à luta pela terra. Agora pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Após ter uma experiência em Dourados, com o acampamento semi-aberto, o Movimento abriu um acampamento na área urbana de Campo Grande, me pediu para organizá-lo. No início fomos tirados à força e com violência pela tropa de elite do então prefeito de Campo Grande. Machucaram várias pessoas. Um dia depois, estávamos de volta no mesmo local. Ficamos uns quinze dias e mudamos para um local mais seguro. Desse acampamento saí para o pré-assentamento na Fazenda Eldorado no município de Sidrolândia. Um ano e meio depois, o assentamento recebeu o nome de P. A. Ernesto Che Guevara. Os problemas são muitos, como

na maioria dos assentamentos recém-implantados: transporte, escola, lazer precários, ou seja, a infraestrutura é quase inexistente. A distância das cidades – Sidrolândia e Nova Alvorada – que poderiam estar absorvendo a nossa produção é muito grande, aproximadamente 70 km, e de Campo Grande 100km, o que dificulta o comércio da nossa produção.

Sem o investimento necessário para o desenvolvimento do assentamento, fica difícil. No meu caso, que ainda moro em um barraco à luz de velas, aumentam as dificuldades na elaboração dos meus trabalhos acadêmicos, o que se agrava pelo fato de eu ter ficado duas décadas fora da escola. Além disso, minha deficiência de visão prejudica bastante e dificulta a aprendizagem.

No curso de Licenciatura em Ciências Sociais/PRONERA, o relacionamento com os colegas é bastante harmonioso, tenho facilidade de me comunicar tanto com os acadêmicos quanto com os professores, que são de uma genialidade fora do comum. Especialmente o dueto da Língua Portuguesa, que ministra suas aulas de forma surpreendente e com uma metodologia de trabalho que busca valorizar os elementos sociais e culturais de cada comunidade, trazendo um melhor discernimento acerca das diferenças de cada ser social e ajudando no crescimento do indivíduo. Embora eu esteja passando dos 40 anos, estou me organizando para cursar outra faculdade, para que eu tenha uma melhor preparação, um acúmulo maior de experiência, possa contribuir com a formação de outras pessoas e também, é claro, melhorar minha vida no sítio.

Edmilson Marques dos Santos

Revivendo passado e presente entre serras e planície

Serra da Bodoquena, um lugar muito bonito por sinal, quem não conhece deveria conhecer por ser um lugar muito atraente e turístico de uma beleza exuberante. Neste local conhecido como Bandeirante uma colônia de agricultores familiares, iniciada em na década de 1960, era povoada por várias pessoas corajosas entre elas, Horácio Moura dos Santos e Prescila Marques dos Santos, um casal de baianos fugidos da seca. Também habitavam o lugar José Dias da Cunha e Anita da Conceição, ambos criados em fazendas de café no triângulo mineiro. Na colônia criaram 5 filhos, entre eles Aparecida Conceição dos Santos.

Em 2 de agosto de 1976 nasceu Edmilson, filho de José e Aparecida. Para muitos já existia hospital ou meios mais confortáveis para vim ao mundo, para esta criança ainda não existia, e por isso nasceu das mãos de uma “parteira” que era bastante conhecida na região. O parto foi muito difícil, mas a criança nasceu bem saudável com 4,4kg, na casa de seus avós paternos na colônia Bandeirante. Quando estava com dois anos teve uma forte anemia, ficou internado 4 dias em Miranda e tomou sangue.

Edmilson Marques dos Santos foi o nome dados pelos pais; por ser registrado no município de Miranda é mirandense por registro, e bodoquenense de nascimento. O nome escolhido não tem nenhum significado específico, seus pais só queriam que fosse parecido com o do irmão mais velho que tem o nome de Edilson e, assim, prosseguiu Edimir, Edilei e a irmã, que não prosseguiu com o “E”, tem o nome de Sandra porque no momento não acharam nenhum nome para ela que começasse com a mesma letra dos irmãos.

Edmilson, aos 3 anos de idade foi morar na fazenda Santa Luzia no campo dos índios. O pai trabalhava de campeiro e a mãe trabalhava na sede como doméstica. A sede da fazenda era muito grande, tinha o mangueiro para o gado, o pátio era bastante extenso com porco, galinhas não se sabe o tamanho da fazenda, mas os peões tinham que andar dois dias para ver todo o gado que tinha. O dono da fazenda vinha uma vez por ano de avião. Edmilson e família moraram um ano nesta e voltaram para Bandeirantes para o sítio de seus avôs paternos.

Foi junto com sua mãe e seu pai que Edmilson viveu até aos 8 anos de idade, neste período todos trabalhavam na roça. Seus pais saíam cedo para o trabalho; então o irmão mais velho tomava conta dos mais novos, o que infelizmente era uma tristeza porque o mais velho tinha entre 8 e 10 anos e não tinha condições nenhuma de cuidar dos irmãos. Neste espaço de tempo, as crianças e o mais velho teriam que socar arroz no pilão para que a hora que a mãe chegasse do serviço pudesse fazer o almoço ou a janta. Muitas vezes, o irmão mais velho cozinhava arroz com muita casca sem limpar por completo para os irmãos, para que comesse porque estavam com fome. Há uma história interessante que vale ser lembrada: um dia o irmão caçula estava chorando de fome e não tinha o que dar para comer, então fez uma água doce para o irmão, mas no lugar da açúcar se enganou e colocou sal, então o irmão caçula vomitou muito. Quando a mãe e o pai chegaram do trabalho, encontraram o menino muito ruim de tanto vomitar; fizeram um remédio caseiro, e assim a criança melhorou.

O tempo foi passando, e já não ficavam tanto sozinho, pois os maiores como Edilson e Edmilson, já acompanhavam o pai e a mãe para a roça. Já ajudavam a capinar, outras vezes ficavam na sombra dos pés de mamão brincando de carrinho e outras brincadeiras. Os menores ficavam com a avó paterna que morava próximo. Edmilson sempre queria ficar com a avó a quem era muito apegado.

Aos sete anos de idade, começou a estudar na escolinha da colônia Bandeirante: Escola Municipal José Gonçalves da Silva. Era um menino muito tímido, se sentia muito inferior aos demais. O professor Benedito

Ladislal da Silva, que não tinha nenhuma formação profissional para lecionar, tinha um conhecimento literário, pois na época ele tinha o 4º ano primário que era uma formação acima dos conhecimentos da comunidade. Então desde o início da colônia, começou a trabalhar na educação e era um serviço que fazia muito bem. Edmilson não era muito aplicado, mas estava entre os melhores.

Aos 8 anos de idade, Edmilson passou por um processo bastante doloroso, a separação da mãe e do pai. Neste período, o pai de Edmilson estava se recuperando de uma queda de cavalo que aconteceu porque estava em uma comitiva puxando gado. Ficou em coma por uns 15 dias, pois teve um derrame cerebral, ficando por mais de meses paraplégico e tem sequelas até hoje. Como não podia trabalhar com serviços pesados, a comunidade fez um mutirão e estava construindo uma casa nova para que toda a família pudesse recomeçar uma nova vida.

A infância e parte da adolescência foram vividas junto com os pais e seus irmãos. Todos moravam em uma propriedade do seu avô no sítio Nossa Senhora Aparecida de 62 hectares um local de terra muito fértil, todos trabalhavam juntos na lavoura e na criação de gado e tiravam dali o próprio sustento.

Neste local onde moravam, todos eram conhecidos ou parentes próximos. Por não terem ainda energia elétrica, todas as crianças se reuniam na casa da tia Maria por ser uma casa que tinha 5 crianças e ela era bastante acolhedora e mesmo não sendo tia de alguns, ainda assim era chamada de tia.

As brincadeiras durante o dia eram de carrinho feito com pedaços de pau e rodas de sabugos, de carriola, um brinquedo feito com latas de óleo, em que se enchia as latas de terra amarravam-nas um arame que passava por dentro da lata e colocava-se uma corda e pronto, era só começar a puxar e brincar. Ainda tinha o jogo de bete, pescaria de peneira nos curichos, muitas vezes pegavam muitos lambaris, e também caçavam passarinho de estilingue. No período da noite, as brincadeiras mudavam, iam até

tarde da noite brincando de cair no poço, de cantigas de rodas, de fala de versos, e pega-esconde e passa anel.

A partir da separação de seus pais Edílson, Edmilson e Edmir foram morar com seus avós paternos, avó Prescília e avô Horácio, como já eram acostumados com a avó não estranharam muito, mas sentiam muita falta da mãe. O Edmilson sentia menos, pois era bastante apegado à avó. O pai foi embora para Campo Grande para ficar longe de toda a confusão que a mãe tinha arrumado.

Tempos muito difícil para as três crianças, mas como tinham bastantes primos e colegas isto foi sendo superado. Os avós eram bastante linha dura, não davam folga, por isso não sobrava muito tempo para brincar. Moleque sempre arrumava tempo, por exemplo, quando ia pegar lenha para a cozinha. Edmilson lembra de uma história junto com o primo Cristiano que trelaram dois sacos de mamão e colocaram no lombo de uma égua e o leite do mamão danou a pinicar o lombo do animal. Então ela começou a se esfregar nos pés de pau com o primo em cima até que ela deitou e todos ficaram apavorados sem saber o que fazer, pensando que o animal estava doente ou com algum problema e, por fim, levaram o mamão todo nas costas.

Edmilson terminou o 4º ano na escolinha da comunidade e passou a estudar na escolinha do distrito de Morraria na escola municipal Marechal Candido Rondon onde funcionava da 5ª série a 8ª, os alunos da colônia andavam 5 quilômetros até a escola. Não sentia muito cansaço, nem esmorecia, porque ia junto com umas 15 pessoas e fazia uma grande farra na estrada de chão. Diziam que conheciam até as pedras que existiam no meio da estrada. Pelo caminho, iam contando histórias de assombração, dentre outras.

Em casa, com seus avós e seus irmãos, era uma convivência bastante tranquila e harmoniosa. Os avós já com uma idade avançada tinham muitos problemas de saúde e se tratavam em Campo Grande. Aos 13 anos de idade, seu irmão mais velho foi embora para Campo Grande, fican-

do os dois, que quando os avós iam viajar para tratar da saúde, eram eles quem tomava conta do gado, dos peões na lavoura e também teria que cuidar de um bar que tocavam nesta época.

Aos 15 anos, se formou na escola da Morraria e foi através do secretário de educação do município que conseguiu uma vaga junto com o seu primo Cícero de Moura para estudar em uma escola agrícola em Garças, interior de São Paulo. Tanto para Edmilson como para toda a família e conhecidos da comunidade era uma experiência inédita. Os avós pensaram muito até decidir deixar que Edmilson fosse para São Paulo; o grande aperto no peito foi deixar seu irmão sozinho e toda a amizade que tinha com os amigos. Na véspera da viagem, a avó arrumava a bagagem, a matula era frango caipira frit, o colocado em uma lata de leite ninho com farinha e ela dizia que aquela matula duraria até 30 dias se tampasse correto. A tia Maria também veio com toda a turma, trazendo bolos, salgados e também para rezar um terço para que o viajante pudesse ir em paz. E foi assim que no dia seguinte partiu, o seu padrinho junto com seu avô foram levá-lo até à rodoviária de Bodoquena e em Campo Grande seu pai estava esperando para embarcá-lo para o colégio.

Tudo era encarado com muita estranheza para os dois estudantes que nasceram entranhados em meio às serras de Bodoquena e que agora estavam vivendo outra realidade. Seria como se saíssem das trevas para uma clareira imensa. Teriam de conviver com outra realidade que não tinha nada a ver com a que viviam em sua comunidade pacata sem as tecnologias do mundo moderno, sem ter acesso à energia elétrica.

Na escola, Edmilson, como era muito tímido, demorou muito para se enturmar e fazer amizades, e como todos tinha apelido foram logo arrumando um apelido para os dois. Edmilson passou a se chamar “Tiãozinho”.

No segundo ano, que estava no colégio o avô desanimou de morar na colônia e acabou vendendo as suas terras e se mudou para o assentamento (Colônia Conceição, no município de Nioaque - MS). Lá ele comprou outra área de terra para trabalhar, mas, em seguida, teve muito pro-

blema de doença e foi para Campo Grande para tratamento em saúde. Edmilson tinha muitos sonhos para quando se formasse em técnico em agropecuária. Tinha em mente uma grande ilusão de que ia ganhar muito dinheiro, mas, afinal, o curso de nível médio tinha o papel de profissionalizante.

Edmilson viveu intensamente esta escola, formando-se no final do ano de 1996, não participou da formatura porque o avô e a avó não tinham condições financeiras e de saúde para financiar a festa. Terminando seu curso, insistiram para que fosse procurar um serviço e trabalhar de técnico em agropecuária, mas ele não quis porque tinha o sonho de ajudar o avô e transferir seu aprendizado. Frustrou-se bastante porque as condições para a realização de seus sonhos eram muito limitadas.

No ano de 2008, a sua avó veio a falecer, pois já vinha doente há muito tempo e não resistiu a uma forte pneumonia. O avô sofreu um derrame, e o avô decidiu transferir o terreno para Edmilson. Tal ideia não foi bem vista pela família, por isso Edmilson entrou em um acampamento para conseguir uma parcela de terra e evitar a confusão com os tios e tias.

○ acampamento de Sem-Terra

Para o acampamento, foram Edmilson e o irmão, para que pudessem trabalhar juntos futuramente. Logo em seguida, conheceu Laurentina, dirigente do MST na regional pantaneira. Ela indicou que fosse até o acampamento Geraldo Garcia e procurasse a coordenação.

O período de acampamento foi um dos melhores momentos na formação da vida deste jovem, que aprendeu junto com a organização social do MST a lutar pela causa dos menos favorecidos e excluídos da sociedade. Chegou ao acampamento, formado em 1994 com o nome de Guachupé, no mês de julho de 1998 formado pelo militante Geraldo Garcia, que logo em seguida veio a falecer em um acidente de carro no Estado de

Roraima. Os acampados sabendo do acontecido deram ao acampamento o nome de Geraldo. Os acampados foram despejados da fazenda Guachupé para a BR que liga Anastácio a Nioaque, onde ficaram por 2 anos neste local quando ocuparam a Fazenda Triunfo com 5000 hectares de terras no município de Nioaque.

Segundo o levantamento das famílias, na época o proprietário desta fazenda era um médico da capital de São Paulo e o mesmo tinha muita influência política no município de Anastácio. Nesta foram feitas 12 ocupações e 12 despejos. O primeiro despejo foi, para Edmilson, uma grande aventura porque pela primeira vez estava participando de um ato que só via na televisão.

A ocupação era por conta das famílias que ali estavam, já a desocupação era por conta do fazendeiro, momento em que os camburões acompanhavam até o final. Nesta 10ª desocupação, as famílias resolveram fazer uma estratégia para não ser despejadas. Como eram os policiais que acompanhavam os despejos e nunca ninguém da fazenda, os policiais não conheciam o território, a coordenação elaborou um plano e foram despejados de um lado da fazenda e andaram em cima de caminhão, dentro de ônibus, carros particulares, em tratores durante toda a noite e quando amanheceu o dia estavam do outro lado da própria fazenda. Os policiais totalmente esgotados de fazer a escolta dos sem terra foram embora sem perceber este detalhe. Para os acampados, era normal ter que mudar a cada 20 ou 30 dias. Então, não se preocupavam, chegando com todo aquele amontoado de “buchos” como eles chamavam, eram crianças chorando, era mulher dando de mamar às crianças ou ajeitando um abrigo para os mesmos descansarem. A coordenação já ia organizar o lugar onde cada grupo ia fazer os seus barracos. Neste momento, o coordenador da segurança já tinha se organizado e estavam de plantão nos pontos estratégicos; os setores funcionavam com muita agilidade. Lembra Edmilson que o setor de saúde estava sempre orientando para que cuidassem da

água e discutissem um lugar adequado para tomar banho e outro para que pudesse usar a água para o consumo doméstico. Nas farmácinhas ambulantes sempre tinham os medicamentos básicos como o de dor de cabeça, o soro fisiológico.

Mesmo diante desse barulho, ninguém se esquecia do violão, os cantores logo começavam a animar, cantando as músicas das noites de se-re-stas. Edmilson, no grupo de solteiros, como os demais não se preocupava em fazer barraco fazia sempre por último, pois gostavam muito de ajudar aqueles que tinham família a construir seus barracos. Edmilson dividia o barraco com o professor da escola do acampamento e não se preocupavam com nada, porque todos gostavam deles então comiam na onde chegavam. Quando os dois construíam o barraco, era uma festa todos os solteiros do grupo iam para lá para tocar viola.

A juventude em um barraco de lona para ele foi uma grande vantagem, pois pode aprender muitas coisas que a vida oferece e é só junto com o povo que se pode aprender. Ali aprendia sobre a luta social, sobre solidariedade, cooperação, companheirismo.

Ele explica que os acampamentos do MST têm uma vantagem muito grande por ser uma escola de vida, é o lugar onde pode expressar o que se pensa e o que gosta, sem ter alguém para reprimir as suas ideias. No acampamento, com 30 dias que estavam na ocupação na fazenda, chegou o oficial de justiça com o mandato de reintegração de posse. As famílias queriam resistir, mas com a orientação dos dirigentes todos resolveram sair e foram encaminhadas para uma área de reserva ambiental do governo estadual no fundo do assentamento Padroeira do Brasil também em Nioaque.

Neste local, constituíram acampamento com 280 famílias, mas a reserva fazia divisa com a fazenda; então construíram a escola dentro da fazenda, com campo de futebol e usavam água de um rio que passava dentro da fazenda. Sendo assim, para o fazendeiro, era uma afronta, porque

na realidade a área estava ocupada em partes.

Estas famílias sofreram na pele o poder da burguesia para defender seus interesses. Durante mais de 4 meses um oficial de justiça e policiais iam todos os dias levando recados para que desocupassem o local. As famílias não esperavam que pudesse acontecer alguma coisa, porque os barracos estavam todos na área da reserva do Estado e como o governo era do partido dos trabalhadores era mais que improvável que o mesmo iria autorizar alguma ação contra os sem terras. Mas, o que não imaginariam aconteceu. No dia 12 de junho de 1999, às 4 horas da manhã enquanto todos dormiam se ouvem tiros de armamentos pesados e todos entram em desespero. Era a polícia comandada um major, responsável pelo policiamento militar do Estado.

Ele dizia que trazia um presente do governador no dia dos namorados. Enquanto isto, atirava nos barracos, rasgando a lona, tirando homens mulheres e crianças para o meio do pasto e separando homens para um lado e mulheres e crianças para outro. Edmilson não estava lá, pois havia ido para a casa de seu avô. Aqueles que ficaram viram a morte de perto. Neste dia foram levadas presas 11 pessoas, porque os policiais tinham de culpar alguém pela ocupação da fazenda. Ficaram 15 dias presos. Com a ajuda das pessoas simpatizantes pela luta dos sem terra e com o acampamento em mobilização permanente, conseguiram libertar os presos.

Tendo que sair deste local, as mesmas foram para a sede do assentamento Padroeira do Brasil que também é um assentamento que deu início à luta dos sem terras no Estado de Mato Grosso do Sul. As famílias foram acolhidas. Durante a reunião da coordenação, discutiu-se que precisariam de 4 pessoas para que pudessem ir para a marcha popular que ia sair do Rio de Janeiro para Brasília. Edmilson, Nescou, Reinaldo e Euvira se propuseram a ir participar e, assim, que apareceu um caminhão, eles embarcaram de carona até Campo Grande, de onde saíram 40 pessoas com destino ao Rio de Janeiro.

A saída da “Marcha Popular pelo Brasil” aconteceu no dia 26 de julho, no centro do Rio de Janeiro, na frente da sede da Petrobrás e do BNDES. O ano era o de 1999. Os locais escolhidos para partida e chegada da Marcha eram simbólicos, em uma conjuntura de privatizações controladas pelo capitalismo financeiro – como foi o caso da privatização da Vale, da abertura de capital da Petrobrás. De lá, os marchantes atravessaram os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Foram necessários noventa dias, inumeráveis debates, mutirões, acampamentos, até a chegada ao prédio do Banco Central, em Brasília, onde também fica instalada a sede do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Na primeira atividade prática da Consulta Popular, a “Marcha Popular pelo Brasil” reuniu 1.100 militantes de diferentes movimentos sociais, da cidade e do campo, vindos de 23 estados, que percorreram juntos o equivalente a 1.600 quilômetros. Os caminhantes levavam duas tarefas na mochila: um abaixo-assinado contra a privatização da Eletrobrás. O objetivo principal, porém, era lançar o debate sobre a necessidade de um “Projeto Popular para o Brasil”. A marcha resgatou a simbologia do trabalho militante e de agitação de casa em casa, pessoa por pessoa (MST).

Por onde passava, realizava debates nas ruas, escolas, associações, universidades e igrejas. Alimentava-se nas bandeiras e necessidades do povo. Mais de 200 mil pessoas tiveram contato com o debate, apesar do bloqueio realizado pela mídia empresarial, contornado com o trabalho militante nos meios de comunicação de cada localidade. A marcha foi recebida pela sociedade por onde passava com ações de solidariedade, respeito e admiração (MST).

Há que se enfatizar o aprendizado de cada militante naquele processo. Não existia acúmulo de tarefas na marcha, cada um tinha sua função, portanto não acumulávamos funções. Chegaram em outubro, no dia 07, quando outros militantes somaram-se à caravana. O Projeto Popular ganhava, a partir de então, cinco eixos principais. O momento mais feliz foi a chegada. O fato de vencer todos os obstáculos. É inesquecível quan-

do confeccionamos uma bandeira do Brasil e desse painel saiu uma criança no meio - construir o novo país será obra de muita gente, persistente, audaz, solidária.

A Coordenação Nacional da Consulta Popular avalia que a marcha foi um passo inicial para a consolidação das linhas de ação da Consulta Popular e do seu horizonte programático.

Dez anos se passaram desde a Marcha Popular pelo Brasil. A atividade pedagógica surgiu no caldo de lutas anteriores. Para ser mais exato, em 1997, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) deslocou 100 mil militantes até a capital federal, no episódio da “Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça”. Em 1998, foi a vez da “Marcha pelo Brasil”, quando marchas do MST deslocaram colunas do interior para a capital dos estados.

O mais importante foi a experiência de exemplo pedagógico. Para apresentar um projeto diferente, os militantes não iam de ônibus ou de avião, ao contrário, foi uma marcha real, de ação pedagógica, tanto para os marchantes, que se qualificaram dando cursos, como para a população, que passou a entender a questão do Projeto Popular, por meio deste exemplo, em milhares de locais. Grande experiência de exemplo pedagógico, fundindo a ideia do Projeto Popular enquanto ação.

No acampamento, Edmilson passou a participar mais da organização interna e no dia 12 de fevereiro de 2000 em uma roda de viola Edmilson passou a conversar com a companheira de luta Sônia, de 24 anos de idade e mãe de 3 filhos. Foi assim que começou uma relação mais profunda, namoraram três meses e resolveram morar juntos. O tempo foi passando e os dois juntos se assumiram como família, enfrentando as dificuldades.

No ano de 2001 resolveu ir para o Rio Grande do Sul, estudar na escola técnica em Administração de Cooperativa em uma escola sob a coordenação do MST, como era uma escola de alternância ia duas vezes por ano e contribuía com a militância no período que ficava na comunidade.

Mas, o compromisso que tinha assumido enquanto família pesou muito para que pudesse continuar no curso, pois este era de 3 anos. No ano de 2002, a família de Edmilson foi assentada e agora tinha de tocar a parcela. E assim para conciliar estudos e trabalho na terra, ficou muito difícil. Na parcela, sofreram muito juntos, tendo ele que trabalhar por diárias durante 6 meses para não passarem fome em cima do lote. Foi com muita batalha que conseguiram vencer esta etapa de sua vida.

Ele nunca desistiu de lutar e no ano de 2006 sofreu um sério problema de saúde; passou por um processo de insuficiência renal, fez hemodiálise por 9 meses. A família contribuiu muito e se juntou, incentivando-o a fazer transplante e, assim, a sua irmã resolveu doar o rim. Fez o transplante no dia 7 de fevereiro de 2007, a cirurgia foi um sucesso e hoje vive bem. Mesmo nos momentos mais difíceis não deixou de militar no MST e nunca perdeu seus princípios. Saindo deste problema de saúde entendeu que deveria estudar novamente, pois é uma atividade que gosta muito, e por militar em uma organização que precisa de pessoas com entendimento empírico e também com o científico.

Tendo este entendimento, resolveu prestar vestibular para o curso de licenciatura em Ciências Sociais, que graças a uma bela parceria entre a Universidade Federal da Grande Dourados UFGD, o INCRA e os Movimentos Sociais, encara o curso com muita seriedade por ser um curso que tem tudo a ver com a causa dos menos favorecidos. Mesmo estudando, Edmilson e família contribuem no Centro de Formação Geraldo Garcia (CEPEGE) no assentamento no qual são assentados há 8 anos. O mesmo tem muitos planos para sua vida e pretende aprofundar nos estudos e com eles desenvolver alguma atividade de pesquisa que contribua para a melhoria das famílias assentadas e acampadas.

Finalizando, como as pessoas nunca sabem o que pode acontecer em sua vida, Edmilson está sempre planejando novas coisas e estas realizações podem ou não acontecer, mas o importante é estar ciente dos objetivos a ser alcançados.

Elisandra Tomascheski

Meus pais se conheceram na adolescência, eram vizinhos e estudavam na mesma escola. O tempo passou, eles se apaixonaram, namoraram e se casaram, os dois eram filhos de agricultores, que lhes deram um pedaço de terra para trabalhar. Tentaram, mas não conseguiram obter bons resultados. Meu pai resolveu então mudar-se com a família para o Paraguai, país fronteiriço com o Brasil, em busca de vida melhor.

Tiveram sete filhos: dois antes da mudança para o país vizinho. Durante o período em que minha mãe estava grávida de mim, desenvolvia a mesma rotina das gravidezes anteriores: fazia o pré-natal no Brasil, no estado do Paraná, onde moravam alguns de seus parentes. Viajava a cada dois meses. A minha era a sétima gravidez de minha mãe, uma gravidez de risco. Ela ficou fraca e teve de ser internada várias vezes antes do meu nascimento. O parto foi difícil, ela quase não resistiu, porém, foi forte o suficiente para vencer a batalha. Teve de passar alguns dias no hospital e eu, como queria mamar o tempo todo, fiquei conhecida como “gulosa”.

Saímos do hospital e fomos para a casa de uma de minhas tias. Lá aconteceu a escolha de meu nome: inicialmente a proposta era Mônica, porque se parecia com Verônica, o nome de minha irmã mais velha; depois, Elissandra, para se parecer com Sandra, o nome de outra irmã. Ficaram com a segunda opção, porém houve erro no momento da elaboração da certidão de nascimento e meu nome ficou *Elisandra*. Após um mês do meu nascimento, minha mãe, meu pai e eu voltamos para o Paraguai.

Como apontado, somos sete irmãos: Verônica, Arlei, Daltro, Sandra, Antonio, Denise e Elisandra. Meu irmão Daltro teve leucemia e faleceu aos nove anos, não cheguei a conhecê-lo, pois isso aconteceu antes do

meu nascimento. Foi muito difícil para meus pais e irmãos, a doença foi descoberta quando ele tinha cinco anos, e ele permaneceu os outros quatro anos de sua vida em um quarto de hospital, na cidade de Curitiba PR, a luta dele e dos meus pais foi em vão.

Meus irmãos e meus pais fizeram parte de cada momento da minha vida. Quando comecei a estudar eu ia com o Antonio, ele me carregava na bicicleta, a escola era longe, mas valia a pena. Era uma escolinha situada em um colônia de brasileiros, só o professor era paraguaio. Havia apenas uma sala, dividida por uma cortina que separava as turmas: no período da manhã, primeira e quarta séries; no da tarde, segunda e terceira séries. Estudávamos muito, o professor não dava trégua, mas nos momentos de descanso nos divertíamos muito também.

Com o passar dos anos, a escola cresceu, passamos a ter duas salas independentes. Era uma escola pobre, sem auxílio nenhum do governo, não contávamos com faxineira, éramos nós mesmos que cuidávamos da limpeza, varriamos a sala, o pátio, molhávamos as plantas (árvores, flores) que havíamos plantado. Estudei nessa escola até o começo da quinta série, quando meu pai decidiu voltar para o Brasil.

Mudamo-nos para o Rio Grande do Sul, para a cidade de Nova Hartz. Eu tinha 11 anos, inicialmente até gostei da ideia, porque moraríamos na cidade e eu ficaria mais perto de minha avó materna, dos parentes. No entanto, quando comecei a frequentar a escola, passei por momentos desagradáveis: fui matriculada na quinta série, mas não sabia escrever em português, só em espanhol. O meu primeiro dia de aula foi horrível, a escola era enorme, com muitos alunos (eu só conhecia minha prima), muito tumulto, na sala de aula me chamavam de paraguaia. Quando tocou o sino, fiquei muito assustada (na minha antiga escola não existia sino, era o professor quem nos chamava para entrarmos na sala). Apesar de na nova escola haver salas maiores, quadra de esportes, pessoas responsáveis pela limpeza, eu sentia muita falta da outra, aquela que eu tinha deixado para traz junto com o jeito simples de levar a vida.

Vivemos no sul por dez meses, minha mãe não se adaptou lá. Decidiu-se que voltaríamos para o Paraguai (meu irmão Arlei resolveu ficar com a esposa e a filha). Retornamos para a mesma região de onde havíamos saído; contudo, fomos morar na cidade, pois meu pai montou lá uma marcenaria. Estávamos muito felizes. Eu estudava em uma escola grande, onde a maioria dos alunos eram paraguaios, eu preferia estar entre eles. Tinha um grupinho de amigos – todos paraguaios – eu era a única brasileira entre eles. A parte ruim era que às vezes eles falavam em guarani e eu não entendia, então eles traduziam para mim, aos poucos fomos nos adequando, eu tentando aprender guarani e eles procurando utilizar mais o espanhol para falar comigo. Nesse ano meu irmão Antonio se casou com a Nancy.

Fui uma adolescente tranquila, gostava de jogar handebol na escola e vôlei na rua, em frente da minha casa. Como muitas adolescentes, vivi uma paixão secreta pelo namorado de minha melhor amiga (ele nunca ficou sabendo, nem ela, a única pessoa que tinha conhecimento, era a esposa do meu irmão Antonio, a qual me dava muita força, minha cunhada Nancy). Nessa fase, vivi também alguns conflitos familiares.

Aos quatorze anos, fui morar, a uma distância de mais ou menos cento e cinquenta quilômetros, com uma de minhas irmãs para trabalhar. Trabalhávamos com eletrônicos. Não foi nada fácil para quem estava acostumada a dormir até tarde, a brincar, a apenas estudar.

Em determinado momento, meus pais decidiram retornar outra vez para o Brasil. Foram para um acampamento na Fazenda Itamarati. Minha mãe ficou morando em Ponta Porã, em uma casa alugada, com minha irmã Denise. Meu irmão Antonio, a esposa e a filha deles também vieram para o Brasil e ficaram morando com minha mãe em Ponta Porã. Antonio arranhou emprego na cidade, em uma marcenaria, e, mais tarde, em uma fazenda, onde passou a morar. Com isso, minha mãe, ficando sozinha na cidade, teve medo, então decidi mudar-se para a Itamarati no então pré-assentamento, uma vez que os integrantes do acampamento já haviam ocupado a fazenda.

Depois de duas semanas que minha mãe havia ido morar no barraco, eu decidi vir para o Brasil para morar com meus pais. Ao chegar ao local onde eles estavam, assustei-me muito, nunca tinha me imaginado morando em um barraco de lona (eu estava com dezesseis anos e confesso: ainda não sabia viver). Morei em barracos por três meses, convivendo com pessoas simples, humildes, cada uma com seu jeito de ser, mas com um objetivo comum: adquirir um pedaço de terra para trabalhar e viver com tranquilidade junto com a família.

No início eu usava tênis constantemente para não sujar os pés. Foi difícil o começo, eu não queria ficar ali. Quando comecei a estudar, fui me enturmando e percebi que nunca tinha sido tão feliz. Gostava de ir para a escola, conversava com bastante gente; contudo, nem tudo eram alegrias: nós, os acampados, sofriamos pré-conceito por parte de alguns alunos, filhos de ex-funcionários da fazenda que moravam na sede. Até hoje existe certa rivalidade entre os assentados e os ex-funcionários.

Nessa época, conheci o Luis Fernando, meu namorado, estudávamos na mesma sala. Em princípio, pensei que ele fosse chato, pois era filho de professor e morava na sede, puro pré-conceito de minha parte. Após conhecê-lo melhor, percebi a pessoa maravilhosa que ele é.

Depois de três meses morando em barraco, mudamo-nos para uma casa, na segunda sede da fazenda, lugar onde o dono da fazenda ficava quando vinha da cidade. O movimento dos Sem Terra/MST, movimento do qual faço parte, ocupou esse espaço e o cedeu para treze famílias, dentre as quais a nossa, por influência de Denise. Quando fiquei sabendo que nos mudaríamos para lá, fiquei triste, não queria sair de perto das pessoas com as quais eu estava convivendo, tinha me apegado a elas. Mas, ao mesmo tempo, gostei de saber que iria morar em uma casa que tinha banheiro, energia elétrica, água encanada, o que me fazia muita falta.

O final de ano chegou e o sonho se realizou, os lotes foram cortados, agora cada um já sabia onde criar raízes, o tão esperado momento havia chegado, meus pais ficaram muito felizes e eu também, é claro. Nosso lote é na comunidade Zumbi dos Palmares.

Em dois mil e seis, eu estava com dezessete anos, no segundo ano do Ensino Médio. Minha irmã Verônica me convidou para ir morar com ela no Paraguai, eu aceitei. Mudei, comecei a estudar e a trabalhar como antes. Sentia-me bem por não estar dependendo de meus pais; ao mesmo tempo, tinha muita saudade de casa, da família, de minhas coisas. Gostava de morar com minha irmã e com minha sobrinha Samanta; no entanto não gostava daquela cidade, era muito movimentada, barulhenta. Aos poucos fui me cansando, mas não queria desistir. O ano passou e, nas festas de fim de ano, fui para a Itamarati visitar meus pais. Como era costume, toda a família se reunia. Meu irmão Arlei, que morava no Rio Grande do Sul, também estava com seus familiares. Contei a ele minha situação, então ele me convidou para ir morar no Rio Grande do Sul, eu gostei da ideia, e decidi me mudar para lá.

Após dois meses eu estava lá e em poucos dias já estava empregada em uma fábrica de calçados, a Ramarim, na seção de produção. Estava feliz, trabalhando, estudando e morando com pessoas maravilhosas. Passaram-se oito meses, estava para concluir o Ensino Médio e me sentia ansiosa e insegura: não queria parar de estudar, mas tinha receio de não conseguir passar no vestibular de uma instituição estadual ou federal. Em uma particular seria mais fácil a aprovação; no entanto, com o salário que eu recebia não conseguiria pagar a mensalidade. Optei por fazer um curso técnico e fiz minha matrícula, começaria a estudar em fevereiro.

No final do ano, tirei férias na fábrica e vim visitar meus pais em Mato Grosso do Sul. Eles já estavam morando no sítio, estavam felizes. Fiquei com meus pais durante quinze dias. Retornei ao Sul, com muita tristeza. Uma semana depois, meu pai me ligou informando sobre um curso de graduação que haveria para pessoas ligadas a determinados movimentos sociais. Pedi demissão na fábrica e voltei em busca do sonho de entrar em uma universidade. Cheguei ao assentamento, ainda não havia energia elétrica na minha casa, tínhamos um lampião e luz de velas. O tempo passa-

va e eu não tinha notícias sobre o esperado vestibular. O arrependimento bateu: eu ficava todos os dias em casa, não tinha nada para fazer além de ajudar minha mãe com o serviço dela.

Nesse meio tempo, comecei a namorar o Luis Fernando e tudo foi se ajeitando. Lideranças do MST me procuraram e disseram que eu já poderia fazer minha inscrição para o vestibular, o que providenciei imediatamente. No mês de maio, essas mesmas pessoas me procuram e me convidaram para fazer um curso pré-vestibular que o movimento ofereceria no Assentamento Geraldo Garcia/ MST, pertencente ao município de Sídrolândia/MS. Do Assentamento Itamarati foram três pessoas. Tivemos uma semana de muito estudo, dia e noite. No final de semana, fomos para Dourados/MS, onde seria realizado o vestibular, ficamos hospedados no Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Dourados/SINTED. No domingo aconteceu a primeira etapa do vestibular (provas escritas); na segunda-feira, a segunda etapa (entrevista). Tive de esperar por vinte dias pelo resultado (enquanto isso, consegui emprego em uma casa de materiais de construção). Fui aprovada na trigésima sétima posição. A minha felicidade era tanta que comecei a comemorar, eu não sabia se chorava, se sorria. Meus pais também ficaram muito alegres com a notícia.

No dia oito de agosto fiz a matrícula; no dia nove começaram as aulas. A primeira etapa foi a melhor, estudamos muito, conheci muitas pessoas legais, fiz novas amizades. Apeguei-me muito à Tainara (tornamo-nos amigas rapidamente), mas ela desistiu do curso no segundo semestre, foi muito triste para todos nós. Hoje já estamos mais maduros na vida acadêmica, é muito bom sair da rotina e passar trinta e três dias de cada semestre estudando. O difícil é deixar família, casa, amigos, namorado, mas vale a pena.

A nossa primeira disciplina foi a de Língua Portuguesa, na qual tivemos de nos apresentar. Eu estava tão nervosa que, no momento das apresentações, tremi muito, senti aquele frio na barriga, porém a professo-

ra Juliane, com seu jeito simples de ser, aos poucos foi tomando espaço e conquistando o carinho de todos. A Áurea Rita também, ela me emocionou muito, durante a homenagem no último dia da disciplina, quando disse que tinha receio de se aposentar, pois não sabia como iria viver sem dar aulas. E tenho uma coisa para confessar: eu não gostava de poesia, de música popular, com aquelas letras enormes, mas professoras me ensinaram a gostar, me mostraram o quanto a poesia é maravilhosa e como a letra de uma música pode ser rica.

Pretendo terminar meu curso e me tornar uma grande profissional na minha área, não quero ser uma professora a mais na escola, quero ser diferente. Quero me casar com o Luis, formar uma família, construir uma casa para nós aqui no sítio do meu pai, e o mais importante: quero aproveitar muito as pessoas que eu amo. Atualmente faço substituições na E.E. Prof. José Edson Domingos dos Santos.

Fabio Pereira Nunes

Labirinto

O início de minha história relaciona-se a uma viagem em que minha mãe, Dona Edite Pereira Marciel, fez a Minas Gerais para assinar documentos relativos à venda de terras, herança de família. Ela levou consigo a primogênita, Edna, que estava com três anos de idade. Como meu pai não tinha condições de trabalhar na lavoura e, ao mesmo tempo, cuidar, sozinho, de meus dois irmãos gêmeos, decidiram que, enquanto minha mãe estivesse em Minas, o Edimilce (Misso) ficaria aos cuidados do casal vizinho, Dona Antônia e Senhor José Machado, e o Edilce (Diu) aos dos padrinhos de batismo, Netinho e Luzia. Eles ficaram há mais de dois mil e seiscentos quilômetros de distância de minha mãe, no Campo dos Índios (conhecido como Campão), distrito da Bodoquena/município de Miranda, no recém-criado Estado de Mato Grosso do Sul.

Minha mãe já estava grávida de mim, porém não sabia; desconfiou da gravidez, quando fazia a viagem de volta para casa, por conta dos enjoos frequentes. Essa notícia despertou-lhe a expectativa de dar à luz a outra menina e ver concretizado um antigo sonho: o de ter duas meninas e dois meninos, o que não ocorreu, pois nasceu o Fabio, mais um menino na família.

A dificuldade da vida na zona rural, entre os penhascos da serra da Bodoquena, sem assistência médica adequada, contribuiu para que todos os partos de minha mãe fossem realizados em casa e acompanhados pelos serviços de dona Antônia, a parteira da comunidade. Cabe registrar que, no meu nascimento, a parteira auxiliou nos cuidados de higiene e no corte

do umbigo, nasci após mais ou menos 12 minutos de as primeiras contrações acontecerem. Segundo minha mãe, ela estava trabalhando na colheita do feijão/café e, ao chegar a casa, por volta das 19 h, começou a sentir as dores do parto. Acreditava ter sido rápido o nascimento devido ao cansaço do dia de trabalho na lavoura e ao fato de ter o recém-nascido pouco peso – em torno de dois quilos e cem gramas.

Inicialmente ela ficou um pouco chateada por não ter tido outra menina, o que tanto queria. Mas logo o amor de mãe “falou mais alto”, e eu fui sendo aceito com naturalidade. Crescia tranquilamente na calmaria do ambiente rural e, ainda selvagem, de uma bela furna cercada por córregos de águas cristalinas.

Naquele distante recanto, minha mãe ouvia, por meio de um antigo rádio, às novelas da Rádio Nacional de Brasília e o programa musical do Adelson Moura. Ela adorava ouvir as músicas do Fabio Júnior e, para homenageá-lo, decidiu dar-me o nome também de Fabio Júnior; contudo foi orientada por amigos, por vizinhos sobre a impossibilidade legal desse ato. Assim recebi o nome de “Fabio Pereira Nunes” (Pereira por parte tanto de minha mãe, quanto de meu pai, e Nunes por parte de meu pai). Após um ano do meu nascimento, a família tornou-se mais numerosa: nasce meu irmãozinho caçula – o Roni.

Vivíamos muito à vontade, tomávamos banho no córrego, corríamos pelos campos, íamos às casas dos vizinhos. Contudo, aquele ambiente, que irradiava vida e liberdade, era também carregado de dificuldades financeiras e carências alimentares. Devido à dificuldade de acesso à cidade mais próxima (50 quilômetros), em vista da precariedade das estradas e das características do solo da região – cortado por grandes rochas –, o comércio de produtos, sobretudo agrícolas, era prejudicado.

Outro fato que nos tirava a tranquilidade eram os constantes conflitos entre colonos e índios Cadiwéus – antigos moradores e donos daquelas terras, habitadas de forma irregular pelos colonos. Eram mais de 2000

colonos, vindos de todas as regiões do país, principalmente do Nordeste. Compravam terras sem a devida escritura, não imaginavam que aquele território pertencesse aos índios.

Desse modo, um clima de guerra se instalava na pacata vida rural dos colonos. Os indígenas viam a cavalo, portando revólveres, intimidando, queimando produtos agrícolas. Por toda parte corriam boatos sobre mortes de colonos, muitas foram as lavouras queimadas, os espancamentos. Estávamos à mercê da sorte, o campo não mais era seguro e prazeroso, o clima apreensivo era a tônica das conversas entre vizinhos. De tempos em tempos, os colonos procuravam se refugiar em fazendas próximas, com temor de represália indígena. Eu ficava sem entender o porquê minha família nunca corria para alguma fazenda, eu via adultos e crianças com trouxas, subindo a serra e meus pais não se moviam. Dentro de mim gritava o medo e a vontade de acompanhar aquelas pessoas, mas meus pais não iam e eu ficava ali assustado e me sentindo indefeso. Felizmente logo essa angústia passava: os índios não apareciam e todos voltavam para suas casas. A vida continuava aparentemente calma.

Apesar do clima apreensivo, passávamos por momentos alegres, inusitados, por exemplo, o dia de meu batismo: eu deveria ter aproximadamente uns cinco anos de idade. Após a cerimônia, pegamos carona com o padre. Ele estava em um carro pequeno, com caçamba. Somente com o movimento da pequena gerigonça é que me dei conta de sua velocidade assustadora. Comecei a gritar e a pedir que parassem, eu queria descer, preferia ir a pé. Nada que as pessoas diziam, na tentativa de me acalmar, surtia efeito. Quando o carro parou, eu deixei de chorar. Também pudera, nunca na minha vida havia andado de carro, muito menos na caçamba e, em tal velocidade!

Uma das últimas boas lembranças do Campo dos Índios, liga-se a fatos relacionados ao meu aniversário de seis anos. Sem festa de aniversário, é claro, pois isso estava fora de nossas possibilidades financeiras. A

curiosidade tomava conta de meus pensamentos. Eu não escondia o alívio de deixar as terras dos índios, que tanto me amedrontavam, seria agora uma nova vida: sem serras para subir, vivendo próximo à cidade, Nioaque, em um lote recebido por meio de sorteio. Eu e meus irmãos, embora pequenos, participávamos ativamente da organização da mudança para a Colônia Conceição, município de Nioaque/MS. Foram dias prazerosos de trabalho. No dia da mudança, o tumulto era grande, animais e objetos eram colocados em caminhões; as pessoas, em ônibus superlotados. Um misto de saudades e alívio envolveu-nos naquela noite do dia 4 de outubro de 1985.

No dia 5, aos primeiros raios de sol, estávamos na BR 419, coberta por um chão preto, chamado asfalto: descobri que aquilo que eu pensava ser algo estupendo era apenas uma estrada mais larga e dura. Ao adentrarmos o assentamento Colônia Conceição, deparei-me com outra realidade, não menos desoladora: surgia, diante de meus olhos, um território de mata densa, com caminhos estreitos, cortados por natureza bruta. E os questionamentos vieram em seguida: onde estariam as clareiras para o cultivo dos grãos? Onde tomaríamos banho nos dias de calor? O que se verificava era um córrego sem águas cristalinas, cortando o sítio da família, onde havia um pequeno barraco de lona. Ao ler essa realidade, pude perceber que não seria nada fácil a vida nesse ambiente pouco acolhedor.

No assentamento também não havia escolas; por isso, somente em 1986, teve início minha vida de estudante, em uma escola de tábua, recém-construída. Estava eu com oito anos de idade. O ambiente escolar não me cativava e a professora não entendia como eu aprendia a escrever tão rapidamente, apesar de registrar as letras de cabeça para baixo. Os colegas riam de mim e a professora ficava brava comigo. Naquele ano reprovei e no seguinte também. Isso me deixava triste e desanimado. No ano de 1988, fui matriculado, eu e meu irmão caçula, em outra escola, a qual ficava acerca de dois quilômetros e meio de distância de casa. Novos

colegas, em novo ambiente, agora eu me sentia menos pressionado, embora minha leitura fosse um fracasso. Infelizmente, ao final do ano, vem a notícia de uma nova reprovação. Apesar disso, não me abati e, apoiado por uma professora muito especial, atenciosa, Dona Olinda, fui remanejado para a segunda série. Ela verificou, junto à Secretaria de Educação, que havia ocorrido engano quanto à minha reprovação. Vale registrar que a professora Olinda, utilizando de uma metodologia singular, fez com que eu fosse perdendo minha timidez e proporcionasse momentos de orgulho à minha mãe, por exemplo, o do Dia das Mães, quando recitei um poema em homenagem a ela.

Nessa época, o trabalho duro no assentamento já dera frutos: a pastagem e as lavouras substituíam as matas que ali existiam. A casa agora não era mais de lona e pau a pique – com ajuda de financiamento bancário especial para os colonos, construímos uma casa de alvenaria. Mas a estrutura frágil não resistiu a um vendaval ocorrido numa noite de setembro de 1992 e a casa, conquistada com tanto esforço, caiu em poucos minutos, nem as paredes ficaram de pé. Eu estava acordado quando as telhas foram arrancadas pela força do vento. Saímos correndo porta a fora; por sorte ou ajuda de Deus, ninguém se machucou. Abrigamo-nos, naquela noite, no barraco do vizinho mais próximo. Por algum tempo passamos a morar no prédio de uma escola desativada.

Passados alguns meses, vendemos algumas cabeças de gado, cortamos os poucos pés de aroeiras que no lote existiam para construirmos uma outra casa. Minha mãe, sempre batalhadora, conseguiu, com a prefeitura de Nioaque, os pedreiros para efetuarem a construção de uma nova casa de alvenaria, agora reforçada com colunas de cimento e telhas francesas. Com pouco mais de um ano nossa casa estava pronta.

Apesar desses transtornos, no ano seguinte fui premiado como o aluno que obteve as melhores notas do ano. Isso me deixou confiante em relação aos estudos, graças, principalmente, à professora Olinda que con-

seguiu valorizar meu potencial, tanto no que se referia ao domínio das disciplinas curriculares quanto ao da arte de encenar. Ela deixou grandes saudades no coração da turma, seu carisma e sua espontaneidade fizeram com que ela se tornasse inesquecível na minha formação pessoal e moral. Os medos da reprovação dos colegas deram lugar à autoconfiança, passei a me sentir senhor da minha vida, assumindo minhas decisões. Tornei-me um garoto comunicativo e espontâneo – herança da pedagogia da professora Olinda.

Na quinta série eu já tinha 14 anos, as pessoas não percebiam, pois sempre aparentei ser mais novo do que realmente era. Como todos diziam que essa seria a série mais difícil, eu “entrei de cabeça”, estudava na escola, revia as lições em casa e, como resultado, minhas notas quase sempre eram dez, exceto na disciplina de língua portuguesa. O menino, antes tímido, agora se demonstrava astuto, questionava em sala de aula, participava das atividades esportivas dentro e fora da escola. Não media esforços para ensaiar peças teatrais, tentando, de alguma forma, encontrar uma vocação prematura.

Contudo, a adolescência gritava e as incompreensões e rebeldias passaram a fazer parte da minha vida. Na escola, o aluno estudioso deu lugar ao rebelde: quebrava os vidros das janelas, as maçanetas das portas, as lâmpadas da sala de aula. Na sexta série, eu quase não mais escrevia em sala, porém estava sempre atencioso, já que não escrevia, teria que aprender de alguma outra forma. Inicia aí minha mudança de método de aprendizado na vida escolar. O aluno Fabio deixa de ser escritor e leitor passando a ser apenas ouvinte. Confesso que aprendi muito com essa metodologia – o hábito de aprender ouvindo proporcionou-me facilidade no domínio da linguagem oral. Agora eu me expressava muito bem, era um bom orador. Nos trabalhos escolares preferia que os colegas fizessem as leituras dos textos para que, na sequência, eu fizesse a exposição oral da atividade proposta pelo professor.

Passei também a ser seletivo em relação ao gênero musical: não me permitia aceitar os sucessos relâmpagos de bandas de axé, pagode, por exemplo. Isso fez com que, aos 19 anos, não me inserisse no cotidiano de amigos e irmãos. Passei a ser considerado o diferente da família Pereira Nunes. As garotas também se distanciavam. Só o futebol e a escola davam-me proximidade com os colegas. Percebendo a possibilidade do isolamento, resolvi mudar de atitude, ser mais tolerante, mais sociável. Essa mudança facilitou-me conquistas importantes: conseguir o primeiro emprego (monitor de informática na escola do assentamento) adquirir, com a ajuda de minha mãe, uma motocicleta; conquistar, aos 21 anos, a primeira namorada – Cristiane – que também morava na *Colônia Conceição*. O relacionamento amoroso com Cristiane trouxe de volta o romantismo da adolescência, eu não percebia o quanto estava me envolvendo com aquela garota. Nas festas e eventos esportivos estávamos sempre juntos. Contudo, no ano de 2002, ela mudou-se para Campo Grande com vistas a trilhar novos caminhos em sua vida profissional. O namoro ainda durou em torno de dois anos e meio, mas não resistiu à distância que nos separava.

Em 2004, quando realizava um curso de técnico em agropecuária envolvi-me em um novo relacionamento; no entanto, em fevereiro de 2005, com o término do curso, finalizamos o relacionamento. Mudei-me para Campo Grande. Dois meses depois estava trabalhando numa fábrica de papel higiênico, o lugar era um grande barracão, com outros sete funcionários. O salário era reduzido, mal dava para cobrir as despesas da vida urbana. Ao perceber que aquele emprego não me traria crescimento pessoal nem intelectual, assim como a tão sonhada independência financeira, pedi demissão em novembro, após sete meses de trabalho. Aquela rotina me deixava entediado, as pessoas não tinham nenhuma afetividade para com as outras, eu me sentia deslocado naquele mundo de concreto e indiferenças – eu sequer conhecia os vizinhos – a rotina de trabalho me consumia, os ambientes que eu frequentava pouco ou nada me motivavam,

senti que era chegada a hora de renovar os sonhos, buscar novos horizontes que me trouxessem mais esperanças no futuro. Voltei para a Colônia Conceição. Mais uma vez o destino ou a minha escolha deu um novo rumo à minha vida. Fui convidado a acampar, buscando por meu próprio pedaço de chão.

No início de 2006, minhas expectativas giravam em torno da conquista pela terra, da implantação de novas técnicas de cultivo, da realização de antigos sonhos. Procurava, de alguma forma, meios que me permitissem fixar raízes, não estava mais disposto a me aventurar na vida urbana. Em fevereiro desse ano, mudei-me para o Acampamento Diamantino que ficava a cinco quilômetros de distância da BR 419, no trecho entre Nioaque e Anastácio. No início eu não conseguia ficar mais de dois dias seguidos no Acampamento, pois estava acostumado, por exemplo, a beber água gelada e não era nada confortável estar ali, sentindo na pele o calor da lona preta.

O clima naquele Acampamento estava quente em todos os sentidos: as divergências internas fomentavam ideias de mudança na liderança interna, cogitação de rompimento com o movimento social FAF (Federação da Agricultura Familiar). Eu, como não compreendia a realidade, procurava ouvir todos, sem tomar partido das situações ali expostas. Em pouco tempo passei a compreender as divisões internas, os reais motivos que causavam mal estar na comunidade acampada. Um deles associava-se ao fato de que cada família teria que pagar R\$ 8,00 por mês, dinheiro que não era muito; porém, a falta de solução sobre a efetiva conquista da fazenda Areias Ponteio causava indignação entre os acampados.

Logo houve a mudança da direção interna do Acampamento e o rompimento com a FAF parecia inevitável. Mas antes desse rompimento vivenciei um acontecimento que me fez envolver efetivamente nos problemas do Acampamento: a enchente enfrentada por todos nós, no dia 14 de março. Era por volta das oito horas da manhã, a chuva, que caía desde a

noite anterior, aumentava de intensidade. Eu estava no barraco do Adriano, um jovem acampado, acompanhávamos com atenção o aumento do volume das águas do pequeno córrego em frente. Por volta do meio dia, escutamos barulho de pessoas correndo de um lado para outro, apreensivas, carregando seus pertences. Corri para fora e logo vi que a estrada estava tomada pela água, a enxurrada começava a destruir os frágeis barracos de lona e pau a pique. Num ato de solidariedade, corri para ajudar a tirar os pertences dos acampados, tiramos quase tudo que conseguimos. O córrego continuava a aumentar de volume. As pessoas estavam desesperadas. Olhei para os lados e vi uma longa corda que era usada como varal, desamarrei uma das pontas, amarrei a corda na minha cintura e fui socorrer os companheiros. Em determinado momento, percebi o desespero de uma senhora que estava sendo levada pelas fortes correntezas. Parece que foi ajuda de Deus, eu ter pensado na corda, a senhora caiu na corredeira e um jovem, apelidado de Brancão, segurou-a mas também foi carregado pela correnteza. Vendo isso, atirei-me ao encontro deles. Com uma das mãos segurei a senhora e com a outra agarrei, com todas as forças que eu tinha, a corda, que eu havia prendido em uma árvore. Em poucos segundos vieram outros acampados e nos puxaram.

Essa passagem me deixou mais próximo dos outros companheiros de luta, agora eu me sentia um deles, sem preconceitos e valorizando a luta de cada um. Entrei de cabeça nas questões do Acampamento, procurava opinar sobre os diversos assuntos discutidos entre os acampados. Após esse episódio, houve de fato a ruptura no Acampamento, um grupo foi para a margem da BR 419 e o outro continuou no local, eu fui um dos que preferiu ficar, pois não compactuava com as posições da FAF em relação à tomada de decisões sobre a área pleiteada.

O ano de 2006 havia se findado sem nenhuma perspectiva de finalmente tornarmos posse da área tão sonhada. O clima de desânimo era grande entre os acampados, acrescido de boatos e fofocas que só contribuíam para exaltar os ânimos de todos.

Apesar disso, consegui emprego e, no ano de 2007, comecei a lecionar no Acampamento. Mais uma vez mergulhei nas relações interpessoais do Acampamento, os educandos viam na figura do professor a válvula de escape para satisfazerem suas curiosidades e seus anseios em relação ao futuro, ficava a cargo do educador responder, de forma positiva, de modo a não desiludir aquelas crianças.

Mais um ano chega ao término, mas dessa vez marcado por esperança e felicidade: o sonho da terra era agora um fato. O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) finalmente havia autorizado os acampados a entrarem na fazenda, aos poucos os lotes eram delimitados e entregues aos interessados. Minha esperança era desenvolver o lote de acordo com a minha formação técnica. Para isso tive o apoio da jovem Viviane: minha confidente e namorada. Ela estava acampada desde 2007; a partir do momento em que nos conhecemos, nos envolvemos completamente, sem reservas, tínhamos apenas as paredes de lona como testemunha. Alimentávamos todos os dias a esperança de trabalharmos na terra, mas o tempo foi passando e Viviane teve de voltar para seu município – Mundo Novo – e começamos a nos ver de dois em dois meses.

Continuei a trabalhar como educador, à espera da conquista pelo lote. Nesse período, fui informado, por minha namorada, que fazia o Magistério (Curso Normal Médio do Campo, em Campo Grande/MS) de que haveria vestibular para a área de Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Comecei então a me preparar para prestar o vestibular; como sempre tive dificuldade em redigir, minha namorada, Viviane, voltou para o acampamento, com vistas a me ajudar, por alguns dias, na construção, no treinamento de redações.

No dia do vestibular estava muito frio, havia mais de 180 inscritos, e eu percebia um clima de ansiedade entre os participantes. Procurei estar sereno. O tema da redação não me deixava à vontade, mas consegui atingir trinta pontos entre os cinquenta válidos. A prova escrita atendia às minhas

expectativas, as perguntas estavam relacionadas à minha bagagem de conhecimentos; na entrevista procurei destacar minha história de vida, meu trabalho como técnico, meu sonho de melhoria no campo e a importância do curso de Ciências Sociais para a qualificação no trabalho no campo. Passei no vestibular em décimo sétimo lugar.

Agora, além de ter uma namorada belíssima, tinha também uma vaga em um curso universitário. As esperanças se renovavam, dias melhores estavam por vir. Um curso superior possibilitaria a construção de uma vida conjugal com alguma segurança financeira e intelectual.

Em relação, contudo, ao sonho de aquisição da terra, surge uma tristeza profunda: quando os lotes foram cortados e o sorteio estava para acontecer, tive a notícia de que não haveria lotes para contemplar todos os acampados. Os primeiros a serem excluídos seriam os professores, de acordo com decisão do TCU (Tribunal de Contas da União), a qual definia que funcionários públicos não poderiam receber terras da União. Essa foi a oportunidade que a Comissão Pastoral da Terra/CPT teve para deixar de fora pessoas que tinham uma história de vida na área rural, mas posicionavam-se contra injustiças cometidas pelo movimento em relação a acampados. Enquanto outros movimentos no Brasil a fora não respeitavam a decisão do TCU, por acreditar que o educador é e será agente de mudança na qualidade de vida do assentado, representantes da CPT no Areias Ponteio, em nenhum momento, perceberam os educadores como merecedores de lotes, embora tenham enfrentado severamente por mais de três anos a vida de acampamento.

Por mais que argumentássemos, nós não fomos ouvidos, queríamos ter direito ao sítio e posteriormente responder às notificações do TCU, pois éramos oriundos do Assentamento Colônia Conceição, tendo em nosso histórico provas de que havíamos nascido, crescido e, até aquele momento, vivíamos no campo. Mais tarde, em visita ao INCRA, fiquei sabendo que meu nome não estava impedido pelo TCU, ou seja, eu estava apto a assumir um lote da Reforma Agrária, mas não fui beneficiado, por divergências na CPT de nossa região.

Em meio a esse contexto perturbador, o curso de Ciências Sociais renovava minhas esperanças. Os professores nos apontavam caminhos que antes eram vistos como sonhos, os conteúdos ministrados abriam mais minha visão em relação a questões políticas, sociais e culturais que tanto me afligiam.

Na primeira etapa, tudo era novo, anteriormente não tivera contato com o ambiente universitário, a linguagem usada, por exemplo, pelos educadores, confesso que me assustava, pensava que não seria fácil me familiarizar com a norma culta. Na segunda etapa, o tabu da linguagem já estava sendo quebrado. Convivendo com pessoas oriundas do campo, sentia-me à vontade, as conversas, os questionamentos, os assuntos abordados remetiam-nos às nossas realidades. Os educadores da Faculdade, por sua vez, procuravam, seguindo a pedagogia de Paulo Freire, ensinar aprendendo; com isso, a distância educador/educando era reduzida, o que propiciava aprendizado significativo. Em momento algum me preocupei com o nível de dificuldade das propostas de trabalho relativas ao tempo comunidade; pois os temas abordados me motivavam a pesquisar. Entusiasmavam-me os temas propostos, a oportunidade de poder emitir minhas opiniões, de discutir os mais variados assuntos que permeiam a história da humanidade. O trabalho de língua portuguesa, por exemplo, que abordou, dentre outros temas, os relacionados a questões culturais, impulsionou-me a observar com maior atenção aspectos socioculturais do meu assentamento, lançar olhares de forma a relacionar minha realidade com outras mais distantes. Meu lugar de pesquisa tem sido o dia a dia no meu município, no meu assentamento. Estou sendo estimulado a verificar a vida nos assentamentos, o valor das pessoas que ali estão, os pré-conceitos de que são vítimas, a história de suas lutas e resistências, a tentativa de superação da pobreza, os sofrimentos que os assolam.

No que se refere ao futuro, estamos buscando com o INCRA a possibilidade de sermos beneficiados ali mesmo, no Areias. Existe uma

área vasta de vegetação em formação que poderia ser loteada entre as pessoas que não foram contempladas no primeiro sorteio dos lotes. Fica a esperança da conquista, que não ocorreu em 2008. Eu e meus companheiros aguardamos a oportunidade de continuarmos no campo. Tenho dificuldade para enfrentar novamente a precariedade da vida no acampamento, mas infelizmente ainda torna-se necessário lutar hoje para que seja concretizada a Reforma Agrária no país.

Questiono: será que esse labirinto um dia ficará na memória como um momento de crescimento pessoal que veio instigar a busca por dias melhores? Hoje percebo o porquê as pessoas que não têm conhecimento acerca da vida em assentamento ficam perdidas diante das dificuldades. Ela não sabem da lentidão do Estado na implantação de infra-estruturas, da luta diária para produzir sem apoio, do estado de abandono vivenciado pela grande maioria. Com o passar do tempo, muitos conseguem, após efetivos esforços, caminhar com suas próprias pernas, tornando-se exemplo para os demais persistirem na luta.

Vale registrar que, depois de um ano de fundação do Acampamento, houve avanços: a ponte de concreto que liga o Assentamento à BR 419 está pronta, um trator, cedido pela Prefeitura Municipal, atende à comunidade no preparo do solo. Mas ainda há pendências: dificuldade de adquirir financiamentos, de atendimento escolar, serviço de saúde, transportes público e particular. Apesar disso, as pessoas são felizes, acreditam que dias melhores virão. Eu procuro motivá-las, comentando, por exemplo, sobre as dificuldades enfrentadas ou em outros assentamentos, ou em momentos anteriores vividos na Colônia Conceição.

O ano de 2009 está prestes a terminar e nuvens pairam sobre minha cabeça, ficando a pergunta; terei enfim um lote? Enquanto meu noivado sobrevive à distância, tenho forças para lutar. A cada manhã vejo uma nova realidade, um novo eu, em busca de amor, paz, saúde, trabalho e educação. O sonho ainda não acabou...

Ivanilda Ricardo de Farias

Era uma vez, uma casinha de pau-a-pique com cobertura de tábuas, que se encontrava na encosta de um rio chamado Sardinha, localizado no distrito de Montese, município de Itaporã, estado de Mato Grosso do Sul. Ali, moravam meu pai, minha mãe e minha irmã. Em 27 de novembro de 1971, em uma noite quente de primavera, eu cheguei pelas mãos abençoadas da parteira da região. Nas histórias que minha querida mãe conta, a minha chegada foi motivo de muita festa e alegria. Dentre essas histórias, tem uma que me chama a atenção: uma vizinha próxima da casa de meus pais, sempre que via minha mãe comigo no colo, saía de perto e entrava na casa dela. Essa cena se repetia quase todos os dias, pois o poço de água era utilizado pelas duas famílias. Logo, o encontro era inevitável. Em um desses encontros, minha mãe perguntou o que se passava e por que ela corria todas as vezes que via minha mãe comigo. A vizinha respondeu que tinha medo de olhar para mim e me colocar quebrante, pois me achava uma gracinha. Minha mãe respondeu a ela que respeitava sua cultura, mas não acreditava em quebrante, e por isso ela podia olhar o quanto quisesse que não iria acontecer nada. Daquele dia em diante, a vizinha me buscava todos os dias para ficar um pouquinho comigo, visto que ela não tinha filhos e não podia engravidar. Começou aí uma bela amizade.

A origem de meu nome deu uma confusão tremenda: o meu pai queria que me dar o nome de Melissa, pois havia uma mulher de caráter duvidoso e muito famosa que morava na região com o nome de Melissa. Minha mãe ficou furiosa e não deixou que colocasse o dito nome em mim. Naquela época, era raro uma mulher que tinha participação nas decisões tomadas, mas minha mãe conseguiu, com muita dificuldade, convencer

meu pai a colocar meu nome de Ivanilda. Porém, meu pai não colocou o sobrenome da família de minha mãe nem em mim, nem em meus irmãos, o que era uma característica da família. Não sei se fazia parte da cultura ou se era por puro machismo por parte dos homens da família.

Quando completei dois anos de idade, meu avô vendeu o sítio onde morávamos, e por isso meu pai teve que vender a lavoura de milho e amendoim ainda no pé, o que aconteceu também com as vacas leiteiras, os porcos e as galinhas. Mudamos para a cidade, meu pai ia trabalhar nas lavouras dos fazendeiros da região e só vinha em casa aos finais de semana. Apesar disso, éramos uma família feliz.

O tempo passou e eu já tinha cinco irmãos. Nós brincávamos no terreiro de casa tanto de dia quanto de noite, iluminada pela bela lua cheia. Fecho os meus olhos e ainda vejo os vaga-lumes brilhando em meio à escuridão. Lembro também das cantigas de rodas como se fosse hoje: “ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar, o anel que tu me destes era vidro e se quebrou, a amizade que nós tínhamos era pouca e se acabou, por isso dona fulana faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vai se embora”. Ainda tinham as brincadeiras de pega-pega, pé na lata, corre cutia, esconde-esconde com os primos, amigos e irmãos. Porém, de uma brincadeira minha mãe não gostou nada. Íamos à venda do seu Xandu e comprávamos tudo o que havia de bom e também brincávamos de bolicho, o que deixou a conta de minha mãe altíssima na venda. Nós fazíamos as folhas de fedegoso de dinheiro e íamos à venda e comprávamos doce e balas, pagando com as folhas. A amizade e a confiança que o dono da venda tinha com os meus pais fazia com que ele entregasse os doces para nós e marcasse na conta de meus pais, e nós pensávamos que estávamos comprando, saíamos todos faceiros comendo os doces. Até o dia em que minha mãe descobriu e acabou com a nossa brincadeira, que custou o rádio de pilha do meu pai, que o entregou a troco da conta que nós, inocentemente, fizemos.

Com cinco anos de idade, eu ficava impaciente em casa, brincando com meus irmãos menores, enquanto minha irmã mais velha ia para a escola. Quando minha irmã chegava e ia fazer tarefa, eu ficava maravilhada com os cadernos e os lápis e fazia muita manha para ir para a escola. Minha irmã me ensinava a fazer o que aprendera na escola, fazendo a tarefa dela junto comigo, então quando fui para a escola, já conhecia as vogais.

Quando ganhei minha primeira mochila com cadernos e lápis, fiquei muito feliz. Até que enfim começava a estudar! O tempo foi passando, fui crescendo, e junto com meus irmãos, a cada ano que passava, as coisas iam ficando mais apertadas, já não tinham mais mochilas e nem cadernos; o governo não fornecia material escolar, e meus pais não tinham condições de manter cinco filhos na escola com materiais adequados. Tinha só um caderno para todas as matérias e misturava todos os conteúdos. Por essa razão, não consegui tirar a quarta série quando tinha 9 anos e ganhei uma surra por ter repetido de ano.

No ano seguinte minha família mudou-se para outro bairro, e então minha mãe colocou-nos na escola municipal no mesmo bairro, e aí a situação melhorou, pois nesta escola tinha caderno, lápis, borracha e lanche, e eu era a aluna nota dez da sala. No ano seguinte, fui para a quinta série, mas não cheguei a completar o ano, pois saí da escola para trabalhar. Meus pais e minha irmã mais velha iam para a roça e eu ficava em casa cuidando dos deveres e dos irmãos menores. Como criança que éramos saíamos todos os dias escondidos de casa para tomar banho em um rio que passava perto de casa. Ali passávamos a tarde inteira brincando. Quando minha mãe descobriu, o corretivo foi geral, mas o castigo maior foi meu. Então com onze anos, fui para a roça carpir soja o dia inteiro. Ainda hoje me lembro do sol, dos calos que queimavam em minhas mãos. A infância que já tinha sido mais de responsabilidades do que de brincadeiras piorou muito, pois o pouco tempo de brincadeiras foi substituído por dias de trabalho pesado.

Hoje quando fecho os olhos ainda me lembro do rostinho do meu irmão com dez anos apenas carregando em seus ombros duas garrafas de água para matar a sede dos boias-frias que carpiam as roças de soja dos grandes latifundiários. Como era pequeno, às vezes, a soja o cobria e só se via as garrafas de água sobre seus ombros. Nessa época, não fomos mais à escola.

Assim começava nossa adolescência cheia de responsabilidades e sonhos. Sonhos estes que jamais seriam realizados. Eu sonhava em ser airmoça, voar pelo mundo a fora, conhecer outros países; essa profissão me fascinava, mas diante da nossa realidade esse sonho aos poucos foi ficando cinza e eu não pensava mais nisso. Meu querido pai adoeceu e não podia mais trabalhar. Ele estava com problemas sérios no coração e não podia se esforçar, nem mesmo caminhar. A nossa vida que já era muito difícil complicou ainda mais, pois o salário com que ele foi aposentado mal dava para comprar seus remédios, e a responsabilidade de sustentar a casa estava nas mãos de nossa mãe e nossa.

A diversão que tínhamos era muito pouca, porque o trabalho era pesado e nos cansava muito. Os finais de semana eram para descansar, mas os sonhos de uma vida melhor continuavam e a minha fé em Deus não se abalou nem por um instante, pois graças a Ele, que nos deu força, nunca nos faltou o pão de cada dia e o amor que nos uniu e une até hoje. Tenho muito orgulho de minha família, que nos criou com muito amor e companheirismo e o pouco que tínhamos era dividido entre nós e nos bastava.

O tempo passou e com ele fui crescendo com os pés no chão, já tinha passado a adolescência e os sonhos se tornaram desejo de uma vida melhor, de encontrar uma pessoa que me amasse para construir uma família feliz. Casei com vinte e um anos com o terceiro namorado. Não curti muito a vida de solteira, pois era muito reservada e tímida. Com um ano de casada, tive meu primeiro filho, uma benção em minha vida, um presente de Deus. Tive uma gravidez muito conturbada, visto que a pessoa com

quem me casei não era o que eu esperava. Embora ele me tratasse muito bem, tinha alguns problemas que tornava o casamento difícil. Como fui educada em um lar onde me foi ensinado que a mulher casada que separasse do marido ficava falada e sem respeito, perdoei meu marido. Tive mais uma filha, uma garotinha linda de olhos pretos enormes, outra benção de Deus em minha vida. Meus filhos são meu porto seguro. Sou casada até hoje e feliz na medida do possível. O amor que preciso, os meus filhos me dão. Meu rapazinho Lucas Henrique, que é tão lindo, meigo e amoroso e minha bonequinha linda Talita, carinhosa e meiga, me deixam muito orgulhosa. É por eles que hoje escrevo estas linhas, pela força que eles me passam para eu não desistir da luta e poder crescer como pessoa e dar minha parcela de contribuição para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

A minha vida de trabalhadora se iniciou com onze anos, minha adolescência toda passei dentro das roças dos grandes produtores de soja e arroz. Quando faltava serviço, eu dava graças a Deus, mas a minha mãe já se preocupava porque a falta de trabalho significava a falta de comida na mesa; porém, a vida de boia-fria era assim: às vezes tinha trabalho às vezes não. Depois fui trabalhar de empregada doméstica, com carteira assinada. Trabalhei assim até os dezoito anos, depois fui balconista até os vinte e um, quando me casei. Após casar, fui morar em outra cidade e só parei de trabalhar quando estava grávida. Meu pai faleceu e após isso voltei a morar na mesma cidade que minha mãe para ficar com ela. Ali comecei a trabalhar em um frigorífico de boi, não foi difícil, pois já tinha experiência nesta área. Trabalhei muito nesta empresa, saía de madrugada e chegava tarde. Tive um sério problema nos braços e mãos, quase perdi os movimentos de um braço e tive que fazer uma cirurgia no pulso por causa do desligamento de tendões. Após esse problema, fui ao INSS e os médicos disseram que eu não poderia voltar a trabalhar na mesma função que desempenhava no frigorífico, me aconselharam a voltar a estudar e foi isso que eu fiz

com a ajuda de minha família. Estudei e consegui concluir o Ensino Médio. Em 2005, o frigorífico, onde eu ainda era funcionária encostada, faliu e deu baixa nas carteiras dos funcionários, e nessa época eu já pleiteava um lote junto ao MST, e mudei de vez para o acampamento.

A minha participação como militante no movimento social MST limita-se à condição de assentada. Trabalho como coordenadora de educação e contribuo nas organizações que têm relação com a área educacional do assentamento, e participo às vezes de encontros e mobilizações do movimento. A minha entrada para o acampamento se deu por intermédio de minha mãe que cresceu no campo. Minha mãe sempre teve vontade de lutar por um pedaço de terra, mas meu pai nunca aceitou. Dois anos após o falecimento dele, minha mãe soube de uma reunião do MST na cidade onde morávamos e resolveu participar. Apesar da contrariedade de alguns da família, ela decidiu se juntar ao movimento. Nós ouvíamos falar dos sem terra, das ocupações, e achávamos, na época, um absurdo, pois não me dava conta que além de sem terra eu era também sem teto. Só via o que a mídia transmitia e jamais imaginei que faria parte de um movimento como este. Minha irmã e eu íamos visitar nossa mãe no acampamento aos finais de semana e fomos convidadas a participar das atividades que aconteciam no acampamento, tais como: mística, bailes, festas. Assim, aos poucos, percebi que fazia parte deste grupo que lutava por seus direitos, e o que me motivou a participar deste grupo foi o companheirismo e a coletividade que existe entre eles. Então me juntei a eles na luta pela terra.

O acampamento sem terra abrange um grande número de pessoas que se aglomeram em barracos de lona à beira das rodovias e/ou próximo a fazendas que estão em vias de ser desapropriadas pelo governo. Como não há serviços de saúde, educação, lazer, nos organizamos internamente em núcleos de tarefas básicas. Há uma coordenação responsável para negociar com o governo e esse grupo é eleito pelos acampados. No acampamento, o movimento promove várias atividades para o futuro assentado

adquirir conhecimento sobre meios de sobrevivência, como produzir de forma agroecológica, para que os alimentos sejam fontes de saúde e não de doenças; e que façam uso da terra de forma consciente.

A nossa luta não é só pela conquista da terra, mas lutamos também por uma sociedade mais justa e igualitária. Nessa trajetória de ocupações e mobilizações que visam chamar atenção das autoridades e sociedade, temos vitórias e derrotas. Na maioria das vezes, as reivindicações não são atendidas e as soluções oferecidas pelo governo não são satisfatórias.

Nessa longa caminhada muitos companheiros ficaram pelo caminho. Não conseguiram realizar o sonho de ter o seu pedaço de chão. Infelizmente o sonho de ter um lugar ao sol esbarra nos interesses de pessoas gananciosas que não têm escrúpulos e não se importam em derramar sangue e fazer outras atrocidades para manter o poder e o monopólio sobre os menos favorecidos. Mas não nos deixamos abalar, a luta continua. Mantemos a esperança de construir uma sociedade melhor onde a solidariedade e a cooperação são os princípios fundamentais.

Depois de morar três anos no acampamento, surgiram 10 vagas no pré-assentamento onde o INCRA estava assentando os integrantes do Movimento que estavam acampados em Caarapó. Foi então que a coordenação do acampamento, do qual eu era integrante, tirou 10 famílias para completar o pré-assentamento no PA Barra Nova II, em Sidrolândia, no qual hoje estou assentada. Pensei que tudo estava resolvido, pois afinal estava dentro da terra desejada, mas a luta estava apenas começando. O assentamento onde moro é chamado Rosa Luxemburgo e está localizado na divisa entre Sidrolândia e Nova Alvorada do Sul e fica a 76 km da área urbana. Somos esquecidos pelos governantes e nos falta assistência básica em tudo: saúde, educação, moradia, transporte. Estamos assentados há três anos e não conseguimos produzir nem para nossa subsistência, pois a terra precisa ser corrigida devido aos longos anos de maus tratos. Além disso, os recursos, que nos foram prometidos, financiam o agronegócio e

não a agricultura familiar. Somos obrigados a trabalhar fora da nossa terra, porque precisamos sobreviver. Os alunos têm que percorrer 60 km por dia para estudar e os travessões que estão em péssimas condições dificultam o transporte, e quando chove ficamos ilhados, pois a água forma lagoas que nos impedem de passar.

Quando prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais/PRONERA, confiei muito em Deus, pois estava fora da escola há muito tempo. Vi nesta oportunidade minha única chance de me graduar. Deixei minha família pela primeira vez por trinta dias. A saudade era demais, porém não tinha muito tempo para pensar na minha família. O mais difícil eram as disciplinas. Tudo novo e a linguagem acadêmica é muito difícil, ainda tenho muita dificuldade de entender certos textos. Quis desistir, mas pensei em meus filhos e vi neles força para continuar.

A minha participação no Curso não é muito destacada, sou uma pessoa apagada, tenho muita dificuldade em falar em público e sou extremamente tímida, no entanto gostaria de me destacar mais. Em relação a meus colegas acadêmicos, vejo em todos o espírito coletivo, temos mais afinidades com uns do que com outros, somos todos diferentes, porém solidários uns com os outros e temos um ideal em comum, que não é apenas sair da faculdade formados, mas sim contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

O corpo docente do curso é formado por professores muito bem capacitados, que fazem um trabalho excelente. Nunca imaginei que existissem pessoas cultas como eles lutando contra esse sistema opressor e desigual, doando seu tempo precioso nos trazendo conhecimento. Quanto às disciplinas tive muita dificuldade no início, pois era tudo diferente do que eu já tinha visto. Os textos com linguagem culta me deixaram assustada, mas a rotina de leituras, aos poucos, me fez acostumar. Os trabalhos que nos foram solicitados pelos professores foram em sua maioria desenvolvidos em grupos, o que em minha opinião é muito importante, já que so-

mos organizados em comunidades e temos pontos de vista diferentes, mas respeitamos cada um em suas ideias. Quando vejo os primeiros trabalhos que fiz, percebo o quanto aprendi e evolui nesse período, pois foi somente na terceira etapa que tivemos a disciplina de produção de textos e então consegui aprender um pouco. O que trabalhamos na disciplina de Língua Portuguesa contribuiu muito para minha formação como militante de um movimento social, pois qualquer que seja a cultura que constitui a nação brasileira que vem sendo herdada ao longo do tempo principalmente a cultura regional serve para entendermos a nós mesmos e a nossa realidade. Apesar das diferenças individuais de cada cultura, deve prevalecer o respeito entre todos, primando pela harmonia da nossa pluralidade cultural.

Quando olho para trás e vejo tudo que aprendi, como cresci intelectualmente, penso que o futuro será ainda melhor. Na minha vida acadêmica, aprendi a ver as coisas de um modo diferente, a ser mais crítica, analisar o contexto das situações. Pretendo usar o conhecimento adquirido e contribuir para o avanço coletivo do assentamento, retribuindo de alguma forma o apoio que recebo de minha comunidade, continuando a lutar, pois são grandes os desafios.

Temos necessidade urgente de mudanças e formações de novas mentalidades que possam ajudar a enfrentar os problemas atuais presentes nos assentamentos, exercendo o papel não só de educadora, mas de uma pessoa que sonha com uma sociedade mais justa e igualitária. Porém, também penso no bem estar da minha família e na mudança material que um diploma pode trazer. Quero relatar que minha família tem um papel muito importante na minha vida, me ajudando de todas as maneiras possíveis. Eu jamais poderia estar aqui escrevendo estas linhas se não fosse a cooperação dela.

Ivone Fernandes Santos

Em busca de um sonho

Esperado setembro, mamãe costura, lava e passa roupinhas tão pequenas que parecem de bonecas.

Esperado setembro, as crianças vão ao desfile na praça, onde tambores e cornetas fazem a alegria da criançada.

Setembro? Flores brancas, rosas, azuis. Todas as cores anunciando a estação mais bela e mais colorida do ano.

Papai traz novamente a vovó, que passa semanas e semanas com a família, a qual fica responsável pelas crianças e pelo serviço de casa, enquanto papai retorna aos seus afazeres de rotina.

De repente, as crianças percebem alguma movimentação diferente; titia amorna água no fogão a lenha; vovó pede para que as crianças brinquem no quarto ao lado e as proíbe de irem ao quarto de mamãe.

Passados alguns minutos, vovó anuncia a chegada de mais uma irmãzinha, a quinta criança de uma família que seria de sete irmãos.

Logo, papai chega; cansado e sujo do trabalho que estava exercendo. Sorri e vai ao quarto e leva as crianças junto para conhecerem a nova componente da família. Dentro do quarto, começam a falar sobre o nome, não sei de onde eles tiraram tantos nomes para dizer e discutir, até chegar a um consenso. Disseram que o nome tem influência na vida da criança e no seu futuro; então, mamãe disse: “Já temos quatro filhos com as iniciais iguais, devido ao entendimento que todos terão um vínculo, união: Izequiel, Ildeberto, Idelma, Iolanda. O nome dela pode ser Iselma? Isabel? Iara?” Optaram pelo nome de Iara, por ter um significado de senhoras das

águas. Porém, ao registrar, papai não tinha certeza do nome que fora decidido: Iara ou Ivone? Registrou-me com o nome de Ivone.

Ivone nasceu com muita saúde e disposição, aprendeu a engatinhar cedo, era a diversão da casa. Aos nove meses de vida, e curiosa como sempre, parou em pé, segurando-se em cima da caixa d'água que ocupava o lugar de uma mesa. Ao ver que sua irmã estava descascando um mamão, chegou mais perto, fazia gestos, demonstrando que estava querendo um pedaço, e a irmã mais velha com pressa para dar-lhe um pedaço, tentou descascar o mais rápido possível. Porém, suas mãos pequenas e sem forças não conseguiram segurar a faca, que escorregou, cortando o rosto de Ivone, que, por sua vez, desesperada e com dor começou a gritar e chorar.

Mamãe, muito assustada, mas com carinho, passa remédios caseiros, que aprendera com sua mãe na aldeia onde moraram na infância. Conseguiu cessar o sangue, mas estava com medo de ter atingido os olhos.

O tempo foi passando e aquela criança parou de gatinhar, vivia com uma tristeza no olhar, não desenvolvia, não engordava e, principalmente, não andava como imaginava que seria.

Por ser uma família muito religiosa, acreditava que era alguma praga que alguém havia jogado na criança, pois isso aconteceu do dia para a noite. Os médicos não achavam a causa. Foi quando mamãe começou a buscar uma benzedeira. Orações, benzimentos, promessas, tudo foi feito na tentativa de fazer a criança voltar a andar. Somente aos seis anos de idade, ela começou a demonstrar vontade e a se esforçar para andar: voltou a se alimentar bem. Estava dando sinais que estava voltando a viver normalmente como as outras crianças.

Devido à doença vir do nada, os médicos não acharem a causa, o mérito ficou para a promessa, pois houve a cura. Obviamente, depois da cura, a promessa era vesti-la de com um vestido azul, da cor do vestido da santa, fazer orações todo dia vinte e quatro, no mês de maio dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora. Isso se tornou uma tarefa anual. Dias em que celebravam a vida da criança e o dia da santa com uma confraternização.

Aos sete anos de idade, chega o momento esperado: ir para a escola. A menina sente-se realizada, pois quando seus irmãos voltavam da mesma nos anos anteriores, sempre tinham novidades, algumas boas e outras ruins, e Ivone sonhava em estar no meio daquelas crianças brincando e correndo. Não via a hora de ser normal.

Somente após ir para a escola, é que se iniciam as brincadeiras, as amizades, entre as quais está uma que seria uma amizade de confidências, como se conhecessem de uma outra vida.

Rúbia Mara foi sua primeira amiga de escola; estudaram na mesma sala durante nove anos. Desde a primeira série, elas iam para a escola juntas e nos finais de semana também ficavam em uma mesma casa, revezavam as casas e durante o ano todo uma dormia na casa da outra.

Nos finais de semana, se reuniam com todas as crianças da rua, brincavam de beto, pega-pega, subir nas árvores, jogar vôlei, de vez em quando, nos dias de chuvas brincavam de casinha nos quartos, nas camas de beliches: dividiam as peças das casinhas com lençóis.

Certo dia, algo terrível aconteceu. Estavam sozinhas em casa e foram brincar na cama de mamãe, por ser maior. Era um segredo. A mãe de Ivone não estava em casa, eram sete crianças, uma delas ao olhar em baixo da cama prendeu a cabeça entre a parede e a cama, o restante da criança tentou salvar. Imaginando que a força era pouca, subiram, os seis, em cima da cama e tentaram puxar, não conseguiram. E ao ver o rosto roxo da menina, alguém teve a ideia de chamar um adulto para ajudar a resolver o problema. Quem vem? Veio a mamãe de Ivone, com pressa e decidida a bater em todos. Chegou, tirou a irmã de Ivone da cama, deu um sermão e bateu em todo mundo inclusive na que estava presa pela desobediência.

Já na adolescência, as brincadeiras tomaram um outro rumo, sempre procuravam brincar com os meninos, jogavam o jogo do beijo, com quem você pretende se casar, esconde-esconde. Mas isso era só entre as meninas e os meninos da mesma idade. Era um segredo de estado, não

poderia ser dito para as outras crianças ou algum adulto. Os desejos começaram a nascer, algo que nem sabiam o que era, sentimento estranho, mas que todas as meninas sentiam algo parecido.

Nas brincadeiras é que surgiram os primeiros beijos, o sonho de se tornar adulto para ter a liberdade de fazer algumas coisas que para as crianças eram proibidas. As piadas já eram diferentes, já falavam sobre sexo, desejos. As histórias eram de sonhos: sonhos de se casar com um príncipe encantado, aqueles dos desenhos animados que vêm em um cavalo branco e leva a princesa para viver em um castelo encantado.

Porém, isso era só sonho. Aos quinze anos de idade, no último ano do Ensino Médio, mudou-se para o Paraguai em busca de trabalho e da construção de um sonho. Ivone foi morar com a família de um primo. Foi quando conheceu um rapaz, amigo da família, e por morar em um lugar estranho e de língua diferente, esse rapaz seria importante para o seu desenvolvimento neste local. Namoraram durante dois anos, e ela mudou para Ponta Porã para estudar; sua mãe disse que seria impossível ela viver sozinha, então resolveu que teria que casar aos dezoito anos. Após dois meses de ter completado dezoito anos, seus pais a fizeram casar para evitar problemas futuros, segundo eles.

Casou-se, e após três anos, teve o primeiro bebê e junto a responsabilidade sobre uma vida que veio ao mundo. Não conseguia emprego na cidade. Assim, resolveram mudar para Campo Grande e trabalhar em um mercado de um tio. Porém, o esposo com o documento paraguaio não poderia trabalhar registrado, aí começou o desespero, a necessidade, ela sozinha não conseguia sustentar a família e pagar aluguel.

Dentro de seis meses, mudaram novamente para outra cidade onde moravam seus pais. Conseguiram melhorar de vida, mas ele teve que voltar para o Paraguai e trabalhar uns dias. Essa distância com o tempo trouxe uma separação.

No ano de 2003, surgiu um acampamento na cidade e Ivone se interessou, pois seu pai trabalhava fazendo pontes em fazendas e de vez em

quando ela ia com ele, e com isso começou a gostar da vida no campo. Isso seria um desafio, ir em busca de um sonho. Neste acampamento, conheceu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e começou a estudar sobre o assunto e o porquê de existir os sem terra, se apaixonou pela causa e se tornou a sem terra.

No ano de 2004, mudou-se para uma área provisória, onde ficou por um ano lutando pelo sonho e objetivo que tinha traçado até então. Já em 2005, mudou-se, novamente, agora para a fazenda Mutum, situada em Nova Alvorada do Sul/MS. Morando com um companheiro, decidiram construir um projeto juntos. Optaram por um grupo coletivo, no qual a terra, o trabalho e o capital era tudo junto.

No núcleo de resistência socialista Dorcelina Folador, lugar onde se está construindo a realização do sonho de 23 famílias sem terras. Sonhos de fazer junto o que não se pode fazer sozinho. No momento, o núcleo está mexendo com lavouras, pois não foram liberados os créditos, que são direito das famílias. Quando os créditos forem liberados, o projeto objetiva mexer com a bacia leiteira, produzir e industrializar.

Junto com o Movimento, conquistou-se o direito a uma universidade para quem mora no campo. Ivone assume novamente outro desafio: dar mais um passo na sua vida no momento de prestar o vestibular. Ficou muito nervosa, pois fazia dez anos que tinha saído da escola, não acreditava que conseguiria uma vaga. Quando soube do resultado do vestibular, descobriu que teria mais uma tarefa a cumprir para chegar a seus objetivos.

Na universidade, percebeu a dimensão que é o conhecimento, mas está disposta a tomá-lo para si, e construir um futuro. Pretende por em prática seus conhecimentos e aprimorar-se.

Acredita que a educação pode transformar o ser que busca conquistar um futuro melhor para a sociedade.

Jucélia dos Santos Silva

O começo

Tudo começa no dia 23/12/1989, às 15h, no hospital da cidade de Aquidauana/MS, fruto da relação entre Conceição Alves dos Santos e Simão Pereira da Silva. Nasce, com dois quilos e quinhentos gramas, Jucelia dos Santos Silva. O nome, dado por minha mãe, em homenagem a meu irmão Célio que muito a amparou no momento em que ela se separou – pela terceira vez – de meu pai, algum tempo após meu nascimento. *Ju*: de origem italiana, vem de Juliana – luz que ofusca a escuridão; e *Célia*: de origem portuguesa – deusa que nunca mente.

Após a separação, as coisas se tornaram difíceis para minha mãe: sem muito estudo, com outras crianças mais para cuidar (fruto de casamentos anteriores). Moramos por seis meses no município de Aquidauana/MS, à espera de um processo de reforma agrária que já durava sete anos. Em 1987, fomos contemplados com a terra (20 hectares) no município de Corumbá/MS. O sonho de uma nova vida reacendia.

A infância

Quando eu tinha sete meses, fomos morar no lote em uma casa onde ainda não havia água, luz. Determinada noite, fui picada (nas costas) por um inseto conhecido como “mutuca”. Apareceu no local um caroço que crescia gradualmente. Em razão disso, precisei passar por cirurgia sem o apoio de anestesia, pois o caroço se localizava na coluna e poderia haver complicações na medula. Vale destacar que minha mãe, em vista das difi-

culdades financeiras, precisou andar até 15 km a pé. Segundo ela, tive um desmaio durante a cirurgia, minha recuperação foi lenta e sofrida por eu ser ainda um bebezinho.

Ainda na infância

Cresci no Assentamento Taquaral (área rural). Minha primeira escola se chamava Monte Azul, nome que faz alusão aos morros que cercam Corumbá. Não frequentei o pré-escolar. Aos seis anos, na primeira série, tinha uma professora chamada Cida Lima. Foi com ela que eu e meus irmãos aprendemos a ler, a escrever. Ela tinha uma filha da minha idade da qual sou amiga até hoje. Neste ambiente criei meus primeiros laços de amizade. Muitos perduram até hoje, pessoas com quem aprendi a pular elástico, andar de bicicleta, brincar de polícia e ladrão, queimada, a soletrar, a contar. Alguns desses antigos amigos ou estão no exército ou casados, mas o carinho permanece.

A escola

Minha ida para a escola foi um desafio, tudo me causava medo, inclusive as muitas pessoas desconhecidas ao meu redor. O que me mantinha nela eram o prazer de aprender e as amizades que acabam nos completando. Sempre gostei de inovar, de sair na frente, de escrever e de ler; aprendi, de modo inexplicável, a ter prazer pela leitura. Quando tinha dez anos fui para uma escola maior. Era muito estranho, sentia-me uma criança em um mundo de adolescentes. Escrevi muitos diários, os quais tenho até hoje, joguei bola, chupei muito chiclete, fiz grupos de amizade (um deles era formado por três pessoas – andávamos sempre juntas, usávamos roupas semelhantes), matei algumas aulas, coleí muito na sexta série. Nessa época também aguardava, com ansiedade, as transformações de meu corpo, indicando a mudança da fase de menina para a de mulher desejada.

O primeiro beijo, a adolescência

Ainda menina, na quinta série, após uma aula de matemática maçante, ganhei, de forma furtiva, meu primeiro beijo. Foi de um menino lindo, inteligente, que estudava na oitava série. Vivi ali um dos momentos mais importantes de minha vida: um beijo estranho, mas que me encantou. “Bobamente” fiquei gostando daquele menino por um bom tempo.

Como qualquer adolescente de frente para um mundo novo, tive inúmeras dúvidas sobre meninos, sexualidade. Nunca pude contar com minha mãe, não conseguíamos criar caminhos para esse tipo de diálogo, creio que em razão da época em que ela foi criada, sempre me tratou como criança. Até hoje finge não saber de determinadas coisas... Procurei me informar por meio das longas conversas com amigas.

Os meus quinze anos comemorei, numa noite linda, com amigos, parentes e presentes, é claro. Estava feliz, mas algo faltava: a presença de meu pai. Apesar de ter criado muitas expectativas quanto à sua presença, ele não apareceu.

Neste mesmo ano fui informada por uma amiga de que havia em Campo Grande/MS uma escola Agrícola de Ensino Médio e Técnico. Fiquei interessada, pois vi a possibilidade de me qualificar profissionalmente, o que facilitaria arranjar emprego e ajudar minha mãe nas despesas – no Assentamento havia poucas chances. Foi uma decisão difícil, passei dias procurando uma forma de convencer minha mãe de que isso seria uma boa experiência pra mim.

A Escola Família Agrícola

Em fevereiro de 2005, cheguei à Escola Família Agrícola. Muito assustada, conheci minha turma, formada por 39 estudantes. Jovens ainda indecisos em relação à sua formação como técnicos em agropecuária. Era

um grande desafio para mim: a escola se mostrava exigente com a proposta de formar o camponês, de entender os conflitos da agricultura familiar que, para mim, naquele momento, pouco me interessava.

No primeiro ano fiquei “boiando”, pouco compreendia da proposta de inovação para manter os agricultores no campo (mais tarde é que passei a valorizar o sofrimento de minha mãe na luta pela terra). Contudo, a vivência na escola, as palestras diferenciadas, a conscientização sobre a importância da agroecologia, a participação cidadã, a proposta político-pedagógica, orientando sobre a necessidade de se manter as raízes foram me cativando.

No primeiro ano ainda, fui escolhida para fazer uma viagem de estudos à cidade de Glória de Dourados/MS. Senti-me muito feliz e procurei ter uma boa participação. No segundo ano fui a Brasília participar de debates relacionados a questões do campo. Parecia nascer ali a vocação para a liderança. Também viajei para Curitiba, em 2008, momento que marcou muito minha vida em aspectos pessoais.

Ainda em 2007, fiz apresentação para o corpo técnico da escola acerca de experimento realizado como trabalho de conclusão do curso. A exposição consistiu em uma explanação sobre o desenvolvimento e sobre a importância da cultura do sorgo, uma leguminosa útil em rações para bovinos, para a agricultura familiar. Eu fui contemplada com a melhor nota.

Na escola também me destaquei pela capacidade de levar as pessoas à reflexão, por meio de mística, o que aprendi na vivência da escola. Sentia que a escola apostava em mim e quis corresponder. Em 2008, último ano na escola técnica, foi marcado por muitas perguntas: após essa etapa concluída, como vai ser? Vou arrumar trabalho? As cobranças que eu fazia a mim mesma eram grandes. Percebia que tinha eu mesma de cuidar de mim, e a vida me dizia: “vai”. Assim, aos 18 anos, curso técnico terminado, tinha à minha frente o desafio da universidade. Para isso, contava com o incentivo de meus antigos professores, pessoas de grande importância em minha vida até hoje.

A universidade

No meio do ano de 2008, fiquei sabendo por meio da escola família, que haveria vestibular para um curso de Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD que atenderia pessoas de determinados movimentos sociais. Num primeiro momento não fiquei muito entusiasmada. Não havia previsto uma mudança tão radical: passar de um curso técnico para um relacionado a Ciências Sociais. Na época eu já participava do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), mas pensava em concluir meus estágios e prosseguir na área técnica. Um dia antes de encerrarem-se as inscrições para o vestibular, uma amiga me ligou e disse que iria fazer minha inscrição para que eu tivesse conhecimento de como era o vestibular. Aceitei a ideia, providenciamos os documentos e enviamos. Aproximava-se o dia da prova e eu não havia tido tempo para me preparar. Recebi ajuda de pessoas que sempre me apoiaram em minha vida profissional. Apesar de não ter estudado muito, achei o vestibular difícil e participei da entrevista “numa boa”.

Fiquei sabendo que havia passado em 13º lugar. Tudo novo outra vez: pessoas, lugares, situações. Na primeira semana, pouco compreendia das disciplinas, achava muito difícil. Hoje estou no terceiro semestre, não vejo minha vida sem esse curso, e, se pudesse, levaria muitas pessoas a fazerem o curso. Acredito que ele oferece clareza em relação ao mundo que nos cerca, orienta-nos a lidar com nossas escolhas.

As expectativas para o futuro

Apesar de muito ansiosa, acredito que tudo acontece na sua hora, espero logo terminar a universidade para poder exercer com qualidade o que aprendi. Sei que essa me dá somente um fio do saber, que eu, com coragem ou não, preciso seguir. Pretendo ainda continuar de alguma forma na contribuição à minha causa, lutar pelo meu povo.

O trabalho, a vida “independente”

No ano de 2009, resolvi arrumar trabalho para que não ficasse dependendo de minha mãe, precisava construir minha estrada. Nessa época, em vista de minha participação voluntária no MMC, comecei a viajar e a acompanhar de perto a luta do movimento. No mês de abril fui trabalhar ligada ao MMC, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no município de Rio Brillhante/MS. Exercia serviço de secretaria e realizava entrevistas nos assentamentos da região. Morava com uma amiga e dividia tudo: dias difíceis, inesquecíveis, quantas vezes olhava para a rua à procura de minha mãe. Apesar disso, sentia-me feliz, pois podia pagar minhas contas.

No dia 13 de maio fui visitar minha antiga e amada escola Família Agrícola. Era seu aniversário de 13 anos e eu fazia parte desta história, precisava estar lá. Conversei com antigos professores, tomei conhecimento de como andava a escola. Logo depois, fui convidada a lá trabalhar. O mundo se abriu para mim, este seria um bom projeto de vida. Passei a participar também da COAAMS (Centro de Organização e Apoio aos Assentados de Mato Grosso do Sul), agora não mais como estudante, mas sim como representante de projeto dos agricultores. Aos poucos fui me adaptando, mudei de casa, foi um momento difícil, mas emocionante.

A vida me chamava. A proposta de educação do campo da COAAMS me encantava, era a minha causa, a minha luta. Reconheço que sempre chega um momento em que a vida nos dá opções e a gente entende o que quer, percebe o porquê quer lutar, e o que mais vale na vida.

Fico feliz por fazer o que gosto, por cuidar de minha causa, por acreditar que posso contribuir, por ser uma jovem rural, que tem SIM, planos, sonhos que podem ser realizados. Muitas pessoas têm ajudado a construção da Jucélia, e é por elas que vivo, busco retribuir cada instante.

Lauraline da Silva Ramos

Vida minha, vida bela

Minha vida em uma palavra: persistência.

Minha mãe, conhecida como dona Cida, nasceu e cresceu em Corumbá no Mato Grosso do Sul. Saiu pela primeira vez de sua cidade natal aos dezoito anos, quando se casou com meu pai, Gildásio, que tinha vinte e quatro anos. Ele trabalhava como motorista de caminhão e levou-a para morar em Campo Grande/MS. Com dezenove anos tiveram a primeira filha. Minha avó materna pediu à minha mãe que dessem à neta o nome de Natalícia. Apesar de minha mãe ter pretendido registrar a recém-nascida com o nome de Aline – realizando um sonho de infância –, acatou o pedido de minha avó a qual veio de longe para auxiliar a “mãe de primeira viagem”. Nessa época a falta de experiência não significava nada em vista dos problemas que se seguiram: dificuldades financeiras, desemprego. Para sustentar a família, meu pai viajava para longe, vindo em casa a cada trinta dias, após receber o salário. Em determinado momento fica desempregado. Diante disso, minha mãe, grávida da segunda filha – Elaine –, decide trocar peças de seu enxoval de casamento para alimentar as filhas.

Mais tarde eles compram uma casinha um pouco mais confortável em outro bairro – Santa Emília – para viver com suas duas meninas. Decidem não ter outros filhos. Não foi o que aconteceu: afinal, eu tinha que nascer! E aí começa a minha teimosia: minha mãe, mesmo estando tomando anticoncepcional, engravida. Fica sabendo da novidade quando já está com quatro meses e meio de gravidez; toma conhecimento também de que teria uma gravidez de risco. Durante dois meses ela passava cinco dias

no hospital e dois em casa. Teve parto cesariana e eu – bebê prematura – fiquei alguns dias em incubadora. Preocupada com minha saúde e com a de minha mãe, tia Maria – irmã de minha mãe e devota de santa Laura de Vicuña – fez promessa, comprometendo-se dar o nome de Laura à criança, o que foi motivo de discussão e resistência por parte de minha mãe que, ao final, concordou com o nome Lauraline.

O contato com a terra

Meu avô geralmente acampava com meu tio com o objetivo de receberem terra por meio da Reforma Agrária; com isso ele estava quase sempre em minha casa. Depois que conquistaram a terra, meu pai visitava frequentemente meu avô no lote; eu não entendia o que se passava em minha volta: só queria curtir, brincar, viajar na carroceria do caminhão de meu pai, banhar no rego de água que passava pelo fundo do lote. Depois que minha avó veio morar no sítio, após terem terminado de construir a casa, eu passava as férias com ela e meu avô. Meus avós tinham apenas uma vaca leiteira e eu queria, a todo custo, comer queijo. Então meu avô fez com que eu e minha irmã andássemos sete quilômetros para comprar o tal do queijo. Fiquei tão cansada que, ao chegar a casa, tomei banho e dormi. Só no dia seguinte comi do queijo.

Nas férias do ano seguinte, no meio do ano, fiz questão de ir novamente para o sítio. Dessa vez, fui com minha avó que havia vindo à cidade fazer algumas compras. Eu não era a única criança no sítio: meus primos e primas, filhos da tia Maria, também estavam lá com meu avô e minha tia Iranir (irmã de minha mãe). Foram boas férias, brincamos, brigamos bastante, contamos estrelas e satélites – na época não havia luz elétrica e essa era a única forma de esperar o sono chegar. Contudo, essa tranquilidade não durou muito tempo: dois anos depois, meus pais venderam a casa e nos mudamos para a cidade de Primavera do Leste no estado de Mato Grosso.

A adolescência

Quando eu tinha entre dez e onze anos de idade, comecei a entender melhor o que se passava à minha volta. Havíamos saído de nossa confortável casa para passar uma temporada vivendo em uma “meia água” construída na parte do fundo da casa do tio Almir (irmão de meu pai). Nossas coisas ficavam amontoadas, era difícil encontrar algo em meio à bagunça. Minha mãe tinha que ouvir reclamações, apesar de fazer as obrigações da casa.

Algum tempo depois, meu pai alugou uma pequena casa. Podíamos dormir em nossas próprias camas e eu tinha mais liberdade para andar sozinha pela pequena cidade. Contudo, passei a assumir maiores responsabilidades: tinha de preparar o almoço, pois minha mãe trabalhava o dia todo, vinha em casa apenas para almoçar, fazer-nos companhia.

Em determinado momento, a situação em nossa casa ficou difícil ao ponto de termos somente arroz e ovo para comer. Minha mãe dispensava o almoço na Firma e o tempo de descanso para compartilhar conosco a mesma comida. Minha irmã, Natalícia, trabalhava como babá, a Elaine não fazia nada, então passei a fazer as obrigações que eram dela. Meu pai comprou um caminhão, foi trabalhar em Cuiabá (ficava meses sem vir em casa) e nós (minha mãe e minhas irmãs) continuamos em Primavera do Leste por mais alguns meses até que, por questões que envolviam minha irmã Elaine (desobediência, indisciplina), meus pais decidiram levar a família para Cuiabá. Ao término das aulas, minha mãe pediu transferência e fomos morar no bairro Pedra Noventa. Apesar de ser conhecido pelo jargão “Pedra Noventa só enfrenta quem aguenta”, o bairro ofereceu-me oportunidade de ter contato com pessoas inesquecíveis. Nele também vivi os primeiros anos da adolescência. Ali frequentávamos a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), assumimos cargo de obreiras, por meio do qual fazíamos trabalhos de evangelização e de colaboração voluntária.

Foram bons tempos, grandes amizades. Talvez essa tenha sido uma experiência que contribuiu para evitar muitos problemas, crises familiares que envolvem jovens adolescentes nas grandes cidades.

Moramos ali por três anos e seis meses. Depois nos mudamos para o assentamento em que meus avós moravam, no lote que era do meu tio.

O assentamento

Meu tio, o dono do referido lote, encontrava-se preso na delegacia da polícia civil de Sidrolândia/MS. Seu lote estava abandonado e iria para retomada, caso não fosse ocupado. Assim, atendendo a pedido de meu tio, fomos para lá morar. Algum tempo depois, minha mãe conseguiu legalizar a área em seu nome. Ainda hoje está sendo difícil o trabalho de organização: a casa está condenada, as cercas e o pasto precisam ser reformados, o mangueiro, construído. Após seis anos aqui vivendo, não conseguimos nenhum tipo efetivo de benefício e investimento, devido à burocracia e ao desinteresse dos órgãos competentes.

Há que se destacar que muitas têm sido as dificuldades, mas também os prazeres: as boas festas, as oportunidades – aqui terminei o Ensino Médio, construí amizades, aprendi muitas coisas com os professores da escola da minha comunidade. E ainda foi aqui que surgiu a oportunidade de conquistar, após três tentativas, uma vaga no Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Tudo isso com o incentivo essencial de meus pais, de meus professores.

Depois de nove meses mais uma novidade surgiu na minha vida, adivinhem o que aconteceu... Ah, se você achou que eu tivesse tido um bebezinho enganaram-se, pois eu só me casei. Mas, aí é outra história, será preciso outro livro!

Luci Dalva Maria de Souza

Anésia Maria de Souza (baiana, natural de Macaúba) e Canuto dos Santos Souza (baiano, oriundo de Oliveira dos Brejinhos) tiveram, ainda no interior da Bahia, seis filhos: Percília (Cila), Tercília (Tê), José João (Zé), Evanice (Nice), Maria Rita (Rita) e Edivaldo (Dix). O casal vem para Vicentina/MS e aqui nasce a filha Eva.

No dia 28/11/1976, às 22h, Anésia, com trinta e nove anos, após atribulada gestação, dá à luz – na Santa Casa de Campo Grande/MS – a um bebê de 2.330 kg e 48cm. A criança recebe o nome de Luci Dalva Maria de Souza. Em princípio, deveria chamar-se Carolina, em homenagem à avó materna, mas o pai, Canuto, não permite; segundo Anésia, por ciúmes. Esse nome deveria ter sido dado à irmã Percília, há quase vinte anos antes (para homenagear uma parteira).

Quando soube disso, fiquei decepcionada por não trazer comigo o nome de minha amada avó. Além de achar o nome Lucidalva estranhíssimo, não conhecia ninguém que o compartilhasse comigo. Fiquei mais consolada, quando identifiquei, em determinado *site*, o significado da palavra: presente vindo da luz.

Nasci muito doente e desnutrida: até os três anos de idade, fui internada por diversas vezes. Não sei se posso dizer que tive uma infância longa, mas com certeza posso afirmar que foi intensa. Sempre muito alegre e falante, meu irmão dizia que eu falava mais que o homem da cobra (e eu era doída para conhecer o tal homem). Muito espontânea e carinhosa, mas também muito carente, não me permitia magoar alguém, e sofria muito quando alguém me magoava.

Aos sete anos fui para a escola. A professora chamava-se Laudicéia. Era maravilhosa, dedicada: minha mãe quase não acreditou que aque-

la menininha, que parecia não aprender nada – quando as irmãs tentavam ensinar –, voltasse, em pouco tempo de escola, escrevendo o próprio nome. Era uma aluna inteligente, tirava ótimas notas, porém era um tanto tagarela. Para me conter, a professora me colocava para ajudar os coleguinhos de classe a realizarem suas atividades.

Na meninice fiz catequese e participei do coral infantil da Igreja Imaculada Conceição. Brinquei muito também: betes, bandeirinha, pega-pega, esconde-esconde, queimada, pega varinha. Mas as de que eu mais gostava e tinha competência para jogar eram bandeirinha e queimada.

Um fato de minha infância que me marcou muito, é o relacionado a um de meus aniversários: eu tinha uma vontade imensa de ter uma festa de aniversário. Mas não podia ser uma festa qualquer. Tinha que ser uma festa surpresa. Tanto insisti que venci minha mãe pelo cansaço.

Apesar das dificuldades financeiras (era minha mãe que garantia o sustento da casa com o auxílio dos filhos que tinham trabalho), ela fez um bolo simples; e, para beber, suco de pacotinho. Varri o quintal. Coloquei em volta da mesinha, onde ficaria o bolo, uma cadeira que tinha encosto circular – por ser uma cadeira diferente, deveria ser a cadeira da princesa, imaginava eu. Convidei dezoito amiguinhas (os). No momento de partir o bolo, apareci, vindo de trás da casa, onde fiquei “escondida”, como se nada soubesse e eles cantaram o tão esperado parabéns. Esta foi a minha festa surpresa. Como fiquei feliz. Ligamos o rádio, nos divertimos bastante e partimos o bolo. Para o espanto de minha mãe, todos puderam comer e eu disse: – viu como houve a multiplicação do bolo?!

Com relação à adolescência, posso dizer que, assim como comecei a trabalhar cedo, comecei também cedo a me apaixonar. Meu primeiro amor apareceu quando eu tinha nove anos. Mas não foi um amor recíproco, pois nem ele ficou sabendo dos meus sentimentos. Quando eu chegava perto do garoto, minhas pernas bambeavam e o coração disparava. De noite, quando todos iam dormir, eu ia chorar. Foram dois anos de tristeza.

Não conseguia entender o como uma criança como eu poderia ter um sentimento tão forte por alguém. Se bem que até hoje não sei. Minha segunda paixão foi por um garoto de nome Celso. Seu apelido era Dentinho. Eu e quase todas as meninas da escola éramos apaixonadas por ele. A experiência de meu primeiro beijo aconteceu com ele.

As transformações – físicas, emocionais – porque passam os adolescentes, foram vividas sem a orientação mais efetiva de meus familiares, uma vez que determinados assuntos eram considerados tabus, por exemplo, menstruação: por eu sofrer muitas cólicas, minha mãe me dava remédios caseiros para aliviar as dores, porém não fazia qualquer comentário sobre o que se passava comigo.

E assim passei pela adolescência. No dia primeiro de fevereiro de 1997, casei-me com Sydynei (estava grávida de sete meses). Na época eu trabalhava em uma Agência de Correios Franqueada, mas já havia trabalhado como doméstica, como babá, como frentista, secretária, caixa, balconista.

Em 27 de junho de 1997 nasce, na Santa Casa de Campo Grande, Matheus, meu lindo bebê!. Fica mais de 24h sem mamar e não reclama. O resultado: uma crise de hipoglicemia. Culpa de uma mãe de primeira viagem, desinformada. A segunda gravidez foi marcada por momentos de tensão, desentendimentos, períodos de separação (meu marido bebia muito, ficamos cinco meses separados. Ele passou a frequentar o AA. Voltamos. Até a chegada do neném tivemos uma vida ótima). No dia 5 de setembro de 1999, nasce Matheus. Entendi naquele momento que não importava os problemas e nem quantos filhos eu tivesse, o amor suplanta a dor, supera qualquer barreira. Encorajei-me e me separei definitivamente, visto que o pai de meus filhos não se preocupava com o bem estar dele e da família constituída. Com dois bebês, resolvi enfrentar tudo e todos. Fui bastante insistente na busca da manutenção de um vínculo forte entre meus filhos e o pai, porém as crianças praticamente não conviviam com ele.

Em 19 de fevereiro de 2001, conheci o Gilberto. Um mês depois, no dia do aniversário de minha mãe, trocamos aliança e fomos viver juntos. Morávamos em uma precária casinha de madeira, mas era lá, com ele e meus filhos, que me sentia feliz.

Tomei conhecimento da existência de um acampamento em Guia Lopes da Laguna/MS, falei com Gilberto, que estava a serviço em São Paulo. Decidimos que ele ficaria no acampamento, fizemos uma pequena compra (com o único dinheiro que tínhamos) para que ele pudesse se manter por uns dias. Em oito de outubro de 2002 mudei-me para o acampamento. Acampe por causa de um amor, de um pedacinho de terra, passei a ver, conhecer e realmente viver uma nova vida, cheia de privações materiais, mas rica em novos conhecimentos.

Pela primeira vez na vida, presenciei uma família numerosa dividir com outra, também numerosa, meio pacote de arroz. Era assim aquele grupo de pessoas. O alimento e também a falta dele uniam uns aos outros. Senti na pele a plenitude e o significado da palavra “partilha”.

Foi no acampamento que senti mais de perto a minha dor, a dor do outro, a do companheiro e da companheira. Partilhávamos o pão e a vida.

Desde o início, pude participar de encontros, mobilizações e atividades que me proporcionavam muito prazer em estar lá, lutando por minha família e por uma família maior: eu não era só mais um acampado, eu era um Sem Terra, um MST. Passei a me orgulhar da bandeira vermelha hasteada no acampamento, fortalecendo a mística existente dentro de cada um daqueles que ali se dispunham a lutar pelo mesmo ideal. Aquele novo mundo era agora o meu mundo. Cada rosto sofrido, cada lágrima, cada riso eram também meu rosto, minha lágrima, meu riso.

Em janeiro de 2006 mudei-me para o pré-assentamento, na antiga fazenda Santa Mônica, nome dado posteriormente ao assentamento Emerson Rodrigues. Parecia um sonho – sair da região de Guia Lopes/Jardim e voltar para perto de minha mãe. Outra coisa positiva foi a pos-

sibilidade de estudar e trabalhar sem precisar mudar-me do sítio Estância Raio de Luz.

Uma oportunidade importante que se abriu não só para mim, mas também para uma classe – a de trabalhadores rurais – foi a de participar de seleção para um curso universitário em uma universidade pública. Vi aí uma oportunidade que transcende a sala de aula. Cursos oferecidos a pessoas da área rural possibilitam que os jovens se sintam valorizados e tenham vontade de permanecer no campo.

Hoje, trabalho como recepcionista no posto de saúde da área onde moro (prestei concurso para a prefeitura local), estudo Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Aos poucos venho conquistando espaços que outrora pareciam distantes, mas não impossíveis.

Com relação ao assentamento, novas lutas para a permanência na área têm sido enfrentadas, por exemplo, a de se criarem estruturas que favoreçam trabalhos na localidade, a da burocracia que retarda os financiamentos, a da falta de escolas com ensino de boa qualidade.

Contudo, é preciso registrar que, quando optamos por enfrentar o mar bravio, devemos aprender a nadar para enfrentar as dificuldades e aproveitar os momentos de calma.

Luiz Carlos Marques Valejo

Meu nome é Luiz Carlos Marques Velejo, nasci em Mato Grosso do Sul. Estado esse que foi criado graças à divisão de uma parte do território de Mato Grosso, que era muito extenso, e com essa divisão, a cidade na qual eu nasci, teve o orgulho de ser, por um determinado período, a capital deste novo Estado: Ponta Porã. Porém, não tive a oportunidade de ser criado na cidade em que nasci, pois a maioria de meus familiares reside em uma cidade vizinha chamada Antônio João.

Após o meu nascimento, minha família retornou para a cidade de Antônio João, recém-formada, de infraestrutura e saúde precárias. Contam papai e mamãe que eram cinquenta quilômetros intermináveis de estrada de chão com muitos buracos, e sem mencionar que a minha família não tinha condições financeiras para ter um transporte particular. Além disso, pelo fato de a cidade ser pequena, não havia quem pudesse nos levar à cidade que possuía melhores condições para o atendimento de saúde do qual minha mãe necessitava em razão do meu nascimento ser de risco, segundo o afirmado pela parteira que realizava os partos em Antônio João. Ela encaminhou minha mãe para Ponta Porã. Mesmo com sintomas de trabalho de parto, meus pais saíram de Antônio João às pressas em uma rural velha. O percurso foi feito em meio dia devido a certos contratempos no caminho; mas com tudo isso o meu nascimento foi tranquilo, sem maiores complicações.

Até o meu nascimento, havia um certo impasse quanto à escolha de meu nome. Minha mãe fez uma lista com muitos nomes, que ela dizia ser os aceitáveis por ela, para ser escolhido em conjunto com meu pai. Porém, os dois chegaram a um consenso de um único nome. Então resolveram

juntar os nomes e o resultado foi Luiz Carlos, nome que nunca me trouxe constrangimento. Quando meus pais escolheram meu nome não levaram em conta o significado que os nomes tinham.

Quando criança, tive sérios problemas de saúde; quase que meus pais me perderam. Com essas complicações de saúde, meus pais fizeram um voto a Deus pela minha saúde e em agradecimento à graça obtida, tive cabelos grandes até os meus sete anos de vida, o que era causa de sérios problemas com pessoas estranhas, pois elas me confundiam com menina, que, para mim, era inaceitável. Além disso, eu também era excluído de algumas brincadeiras quando não era com o círculo de amigos ao qual eu já tinha afinidade, e que já sabiam que se caçassem do meu cabelo era a mesma coisa que pedir briga. No entanto, antes de ir à escola, meus amigos eram tão somente meus primos, um tio e alguns filhos de amigas da minha mãe. Com o passar do tempo, fui tendo mais liberdade para explorar a vizinhança, pois como até os sete anos eu não tinha irmão, meus pais me prendiam muito, principalmente minha mãe.

Quando completei a idade de ingressar na vida escolar, foi um verdadeiro novo mundo ao alcance de minhas mãos. Como morei ao lado da escola desde os meus primeiros anos, não tinha medo de ir à escola, e por muitas vezes dei trabalho para meus pais por ver as crianças passando para a escola e desejar ir também.

Lembro como se fosse ontem, do meu primeiro dia de aula; já de cara, fui para fila onde minha mãe havia me mandado. Até aí tudo bem. Entramos para a sala e fomos para uma mesa e nos sentamos, aguardando a professora nos indicar algo para fazer. Recordo-me que estávamos todos bem assustados, olhando para a porta onde a professora conversava com as nossas mães, que haviam ido nos deixar. Dentro da sala já havia alguns que estavam chorando. E eu ficava pensando por que eles choravam, já que eu queria entrar lá dentro e permanecer lá. Não pensava que alguns não moravam ao lado da escola como eu e que muitos nem queriam entrar

ali. Mas, após uma hora, mais ou menos, as mães já haviam ido embora, eu estava muito contente até me dar vontade de ir ao banheiro. Pedi à professora, ela deixou. Só que quando me avistou adentrando o banheiro masculino, ela logo gritou: “Ei menina, não é aí”. Como ela disse menina nem liguei e segui para o banheiro, mas ela veio na toda, entrou dentro do banheiro para me tirar de lá crendo que eu era uma menina; não havia dado nem tempo para eu chegar ao sanitário e a professora já me pegou pelo braço e me puxou para fora me dizendo para prestar mais atenção, pois o banheiro das meninas era ao lado do banheiro dos meninos. Além disso, uma menina não poderia entrar no banheiro dos meninos. Eu tentei dizer a ela que eu não era menina, mas a professora não me deixava explicar. Nisso encontrei outra solução: puxei minha mão, que ela segurava, abaixei as calças e disse: “Olha professora, eu não sou menina, tenho apenas cabelos longos por causa da promessa feita pela minha mãe”. Algumas pessoas que estavam no saguão ficaram olhando. De certa forma, para mim, foi traumático, pois depois disso não consegui chegar e pedir para ir ao banheiro por um bom tempo.

Como tudo na vida passa, isto também passou. Saí da pré-escola e iniciei a primeira série do Ensino Fundamental, com a professora Nélia da qual até hoje guardo boas recordações. A essa altura do campeonato, a escola já era minha segunda casa.

No ano seguinte, foi o ano que se findava a promessa de ficar com cabelos compridos, e eu tive que cortá-los. Lembro até hoje onde era o salão que meu pai me levou para cortar meu cabelo que tantos problemas me trouxe na vida escolar. Mas eu havia me apegado e não queria cortá-lo. O tempo passou, eu não tive mais problemas, até na época de minha adolescência que coincide com a data de entrada de minha mãe como trabalhadora na educação. Ela estando na escola no mesmo período que eu estudava, era um verdadeiro pé-de-guerra, pois tudo que eu fazia, lá vinha minha mãe para brigar comigo.

Na minha adolescência, eu estudava no período matutino e trabalhava na parte da tarde com meu pai, às vezes na construção, ou no roçado, visto que tínhamos roça bem próxima da cidade, e quando não tínhamos tempo para labuta, pagávamos os vizinhos para roçar. As roças eram feitas através do sistema de formação de pastagem, pegávamos a terra bruta em lugares de difícil acesso para máquinas por ser uma região de serra. O pedaço de terra era cerca de um hectare e meio, feita a machado, foice e de enxada nada de maquinários. Derrubávamos as árvores com os machados, cortávamos os galhos mais finos com a foice, carpiamos em volta, esperávamos secar alguns dias e queimávamos. Após a queima, amontoávamos os galhos que ainda não estavam bem secos em forma de leiras para servirem de uma espécie de curva de nível, onde se podia plantar abóboras, morangas, pepinos. Essas leiras ficavam em estágio de putrefação e serviam de adubo para as plantas.

Passados alguns anos, tínhamos que consorciar com a produção de milho, como era mais comum a pastagem para a entrega no ano seguinte nas terras formadas; então pegávamos outras terras para começarmos tudo de novo em outra área. Era uma vida um pouco puxada para um adolescente, porém era muito prazerosa, pois quando chegávamos ao rancho sempre tínhamos um tempo para irmos caçar ou pescar, era um momento de descontração, pois os rios ficavam em lugares lindos de serra, com quedas de água e alguns lugares de planície entre os morros, que nos passavam uma sensação de sossego. Sabíamos que as terras não eram nossas, mas nós nos apegamos ao lugar, tínhamos muita vontade de adquirir um pedaço de chão naquela região, mas não tínhamos condições financeiras para obter.

Veza ou outra saíam boatos de que o dono das terras iria pedi-las de volta, o que nos deixava em uma constante tensão de perder as terras do roçado a qualquer momento. Meu avô participava do sindicato, só que ele queria terra ali perto da cidade de Antônio João, mas ali nunca saía assentamento. Foi quando soubemos da notícia de que saíam terras no mu-

nicípio de Ponta Porã, fazenda Itamarati. O sindicato reuniu o povo e fez uma reunião avisando que haveria vagas para as pessoas de Antônio João nas terras dessa fazenda. Meu avô comentou com meu pai, e meu pai conversou com minha mãe e disse que ele também queria pegar terras lá. Porém, bem naqueles dias meu pai estava com um serviço de construção na Igreja Católica da cidade e por isso não poderia ir. Eu disse, então, que poderia ir no lugar dele. Meus pais concordaram.

O sindicato pagou um caminhão para nós buscarmos taquara na parte baixa da serra para fazermos os barracos; passamos o dia todo cortando e explanando taquaras, chegamos ao final do dia com o caminhão lotado de taquaras e folhas de bacuri.

Na manhã do dia seguinte pegamos a estrada, um caminhão com as taquaras e os bacuris, e outro com aproximadamente setenta pessoas, com suas roupas e cobertas rumo ao acampamento. Saímos da cidade por volta das onze horas e chegamos ao local do acampamento naquele caminhão velho por volta das três horas da tarde. Como chegamos tarde, não daria tempo para fazermos os barracos, então dividimos as taquaras e as folhas do bacuri e fomos fazer um barraco para passarmos aquela noite.

Ao raiar do dia seguinte, quando acordamos, começamos a fazer os barracos. Foi incrível. Durante uns três anos, ficamos na angústia, no sofrimento até meus pais, avós, tios pegarem um pedaço de chão. A vida no barraco não é nada fácil, porém há momentos de muitas alegrias, mas o que ficou marcado e que nunca esquecerei são as noites de inverno que passei no barraco à beira do Rio Dourados. Noites de geadas que colocávamos baldes com água e no dia seguinte amanhecia congelada. O sereno no barraco de lona preta congelava, passávamos o dedo caíam plaquinhas de gelo, no dia seguinte, com o nascer do sol, começava a derreter e a molhar tudo dentro do barraco.

Para nossa família se manter, nos trabalhávamos fora, eu e minha mãe, e meu pai é quem mais permanecia no barraco. Eu e minha mãe tínhamos a responsabilidade de prover o sustento da família. Infelizmente

quando pegamos a terra meu pai e minha mãe se divorciaram, somente o meu pai foi para o lote, e eu fiquei trabalhando na cidade, uma porque eu estava namorando e já pensava em me casar e meu pai não tinha nenhuma renda no lote e eu que o ajudava a se manter. Com quase dois anos que meu pai estava no lote, me casei com a Gislayne e fomos morar com meu pai, pensávamos em construir uma granja para criarmos porcos, porém as nossas condições financeiras não possibilitaram isso.

Meu pai era coordenador do grupo ao qual pertencíamos, e sempre ele e eu estávamos no sindicato, e foi graças a essas participações sindicais que realizamos levantamentos de cursos que eram mais desejados pelos filhos dos assentados. Infelizmente os cursos mais esperados não saíram até hoje, mas saiu o Normal Médio do Campo, onde tive a oportunidade de participar e concluí-lo.

Sou grato aos Movimentos Sociais que muito me ajudaram a compreender as lutas sociais e a valorizar a luta pela terra. Posso afirmar que hoje, apesar de termos muitas falhas dentro dos movimentos de luta pela terra, são estas formas de representação que possibilitam a aquisição de um pedaço de chão onde as famílias se estabelecem e criam formas para que consigam se manter nesta terra. Além disso, é devido a esta organização que o povo consegue ser ouvido e respeitado pelos nossos representantes no legislativo. Digo que os movimentos são lugares de educação popular por possibilitar momentos que podemos discutir de tudo com todos, mas não sabemos ocupar esses espaços para tais situações.

Quando acampados, o sonho de um pedaço de terra para se viver era a maior das lutas, todos sabiam que não seria fácil, assim como não foi para ninguém que passou por acampamento. Contudo, nós acampados, só íamos tomando consciência dos problemas aos pouco, com a efetivação do Assentamento Itamarati, com reuniões aqui e ali para se discutir todo tipo de problemas, e foi desta forma que fomos nos politizando, pois o povo aprende através da práxis do seu cotidiano.

Com a implantação da segunda parte do Assentamento Itamarati, localizado a cinquenta quilômetros de Ponta Porã, este virou uma cidade dentro de outra. O núcleo urbano do Assentamento já está lotado, todas as casas que existiam já foram ocupadas e estão construindo outras.

Dentro do Assentamento se produz de tudo que diz respeito à alimentação, seja para consumo próprio, seja para comercialização, mas mesmo sendo muito produtivo vemos a administração municipal de Ponta Porã afirmar que o Assentamento não gera renda ao município, e que gera muitos gastos à prefeitura, apesar de não vermos a presença da prefeitura efetivamente no local.

A vida no Assentamento é muito prazerosa, apesar de termos dificuldades de acesso a algumas coisas. Porém, a tranquilidade do lote nos recompensa a falta de alguma comodidade. Sei que para conseguirmos que o Assentamento fique do jeito que desejamos, teremos que lutar muito, pois somente através das nossas ações concretas poderemos obter respostas aos nossos problemas.

Eu, enquanto sujeito deste processo de formação de consciência, consegui realizar a minha inscrição no vestibular da UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados, devido a contribuição de alguns colegas da FETAGRI (Federação dos Trabalhadores em Agricultura de Mato Grosso do Sul), que efetuaram a minha inscrição, por não ser fácil, na época, o acesso à internet. E minha escolha teve uma forcinha de uma professora de Ciências Sociais do magistério, que me incentivou a participar do processo seletivo. Quando recebi a confirmação de que havia passado no vestibular, pela minha mãe e pela minha esposa, foi muita alegria, para mim, para meus colegas, familiares e professores que torciam pelos seus educandos. Era um sonho que acabava de se concretizar. Lembro-me do dia que cheguei à Universidade mais do que perdido, mas considero que consegui me adaptar bem, pois encontrei vários conhecidos do assentamento que resido, e das próprias reuniões, mobilizações, visitas e até mesmo pessoas que temos amigos em comum, o que acaba facilitando os laços de amizade.

Dentro da Faculdade de Ciências Humanas tive a oportunidade de conhecer várias pessoas fora do curso. Os professores são maravilhosos, fazem o possível e o impossível para conseguirmos adquirir um bom aprendizado. Vemos que a dedicação que eles têm conosco, é muito mais do que profissionais é uma preocupação de irmãos.

A disciplina de Língua Portuguesa tem contribuindo muito, não só para a minha vida acadêmica, mas também para a minha vida pessoal e profissional, pois ela vem me ajudando a me organizar melhor, e organizar meus pensamentos, o que me ajuda a me expressar melhor.

Devido a um trabalho que tivemos de realizar em nossos assentamentos, sobre os elementos culturais que encontramos vivos em nossas comunidades rurais, eu tive a oportunidade de dialogar com pessoas de diferentes faixas etárias, e alguns me relataram fatos que são muito comentados na região de fronteira com o Paraguai, acredito que seja por causa da guerra da Tríplice Aliança. Os mais antigos contam que, na época da guerra, as pessoas escondiam todo o seu ouro e prata em um buraco no chão e que, para guardar os seus tesouros, elas executavam as pessoas que ajudavam a cavar para que não cantassem a localização dos chamados guardados. Devido a isso, espalharam-se notícias que acabaram virando verdadeiras lendas que até hoje são lembradas. Também me relataram suas crenças nos famosos benzimentos que são bem difundidos por toda essa região. Esses e outros fatos me fizeram ter uma maior compreensão sobre como nós, enquanto sujeitos de nossa própria história, vamos sofrendo influência do meio no qual estamos inseridos. Já para minha formação enquanto professor, me faz tomar consciência de que somos diferentes culturalmente e que devemos saber transmitir certos conhecimentos.

Nestes poucos anos que estou trabalhando no setor administrativo da educação do Estado, pude perceber que não se pode contentar a todos a todo tempo. Quando posso ajudar, ajudo, mas quando não está a meu alcance, digo logo que não será possível. Hoje faço parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Ponta Porã como primeiro

secretário. Para o futuro, pretendo concluir a minha licenciatura e continuar com a minha participação sindical, pois acredito ser de fundamental importância para a educação.

Marialves Conceição

Trajatória de vida

Tudo começou em 1952, quando meus pais chegaram em Mato Grosso do Sul, antigo Mato Grosso. Vieram de Alagoas em busca de um pedaço de chão. Na ocasião, estava sendo distribuídos lotes de terras na região da Grande Dourados no então governo de Getúlio Vargas. Meus pais haviam se casado recentemente por arranjos das famílias, devido à morte de meus avós paternos, já que meu pai, como irmão mais velho, deveria ser o responsável pelos irmãos mais novos.

Minha mãe, ainda era uma menina de treze anos e teve que assumir como filhos os oito irmãos de meu pai, que na tentativa de conseguir sustentar a todos, resolveu vir com todos para se aventurar em Mato Grosso. Viajaram durante dias em pau de araras, passando por São Paulo, seguindo viagem até chegarem em Fátima do Sul, onde montaram acampamento às margens do rio Dourados. Fátima do Sul, na época, era apenas um aglomerado de pessoas, na maioria nordestinos, que vieram em busca da tal Reforma Agrária e, assim como todos, meus pais, muito jovens, começam uma nova vida, com muita esperança e uma grande expectativa.

Passado algum tempo, meu pai consegue um lote na quinta linha, porém não conseguiu trabalhar na terra por muito tempo, pois fora vitimado pelo uso de agrotóxico na lavoura, o que o obrigou a passar o lote para os irmãos, e para sustentar a família começou a trabalhar como barbeiro no pequeno patrimônio que já se formava – Fátima do Sul.

Eu nasci em 04/02/1960, mas já tinha três irmãos e duas irmãs, vindo a nascer posteriormente mais quatro irmãos e uma irmã. Os dois irmãos mais velhos faleceram por doenças desconhecidas. Cada filho que

nascia, novas necessidades na família se criavam. Cresci em meio a muitas dificuldades e apesar de não me lembrar de muitas coisas, as partes mais difíceis ainda estão vivas na minha memória. Lembro-me de minha mãe lavando roupas para fora para ajudar no sustento dos filhos, e na hora das refeições, ela colocava o prato de cada um para que todos comessem igual, ou seja, para que não faltasse comida para nenhum.

Minha infância foi muito pobre, assim como a de meus irmãos. Quando chegava a hora dos filhos irem para a escola, tinham que trabalhar para ajudar a sustentar os mais novos, ficando sempre para o próximo ano o início da vida escolar. Eu ficava sempre imaginando como seria quando chegasse a minha hora, pois tinha muita vontade de ir para uma escola, ter um caderno, uma bolsa e uma lancheira como a filha de nossa vizinha.

O início da vida escolar

Em 1968, eu e meu irmão um ano mais velho fomos para escola pela primeira vez, era uma escola pública chamada Escola Estadual Izabel Mesquita. Foi na escola que me deparei pela primeira vez com o preconceito social e racial. Naquela época, o preconceito racial era latente e se manifestava abertamente e a escola funcionava mais como uma referência social do que como um espaço de aprendizagem.

Eu e meu irmão sofríamos muito, pois a todo momento mostravam o quanto éramos inferiores, não tanto pela condição social, muito mais pela cor da pele. Sentíamos-nos discriminados até mesmo pela professora que não media esforços para nos castigar quando não conseguíamos entender o que ela ensinava. Ela sabia da dificuldade que tínhamos em aprender, mesmo assim fazia questão de nos mandar ler para a turma toda, só para nos ver gaguejar e errar tudo, pois sabia que não havíamos aprendido nada e, assim, tinha a chance de nos humilhar diante de todos e nos deixar sem recreio, copiando por centenas de vezes a maldita frase: “Devo

aprender a lição, ou devo aprender a tabuada”. Foi um ano horrível, mas que não mudou muito nos próximos que se seguiram.

No ano seguinte, meu tio conseguiu na escola em que trabalhava uma vaga para que estudássemos de graça. A escola era particular e cara, somente filhos dos comerciantes da cidade, que se diziam ricos, conseguiam estudar nela. O que parecia um sonho, foi um pesadelo para eu e meu irmão, pois lá o preconceito ainda era maior, mesmo porque, éramos os únicos negros e pobres da turma. Não tínhamos nenhum direito, afinal, estudávamos de graça, e ainda eramos negros. O sofrimento maior era ver o lanche que os outros alunos levavam para a escola em suas lancheiras, enquanto nós tínhamos apenas uma vasilha com mandioca frita ou quase sempre, não tínhamos nada. Não conseguimos aprender nada e no final do ano reprovamos.

No ano seguinte na mesma escola, mudamos de professora, e esta era completamente diferente. Ela se chamava dona Iraci, uma ótima pessoa, nos tratava bem, e, sempre que podia, nos defendia das outras crianças. Acho que ela tinha pena de nós, era uma dessas pessoas engajadas nas lutas pela igualdade entre as pessoas, qualidade rara em uma professora da época.

Aprendemos muito, acredito que o que aprendi com ela é o que carrego pela minha vida inteira, pois consegui construir a partir daí um novo sonho que havia perdido nos dois anos anteriores. No final do ano, passei com a nota 100 (cem) para o terceiro ano, pois me dediquei muito, não queria decepcionar a professora que era tão boa para nós. Meu irmão melhorou muito, mas tinha mais dificuldades, conseguindo somente a média necessária para não ser reprovado. No ano seguinte, continuamos com a mesma professora e acabei passando novamente com a nota 100 (cem). Assim, ganhei uma caixinha de lenço bordado que guardei por muitos anos de recordação. Foi meu último ano nesta escola, pois daí para frente teríamos que pagar para continuar ali.

No ano seguinte, voltamos para uma escola pública e como já não tínhamos uma professora como Dona Iraci para nos defender, o meu desenvolvimento escolar caiu muito, voltaram todos os problemas do início. Meu irmão saiu da escola para trabalhar com os outros irmãos que não estudavam. Eu fiquei completamente sozinha, não conseguia nem mesmo ter amizades; porém, apesar de todos os preconceitos sofridos na escola, todas as dificuldades financeiras de meus pais, consegui concluir a primeira fase de meus estudos, pois eu era muito esforçada e tinha muitos sonhos na cabeça.

Sonhos e fantasias

Devido a uma infância difícil, tive que assumir responsabilidades muito cedo. Com onze anos de idade, já trabalhava como babá para ajudar meu pai, pois todos em casa tinham que trabalhar e no final do mês repassar o dinheiro para ele comprar a comida do mês. Meus irmãos com sete anos já engraxavam sapatos, vendiam picolé e eu pelo fato de ser menina comecei um pouco mais velha. Não sabia o quanto ganhava, uma vez que não era eu quem recebia. Ao mesmo tempo que assumia novas responsabilidades, passei a viver um longo período de sonhos e fantasias. Via as garotas de minha idade se transformando em garotas bonitas e bem vestidas e tudo que eu conseguia era sonhar que era igual. Foi um longo período que durou dos meus doze anos até os dezessete. Enquanto as outras garotas se preocupavam com rapazes e festas, eu lia revistas de fotonovelas, livrinhos de romances como: Sabrina, Júlia, Bianca e outros do gênero. Adorava ler esses romances e sonhar que era uma das personagens, que sempre eram mulheres perfeitas, lindas, inteligentes que no final da história casavam-se com homens lindos e ricos. Perdia horas de minha vida com essas leituras, esquecia do mundo. Houve época que eu nem saía de casa para poder mergulhar nos romances, pois enquanto eu mergulhava

no mundo da fantasia, esquecia da realidade da vida. Muitas vezes, eu ia dormir mais cedo para ter mais tempo de sonhar acordada e ao me deitar, ficava horas pensando, sonhando com coisas impossíveis. Os mais loucos personagens passavam por minha cabeça, ora tornava-me uma advogada linda e competente, outras vezes era atriz rica e famosa com todos os rapazes ao meus pés e na maioria dos sonhos casava-me com um lindo e rico rapaz e ia morar em uma ilha bem distante. Era muito bom sonhar, porém, no dia seguinte, ao acordar, tinha que enfrentar a realidade da vida que era levantar cedo, trabalhar e à noite estudar, sem contar com a solidão, pois sempre fui muito só e tímida.

Neste período, eu já havia deixado meu emprego de babá e trabalhava em uma loja de tecidos, mas já tinha trabalhado em mercearia, e como empregada doméstica e em um laboratório de análise clínicas. Ganhava muito pouco, mas dava para ajudar meus pais, custear meus estudos e comprar meus livrinhos de romances e fotonovelas. Somente aos quinze anos, arrumei meu primeiro namorado, pois não tinha muita sorte com rapazes. Os rapazes só queriam namorar com moças que não eram negras. Nos momentos em que eu era racional, sonhava em encontrar alguém que me aceitasse como eu era, queria me casar como todas as garotas e ter filhos para lhes dar todos os brinquedos que nunca tive quando criança. Porém, não era fácil lidar com o preconceito dos rapazes da época, a maioria tinha vergonha de namorar com moças negras. Podiam até namorar, mas não apareciam diante das pessoas com a moça. Esse tipo de preconceito, na época, existia até mesmo entre os rapazes negros, eles só procuravam para se casar as moças brancas.

Neste mesmo período, quando tenho dezesseis anos, uma tristeza muito grande abateu-se sobre minha família, trazendo um choque de realidade para a minha vida. Falece minha irmã mais velha. Minha mãe nunca mais se recuperou da perda. Foi como se a vida tivesse acabado para ela, não foi fácil, a partir daí, lidar com seu estado de saúde. Para mim, foi a

desconstrução de uma ideia, já que achava que minha mãe era uma rocha e que nunca adoeceria e estaria sempre cuidando de todos. Mas, de repente, deparo-me com uma mulher frágil, extremamente infeliz, necessitando de cuidados. Foi uma grande responsabilidade para mim que era das filhas a mais velha.

Outras responsabilidades

Quando completo dezoito anos, muitas coisas mudam em minha vida, e a principal mudança foi o senso de realidade, torno-me adulta e assumo o lugar de minha irmã que falecera. Meus pais passam a depender de mim para tudo, principalmente para resolver as questões referentes à doença de minha mãe que passa a viver mais tempo no hospital que em casa. O sistema público de saúde da época era muito mais precário que atualmente, para que a pessoa não morresse, era necessário arrumar dinheiro. Foi um período difícil.

Nesta época, o médico que cuidava de minha mãe, era o Dr. André Puccinelli, o hoje governador do Estado que ainda nem sonhava em ser político. Era um bom médico, que conhecendo a realidade de nossa família, tratava de minha mãe em seu hospital sem cobrar nada. Tínhamos apenas que pagar os remédios, não sei se ele fazia isso por respeito ao meu pai a quem ele tinha amizade, ou se era por interesse político futuro, o fato é que foi muito importante para nós, ele chegou até a pedir ao gerente do Banco Itaú da cidade para me contratar no banco, pois percebia a situação em que nós nos encontrávamos financeiramente, o que foi atendido, devido ao respeito que a cidade lhe conferia.

Esse emprego para mim foi a realização de um sonho, afinal, não era para qualquer um o emprego em um banco. Naquela época, só arrumava um emprego assim quem era indicado por alguém importante e eu, além de negra, ainda era filha de pobre. Lembro-me que no banco só havia fun-

cionárias bonitas e filhas de comerciantes bem sucedidos, pois as funcionárias eram escolhidas minunciosamente. O salário era muito bom, o melhor da cidade, com ele, eu conseguia custear as despesas com a doença de minha mãe, meus estudos, pois eu cursava o ensino médio que só tinha em uma escola particular e ainda me ajudava a sustentar a casa, uma vez que meu pai se acomodou na vida de uma hora para outra. A partir daí, meus sonhos de menina já não existem mais, deixo o mundo da fantasia para viver a vida real. Começo a pensar em uma faculdade, ter uma profissão independente, porém com mais racionalidade, só mais tarde é que percebo que sonhar com faculdade não era tão real como pensava.

Ao terminar o ensino médio, tento o vestibular na Universidade Pública em Dourados, mas não consigo passar, tento novamente no ano seguinte e começo a sentir que o sonho que parecia real, estava cada vez mais distante, pois não tinha condições de fazer um cursinho para concorrer de igual para igual com os alunos que eram aprovados. Por essa razão, resolvo adiar meus planos de faculdade e me concentrar apenas no trabalho do banco, que com o passar do tempo, percebo que não era tão fácil assim manter o emprego. Para não ser despedida eu tinha que trabalhar duas vezes mais que os outros funcionários, tinha que provar a todo momento que era capaz a fim de não dar motivos de ser despedida.

Certa ocasião, surgiu uma vaga de secretária de gerência e o chefe administrativo me indicou, alegando que eu tinha preparo para isso, pois havia conquistado os clientes e já havia vencido várias campanhas que o banco lançara. Porém, o gerente não aceitou e alegou que não poderia ter uma secretária negra na gerência, pois como ele faria para receber o superintendente do banco com uma negra como secretária? Fiquei arrasada quando soube, afinal a discriminação me acompanharia para sempre, mas eu resistiria até o fim.

Em 1982, consigo entrar na Faculdade de Pedagogia em Fátima do Sul, entretanto, no final de cinco meses, tenho que abandoná-la, por não

ter condições de pagar as mensalidades. A doença de minha mãe e a responsabilidade sobre a família consumiam tudo que eu ganhava.

Em 1983, mais um fato triste abala nossa família. Meu irmão mais velho é atropelado por um caminhão e falece. E o estado de saúde de minha mãe, que já era precário, piora. No mesmo ano, vítima de trombose, ela amputa uma perna e não quer mais viver, deixo de viver minha vida para viver a dela, sofria muito por ver o quanto ela era infeliz sem que eu nada pudesse fazer para mudar a situação.

Minha mãe falece em janeiro de 1985 e eu resolvi pedir transferência do banco e mudar-me para Campo Grande, uma vez que não havia mais nada que me prendesse em Fátima do Sul. Eu estava com mágoa de meu pai, queria que ele se virasse sozinho, acordasse para a vida e sustentasse a família. Minha irmã mais nova tinha quinze anos e não trabalhava, só cuidava dos trabalhos domésticos, ainda não havia sido preparada para o trabalho. Achava que se eu tomasse a decisão de sair de casa, ele voltaria a ser o homem que sempre foi no passado, trabalhador, esforçado, que não deixaria a “peteca cair”.

Novos planos

Campo Grande foi um desafio muito grande para mim, não conhecia ninguém e logo que cheguei fui morar com uma tia e três primas, elas faziam o possível para que eu me sentisse em casa, mas eu não conseguia, sentia-me “um peixe fora d’água”, sem a menor liberdade e o que me confortava era a certeza que logo que conseguisse juntar algum dinheiro, alugaria uma casa e moraria sozinha, pois essa era uma de minhas principais metas.

No trabalho, também, encontrei muitas dificuldades, pois havia saído de uma agência do interior onde o trabalho era todo manual para enfrentar uma agência central na capital, onde se iniciava o processo de in-

formatização, o que vem a dificultar a minha adaptação. Depois de seis meses, consegui alugar uma casa de três peças no centro da cidade e realizei uma das fantasias dos meus tempos de fotonovelas, morar sozinha.

Em 1987, já acostumada com minha nova vida e possuindo alguns amigos, prestei vestibular para Serviço Social e ingressei na antiga Fucmat. Ser Assistente Social no momento, era o mais próximo do que eu idealizava e também era o curso mais barato da faculdade. Porém as minhas despesas não eram poucas, tinha que pagar aluguel, alimentação, e ainda tinha que enviar dinheiro a meu pai todos os meses. Diante disso, sustentar a faculdade, era cada vez mais difícil .

Neste mesmo ano, conheci meu companheiro. Não era o príncipe de meus sonhos de infância, mas seria alguém com quem eu dividiria minha vida, teria filhos, enfim, poderia ter minha própria família. Sendo assim, resolvi que seria com ele que eu construiria uma nova vida a dois.

Em outubro de 1988, nasceu meu primeiro filho, o qual dei o nome de Thiago, ele foi tudo de bom em minha vida, tive a certeza finalmente que jamais me sentiria sozinha. Entretanto, fui obrigada a trancar minha matrícula na faculdade, pois além de não conseguir continuar pagando, ainda precisava cuidar de meu filho.

Em dezembro de 1991, fui dispensada do banco, haja vista que a tecnologia avançou e os computadores substituíram mais da metade dos funcionários, atingindo os mais antigos. Foi um duro golpe para mim, principalmente porque eu era uma funcionária muito esforçada e dedicada. Tinha muito medo de perder o emprego, mesmo porque praticamente não conhecia outro tipo de trabalho, tudo que eu sabia era trabalhar em banco e com mais de trinta anos de idade, dificilmente arrumaria outro trabalho. Depois disso, não conseguia me adaptar a nenhum emprego, mesmo porque me sentia desmotivada devido ao salário ser muito baixo. Meu companheiro não ajudava muito, nem mesmo com o apoio moral e para dificultar ainda mais, fico grávida sem planejamento, quase que em

seguida. Apesar de entrar em desespero, meu segundo filho ao qual dei o nome de Diego, foi mais um raio de luz na escuridão. Afinal, as dificuldades eu acabaria superando com o tempo, mesmo porque isso já era habitual em minha vida.

O assentamento

Meu filho Diego, nasce no momento em que atravessávamos a maior crise financeira de nossas vidas. Meu companheiro tinha uma gráfica de fundo de quintal que mal dava para sustentar as despesas com gasolina. Eu estava sem trabalho e contávamos apenas com o dinheiro que recebi do banco ao ser dispensada, referente à FGTS e outros, o que seria uma reserva para comprarmos uma casa.

Diante disso, resolvemos visitar uma parente de meu esposo na Colônia Conceição, pois ficamos sabendo sobre um novo assentamento. Ficamos apaixonados pelo assentamento, tudo parecia maravilhoso, a paisagem era quase natural na época. Decidimos que lutaríamos para conseguir um lote, desses que eram abandonados. Fomos no INCRA, e informaram-nos que havia muita gente na fila, porém não desistimos. Não demorou muito, descobrimos um senhor que estava com a esposa muito doente e precisava ir embora, estava vendendo. Foi, então, que pegamos o dinheiro da casa, vendemos um carro de tínhamos, a pequena gráfica que só dava despesas, e efetuamos a compra. Contudo, a fim de fazermos tudo certo e com segurança, fomos ao INCRA que efetuou a desistência da terra para o parceiro e nos concedeu a nova posse. Meu esposo já tinha muita experiência na lavoura, pois fora criado na roça, o que veio a facilitar o processo.

Durante algum tempo, eu não acreditava que finalmente, tínhamos algo realmente nosso; e um pedaço de chão, era mais do que poderia sonhar, ali eu poderia criar meus filhos com segurança, plantar, colher e ser

feliz. Com o passar do tempo, no entanto, o sonho passa a não ser tão bonito quanto parecia, pois para viver no campo exigia-se muito esforço, determinação e uma enorme facilidade em adaptação à vida dura e simples. Não havia renda e tínhamos que produzir parte de nossa alimentação. Quando saiu a primeira linha de crédito, compramos umas cabeças de gado e fizemos uma pequena reforma em nossa casa, mas as melhorias não foram o suficiente. Eu sentia uma enorme vontade de trabalhar fora, tinha a ideia que só o trabalho remunerado poderia ser considerado trabalho, talvez pelo fato de ter trabalhado durante toda minha vida. Em alguns momentos, senti vontade de desistir de tudo e voltar para a cidade, trabalhar e contribuir em casa com dinheiro.

A vida no campo também era difícil para uma pessoa que sempre viveu em cidades, sem contar com a distância que havia de nosso lote a escola. Dessa forma, volto para Campo Grande com as criança e meu esposo fica no lote, mas nada poderia ser igual a antes, não depois de eu ter conhecido a terra, vivido nela. Dentro de pouco tempo, volto para minha casa, para meu lote de onde não deveria ter saído, não deixaria as dificuldades me vencer, lutaria até o fim pelo que era meu.

O primeiro contato com o magistério e o MST

Quando nasce minha filha mais nova, Karina, eu já tinha 36 (trinta e seis) anos. Ter uma filha, era tudo que eu queria no momento, pois só tinha meninos. Na ocasião, eu já havia me acostumado com a vida no campo e nossa vida já estava mais estruturada; a ausência de trabalhos remunerados já não me fazia tanta falta. Envolvi-me com atividades sociais no assentamento, como clube de mães e associações. Fui eleita presidente da associação de mães e mulheres, na qual juntamente com outras mulheres, desenvolvi várias atividades em prol de geração de rendas para as famílias assentadas, trabalhos esses que me trouxeram muita satisfação pessoal e

fizeram me sentir útil.

Os filhos foram crescendo e novas necessidades foram se criando. Em 2000, retomo meus estudos, não dava para cursar uma faculdade no momento, pois só havia faculdade no município de Aquidauana, para a qual eu teria que me deslocar todos os dias, deixando os filhos, a casa, sem contar com os custos de ônibus e outros mais. Inscrevi-me, então em um magistério de férias que aconteceria em Campo Grande, era de nível médio, mas a perspectiva em voltar a estudar era muito grande. Como o curso era criado pelo MST, meu companheiro achava que era loucura eu me envolver, e como sempre foi contra meus ideais, dizia também que eu já era muito velha para recomeçar a estudar, mal sabia ele que dentro de mim, na vontade e nos sonhos, eu ainda era bem jovem.

Foi maravilhoso conviver com a turma, todas aquelas pessoas tão diferentes, cujas idades variavam tanto, aprendi muito. Na primeira etapa já tive a certeza que nada para mim seria como antes, sentia-me outra pessoa. Logo que volto da primeira etapa, recebo o convite do diretor da E. E. Padroeira do Brasil para assumir uma sala como professora de primeira série. Nunca havia dado aulas, mas, no momento, senti-me preparada; estava tão segura que não sentia medo de enfrentar nada, e depois, trabalhar como professora seria um desafio novo e eu gostava de desafios. Empehei-me ao máximo e descobri o quanto era maravilhoso ser professora – ver uma criança aprendendo a ler, por meio da gente dá uma satisfação inexplicável.

O magistério que cursei, também me fez crescer muito, foi através dele que conheci o MST, aprendi a me envolver com as questões políticas e sociais que antes só enxergava do lado de fora, como se nada tivesse a ver comigo. Particpei do coletivo regional de educação, aprendendo a organizar encontros e atividades do movimento e adquirindo cada vez mais um grau de consciência. Foi muito bom perceber que a cada dia que passava eu me tornava uma pessoa melhor, mais companheira, menos autoritária, mais participativa e solidária. Aprendi também a viver em coletivo e, principalmente, a conviver com as diferenças.

A Universidade Federal

Em 2006, eu não estava satisfeita em estar lutando todos os anos para ser convocada, queria um concurso, algo que me desse um pouco mais de segurança. Necessitava também de um plano de saúde; sendo assim, prestei concurso do Estado para agente de merenda escolar no assentamento Padroeira do Brasil. Fui aprovada e assumi, contrariando meu esposo que mais uma vez foi contra, dizendo sempre que não se deixava de ser professora para ser merendeira. Para mim, no entanto, não importava, continuaria sendo educadora da mesma forma e o trabalho de merendeira não me diminuía.

Em 2008, finalmente, consigo ingressar em uma Universidade Federal e justamente em um curso pelo qual era apaixonada. Quando prestei vestibular, não acreditei que seria aprovada, pois há muito não frequentava sala de aula e quando vi meu nome na lista dos aprovados, achei que estava sonhando. Tudo era demais para mim. Finalmente, eu teria a oportunidade de estudar em uma universidade pública, e sendo federal, era mais incrível ainda. Foi o maior corre-corre para organizar minha vida e me deslocar para Dourados a fim de efetuar a matrícula. A cada etapa que tenho de estar na universidade, é como se fosse a primeira vez. Sei que muitas dificuldades ainda virão pela frente, até a conclusão do curso muitas coisas poderão acontecer, sei também que ainda terei que lutar muito para que depois de formada, venha a seguir exercer a profissão para qual estou estudando, mas não importa.

Em 2010, quando tudo parece estar encaminhado, meu casamento, depois de muitas crises, resolve se estabilizar. Meu filho mais velho já voltara para o assentamento, depois de quatro anos estudando em Fátima do Sul. A Universidade me aproxima da realização de um sonho a cada dia que passa.

Mas, como uma espécie de provação, para testar a minha capacidade de superação, uma grande tragédia atinge minha família. No dia 31 de agosto, assassinam meu esposo. Foi um golpe insuportável, principalmen-

te, para meus filhos. O sofrimento de meus dois filhos e de minha filha até hoje, ainda dói em mim, mas com a ajuda dos amigos, tenho conseguido superar a cada dia que passa. Hoje posso entender o que é solidariedade de verdade, pois recebemos ajuda de pessoas que jamais imaginamos e isso é que faz com que a gente cresça, com que a gente acredite que não estamos sozinhos. E, assim, a vida continua, cada dia que passa é um novo desafio, seja de conquista seja de superação de dificuldades. Isso é uma coisa da qual não podemos fugir.

Ao escrever a trajetória de minha vida, senti que é muito mais fácil falar ou escrever sobre outros assuntos do que sobre nós mesmos. Eu, particularmente, tenho muita dificuldade de falar sobre mim, especialmente sobre o passado, pois procuro sempre esquecer as lembranças que me trouxeram infelicidade, entretanto, acredito que foi muito bom a realização deste trabalho de rememorar, pois me fez refletir sobre tudo que aconteceu em minha vida, o que me permitiu fazer um paralelo entre o antes e o agora.

Diante disso, concludo que hoje, quando olho para trás, sinto uma grande saudade, não dos fatos acontecidos, mas de um tempo que poderia ter sido melhor, mais aproveitado. Eu poderia ter procurado ser mais feliz. Mas entendo que cada coisa tem o seu tempo e só agora tenho maturidade para entender o que passou. Nesse sentido, nada poderia ser diferente do que foi.

Maria Aparecida do Nascimento

Nascimento, origem do nome e relações sociais

No mês de maio, considerado das noivas, no dia 20 de maio de 1955, no Estado de São Paulo, em Junqueirópolis, cidade do interior do estado, nascia Maria Aparecida do Nascimento, primeira filha do casal Antônio Alexandre e Anna Maria. A mulher ficava vislumbrada com a espera pelo bebê, preparava as roupinhas e também as galinhas para o pirão. Todas imaginavam como seria o seu bebê, qual seria o sexo, porque, em 1955, não se sabia o sexo do bebê antes de ele nascer, a expectativa era ainda maior.

O que Anna Maria não esperava é que fosse ter um parto tão difícil que quase a levou à morte. Por essa razão, o casal prometeu a Nossa Senhora Aparecida que colocaria o seu nome na criança. E pediram que ela ajudasse a salvar a mãe e a criança. No grande desespero, acreditaram que o milagre aconteceu, pois tanto a criança quanto a mãe estavam salvas. Então, a origem do meu nome surgiu de uma promessa ou de um milagre.

Os três voltaram para casa, numa pequena chácara próxima à cidade onde o poejo, a erva doce esperavam para o chá da menina, e a arruda para a mãe não quebrar a dieta. Essas crenças nos chás, do resguardo absoluto, da criança não passear antes dos sete dias, das visitas dos vizinhos para tomar o vinho do neném, que o pai da criança dizia: “vai lá tomar o mijo do neném”, e também do levar um presente mesmo que fosse um pedaço de sabão, um frango, eram costumes do lugar ou da época, como se fossem um ritual religioso. Aos quase três anos de idade, minha mãe grávida novamente queria ficar perto de sua família, por isso convidou meu pai

para mudar para Mato Grosso, na época não havia acontecido a criação do Estado de Mato Grosso do Sul. Foram para o município de Dourados, distrito de Panambi, um povoado pequeno, com uma igreja católica, um açougue, duas casas de vendas no sistema de atendimento no balcão, alhos e cebolas em tranças pendurados, o fumo de rolo que era feito ali mesmo pelos trabalhadores e sacos de arroz, feijão, açúcar na entrada da venda abertos para o freguês escolher.

Próximo do povoado, muitos sítios criados pela reforma do Getúlio Vargas, inclusive o sítio do meu avô, no qual moravam cinco famílias com a minha. Todas as casas eram feitas de madeiras e cobertas de tabuinha, madeira em forma de telha e janelas e portas com tramelas. A casa do meu avô era diferente das demais, modelo quatro água, com os quartos em volta a uma sala grande no centro e uma cozinha grande com fogão à lenha. Ele tratava as pessoas doentes com remédios naturais, benzina e às vezes internava pessoas quando percebia que o doente não tomaria o remédio conforme a receita dele. Meu avô era conhecido como Luis curador, por essa função. Nesse período, a convivência dessas famílias era tão simples, homens, mulheres e jovens trabalhavam na roça, plantavam o que queriam: feijão, café e amendoim, assim pagavam renda ao meu avô. Ele só ficava com a criação gado de leite e distribuía carne e leite gratuito a todas as famílias. O sítio mais parecia um lugar de passar temporadas, pelas belezas da natureza preservada, do pomar com diversidades de frutas, dos pássaros e da criançada que fazia a festa, pois meu avô sentia o prazer de ver as crianças felizes, mesmo porque ele tinha quatro filhos pequenos do segundo casamento. Meus tios e eu brincávamos juntos de igual para igual.

No mês de dezembro, também diziam ser mês de Maria, por ocasião do nascimento de Jesus: “Natal”, os terços, as novenas, as rezas. Todos em procissão, de um vizinho para o outro, era feita sob a luz do luar, de vela ou lampião a querosene, mas tudo acontecia na mais perfeita harmonia. Após a reza principalmente nas noites de lua clara a criançada

brincava de passar anel, cantiga de roda, de pique e de pegar vaga-lumes, enquanto os adultos contavam histórias, ora verdadeiras, ora lendas, que às vezes assombravam o caminho de volta para casa. Isso acontecia uma vez por mês, aos domingos, era bonito ver pessoas a cavalo, em carroças, bicicletas e até a pé a caminho da igreja. Nas festas de natal, nós, crianças, até os sete anos, vestíamos-nos de anjos para fazer apresentações. As mães diziam que quem fosse desobediente aos pais, não respeitasse os mais velhos, não poderia ser anjo. Por isso, as crianças queriam ser quase santas para estar lá na frete com o padre parecendo anjos.

Aos sete anos na idade escolar, mudamos para cidade de Dourados, na periferia, no bairro chamado Vila Amaral. Muito diferente da vida que levávamos no sítio, meus pais iriam tomar conta de uma olaria, minha mãe esperava meu segundo irmão, a nova casa era de madeira com o piso de vermelhão, conforme diziam, coberta com telhas e tinha um quintal pequeno com apenas um pé de mangueira. Depois do quarteirão da casa, existiam umas chácaras, onde eu e meus irmãos matávamos a saudade do sítio.

Mas uma coisa estava me deixando muito inquieta, ir pela primeira vez a uma escola. Minha mãe comprou um caderno, um lápis e uma borracha, fez uma sacola de saco branco com cianinha nas alças, bordou uma flor em um dos lados, tudo para me agradar e me convencer para que eu fosse à escola. Além disso, prometeu que ficaria me esperando no portão até a hora de voltar para casa. No primeiro dia, no colégio Joaquim Mur-tinho, cheguei muito desconfiada, tímida, não conhecia ninguém. Bateu o sino, é para entrar... Antes formava uma fila, tomava a distância um do outro com o braço direito no ombro do colega da frente; com isso foi me dando uma dor na barriga de medo, pensava... ‘será que minha mãe está mesmo no portão? Aonde vamos depois da fila?’ E assim mil indagações passavam pela minha cabeça. Não era como hoje; a escola era algo que dava medo. Eu ouvia os pais e outras crianças dizerem à professora põe de castigo de joelhos, ela tem uma régua grande para bater se fizer isso ou aquilo.

Mas uma semana se passou e eu já estava me sentindo muito feliz com as coleguinhas em especial uma que se chamava Sandra Simão. Ficamos mais que colegas, íamos sempre juntas para a escola. Também me relacionei muito bem com a professora, que não era má como eu temia. Um mês depois, faceira estava eu com uniforme, saia pregueada com suspensório, meias e camisa brancas. Porém, não foi fácil o primeiro contato com a cartilha, pois não tinha livros, papéis, letras disponíveis para manuseá-los ou brincar como a maioria das crianças fazem hoje, era a primeira vez que via uma.

Quando já estava acostumando com o novo mundo que encontrei, a escola, mudamos novamente para uma fazenda chamada Caioana, mas não terminei o ano escolar e só dei continuidade no ano seguinte de 1963, já com 8 anos, na escolinha da própria fazenda. O caminho até à escola era de aproximadamente 1km, todos os dias era muito divertido, íamos brincando, correndo e apanhando flores do campo para a professora. Assim, ali terminei o primeiro e o segundo anos, com colegas de até quinze anos de idade, inclusive alguns indígenas do primeiro ao terceiro ano. Todos juntos na sala multisseriada, como se diz hoje. Os maiores ajudavam a professora a fazer a merenda, eu, é claro, queria ser a primeira a ajudar. Com isso foi despertando em mim o interesse em ser professora. Minhas brincadeiras aos domingos ou era de dona de casa, ou de professora.

Para minha tristeza, não voltei mais à escola, porque mudamos e a escola ficou longe. Apesar de terem muitos meninos da vizinhança que iam para a escola, meu pai dizia que era perigoso meninas andarem longe no meio da meninada. Assim, passaram-se sete anos. Muitas coisas aconteceram. Novas mudanças de lugar, agora para a cidade de Douradina, distrito de Dourados. Tínhamos de pagar aluguel de casa, só o pai para trabalhar na extração de madeira, cada vez mais as coisas pioravam, mas a pior coisa foi a morte de minha mãe. Foi de parto, parecia o destino dela. Continuamos morando na cidade próximo da escola, mas ficaram cinco crian-

ças menores que eu, e a tarefa de cuidar delas. Ser quase mãe de todos os irmãos não era fácil, o que impossibilitava ir para a escola.

Na adolescência, aos dezesseis anos, perdi meu pai. Ele sofria do mal de chagas. Tudo para mim ficou ainda mais difícil; meus tios levaram meus irmãos, e eu fui morar com uma família para trabalhar. Foi quando retornei aos estudos, no chamado supletivo para jovens e adultos. Na escola, as conversas eram animadoras, haviam grupos formados pela idade: os mais jovens e os mais maduros. Para mim, era uma oportunidade que caiu do céu, as responsabilidades pesavam sobre os ombros. Não tinha tempo para bater um papo com as colegas. Mas ali muitas outras jovens, como eu, tinham a oportunidade de realizar os seus sonhos, que por um motivo ou por outro, não puderam ser realizados na idade certa. Mas, para minha tristeza, houve um problema com o professor, o que resultou em sua saída, deixando a turma quase no término do ano letivo. Então resolvi terminar o ano de estudo no período vespertino. Foi muito difícil, pois os trabalhos da casa, com exceção do cozinhar, eram por minha conta. Fui estudar com crianças que no começo faziam deboche, pelo meu tamanho estudando ainda o 4º ano.

Com o tempo, as crianças foram se acostumando comigo, que não decidiam nada sem me consultar. Mas não era a mesma coisa, mesmo assim continuei, terminei o ano letivo, sendo aprovada para o 5º ano. Terminei o 5º ano e iniciei o 6º, mas parei novamente os estudos, me apaixonei pelo irmão da patroa e, além disso, noivo de outra, foram um ano e meio de namoro escondido. Engravidei, e aí? Na década de 70, a opção era casar ou casar. Ele dizia que não encontrava oportunidade, coragem, para terminar o noivado. Porém, não tinha mais jeito, qualquer decisão teria de ser tomada. Entrei em desespero.

Mas, o que fazer? Estava sem casa, pois a irmã dele disse que eu procurasse outro lugar para morar. Sem família, sem profissão e com uma criança. Então, em meio a esta turbulência, casamos. Ele já tinha uns mó-

veis, e uns amigos emprestaram um depósito de um posto de gasolina para morarmos. Para mim, amenizava o pesadelo, apesar de estarmos na mesma casa, não tínhamos uma convivência de recém-casados. Sofria desfeitas e sem o mínimo de afeto, eu me sentia conformada por ter um lugar, um espaço, que de certa forma era meu, para ter meu filho.

Quando a criança nasceu, em junho de 1973, um menino! Colocamos o nome de Rivelino Gonçalves do Nascimento. Parecia que era filho só do pai, tamanha a semelhança entre os dois, esses dois fatores contribuíram para que ele repensasse suas atitudes maléficas.

No período de seis anos, tivemos mais três filhos, Márcia Regina do Nascimento, Everton Gonçalves do Nascimento e Elizandra Gonçalves do Nascimento. Em meio a tantas lutas, comecei a me libertar, partir para o enfrentamento, acreditar que poderia buscar uma melhor qualidade de vida. Antes só sabia chorar ou calar. Recomecei meus estudos ano de 1974. Logo em seguida, aceitei dar aulas para adultos no programa chamado MOBREAL; para isso, contei com a ajuda de duas comadres, Eva Caetano e Lairce Zanollo de Moraes, que, para mim, eram como se fossem minhas mães.

Num período de dez anos de (1974 a 1984), atuei em diversos tipos de trabalho – diarista de serviços domésticos, serviços de roça, vendedora autônoma de bijuterias e roupas – a fim de manter minhas despesas pessoais principalmente em relação aos materiais de estudo que finalizava a etapa do ensino de segundo grau de Técnico em Contabilidade no ano 1984. Meu sonho era cursar o Magistério, mas o curso só tinha na cidade de Dourados e as condições para sair para estudar fora ainda não davam por três motivos: financeiro, filhos menores, falta de permissão do esposo.

No ano seguinte, recebi duas propostas desafiantes, a primeira para fazer o treinamento para agente censitário, do senso agropecuário, no município de Douradina; a segunda, para prestar vestibular para professor de ensino médio na área de Contabilidade. Não tinha como recusar nenhuma

das propostas, as portas se abriam para mim, só dependia da minha decisão e do esforço para passar no treinamento entre os cinco participantes e garantir o lugar de agente censitário e passar no vestibular, pois eu precisava de um trabalho mais direto. Chegou o dia do teste, recebi uma carta comunicando que seria em Campo Grande, começou a complicar, fui falar com o prefeito, que me tranquilizou dizendo que um carro da prefeitura nos levaria. Quando entrei na sala senti um impacto, a sala estava lotada, da minha cidade três haviam desistido de fazer o teste. Enfim, não era só eu quem estava ansiosa, já que de todos os municípios tinha candidato à vaga. Finalmente, a primeira batalha vencida, consegui aprovação no teste, apesar das muitas cólicas de medo. Comecei a trabalhar, foi o meu primeiro trabalho com contrato, remunerado, com conta bancária. Foi um salto de qualidade, me senti mais valorizada pela comunidade. Foram só quatro meses de contrato, mas essa experiência de trabalho foi marcante na minha vida.

Para prestar o primeiro vestibular, com a experiência anterior, já me sentia mais confiante. A barreira maior foi ter que analisar a proposta do esposo em escolher entre a Universidade e ele. Mas como eu já sabia o que queria para mim, não foi difícil fazer a escolha mesmo que as consequências viessem depois. Eu tinha a certeza que ainda sairia com ganho. Em meio este tumulto prestei o vestibular e passei. Fiz a matrícula e logo chegou o dia de viajar juntamente com mais dezessete colegas, homens e mulheres, mas a maioria eram mulheres, mães educadoras e que seus esposos davam a maior força. Difícil mesmo era preparar o dinheiro para viajar, para mensalidade e refeições; para isso, desenvolvi diversos tipos de trabalhos desde faxina residencial até substituições de professores/as.

Não encontrei dificuldade na maioria das disciplinas, uma vez que o ensino médio me deu uma base estrutural, para o curso de Administração (Licenciatura Plena). Foram três anos de muita ansiedade e desespero em alguns momentos, por motivo de não ter um emprego fixo. Mas a cada

ano, as conquistas vinham, no conhecimento didático, nas amizades, por estar vivendo diferentes experiências, substituindo o professor de contabilidade e fazendo estágio ao mesmo tempo, além do prazer de estar em uma cidade linda e em uma Universidade conceituada. Tudo isso culmina em dois tipos de aprendizagem: a intelectual e as experiências adquiridas no convívio do dia a dia. Assim que terminei a faculdade, foram três anos as duras penas.

Iniciei o tão sonhado curso de magistério no Colégio Meneodora, projeto Logos II, nos finais de semana na cidade de Dourados. Foi outra conquista muito importante, pois, a partir daí, eu poderia trabalhar nas séries de 1ª a 4ª, concursar e ter estabilidade profissional. No mesmo ano em que terminei o magistério, prestei concurso público no Estado, passei, mas não pude assumir porque não havia vaga pura. Mesmo assim, continuei a trabalhar no ensino médio, com a disciplina principal do curso de Contabilidade Geral. Foi um privilégio formar três turmas de técnicos em contabilidade. Mas, como se diz que tudo que está bom dura pouco, logo foi destituído vários cursos técnicos de ensino, o que também aconteceu com o de técnico em contabilidade; assim, a minha habilitação ficou sem valor para trabalho. Portanto, quando surgiu a oportunidade de cursar Ciências Sociais, na Universidade Federal da Grande Dourados, não pensei duas vezes. Por vários motivos, primeiro por ser uma Universidade Pública muito bem conceituada, pelos Educadores/as que atuam e dirige a mesma; segundo, por ser um Programa específico para os trabalhadores/as do campo, acontecer em períodos de férias em regime de alternância, e terceiro, porque posso atuar no Ensino Médio e também na comunidade local. Estou amando os estudos superaram minhas expectativas.

Em 15 de outubro de 1991, dia do professor ganhei um grande prêmio, nasce minha primeira neta, Fernanda Nascimento Emiliano, foi uma alegria total, como se fosse o meu primeiro filho. Em 1993, comecei a trabalhar com menores, no cargo de conselheira presidenta do conselho

tutelar do Município de Douradina-MS. Além de conselheira, assessorava a primeira dama em algumas atividades sociais, como orientar e encaminhar benefícios dos idosos e participar no projeto conviver nos dias de encontros. Foi uma experiência muito gratificante, porque a convivência muito próxima com jovens, crianças e adolescentes e até pais e responsáveis em diferentes situações, contribuiu para que eu tivesse uma melhor compreensão do comportamento, das atitudes e de como trabalhar essas diferenças. Neste trabalho, um caso que me marcou profundamente foi o de encaminhar uma destituição de maternidade cuja mãe não queria se separar da filha de 6 meses; a criança encontrava-se em condição deplorável, desnutrida e até com larvas, mas não havia outra maneira de solucionar o problema, pois a mãe sofria de doença mental. Desse fato, algo de bom aconteceu, a família Vilas Boas que adotou a menina me mandou uma fotografia de aniversário dela, com uma dedicatória muito emocionante que dizia assim:

Titia Cida, te ofereço esta foto, com muito carinho. Veja como estou fofinha, a cada dia ganho mais peso e fico mais saudável. Eu te agradeço por tua atenção em devolver – me a vida que estava perdendo. Que Deus te abençoe sempre, nunca vou te esquecer.
Beijinhos.

Trabalho na ação social

Neste mesmo período, participava do movimento social: Movimento Popular de Mulheres, (MPM), o qual era composto por mulheres urbanas e rurais; tínhamos encontros para estudar os direitos da mulher, para trocarmos experiências e comemorarmos o dia 08 de março, com palestras referentes aos direitos da mulher, passeio ciclistas, pequenos cursos, o que também me ajudou muito nas minhas atitudes, nas decisões a serem

tomadas, no amadurecimento de novas ideias e conceitos.

No ano de 1992, conheci o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e comecei a fazer parte. A princípio, o meu interesse era por ganhar a terra, assim como a gente que não tem conhecimento de luta social diz. Mas com o conhecimento prático, aprendi que terra é um direito que não se ganha, se conquista com a luta de todos. No início, fiz o cadastro no acampamento e trabalhava na cidade e nos finais de semana a minha participação era nas reuniões sobre educação, pois no acampamento existiam quase 100 crianças na fase escolar e os educadores em sua maioria eram leigos. Somente eu e outro professor éramos habilitados. Reuníamos com os demais para preparar os planos de aulas no coletivo, para que todos os educandos tivessem a mesma oportunidade na aprendizagem. Depois para atender às necessidades do acampamento na área de saúde, todos os finais de semana trabalhava com remédios naturais triturados, tinturas e chás. Assim, passamos um ano acampados no município de Rio Brilhante, quando surgiu uma proposta de mudarmos para o município de Nioaque. Em assembleia geral, ficou decidido pela unificação dos acampamentos do MST com o da FETAGRI.

Entre as lutas de despejos, solicitação judicial de desapropriação e reintegração de posse foram três anos. O processo ficou resolvido em 2006, quando todos mudaram definitivamente para o assentamento Andalucia. Fui de mudança para Nioaque. Conversei com a família, mas ninguém queria saber de vir, pois não acreditavam que o assentamento sairia. Arrumei um caminhão para levar algumas coisas para ocupar no barraco. Enquanto isso, meu irmão Laércio e alguns companheiros ficaram fazendo o meu segundo barraco, agora já em processo de Assentamento. Todos estavam confiantes de estar no seu lote no ano seguinte. Em dezembro de 1997, foi o presente de natal para todos nós, que há cinco anos estávamos esperando. Moramos no barraco um ano, e junto estavam meus netos: Uudson, 4 anos, Fernanda, 6 anos.

No início de 1998, minha nora e minhas duas filhas vieram morar e trabalhar na escola. Este ano ficou marcado com acontecimentos bons e

ruins também. No mês de março, fiz o concurso público para educadora de 1ª a 4ª séries, e passei. Mas tivemos uma grande perda, faleceu o meu companheiro Professor Edson, que ajudou a construir a escola de pau-a-pique. Diante disso, em assembleia geral escolhemos o nome dele para a escola do assentamento. Tudo era muito difícil, não tinha direção no local, a diretora morava na cidade e quando precisávamos de materiais escolares ou qualquer outra necessidade nós educadores tínhamos de ir buscar. Com dois anos morando no assentamento, meu esposo decidiu vir compartilhar o sonho com a gente. Para se conquistar qualquer que seja o desejo, sonho precisa de três sinais essenciais: fé, (acreditar), objetivo, perseverança.

Palavras Finais

Este trabalho, história de vida, tem o objetivo de observar, analisar e comparar os fatos que envolvem cada pessoa no contexto social em que ela está inserida. Falei do meu nascimento, da origem do meu nome, da infância até o período escolar. Tratei do cotidiano simples da vida no campo.

Maria de Fátima Ferreira

História da minha vida

A chuva trazia, entremeada com o mormaço do sol que tentava mostrar seu brilho forte ofuscado pelas grossas nuvens que enfeitavam o céu, o cheiro de terra molhada e o verde que começava a brotar nas árvores que saíam de seu estado de dormência e se preparavam para dar flores.

A primavera já se fazia presente dentro do inverno que não queria ir embora. Às vezes, o frio e a garoa faziam as pessoas se agasalharem mais que o costume. O trabalho ficava difícil, a roupa era lavada com dificuldade na água fria que quase congelava as mãos pequenas da mãe.

A mãe esperava pelo nascimento de seu sétimo filho, o quarto entre os vivos que nasceria logo no início do ano. Mas o destino tinha outros planos para aquele bebê que não tinha acompanhamento de médico nenhum, a mãe nunca tinha ido ao médico durante a gravidez por falta de condições financeira e de transporte, pois moravam longe da cidade.

Então, dois meses antes da data prevista, no hospital público São João da cidade de Goio-erê no Paraná, eu nasci. Era 23 de novembro de 1975, seis horas da manhã.

Minha mãe conta que fiquei algum tempo na incubadora para completar sete meses, era um bebê muito pequeno frágil, mas saudável e logo foi para casa. A roupa era vestida com cuidado para não machucar. Meu nome foi dado assim que nasci, inspirado na música de Gino e Geno que falava de uma Maria de Fátima muito amada. Então meu nome ficou

sendo Maria de Fátima Ferreira, que na história Maria significa mulher que ocupa o primeiro lugar, mulher de grande valor santífico, a escolhida. Fátima é um nome de origem Árabe e significa donzela esplêndida, mulher perfeita. E assim, crescia o bebê mais amado e querido.

Aos seis meses de idade, adquiri bronquite, doença que tirou o sono de meus pais por muitas noites seguidas. Era muito difícil ir ao médico naquela região, andava-se quilômetros a pé até a cidade mais próxima em busca de tratamento. Minha mãe conta que muitas vezes chovia antes de chegar em casa, então ela me agasalhava bem e meu pai segurava o guarda chuva para não me molhar. No percurso, ela caía com os escorregões que dava na terra molhada barrenta da estrada. Os joelhos ensanguentados doíam, mas ela me protegia para que eu não sofresse nada. Com muita luta de meus pais me curei da bronquite.

Minha infância foi marcada por muitas coisas boas, alegrias e muita diversão. Eu e meus irmãos brincávamos com o que nossas condições ofereciam, geralmente nós mesmos fazíamos nossos brinquedos.

Minha família sempre morou em fazendas, com exceção de um ano que moramos em Curitiba no Paraná. Foi lá que as lembranças dos acontecimentos começaram a ser registradas com mais clareza em minha memória. Lá eu fiz cinco anos de idade e meu irmão mais novo, o Messias, três anos.

O vô cuidava de uma criação de porcos com várias pocilgas, os porcos eram maiores que nós. Ele não gostava que fossemos lá, mas a tia Mazinha acabava deixando. Quando sobrava um dinheirinho a mãe pegava os filhos e levava ao passeio público para ver os animais, os pássaros, os macacos. Os peixes que pulavam fora da água para pegar as pipocas que jogavam para eles me encantavam.

Logo mudamos para outra casa que ficava um pouco distante da cidade num lugar de onde se tirava areia para construção. A casa era de palafita e embaixo dela a gente brincava de queimar os restos de graxa com

óleo que sobrava das máquinas que trabalhavam tirando areia. Sem um pingo de noção do perigo que era brincar com fogo embaixo de casa. Quando o pai via, a bronca era certa, rapidinho a gente jogava areia no fogo. Ele não era de brincadeiras, tinha muita paciência, mas gostava de falar só uma vez. Quando falava a gente obedecia.

Era muito bom morar naquela casa, ao longe no horizonte o sol se escondia pálido atrás das nuvens frias que traziam a noite. Às vezes, escutava a mãe reclamar para o pai da saudade que tinha da roça, do cheiro do mato, das galinhas ciscando no terreiro, da fartura que tinha quando morava na fazenda. Nessa época, o pai tinha ficado doente e perdido o emprego e só a mãe trabalhava, estava difícil sustentar a casa, pois ganhava pouco, mesmo assim nenhum dos dois esmorecia.

Certo dia, enquanto nos protegíamos da chuva dentro de casa, um estrondo abalou tudo. Um raio caiu em nossa casa, desabando todo eitão até o chão. O pai acudiu os filhos, que trêmulos tentavam entender o que tinha acontecido, ninguém se machucou apesar do susto.

Quando a mãe chegou do trabalho e viu a tragédia ficou desesperada com medo que tivesse acontecido alguma coisa com nós, mas estava tudo bem.

A partir daquele dia a vontade da mãe de ir embora aumentava a cada momento. Resolveram então que mudaríamos para Mato Grosso do Sul. Moraríamos em um sítio próximo a Sete Quedas, fronteira com o Paraguai.

Moraríamos em um sítio próximo a Sete Quedas, fronteira com o Paraguai.

Foi uma aventura, o pai tinha vendido alguns ferros-velho para arrumar dinheiro para a passagem, tinha sobrado uns trocos, a mãe deu para os irmãos mais velhos comprar calçado para eles. Era só alegria, minha primeira viagem. Quando chegamos, para mim, era o lugar perfeito. A casa coberta de sapé e paredes de ripas de coqueiro, era diferente, mas era bom.

Logo ao lado corria uma aguinha que nascia de um barranco de terra esbranquiçada, tinha a água fresquinha limpa transparente. Ali fiz seis anos de idade e já gostava de brincar com os livros da mãe que ela guardava desde quando estudou.

Um dia, o pai contou isso ao professor da escolinha da fazenda que ficava próxima do sítio. Ele pediu que eu fosse frequentar as aulas que ele cuidava de mim. Fui contente, mas muito tímida, meus irmãos também iam estudar, mas eles já haviam estudado até a segunda série antes. A escola simples de tábua coberta de telhas de amianto, chão de areia e carteiras com lugar para duas crianças. A sala era dividida em duas turmas: primeira e segunda série de manhã e terceira e quarta à tarde.

O professor era um senhor muito calmo e tinha paciência comigo, segurava minha mão ensinando a escrever. Eu me encantava com as letras que saiam do meu lápis. Quando chegava a casa corria contar para mãe e o pai o que tinha feito na escola.

No ano de 1982, minha irmã nasceu. Foi meu maior presente. Eu fazia tudo para ficar com ela no colo. A mãe com cuidado ia deixando aos poucos segurar o bebê que ganhou o nome de Ruth por ser um nome bíblico.

À noite antes de dormir, o pai contava histórias de onça, de macaco, de coelho, de cavalo e de urubu que ia à festa no céu e levava o sapo escondido dentro de sua viola sem saber. Isso era sagrado. Todo o dia, mesmo cansado o pai tinha que contar história para eu dormir.

Chegou de novo a mudança de lugar, dessa vez para a fazenda Muriti que ficava próximo. Lá tinha uma casa simples, uma mina de água fresquinha, que fazia um riachinho, que desaguava num riozinho de areia branca maior que se estendia ao lado de um varjão.

Que felicidade! Algum tempo depois, tínhamos fartura em casa. O trabalho era duro, mas satisfatório, tinha milho, feijão e arroz guardado na tuiá; na roça, mandioca, abóbora, melancia, cana para fazer rapadura. Além disso, tinha horta, galinha, porco, peixe no rio para pescar. Tinha

também a vontade de ir à escola, a alegria de chegar dela e ir correr atrás de passarinho com cavalo de pau no meio da roça para espantá-los para não comer a semente.

À tarde, o banho no rio encerrava meu dia cheio de aventuras. Em casa, gostava de brincar de carrinho feito de coqueiro bravo que nós mesmos fazíamos. As estradas embaixo das flores no quintal tinham ponte feita com pedacinho de madeira e cercas para separar os bois, feitos de maxixe com pernas de pau. Às vezes, fazia casinha de palha de arroz no meio da roça para se esconder do sol enquanto os passarinhos não vinham tentar comer a semente.

No final da semana, tinha terço nas casas dos vizinhos. Íamos todos, o pai era o dirigente da comunidade. Quando acabava a reza, eu ia brincar com os colegas de esconde-esconde, barata e roda de verso. Na escola as brincadeiras eram pular tábua, passar elástico, jogar pedrinha, pular amarelinha e catar ingá na beira do caminho perto da escola.

O tempo passou depressa e quando eu terminava terceira série, ficamos sabendo de um acampamento que ia acontecer perto da cidade, com promessas de desapropriação da terra em seis meses.

Meu pai ficou animado e resolveu que íamos para o acampamento. Foi um choque quando ele falou da decisão que havia tomado: ir morar numa casa de lona. Eu sentia que era o fim de todo encanto, deixar meu paraíso! Não teria mais os banhos de rio, as pescarias, os pássaros na roça de arroz, as idas para igreja no domingo de manhã na cidade, pois era uma aventura sair de madrugada a pé para a igreja. Durante a missa, ficava quieta ouvindo o padre falar. Tudo era bonito. A igreja grande, era linda.

Na volta para casa era só alegria ia correndo pelo caminho pisando em bosta de boi ainda mole. Catava banana de cipó imbé que a gente chamava de banana de macaco. Madurinha era bem doce, meio verde picava a boca.

Eu pensava em tudo que estava perdendo, gostava tanto da escolinha de paredes azul e vermelha por fora, e branco por dentro. Tinha recém construído, tinha cheiro de casa nova misturado com cheiro de borracha de apagar, do lápis apontado, do giz do professor, dos livros novinhos.

O pai arriou o cavalo na carroça e arrumou a mudança em cima, fomos a pé enquanto a carroça levava parte das coisas. Era a última vez que passava por aquelas estradas de areia.

O caminho ficou longo mais que antes, o silêncio era meu companheiro, apenas meu pensamento se fazia presente naquele momento, eu perdia tudo que eu tinha.

Cheguei ao acampamento numa tristeza só, nosso barraco era grande, coberto de lâmina de madeira e cercado com restos de madeira da serraria. Logo fiz amizade com algumas crianças, mas não gostava de brincar com elas, eu só tinha levado uma boneca e nem gostava de brincar com ela. Os brinquedos de pau tinham ficado todos lá na fazenda.

Eu fazia nove anos de idade e já sabia lavar roupa e louça. Eu sentia outras responsabilidades chegando, eu vivia outras realidades.

No acampamento às vezes as pessoas se alvoroçavam nas ruas dos barracos com baldes e latas. Todos indo na mesma direção, era o caminhão pipa que tinha chegado com água, e a gente tinha que ir também se não ficava sem água.

O pai geralmente ia para umas reuniões e voltava com a notícia que ia buscar cesta básica na Prefeitura. Era bom, vinham uns biscoitos gostosos. Não demorou muito tempo mudamos para o acampamento do Santo Inácio em outra região do Estado. A ordem do governo era que fossemos para lá e de lá já íamos para os lotes, lá tinha famílias de várias as regiões do estado de Mato Grosso do Sul, todos com o mesmo objetivo de meu pai, pegar uma terra.

No Santo Inácio era um pouco melhor, pois tinha rio para lavar roupa, pescar, mato para buscar lenha e pasto para as criações.

Aos onze anos de idade voltei para escola, dessa vez feita de pau a pique coberta de lona preta. Tudo era muito diferente do que tinha vivido antes. As dificuldades aumentavam e os irmãos e o pai iam trabalhar nas diárias para ajudar com a despesa da casa.

Às vezes, o pai passava tempo envolvido nas reuniões de lideranças, ele coordenava o grupo de Sete Quedas. Ele contava que era difícil, mas a terra ia sair. Minha família várias vezes desanimou com a demora para sair a terra, mas nunca pensou em desistir, mesmo depois do confronto com a polícia na sede do Santo Inácio, continuou firme. Nesse dia, eu estava na escola, a professora nos contou o que estava acontecendo, mas não tínhamos nem ideia do que significava tudo, sabia que coisa boa não era.

De lá fomos mandados para o Taquaral em Corumbá, depois de vários dias acampados na estação de trem em Palmeiras, esperando carregar a mudança e os animais. Sem água, sem banheiro, sem casa. Chegamos a Corumbá no dia 27 de novembro de 1989 pela manhã e seguimos para o Taquaral. Ficamos em um barracão grande, onde várias pessoas esperavam para tentar com os líderes encontrar o local de seu barraco.

Passsei o dia com dor no estômago, o almoço foi chegar quase três horas da tarde, trazido pela Pastoral da Terra. Fazia muito calor, crianças choravam no meio daquele tumulto. Minha irmã queria água, mas não conseguia beber, pois a água salobra e chorava. Eu via nos olhos da mãe o desespero. Ela tentava disfarçar e acalmar minha irmã, mas estava sofrendo. À noite, fomos para o barraco de uma família que tinha vindo por conta própria e já estava instalada.

Assim que amanheceu fomos procurar o nosso barraco que só tinha uns esteios fincados de quando o pai foi olhar a área para demarcar o local do grupo. O pai acabou de fazer o barraco. Começava tudo outra vez: acostumar com o lugar, conviver com as diferenças, suportar os pernilongos, que não deixava ninguém dormir e a água salobra que não descia na garganta.

Eu não gostava do acampamento, mas fazia o possível para ficar bem, ajudava a mãe a cuidar do serviço da casa e limpar o pequeno quintal. Desde cedo, aprendi a ter responsabilidade pelo serviço e a cuidar dos irmãos menores.

Quando vinham as cestas básicas do governo, elas ficavam em nosso barraco porque o pai era o líder, então eu ajudava ele a distribuir de canequinho o que era pouco, para que todos pudessem levar pelo menos um pouco de cada coisa para sua família. Isso acontecia sempre e deixava meu pai preocupado, pois as pessoas não ficavam contentes. Com isso, as revoltas começavam fazer parte de meu interior. Em vez de brincar com as meninas, eu ia jogar bola com os moleques. Não gostava da ideia de um dia ser dona de casa e ficar por isso mesmo.

Começavam meus conflitos comigo mesma, reprimi várias vontades dentro de mim, minha infância tinha sido ótima, mas a adolescência muito conturbada. Aos doze anos, minha diversão era tomar banho de rio, pescar e jogar bola aos domingos. Não pensava em namorar, mas foi nessa idade que conheci um rapaz que minha família não queria nem ouvir falar o nome. Guardei comigo aquele sentimento e quando ia trabalhar de boia-fria nas colheitas de algodão, ficava torcendo que ele fosse para eu vê-lo pelo menos de longe. Eu só colhia quarenta quilos de algodão por dia, mas era divertido ir para a roça de madrugada em cima de um caminhão e voltar só à noite para casa.

Só que um dia presenciei a cena em que um homem apunhalou sua esposa no meio da roça de algodão. Ela não resistiu e antes de chegar ao socorro, ela morreu. Fiquei por muito tempo com a imagem daquela mulher na cabeça, nunca mais voltei à roça de algodão; ocupava meus dias com o cuidado com umas cabras que criávamos amarradas com cordas na beira da estrada. Eu e o meu irmão Messias éramos responsáveis pelos animais. Esse era nosso serviço. Certo dia, indo em direção à ponte de madeira que atravessava o rio, vi um homem sentado em uma tora de madeira na

beira da estrada junto com uma mulher grávida. Quando passei por eles, vi os olhos daquele homem brilharem de uma maneira que fiquei encabulada. Nunca mais esqueci aquele olhar.

No ano em que eu completei quinze anos, um acontecimento marcou muito a minha vida. Nascia a escola onde completaria o ensino fundamental, e assim foi. Particpei de toda movimentação para construção da escola, um barracão cercado de pau a pique coberto de lona preta e folhas de bacuri, cada madeira, cada prego pregado era como a consolidação de um sonho. Ali estava a escola Monte Azul que por meio de votação de pais e alunos ganhou esse nome em reverência ao monte que se avistava ao longe.

Meus conflitos interiores não acabaram por aí, com a permanência na escola conheci várias pessoas, comecei participar dos encontros de jovens dos cursos bíblicos junto à Pastoral da Terra e fui catequista por muito tempo na minha comunidade.

As responsabilidades e decisões faziam parte de mim desde sempre, as atitudes de adolescência tinham passado despercebidas. Como em minha casa era proibido falar em namoro e não tinha diálogo sobre o assunto com meus pais, eu nem pensava na hipótese de ter um namorado um dia.

Certo dia, inesperadamente, reencontrei os olhos do homem da estrada, agora de semblante marcado, mas tinha o mesmo brilho nos olhos. Tremi, gaguejei, mas o encarei com firmeza. Fiquei sabendo tudo sobre ele. O rapaz tinha vindo embora morar com os pais e estava solteiro. Vi ali nascer uma paixão, mas como era coisa proibida para mim, sufoquei.

Quando terminei o ensino fundamental, as dúvidas começaram a judiar de mim. Por influência de uma amiga, decidi ir para um convento continuar meus estudos e me tornar freira. Tudo estava certo para ir, mas uns dias antes, minha mãe adoeceu por causa da decisão que eu tinha tomado, diante do fato desisti e resolvi ficar em casa.

Eu não sabia o que fazer, queria continuar estudando, mas não tinha condições de ir para cidade. Meu serviço era só em casa, às vezes ia à roça ajudar um pouco, porém não aguentava o calor. Tinha vontade de ir embora para outra região, mas deixar o pai e a mãe era uma ideia imprópria demais.

Eu estava sem saída para estudar, me escrevi para ir para o exército, mas não consegui pagar a inscrição e perdi a oportunidade.

Tudo era confuso. Fiquei doente, me isolei de tudo e de todos, não queria ver ninguém, só queria dormir. Passei a me alimentar pouco, com isso emagreci; minha família não entendia o que acontecia comigo não sabia o que fazer. Sozinha e confusa eu me afundava em mim.

Um dia, chegou à minha casa um convite para quem quisesse ir para Escola Família Agrícola (EFA), em Campo Grande. Era preciso ir à rodoviária levar os documentos que a dona Maria, diretora da escola Monte Azul, iria levá-los. Decidi ir. Peguei uma bicicleta e fui com meu irmão Messias à cidade levar meus documentos. Tudo que eu precisava era continuar estudando. Fiz uma boa participação na EFA, mas em casa, no sítio, não consegui aplicar o que aprendi.

Simplemente continuei no sítio, quando tinha oportunidade ajudava alguém na comunidade com alguma orientação. Tempo depois, fiz curso público para agente de saúde e durante um ano trabalhei bem perto das pessoas da comunidade. Acabei desistindo do trabalho por problemas de saúde física. Junto com meus pais, solteira, sem namorado, sem filhos. Minha vida pessoal sempre ficou em terceiro plano, formar uma família para mim é quase uma utopia.

Decidi ir embora para Tangará da Serra - Mato Grosso, morar sozinha com minha irmã. Lá trabalhei por cinco anos em um supermercado, comecei como cartazista, depois passei para encarregada de compras da perfumaria e higiene pessoal; no final de semana, era balconista da lanchonete do supermercado.

No início de 2007, saí do serviço e voltei para o sítio no Taquaral, fronteira com a Bolívia e uns cinco quilômetros da cidade de Corumbá. Os antigos moradores deram esse nome por causa do bambu existente na área.

Tudo aqui era diferente de todos os lugares que moramos. Meu pai, acostumado a colher tudo que plantava, teve que aprender lidar com gado, porque a lavoura não saía bem, por causa do clima e da terra de calcário.

Vários recursos públicos já foram destinados ao assentamento. As famílias não conseguiam se desenvolver economicamente sem incentivo financeiro, então através da EMPAER, Empresa de Assistência Técnica do governo, e do Banco do Brasil, os parceiros puderam fazer projetos de desenvolvimento do sítio. Alguns conseguiram bons resultados, mas a maioria só ficou endividada.

Há alguns anos atrás veio recurso do BID (Banco Internacional de Desenvolvimento), mas só agora a poucos meses que deram início aos projetos que foram aprovados, ou seja, construção de cisterna, gradeação de terras. Muitas vezes, não acontece o desenvolvimento, porque quando tem algo destinado ao assentamento acaba esbarrando na burocracia ou na má vontade da liderança que cuida do interesse do povo através da associação de produtores.

Hoje o assentamento conta com assistência técnica, posto de saúde da família, dois telefones públicos, um centro múltiplo e a escola Monte Azul, além de igrejas evangélicas e católicas.

A vida no assentamento não é fácil, como tudo na vida nunca foi. Não se tem opção de lazer além do jogo de futebol e do jogo de bingo que a comunidade realiza algumas vezes, onde reúne maior número de pessoas. O único jeito é trabalhar e trabalhar.

Eu gosto de morar no sítio, mas já fui embora uma vez por não me sentir bem com o clima da região, pelas condições financeiras que sempre foram mínimas. Meus irmãos se casaram todos e foram embora deixando meus pais sozinhos no sítio. Um dos motivos por ter voltado foi esse, ajudá-los a organizarem o sítio.

Fazia poucos dias que eu tinha chegado do Mato Grosso, quando fiquei sabendo da faculdade em Dourados, meu amigo Sérgio, professor da Escola Monte Azul, me contou sobre o curso e me incentivou a fazer a inscrição para o vestibular. Tudo aconteceu de repente, no último dia fiz a inscrição. Na véspera da prova, Sérgio chegou à minha casa com mais três colegas no carro para irmos viajar, meu nome estava na lista dos vestibulandos, a prova aconteceria em Dourados e eu não tinha um centavo para viajar, consegui que me deixassem pagar minha parte no aluguel do carro quando voltássemos. Tudo estava encaminhado para dar certo. Dei o máximo de mim, mas só consegui ficar em quinquagésimo sétimo lugar entre os sessenta que iam ser chamados. Fiquei contente, pela vez estava entrando para uma faculdade.

Os desafios eram muitos, mas como tenho facilidade em fazer amizades e me adapto fácil à situação e a lugares, não sofri, pelo contrário foi maravilhoso. Meu relacionamento com meus colegas é ótimo. Tenho amizade com todos e me sinto bem, alguns já conhecia do tempo que participava do movimento de mulheres.

Com os professores não tenho muita proximidade porque o tempo é pouco perto deles, mas gosto do jeito como ministram as aulas, consigo acompanhar bem as explicações.

A experiência está sendo muito boa, estar na faculdade é marcante, viver e conviver com tudo que acontece, as conquistas se tornam mais importantes. Sempre gostei de ler, escrever e falar do que vivo. Vejo, sinto em forma de poesia é meu maior prazer. Gosto muito do que é diferente e quando me deparei com culturas diferentes da minha, só melhorou meu conhecimento e me fez aperfeiçoar meu desempenho para as coisas futuras.

Tenho vários projetos para mim, num futuro não muito distante, pretendo lançar meu livro de poesias, um romance e aprender tocar um instrumento. É claro na vida profissional, quero fazer o possível para exercer minha profissão, de preferência na minha comunidade e ter uma estabilidade na vida econômica. Quero continuar no sítio e realizar meus projetos com mais autonomia e segurança.

Marisete Inês Resmini

Uma história real

Meu nome é Marisete Inês Resmini, sou a terceira dos cinco filhos de meus pais, um casal feliz e apaixonado. Nasci no município de Concórdia em Santa Catarina, tive uma infância alegre e extrovertida. Meus pais sempre gostaram da roça e decidiram criar seus filhos todos ali. Mesmo morando com meus avós e tendo as condições de vida difíceis, meus pais eram felizes. Nada superava o amor que os meus pais tinham pela família, quando minha mãe engravidou de mim pouco se falava em pré-natal. E a cada criança que nascia, o sexo do bebê era uma surpresa.

Ao saber que minha mãe estava grávida, minha avó paterna esperava que eu fosse um menino, e havia avisado que não aceitaria se nascesse uma menina, mas para a surpresa dela eu nasci, e não era o que ela esperava. Para meus pais não fazia diferença, mesmo eles tendo outras duas filhas mais velhas, a Naidi e a Roseli, eu fui bem aceita, e me deram o nome de Marisete Inês. O primeiro nome foi dado pelo fato de meu pai achá-lo bonito e por ser de origem italiana; o segundo, Inês, foi escolhido por ser minha mãe devota de Santa Inês e também porque é tradição da nossa família colocar o nome de algum santo na criança para que ela não se desvie da igreja quando crescer.

Aos quarenta dias de vida, minha mãe me deixou sozinha no quarto para ir até o galpão. Não demorou, ouviu choro. Era eu em desespero. Houve um acidente, alguém colocou soda cáustica no meu corpo e precisei passar por uma cirurgia para recuperar a minha massa e poder desenvolver a perna normalmente. Meus pais passaram o maior sufoco, tiveram

que pegar dinheiro emprestado, mas não desanimaram. Antes mesmo de eu sair do hospital, meus pais saíram da casa de meus avós e foram morar com um irmão de meu avô.

Lá meus pais também trabalhavam na roça, faziam de tudo um pouco, mas meus pais sempre tiveram um sonho: ter um lugarzinho só nosso e logo compraram uma propriedade no município de Ita, também em Santa Catarina. Quando completei quatro anos, nasceu a minha irmã Marciane, a quarta filha de meus pais. Eu me lembro do nascimento dela: foi uma festa!

O tempo foi passando e o trabalho de meus pais era muito sempre. Por isso minhas irmãs mais velhas ajudavam e assim fomos criados uns pelos outros. Comecei a estudar aos seis anos de idade em uma escola de interior. Onde nós estudávamos só havia uma sala para quatro séries e somente uma professora. Nós gostávamos de jogar bolita e poucos merendavam, pois quem merendava lavava o prato e se fosse enfrentar fila não sobrava tempo para as brincadeiras. Às vezes, todo mundo merendava, era quando tinha um tal de “Tódi”, meio rosado, como se fosse um leite em pó que grudava no céu da boca e aquilo a gente brincava de ver quem conseguia comer sem que grudasse. Mas também tinha o tal do castigo para quem desobedecesse. Ficava de joelho nos grãos de milho ou lavava as panelas da merenda.

Na frente da professora, nós andávamos miudinhos, ninguém pisava fora da linha, mas quando saíamos da frente da professora Salete a gente fazia muita bagunça. Os meninos até brigavam e nós gritávamos para eles brigarem mais. Eu era um pouco levada; na escola tinham duas meninas de que nós não gostávamos, um certo dia a professora não estava lá e aproveitamos, eu e a Silvana, para trancarmos uma das meninas do lado de fora do banheiro. Ela, desesperada, queria usar o mesmo banheiro que a gente, mas nós ficamos trancadas até ela não resistir e fazer xixi na roupa. A menina foi direto contar para a professora o que havia aconteci-

do. Nós negamos tudo. Coitada! Ficou de castigo. Depois a professora a liberou para que pudesse ir para casa trocar de roupa. Havia outra menina com quem nós implicávamos. Esta era daquelas que gostavam de dizer que era a melhor só porque a família possuía muito dinheiro. Esta a professora largava quinze minutos antes para que ela pudesse chegar a casa antes que nós, porque caso contrário era briga na certa. Em nossa turma de escola tinham bastante meninos, então as meninas entravam no embalo e sempre chegávamos em casa como se fossemos uns bichinhos de sujos, já que voltávamos para casa virando estrelinha, brincando de pega-pega e, em época de amora, nós subíamos nas árvores para catar e ficávamos como uns bichinhos.

Sempre aos domingos, a molecada saía para se divertir, às vezes, em lugar perigoso, em outras em local calmo, onde os meninos iam nós estávamos atrás, porque nunca houve separação de piás e meninas no Sul do Brasil. O menino homem é chamado de piá, que significa criança alegre, e meninos e meninas juntos se chama de piázadas. Nossos pais falavam para não ir no perigo, como no rio. Um dia, fomos até um riacho, era um córrego rasiinho, mas o perigo era nos cipós que estavam pendurados nas árvores, a gente cortou todas as arvorezinhas em baixo do cipó e fomos nos balançar. Cruzávamos o rio e, quando o cipó voltava, o outro se pendurava nas pernas e cruzava do outro lado. Certa vez, a Catia se dependurou nas pernas do irmão dela, caindo sobre aquelas arvorezinhas e rasgou a perna; desmaiada, os meninos a levaram até a casa dela. Os pais dela a levaram direto para o hospital enquanto nós ficamos morrendo de medo dos nossos pais, era certo que íamos levar uma bronca e ficar de castigo por alguns dias, mas tínhamos muito pelo o que poderia acontecer com a nossa colega.

A vida nesta época era divertida e não nos preocupávamos com nada, tudo era motivo de alegria e em época de Natal a festa com os presentes era imensa. Os presentes, as brincadeiras, a vinda do Papai Noel, as surpresas, tudo ali era motivo de alegria, a gente esperava com entusiasmo.

A nossa família sempre foi muito unida. Os meus pais sempre foram apaixonados um pelo outro e assim nós aprendemos que a família vem sempre em primeiro lugar. O meu pai foi sempre o mais carinhoso, ele adorava brincar conosco, parecendo mais uma criança da nossa idade, mas na hora séria ele era sério, mas nunca bateu em nenhum de nós. Ao contrário, sentava para uma conversa. Quando eu completei onze anos, nasceu o meu irmão o caçula e nesta época a minha irmã mais velha já estava com o casamento marcado e nós continuamos ali. Agora o nosso irmão dependeria de mim e de minhas duas irmãs que estavam em casa para que pudéssemos cuidar dele, e era o que a gente mais gostava de fazer.

O lugar onde a gente morava era uma comunidade de pequenos agricultores, não era o melhor lugar do mundo, mas, para nós, era, pois ali fomos criados. Certa vez, começou a aparecer nas redondezas uns carros estranhos e ninguém sabia dizer o que estava acontecendo. Eram carros com alguns emblemas. Chegavam, adentravam nossas propriedades e nós ficávamos de mãos atadas. Entre uma conversa e outra, os moradores organizaram uma comissão para estudar o que poderia ser feito, pois souberam sobre a implantação de uma barragem. As famílias se mobilizaram para poder trancar e impedir que a barragem fosse feita, mas já era tarde demais. Com o apoio dos movimentos da CUT (Central Única dos Trabalhadores), da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e de lideranças da Igreja Católica e sindicatos, formou-se a CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens). Esta, logo depois, se unificou com o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) na regional sul, que já existia como Movimento, a qual atenderia somente, a princípio, os atingidos pela barragem de Ita.

O movimento foi se fortificando e nós lutávamos com unhas e dentes para defender o que era nosso, porém não conseguimos trancar a hidrelétrica, mas conseguimos que se formassem reassentamentos, onde seriam colocadas aquelas pessoas que teriam as terras inundadas pelas águas. No ano de 1989, no município de Marmeleiro, no Paraná, foi realizado o primeiro reassentamento dos atingidos pela barragem de Ita, logo

depois o segundo em Campoerê, em Santa Catarina. Em 1994, foi implantado o quarto em Mangueirinha, onde eu, meus pais e meu irmão fomos assentados. A chegada no reassentamento foi um pouco difícil porque eram pessoas vindas dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com culturas diferentes, mas a amizade foi se formando e, assim, a gente foi criando raízes naquele local. Mas nunca deixamos de lutar pelos que ficaram para trás, o objetivo era que todos pudessem ser indenizados com terra, porque o dinheiro que a empresa oferecia era tão pouco que não dava para nada.

A nossa luta não parou ali, continuamos lutando por direitos nossos e dos outros que ficaram. Em todas as lutas que fazíamos depois de assentados, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra MST sempre nos deu apoio. Em 1997, comecei através do MST a trabalhar com jovens e adultos nas escolas da EJA (Educação para Jovens e Adultos), foi ali que conheci alguns acampamentos do MST e percebi a dificuldade que tantas pessoas enfrentavam. Eu nunca havia visto aquilo que as pessoas estavam vivendo, mesmo sendo filha de pequenos agricultores, nós sempre tínhamos o essencial. Foi nos acampamentos que vi a pobreza de perto na pele. Foi tão triste ver pessoas sem expectativas de vida em busca de um sonho, em que crianças, descalças com vontade de viver em uma ciranda infantil, gritavam: – Pátria Livre! – Venceremos! Eram crianças com esperança de ver um mundo melhor. No ano de 1999, participei do acampamento em frente ao palácio do Iguazu em Curitiba, no Paraná, um dos maiores acampamentos realizados em Curitiba. Ali se reivindicavam recursos para os assentamentos e para a construção de novos assentamentos. Era algo nunca vivido isso, foi uma escola e continuei a me interessar e a toda vez que tinha mobilização eu estava junto dando minha contribuição.

No ano 1999, no mês de abril, fui convidada para participar de uma escola do MST, ITERRA (Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária), onde estudavam vários acampados e assentados da reforma agrária de quase todos os estados do Brasil. Foi lá que conheci uma

pessoa especial, o pai dos meus dois filhos. Casamos e fomos morar no assentado Itamarati, no município de Ponta Porã. A vida que encontrei não foi fácil, era muito difícil e com a vinda do nosso filho, Lênin, aumentavam as dificuldades, pois era recém-nascido e precisava de vacinas e por sinal nasceu com bronquite e o médico atendia a cada oito dias. No entanto, o amor que a gente sentia um pelo outro era maior que qualquer obstáculo. No ano de 2004, nasceu nossa segunda filha, Danieli, foi uma alegria imensa para minha família. Ela era saudável e eu era a mulher mais feliz do mundo. Tinha uma família maravilhosa, mesmo estando assentados, as condições econômicas não eram boas como as da minha infância. Mas fazíamos de tudo para que nossos filhos não passassem dificuldade. No ano de 2007, o meu marido foi coordenar a equipe das casas da Itamarati 2, e eu contribuí e fiquei no nosso lote por mais algum tempo até que se organizasse uma casa no local de trabalho dele para que pudessemos morar todos juntos.

Foi nesta época que veio o convite para fazer o vestibular para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais/UFGD. Recebi o convite do meu marido para fazer o vestibular, como também o apoio dele. No início, eu fiquei meio acomodada e com desinteresse em fazer o vestibular, mas ele insistiu tanto, falando que o estudo iria fazer bem para nós todos e que as pessoas não podem se acomodar ou achar que a vida está boa. É necessário que se vá à luta para que se possa vencê-la. Fiz o vestibular e quase desisti no dia de ir para a faculdade, mas novamente ele não deixou.

A minha entrada na faculdade mudou muito a minha vida. Antes de ingressar, a vida era monótona, era simplesmente dedicar a vida para a minha família. Aprendi muito, minhas amizades aumentaram e minha autoestima melhorou. Eu era mais feliz do que eu já era. No começo do mês de agosto de 2008, fomos morar em Itaquiraí, pois o Luciano necessitava ficar mais perto daquela região, porque os trabalhos a serem desenvolvidos estavam concentrados por lá.

Tudo estava bem. Mas no dia 27 de outubro de 2008, meu marido saiu pela manhã para trabalhar e, ao retornar para casa, às cinco horas e trinta minutos, sofreu um acidente, morrendo instantaneamente. A minha vida neste momento desmoronou, eu havia perdido o alicerce da minha família, eu não tive chão. E é nestas horas que a gente tem que ser forte, pois o grande amor da minha vida acabava de partir, mas deixava dois filhos lindos e maravilhosos. Tudo o que deixou jamais será esquecido. Dentro de tanto desespero, tive o apoio de muitos companheiros e companheiras e da minha família no geral. A minha sogra e os meus cunhados mesmo sofrendo me fortaleceram, mas o que mais me deu força foram meus dois filhos que sempre estiveram do meu lado. Agora éramos nós três, a vida não poderia parar.

Quase desisti da faculdade, por agora estar sozinha e ter que tomar conta de tudo; antes eu não era acostumada a mexer com isso e agora tudo estava mudado. Juntamente com os trabalhos da faculdade tinham os de casa; tudo tinha se complicado. Então, conversei com o meu cunhado e ele disse que se eu desistisse, ele também iria desistir. Assim, fizemos um trato de nós dois continuarmos até o fim, mesmo que as dificuldades aparecessem nós estaríamos vencendo juntos.

No assentamento, onde estou morando, pouco ainda se tem de produção, pois ele ainda é recente, o que mais se tem são algumas famílias que lidam com vacas de leite, e as demais só plantam mesmo para o consumo. As famílias ainda não receberam nenhum investimento e isso dificulta o desenvolvimento do assentamento, mesmo este município tendo uma administração de esquerda, não há nenhuma política pública sendo desenvolvida dentro do assentamento.

Moro no assentamento Santo Antonio, brigada Jacob, que carrega este nome em homenagem ao dirigente que muito lutou e se entregou de corpo e alma pela luta e para honrar a bandeira vermelha, porém acabou morrendo em um acidente, deixando viva a sua memória em nós. Neste

lugar, desenvolvi alguns trabalhos acadêmicos. Nas pesquisas de trabalho, especialmente o de Língua Portuguesa, pude conhecer muito sobre costumes, crenças, tradições, comidas típicas que, às vezes, só a família acaba vivenciando, e o vizinho do lado não conhece, e, na maioria das vezes, isso fica escondido e o assentamento não dá espaço para que isso possa florir. Desta maneira, nossas raízes acabam morrendo, e se não resgatarmos, os nossos filhos e netos não conhecerão as mesmas.

Enfim dentre tantas coisas boas e ruins na minha vida, só posso acatar as que me fazem bem, talvez as boas vieram para me animar e as más para me fortalecer, pois acredito eu que a cruz que carregamos é menor que a força que possuímos. E espero que cursando esta faculdade eu possa contribuir mais dentro do meu assentamento, e que eu possa dar o melhor de mim nesta contribuição, porque se juntos formarmos as nossas crianças e jovens, teremos um futuro com maior brilho e dignidade.

Nelson Aparecido Silva Casimiro

Caminhos de uma história

Esta narrativa conta os caminhos que formam a história de uma pessoa que desde o seu nascimento enfrentou dificuldades, mas com a ajuda de familiares e amigos conseguiu atingir muitos dos seus sonhos, se deixando ser guiado por Deus, como se tudo fizesse parte de uma designação divina, uma coisa do destino. Porém, sente que o livre arbítrio o possibilita ser bom e honesto a ponto de iluminar as pessoas à sua volta. Essa história começa mais ou menos assim:

Nelson Aparecido Silva Casimiro, nascido a cinco de fevereiro de 1981, em São Bernardo do Campo, São Paulo. O nome Nelson de origem Anglosaxã “Neilson” apresenta como sentido etimológico “Filho de vencedor”, ele me foi dado pela minha mãe, em homenagem a um tio avô dela chamado Nelson, a quem tivera muito carinho.

Por motivos de uma gravidez de risco, minha mãe foi obrigada a procurar por garantias à sua vida e à minha. Assim sendo, foi para São Bernardo do Campo onde se encontravam seus pais e familiares, pois lá se encontravam as mais avançadas técnicas médicas das quais poderia dispor. Mas, mesmo assim, por motivos religiosos, ela realizou uma promessa a Nossa Senhora Aparecida que se tudo corresse bem, ela me daria um segundo nome “Aparecido” em cumprimento à promessa.

Meu primeiro sobrenome “Silva” é uma herança adquirida da família do meu avô materno, que tem origem europeia, e o meu último sobrenome “Casimiro” é de origem paterna com descendência de afro-europeia.

Terceiro filho de um total de cinco filhos vivos, sendo estes meus irmãos Sebastião Aleixo Silva Casimiro, Celso Silva Casimiro, Manoel Silva Casimiro e o caçula Rafael Silva Casimiro.

Algum tempo após o nascimento e a estabilização das condições de saúde, regressamos para a região de Tarumã no município de Bodoquena, Mato Grosso do Sul, onde meu pai praticava atividades agrícolas e comerciais.

Em meados de 1985, pressionados pelos ataques indígenas da tribo Kadiwéu que reivindicavam as terras na região, sem muita opção, minha família mudou-se para a cidade de Miranda, onde moramos por aproximadamente um ano, e em seguida mudamos para o Projeto de Assentamento Nioaque, em Nioaque – MS.

Este assentamento é resultante do trabalho de alguns ex-moradores de áreas rurais do município de Bodoquena, especialmente, do Tarumã, do Moraria do Sul e do Babaçu em parceria com, segundo alguns moradores que residem no Projeto de Assentamento Nioaque, como, por exemplo, os senhores Valdeci Nogueira e João de Souza, os quais tiveram o apoio da FETAGRI (Federação dos Trabalhadores em Agricultura) e do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Estes juntos e depois de várias reuniões em diversos locais distintos conseguiram no município de Nioaque uma área pertencente à ferrovia, cujo nome era Fazenda Conceição.

Nesse assentamento, ainda com cinco anos, comecei a viver uma nova realidade, vivenciando uma vida selvagem e difícil, no início cercada de dificuldades. Aos seis anos, enquanto tomava café da manhã no barraco onde ficava a cozinha fui surpreendido por um cateto entrando na porta e minha mãe se pôs a chamar por ajuda. O animal assustado saiu correndo e o meu pai e o primo dele cassaram o porco e o mataram garantindo a mistura daquela semana.

Aos sete anos, ingressei na Escola Municipal José Garcia Neto – Extensão 339, escola esta feita pelos próprios moradores com estrutura de madeira e cercada de bambu batido, coberta com telhas de amianto e chão

batido, quando o tempo ficava chuvoso ou frio os alunos se agrupavam no meio da sala, para não molhar os materiais e também para se aquecerem. A lousa ou quadro negro era de maderite que após poucos dias de sua fixação, com pregos, já estava empenado e nem se passava um mês já apresentava sinais de desbotamento, o que dificultava a escrita pela professora Maria de Lourdes Ribeiro Nogueira e, conseqüentemente, a sua leitura.

Nessa escola, estudei por quatro anos, os quatro anos iniciais de minha educação para a vida, algumas coisas marcaram a minha vida como lavar as mãos nas águas sujas do buracão¹, banheiro improvisado, falta de material didático. Mas nem tudo era ruim. Ganhei uma bicicleta no final do primeiro ano para ir à escola e passear no assentamento. Fiz vários amigos para vida toda. Ganhei uma mãe extra nos finais de semana, e para a vida toda, a “professora” e outros irmãos seus filhos, com quem, eu e meus irmãos de sangue e os outros não sanguíneos, brincávamos, pescávamos e nos banhávamos no açude e córrego aos domingos e períodos festivos.

Aos onze anos, vivia uma experiência nova, a mudança de escola e de turno de estudo, começava a quinta série, no período noturno. Acompanhado pelo meu irmão Celso, ia todos os dias de bicicleta para a escola que se situava na Sede do assentamento, uma outra extensão da José Garcia Neto, aproximadamente cinco quilômetros, saíamos por volta das 18:30 horas, no finalzinho da tarde e retornávamos às 23:00 horas numa extrema escuridão, exceto nos dias de lua clara.

Ao mesmo tempo em que era ruim ir para a escola assim, vivi novas experiências, conheci outras pessoas, em geral mais velhas que eu, o que tornou as minhas experiências mais interessantes. A mudança de local, horário e a quantidade de professores e matérias assustou um pouco e me deixaram pela primeira vez de recuperação na disciplina de matemática.

1 Grandes buracos escavados próximo às estradas vicinais para o aterramento da mesma; nesse lugar se acumulavam as águas das chuvas, uma água de cor amarelada (barrenta).

Na segunda metade da sexta série, meus pais pediram a minha transferência para outra extensão da Escola José Garcia Neto, “63”, onde pude vivenciar outras experiências, conhecer mais pessoas, novos amigos e professores (as), alguns amores infantis e alguns amores da adolescência. Porém, um amor platônico marcou esse período que me acompanhou entre o final da sexta série e o término da oitava.

Durante esse período, fiz um curso básico de informática em Nioaque, junto de outros alunos que cursavam o Ensino Médio, no período matutino. Nós, eu e eles, saíamos muito cedo por volta das quatro horas e cinquenta minutos da manhã e retornávamos por volta das doze ou treze horas. Novas experiências foram somadas a minha vida como novos conhecimentos, amigos, amores. Durante esse tempo aconteceram em Nioaque os Jogos Escolares Interestudantis da Primavera (JEPRIM), participei como aluno, junto a centenas de outros meninos e meninas, dos jogos em várias modalidades como vôlei, futebol de salão e de campo e atletismo. Vivi esse momento com tanta intensidade e felicidade que fiquei rouco e, já no terceiro dia, tive de comprar pastilhas na farmácia para tratar da inflamação na garganta e recuperar a voz. Durante os jogos, me diverti muito, conheci muitos garotos, mas conheci muitas meninas-moças, com quem tive algumas paqueras e inclusive uma namoradinha que, mesmo após os jogos, continuou me enviando bombons e outras coisas.

A adolescência foi aos poucos se aproximando e os namoricos ficando mais intensos, mas nada de relações completas, apenas beijos e carícias e sustos com os pais das garotas e com o tudo que era novidade.

Finalmente, cheguei ao que hoje chamamos de Ensino Médio, após oito longos anos caminhando, pedalando e pedindo carona para ir à escola. Começava a utilizar de um ônibus para continuar meus estudos na sede do município, na Escola Estadual Odete Ignês Resstell Vilas Boas. Um novo mundo se abria diante de mim, centenas de pessoas desconhecidas, um turno diferenciado do que eu estava acostumado e a resistência

do meu pai em não querer que eu estudasse à noite. Tudo isso quase me impediu de prosseguir, mas contando com a ajuda de amigos e familiares, que me defenderam junto ao meu pai e me incentivaram a persistir, dei sequência aos meus estudos.

Nessa Escola, experimentei o início da juventude, algumas paixões platônicas, alguns amores que marcaram minha vida e uma jornada diária da minha casa até a escola. Saía por volta das dezessete horas de casa, onde tomava o ônibus; a seguir ele pegava o restante dos alunos na estrada de terra e poeira e às vezes muita lama e, então, por volta das dezenove horas chegava à escola, isso quando o transporte escolar não quebrava pelos caminhos na ida e chegávamos atrasado e/ou na volta. Quantas vezes caminhamos longas distâncias até nossos lares e, algumas vezes, devido à distância, dormíamos no próprio ônibus, aguardando amanhecer para pegar uma carona de retorno para casa.

No caminho de casa para a escola e no retorno brincávamos e cantávamos bastante, nas vésperas das provas o silêncio tomava conta do transporte e o que se via eram colegas com os olhos enterrados nos cadernos e livros. Nas sextas-feiras, especialmente no final do ano, os colegas compravam vinhos e outras bebidas, que apesar de proibidas, eram consumidas no interior do transporte, isso regava grande brincadeira e muita cantoria. Ah! Não posso esquecer dos salgados e docinhos vendidos no transporte, eram deliciosos.

Na sala de aula, apesar de tudo que foi feito, havia uma distinção entre alguns alunos da área urbana e da área rural. Porém, para mim, essa situação não surtiu grandes efeitos, fiz boas amizades com colegas da sala e de outras salas, com os funcionários, coordenadores e com a direção.

De forma simples e resumida, vivenciei nesse momento da minha vida uma enorme e turbulenta quantidade de transformações físicas, sociais e culturais que culminaram na construção fundamental do meu caráter.

Concluindo o Ensino Fundamental, motivado pelas aulas de uma professora de Geografia chamada Leila, prestei vestibular para o curso de graduação em Geografia. Para cursar, tive de sair do conforto da casa dos meus pais e morar de favor com o irmão da esposa do meu irmão Celso, que cursava a faculdade de matemática. Durante aproximadamente dois anos, nós moramos de favor na casa de uma senhora que tinha duas filhas.

Comunicativo, logo fiz amizade com ela e suas filhas, tão boa amizade que sempre posso vou visitá-las, pois merecem. Uns dois meses após ter me mudado para Aquidauana, arrumei o meu primeiro emprego, com a ajuda do cunhado do meu irmão, quando passei a ter o meu salário. Estive por vários momentos desempregado e como tanta gente no mundo sem nenhum centavo no bolso, mas o desejo de terminar o que comecei, sem desapontar aqueles que confiaram e investiram em mim, era mais forte e, então, lutei contra todos os obstáculos.

Após esses dois primeiros anos, fui morar com alguns amigos numa casa alugada, às margens do rio Aquidauana e próximo à polícia ambiental, onde moramos por aproximadamente um ano e meio. Que sufoco, viverem as margens do rio Aquidauana, sua cheia e vê-lo quase entrar em casa. E ainda tinha o medo de perder o pouco que tinha, mas, ao mesmo tempo, tudo era muito bom: os tererés, as comemorações que iam até de madrugada, os romances mais intensos, entre tantas outras coisas, e aconteceram vezes de me ver sem dinheiro e o aluguel vencendo.

O retorno para o sítio após a faculdade foi algo muito estranho, me sentia deslocado, mas aos poucos fui me acostumando e retomando minha vida. Comecei a exercer minha profissão, mesmo ainda não a tendo completado plenamente, devido ao emprego no frigorífico Independência, em Anastácio, que não me permitiu concluir as regências e a monografia, práticas obrigatórias do curso.

Foi grande o medo de entrar numa sala de aula como educador dentro da minha própria comunidade, porém aos poucos fui me tornando mais seguro e a relação com os educandos foi melhorando.

Dois anos depois de ter iniciado meu trabalho como educador, acabei me deixando envolver, após um relacionamento amoroso mal sucedido, com uma ex-aluna, por um descuido nosso acabou por gerar uma gravidez não planejada e duas maravilhas, os gêmeos, Bruno e Breno. Porém, não se concretizou num matrimônio ou algo parecido.

Meus filhos, que ficaram com a mãe, foram morar em Sidrolândia há dois anos e eu sempre que posso, ao menos uma vez por mês, vou visitá-los. Quando os visito, vivo uma alegria intensa, pois correm e me abraçam com tanta força. Sinal claro da saudade de um pai ausente. Como forma de compensá-los por isso, vamos para a praça e brincamos na grama, nos balanços, tomamos sorvetes e às vezes lanchamos. Tudo cercado de grande brincadeira.

Passou o tempo e aos poucos tudo foi tomando o seu devido lugar e há acerca de três anos conheci uma outra pessoa, Marcia Carvalho dos Santos, com quem estabeleci um namoro que me conduziu vagarosamente para uma relação matrimonial. Esta união me trouxe em maio uma linda filhinha de nome Maria Eduarda. Com elas divido meus dias querendo ter a companhia dos meus gêmeos Breno e Bruno.

Quanto à vida funcional, desde criança trabalhávamos em família. Meu pai era agricultor e após mudarmos para Miranda montou um pequeno comércio do qual minha mãe tomava conta. Em Nioaque, ele reabriu o comércio e, além disso, eu, meus irmãos e minha mãe, além do comércio tomávamos conta também das atividades do sítio como uma pequena área de agricultura. Os cuidados com o rebanho bovino e a atividade leiteira sempre contam com ajuda de meu pai, que na maior parte do tempo trabalhava como caminhoneiro. Aos poucos, à medida que fomos crescendo e pudemos adquirir novos lotes por meio da compra, ampliamos nossas atividades agrícolas e pecuárias.

O retorno ao assentamento se deu por vários motivos, entre eles o fato de a minha família ali residir e pelo fato de eu ter crescido nessa realidade. Nele, agora com curso superior ainda incompleto, comecei a exercer o ofício de professor e, somente dois anos depois, consegui me formar.

Uma das maiores dificuldades do retorno foi conciliar as atividades escolares, que toma muito tempo, com as atividades rurais que já desenvolvia, pois com a ajuda da minha família, consegui adquirir um sítio.

Tudo que se apresentou como dificuldade foi encarada com seriedade e responsabilidade, mas todas só foram superadas por poder contar com pessoas especiais que me cercam: meus pais, irmãos, familiares, amigos e da minha companheira.

Mais recentemente ingressei em novo curso de nível superior, agora em Ciências Sociais, em razão dos movimentos sociais, do PRONERA/INCRA e da UFGD, terem se juntado numa busca para oferecer um curso em nível superior para os assentados em áreas de reforma agrária. Fiquei sabendo do vestibular por meio do meu irmão Rafael, que foi quem fez minha inscrição e me ajudou com a documentação necessária. Fizemos o vestibular e, infelizmente, ele não conseguiu. Como era um curso que pelas suas características humanísticas poderia complementar a minha primeira formação, eu, mesmo sem a companhia do meu irmão, estou buscando me aplicar ao máximo nessa oportunidade que o destino pôs em meu caminho.

Ao longo de minha história de vida, pude sentir muito mais alegrias do que tristezas, pude experimentar inúmeros acontecimentos do coração e da vida. Em todo o trajeto de minha vida, nunca vivenciei a vida de um barraco de Sem-Terra, nem tão pouco participei de algum movimento social voltado para as questões da Reforma Agrária no Brasil ou no mundo. Porém, sempre tive esclarecido para mim que todo ser humano deve possuir seu pedaço de chão e condições para cultivá-lo com aquilo que lhe convier. Porém, nos últimos anos tenho participado de cursos de capacitação junto aos movimentos sociais, e tenho com isso ampliado os meus conhecimentos e esclarecido certos mitos a respeito das questões da reforma agrária em nosso país.

Nilda G. Nunes Roza

História do sétimo filho

Numa fazenda chamada Marimbondo, no município de Nioaque, estado de Mato Grosso do Sul, morava dona Almerinda com seu esposo e seus seis filhos. Lá também nasceu o sétimo filho do casal no dia 9 de maio de 1970.

A família sempre foi unida, tudo era motivo de festa e, naquele dia 9, faziam uma pequena reunião em que se estavam a mãe do seu Sílvio, sua esposa com as crianças, duas irmãs dele, seus cunhados e alguns sobrinhos, eles estavam comemorando o dia das mães em família.

Eram dez horas da manhã quando dona Almerinda começa a sentir dores e comenta com sua cunhada que está chegando a hora do nascimento de mais um bebê naquela casa, sua cunhada fica nervosa e preocupada com a situação, porque naquele tempo depender de médico ou de hospital era coisa muito complicada devido às distâncias. Lembrou-se de sua mãe que era uma das parteiras mais afamadas da região e se encontrava no local.

A cunhada chama a mãe dela e expõe o problema. Ela leva dona Almerinda para o quarto e examina e confirma que realmente está chegando a hora. Em seguida, a parteira manda os homens e as crianças para o galpão, que ficava distante da casa, e dá ordem para que fiquem apenas as mulheres na casa, todas recebem as orientações de dona Nega para a recepção do novo ser na família.

Após muito sofrimento e trabalho que aquelas mulheres tiveram, às 13h daquele dia, nasce uma grande menina, gordinha, de pele rosada,

sem nenhum cabelo. Dona Negra arruma a mãe e o bebê, manda chamar os homens e as crianças que estão curiosos para saber o sexo do bebê e se tudo tinha ocorrido bem.

O pai chega e, ao ver o bebê, fica todo orgulhoso de ver aquela criança saudável e pergunta se é menina ou menino. A mãe informa que é menina e ele fica todo contente e mais feliz, porque só tinha uma menina até aquele momento e não demorou em colocar o nome da filha de Nilda por ser fácil de pronunciar.

Foi uma festa, já estavam com espírito de festa, agora mais do que nunca iriam continuar a reunião, a lampião mesmo. A noite já estava caindo quando tudo estava resolvido.

Até os 5 anos, Nilda mora com seus pais e irmãos na mesma fazenda onde nasceu, depois se mudaram para outra fazenda chamada Buriti também no município de Nioaque, onde ela passa a sua infância toda.

Aos 7 anos, sua mãe resolve que tem que ir para cidade com as crianças para elas estudarem, e foi o que aconteceu. Foram para Anastácio/MS, onde já moravam os outros irmãos de Nilda com uma tia dela. Em Anastácio, ela estudou no período da tarde numa escola do Estado, que ficava bem perto da sua casa. No seu primeiro dia, foi um transtorno total para quem era solta, livre, agora tinha que ficar sentada em uma sala cheia de crianças e escrevendo, ela chora no seu primeiro dia, mas logo acostuma e passa a gostar de estudar.

Na escola ela não teve muitas amigas. No recreio ela sempre ficou só, sem ninguém. Talvez por ela ser sempre gorda, sentia-se discriminada, mas isso nunca interferiu em sua vida, pois ela sempre batalhou por tudo e não seria uma bobeira dessa que iria derrubá-la.

Já na rua de sua casa, só tinha menino e ela brincava com os irmãos e os amigos dos seus irmãos: jogavam bola e a colocavam sempre no gol, andavam de bicicleta, e até mesmo de carrinho nas enxurradas quando chovia. Ela só brincava com brincadeiras de menina – de boneca, de roda

– quando uma irmã de sua mãe vinha da fazenda e trazia suas quatro meninas que passavam até quinze dias ali com Nilda. Para Nilda, era a maior festa, de modo que ela nem queria ir para a escola para aproveitar, mas sua mãe não deixava, pois tinha que estudar.

Ela não via a hora de chegar as férias para ir curtir a fazenda e seu pai, que só vinha à cidade a cada dois meses, para não gastar e porque ele era o capataz da fazenda. Além disso as estradas eram horríveis. No dia em que seu pai chegava, ela ficava eufórica, apreensiva, angustiada, não via a hora de dar o horário do ônibus para ela encontrar o pai e fazer aquela festa.

Nas férias, iam todos para a fazenda, mas os mais velhos ficavam para trabalhar, pois eles tinham que ajudar a família financeiramente. Ao chegar à fazenda, ela, seus irmãos, outras crianças da fazenda, como, por exemplo, os filhos do patrão, os filhos dos outros empregados se reencontravam e todas as brincadeiras começavam: andar a cavalo, tomar banho no rio.

Foi passando o tempo, Nilda está com dez anos e seus pais resolvem sair da fazenda, mas o patrão resolve comprar outra fazenda, não muito longe dali, e querem que ela vá mora com eles em Campo Grande para estudar. Seus pais concordam, pensam no melhor para sua educação.

Ela chega a Campo Grande meio assustada, por ser uma cidade grande, um lugar diferente, a casa era enorme para ela; naquele momento era tudo estranho. Foi matriculada em uma escola municipal e estudou nessa escola até a sua oitava série. Reprova a oitava série e vai para Anastácio morar com seus irmãos. Arruma um emprego na casa da sua irmã, cuidando de sua sobrinha. Volta a estudar à noite junto com os irmãos, mas não por muito tempo, pois vai cuidar de outro irmão que servia no quartel, cuidava das roupas. Então, ela resolve parar de estudar e só continua trabalhando e fazendo datilografia que era uma coisa muito importante para os jovens na época.

Com 16 anos, ainda morando com seu irmão, começa a namorar um rapaz mais velho do que ela seis anos. Sua família não queria, mas mesmo assim ela continua o namoro. Volta a estudar em Aquidauana/MS, junto com o namorado, mas não concluir o ano letivo, porque iria ficar de recuperação e já havia marcado a data do casamento.

Ela se casa no dia 28 de novembro de 1987 e passa a assinar Nilda Gonçalves Nunes Roza. Vai morar em uma chácara, a dez quilômetros de distância da cidade no município de Anastácio. Ali fica grávida do seu primeiro filho. Seu esposo tira do trabalho na terra o sustento para a família, mas a sobrevivência vai ficando cada vez mais difícil. Ele é convidado para ir trabalhar em uma firma em São Gabriel do Oeste/MS, ela acompanha o marido, mas só leva um pouco de roupas.

Volta para Anastácio e fica com sua família na fazenda até seu filho completar dois meses. De volta à chácara, as dificuldades continuam – a água para o consumo na casa tinha de ser trazida em um tambor de cinquenta litros que era colocado em um carrinho de mão, seu esposo era quem fazia esse trabalho.

Quando ainda morava na chácara, Nilda fica grávida de sua filha. Fazia o pré-natal em Anastácio. Para isso ia de ônibus ou de carona. No momento em que sua filha estava com um ano de vida, seu esposo resolve vender a chácara e comprar uma casa na cidade de Aquidauana. Nilda arranja emprego de doméstica e seu marido, de cobrador em um escritório.

Viveram assim durante cinco anos, mas como a vida na cidade ficava cada vez mais complicada, seu marido aceita um emprego para tomar conta de uma fazenda de um médico a qual ficava a dez quilômetros de distância no município de Anastácio. Nessa fazenda, Nilda só cuidava da casa, das crianças e do marido. Ficaram ali por dois anos. Resolveram, pela primeira vez, conhecer o que era acampamento. Deixaram seus pertences e seus filhos com a mãe de Nilda em uma chácara que ficava em um assentamento no município de Nioaque.

No dia que seu esposo foi entregar o gado para o patrão, sofreu um acidente no mangueiro, quebrou duas costelas e recebeu um talho na cabeça, o que resultou em cinco pontos. Assim, ficou impossibilitado de trabalhar durante um bom tempo. Depois disso eles foram para o acampamento.

O marido de Nilda até que aguentou ficar acampado, mas assim que ficou bom, ninguém o segurou, queria sair do acampamento por todo o custo, nessa peleia ficaram acampados só sete meses. Eles resolveram comprar um sítio onde a mãe dela morava. Do lote/sítio, não muito grande, eles tiravam o sustento da terra, era uma terra boa, tudo o que se plantava ali dava. Este lote se localiza na colônia Padroeira do Brasil, a trinta e seis quilômetros de Nioaque e a cinquenta de Anastácio. É uma ótima localidade e de fácil acesso às cidades.

Em 1999, já com seus filhos na escola, Nilda resolve reiniciar os estudos na escola da Colônia mesmo, saía com os filhos bem cedo de ônibus e só voltava às onze horas para casa, assim conseguiu concluir a oitava série tão esperada.

No ano seguinte, começa a fazer, à noite, na colônia vizinha, o Ensino Médio. Vai de ônibus, às vezes, nos dias de chuva, o transporte não conseguia chegar até a sua casa. Então ela voltava a pé, debaixo de chuva, andando até quatro ou mais quilômetros.

Nesse vai e vem, foram-se três anos até à conclusão do Ensino Médio. Quando pensava que sua vida estava tranquila, sua casa pega fogo, sopra apenas a roupa do corpo. Com a ajuda da comunidade e de seus pais conseguem levantar uma nova casa, não muito grande, mas de bom tamanho, para ela morar com seus dois filhos e seu esposo.

No ano de 2004, ela e sua família sofrem uma grande perda: o falecimento de seu pai. Ela, que era muita apegada à família, sofre muito junto com a sua mãe, que entra em depressão. Nilda passa a viver mais na casa de sua mãe que na sua. Até que um de seus irmãos vai morar no sítio com a sua mãe.

Mais tarde, ela é convidada pela CPT para fazer o magistério em período de férias em Campo Grande. Com o apoio de seu esposo e de seus filhos, não pensou muito e foi. Afinal o seu sonho era ensinar as pessoas, agora, com essa oportunidade batendo à sua porta, não poderia jogar fora.

Nesse período ela teve contato com outros movimentos sociais, até aquele momento só tinha ouvido falar no MST. Ouvia dizer que os movimentos eram baderneiros, que queriam tirar as terras dos fazendeiros. Mas, por meio do magistério, pode esclarecer as dúvidas em relação a eles.

Durante os três anos de magistério, chegou até a pensar em parar de estudar, só não desistiu pelos filhos e pelo marido, que deram muito apoio para que continuasse os estudos. O fato de ter de ficar no curso durante quarenta dias longe de sua família, de sua casa e de ter de conviver com pessoas de pensamento, cultura diferentes, era muito angustiante.

Com a conclusão do magistério, ela pode perceber que todo o sofrimento não foi em vão, adquiriu conhecimentos pedagógicos, culturais que ampliaram sua formação. Antes mesmo da cerimônia de formatura no magistério, ela já estava na faculdade, no curso de Ciências Sociais em Dourados/MS.

Nilda procurou saber o que era preciso para entrar na faculdade. Foi informada de que já havia passado o período de inscrição para o vestibular, mesmo assim envia sua inscrição. Certo dia recebe notícia de que foi prorrogado o prazo de inscrição ao vestibular. Sai de sua casa dois dias antes, pois tinha de pousar em Nioaque e sair no outro dia, às 5h da manhã, para chegar a tempo de fazer as provas. Sem conhecer nada em Dourados, vai junto com uma amiga. Chegaram a Dourados às 2h da tarde, foram para a casa de uma prima da amiga, foram muito bem recebidas.

A prova de redação foi realizada no período da manhã; a de conhecimento geral, no período da tarde. No outro dia, aconteceu a entrevista. Ao chegar de volta a casa, recebe a notícia de que sua avó está muito mal no hospital em Aquidauana. Nilda segue para lá e fica por duas semanas cuidando da avó. Dias após retornar a casa, recebe a notícia de que a avó havia falecido.

Com isso esquece o vestibular. Somente quando vai à escola, na colônia onde mora, fica sabendo que suas amigas haviam passado, mas nem procura saber se ela também havia, pois estava certa de que não conseguiria. Ao chegar a casa, recebe um telefone de uma amiga de Anastácio comunicando a aprovação. Ficou desnortada, sem saber o que dizer ou o que fazer.

Nilda pensava que as aulas iriam demorar a começar, mas fica sabendo que precisaria ir fazer a matrícula e já ficar para estudar. Conta ao marido, achando que ele não iria dar apoio, mas, pelo contrário, foi ele quem mais a apoiou. Hoje ela está no segundo ano do curso de Ciências Sociais, sente dificuldades, porém está realizando o seu sonho: o de dar aulas.

O conviver com os amigos na faculdade é “tudo de bom”. Tem mais afinidade com algumas pessoas; com outras, menos. As disciplinas são para ela difíceis principalmente a de Língua Portuguesa, mas nada como um pouco de dedicação e esforço para vencer.

Como recompensa, Nilda já está dando aulas no assentamento, fornecendo conhecimento para os outros, com isso espera continuar com sucesso, responsabilidade, desenvolvendo as tarefas que lhes são entregues para ser escutadas.

Rosana dos Santos

Meu nome

O nome de cada pessoa tem um simbolismo quase que profético que parece antecipar seu caráter e sua história de vida. Pena que poucos se dêem conta do sentido etimológico e do significado transmitido por seus nomes. Em todos os atos da vida, jurídica ou não, o nome e a pessoa natural chegam juntos; por vezes o nome chega primeiro.

Quando minha mãe estava grávida ficou em dúvida com relação ao nome que daria à criança: fosse menino ou menina. Meus pais tinham uma amiga chamada Ana que, mais tarde, tornou-se minha madrinha e uma filha (minha meio-irmã) chamada Rosa, então meu pai resolveu colocar em mim o nome de Rosana, sem levar em conta o significado, mas o fato de ter achado bonito.

Mais tarde em pesquisa no livro *Nome, uma Herança*, de Octavio Fornari, descobri que Rosana, de origem anglo saxônica, significa rosa graciosa.

Meu nascimento

Nasci no dia 15 de novembro de 1979, na cidade de Caarapó, no estado de Mato Grosso do Sul. Sou do signo de escorpião, tenho cabelos pretos, cacheados. Minha mãe, Carolina Cândida da Silva, é mineira com descendência indígena; meu pai, Durval Lima dos Santos, é sergipano.

Venho de uma família pobre e numerosa. Tenho 13 irmãos: cinco são filhos de meu pai com outra mulher; dois, de minha mãe com outro

homem. Meu pai ficou viúvo e minha mãe havia se separado, conheceram-se e constituíram outra família: eu e mais dois irmãos.

Quando nenê, tive que tomar leite de cabra devido a uma infecção intestinal, por isso não pude tomar o leite materno; chupei chupeta; aos nove meses comecei a andar; aos doze, a falar. Aos quatro anos tive meus primeiros contatos com a escrita, desenhos, riscos e pinturas, momento em que ficava junto com outras crianças, sob os cuidados de irmãs da Igreja Católica, para que as mães pudessem trabalhar.

A situação financeira de minha família começava a ficar difícil e meu pai não estava conseguindo mantê-la com seu pobre salário de lixeiro público. No ano 1983 ele foi convidado pela CPT (Comissão Pastoral da Terra) e pela igreja local para participar da ocupação das terras da Fazenda Santa Indalina, no município de Ivinhema. Em 1984, meu pai pediu para meu irmão mais velho ir em seu lugar até que ele vendesse nossas coisas para irmos lutar juntos com os outros companheiros por um pedaço de terra e por dignidade.

○ acampamento I

Ainda em 1984, após nossos companheiros terem sido despejados da Fazenda Santa Indalina, terem apanhado, terem seus pertences destruídos, jogados no rio, seus barracos queimados pela polícia em defesa do latifúndio, meu pai nos levou para morarmos em um acampamento improvisado pelos padres na Vila São Pedro, município de Dourados.

Permanecemos ali até o ano de 1985 – eu já estava com cinco anos de idade. Depois fomos morar na Gleba Padroeira do Brasil, no município de Nioaque, em um lote de quatro hectares. Em casa moravam oito pessoas, meus outros irmãos ficaram morando com amigos de meu pai em Caarapó para poderem estudar.

A nossa casa era feita de lona, coberta com folhas de bacuri (coqueiro), e madeira de pau a pique, não havia banheiro dentro de casa. Para

ir ao banheiro tínhamos que sair no quintal, eu sentia muito medo, mas meu pai sempre nos levava para fazer xixi.

Gostava quando era lua clara, pois da nossa cama podíamos ver as estrelas, ficávamos horas contando-as até pegarmos no sono, meu pai sempre soube das fases da lua, do cruzeiro e nos contava do poder que tem este corpo celeste. Ele era benzedor e, quando benzia à noite, invocava os poderes dos astros.

Aos seis anos de idade sofri um acidente doméstico: minha mãe saiu para trabalhar longe de casa e pediu para que minha irmã arrumasse a mim e a meus três irmãos para irmos a uma novena. Minha irmã solicitou que eu providenciasse água quente para o banho – quando fui jogar a água da chaleira em uma bacia feita de pneu, a tampa da chaleira saiu e a água caiu sobre meu corpo. Sofri queimaduras da cintura para baixo. Isso fez com que eu permanecesse algum tempo deitada em folhas de banana e medicada com babosa, com pomadas caseiras feitas pelas irmãs da igreja católica.

A escola

A aprendizagem é o processo por meio do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para que a criança aprenda, ela necessitaria interagir com outras crianças mais experientes. Nas inúmeras interações em que se envolve, desde o nascimento, a criança vai gradativamente ampliando suas formas de lidar com o mundo e vai construindo significados para as suas ações e para as experiências vividas.

Minha irmã que cursava a 3ª série me ensinava em casa. Somente aos sete anos (1986) pude ir para a escola, situada no município de Nioaque, na Gleba Padroeira do Brasil. Era uma escola localizada na sede da antiga fazenda distante a mais ou menos 10 km de nossa casa. Íamos até

lá por meio de caminhão chamado “pau-de-arara”. Passei para a série seguinte sem muitas dificuldades. Lembro-me mais da professora Ivani: era loira, bonita, eu admirava sua beleza e gostava muito dela, ela também gostava de mim. Morava na cidade e às vezes ia à minha casa; certa vez até brigou com meu pai para que ele me deixasse ir à casa dela para dançar quadrilha, eu era o seu xodó. Quanto ao processo ensino aprendizagem, havia muita leitura e repetição, nós tínhamos que ficar repetindo as sílabas várias vezes e, quando não prestávamos a atenção, a professora batia a régua ou uma vara, que eu buscava, com toda força nas mesas.

Quanto ao dia a dia no Acampamento, era de muito trabalho – meus pais trabalhavam na roça e nos levavam junto. Tínhamos plantaçaõ variada: arroz, milho, feijão, algodão, abóbora, cana, um lindo pomar e horta no quintal; além de muitas galinhas, porcos e, claro, cabritos.

Nas horas vagas brincava com minhas amigas e, por não termos bonecas, nós as inventávamos com espigas de milho, isso quando não levávamos uma bronca do meu pai, também usávamos maxixes como boizinhos e buchas do mato para montar os cavalos, mas os jogos que todos os anos se repetiam eram os de betis, amarelinha, elástico, cinco marias (pedrinhas), queimada, metadinha – esse, na hora do lanche da escola, fazia o maior sucesso.

Contudo, o meu dengo era um cachorrinho chamado “Pitoco”, por não ter rabo; ele nasceu no mesmo dia em que eu nasci, brincávamos muito, ele dançava em pé, todos os admiravam.

À noite, enquanto os vizinhos se juntavam para contarem causos, a criançada brincava de tudo um pouco: de roda, pega-pega, esconde-esconde, pé-na-lata, barata, passa-anel, duro-mole. O de que eu mais gostava, mas sentia muito medo, era das histórias contadas pelos adultos: histórias de terror, assombração, lendas, histórias de princesas e de castelos encantados.

O acampamento II

No ano 1987 comecei a cursar a 2ª série do Ensino Fundamental com o professor Quirino, mas, infelizmente, quebrei o braço e fiquei fora da escola por três meses. Quando retornei, percebi que não tinha condições de acompanhar os outros colegas. Neste mesmo ano, meu pai recebeu convite para acampar novamente, agora no município de Anastácio, na fazenda Monjolinho, hoje Assentamento Monjolinho (os quatro hectares onde morávamos não eram suficientes para plantarmos o arroz, o feijão, para mantermos a horta e criarmos os animais).

No dia 2 de novembro mudamo-nos para o acampamento Monjolinho. Até aquele momento, já haviam acontecido vários enfrentamentos com a polícia: muita gente apanhou, inclusive mulheres que estavam presentes. Meu pai só nos levou para lá depois que o INCRA assegurou que a terra seria nossa e que haveria a possibilidade de levar as crianças.

Um mês depois, próximo ao Natal, as famílias receberam algum dinheiro e fizeram compras. Contudo, nem todos tiveram sucesso ali, em razão de uma forte chuva que durou vários dias. Aqueles que moravam perto do Rio Engano tiveram seus pertences levados pela água, exceto alguns documentos que foram amarrados em cima de uma árvore. Galinhas e cabritos ou foram levados pela enchente ou morreram afogados, pois a água subiu rapidamente. As famílias se mobilizaram e dividiram o que tinham, abrigando aquelas prejudicadas com a enchente.

Onde havíamos ficado, não existia água potável, pois o poço, depois da enchente, ficou condenado, tínhamos então que buscar água a uma distância de mais de três quilômetros para beber e cozinhar. Meu pai convidou alguns vizinhos para furarem um poço perto de casa, mas muitos não ajudaram. Depois de pronto, o poço dava pouca água que ficava suja rapidamente. Passamos a levantar de madrugada para conseguir encher as vasilhas, ou teríamos que buscar a água longe no burrinho. Essa situação

fez com que tivéssemos que, frequentemente, tomar leite cru com mastruz (erva de Santa-Maria), que comer sementes de abóboras torradas e mamão dormido no sereno para tratar a verminose.

A fome

No ano de 1988 meu pai teve de ir trabalhar no antigo assentamento, onde havíamos morado. Ia colher algodão com meus outros irmãos mais velhos. Para isso andavam a pé uns 30 km por meio de trilhas em fazendas para se protegerem de jagunços. Passavam por lá uns vinte dias ou mais para receberem e voltarem trazendo dinheiro ou alimentos para os familiares. Ao retornar de uma dessas viagens, meu pai, carregando um saco de compras nas costas, quase morreu afogado tentando atravessar o Rio Taquarussu. Sorte é que ele estava com um amigo que o salvou.

Minha mãe, que sempre ficava cuidando da casa, tirava muito palmito e cozinhava para nós comermos, neste período não tínhamos ao menos sal, usávamos o que havia no coxo das vacas da fazenda vizinha, até que o fazendeiro passou a colocar creolina no sal para que não pudéssemos usá-lo. Ficávamos muitos ansiosos com a chegada de meu pai, pois ele nos trazia o óleo, o sal, o feijão, o arroz e, às vezes, carne, balas e bolachas. Os meus dois irmãos mais novos recebiam da pastoral da criança seis litros de leite por semana. Isso ajudava na alimentação deles. Meu irmão mais velho era quem ia buscar, na sede, o leite a uns quatro quilômetros de casa. Por vezes ele ficava até mais tarde, esperando para ver se alguma das famílias deixava de para pegar o leite. Caso isso acontecesse, o leite restante era distribuído e meu irmão voltava todo feliz para casa, pois também poderia tomar do leite.

Em determinada época, meu pai ficou desesperançoso com tudo e queria ir embora com a família, carregando nas costas, tal como andariños, seus pertences. Isso porque ele não tinha mais o que oferecer, nem

trabalho que lhe desse algum dinheiro. Os botecos do Acampamento não lhe vendiam mais fiado, pois precisavam repor os estoques. Percebendo a situação, meu padrinho de fogueira e grande amigo de meu pai arrumou três tambores de arroz e outras coisas mais para comermos. O arroz era socado no pilão e até a quirela era aproveitada para nossa alimentação. Passado algum tempo, meu pai conseguiu serviço colhendo capim braquiária, o que o animou um pouco mais.

Repetência

No ano de 1989 voltei a estudar a 2ª série no Acampamento com o professor Lourival, o qual havia cursado até a 4ª série. Era uma sala multisseriada, onde eu brincava muito, minha amiga da 3ª série fazia minhas provas e o professor não percebia. Mesmo assim não consegui aprovação. Voltei a estudar a 2ª série em 1990 com a professora Neide, uma professora exigente e muito bonita; contudo, quando terminei o 2º bimestre, tivemos que mudar do Acampamento para o nosso lote; como a escola ficava muito longe, eu e meus irmãos tivemos que interromper mais um ano escolar. Apesar disso, era uma alegria mudarmos para a nossa terra e produzir o arroz, o feijão, a mandioca, o milho, o pão.

O lote

Meu pai decidiu que ia nos levar para conhecermos nosso lote. Quase não dormimos naquela noite, não víamos a hora de o nosso futuro vizinho vir nos pegar de carroça. Minha mãe preparou as marmitas e bolinhos para nosso almoço lá. Chega o momento de andarmos pelo lote, a alegria toma conta de todos: – tudo era novidade, nosso sonho realizado. Meu pai limpou o lugar onde seria feito nosso barraco, o mais perto possível do poço que ele e o vizinho já haviam feito. Meu pai ia levantando a casa e plantando árvores.

Ele e os meus irmãos que iam trabalhar no lote construíram um carreador para passarmos e levarmos também o resto que sobrou da nossa mudança. Foi um processo árduo, mas, aos poucos, tudo foi se ajustando, todos nós trabalhávamos para limparmos a terra para o plantio.

Nesse período meu pai e os vizinhos construíram uma escola feita com madeiras rústicas e forrada com telhas de eternite doadas pela prefeitura local. Nela estudariam alunos da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, sob a modalidade multisseriada e responsabilidade de duas professoras. A escola funcionava como sala de extensão e permaneceu por mais de dois anos.

Meu primeiro livro

Em 1991 voltei a estudar a 2ª série novamente com a professora Divina. Eu já estava com onze anos de idade, nessa época ganhei meu primeiro livro de leitura: *Balas, Bombons e Caramelos*, não cabia em mim de tanta alegria, lia todos os dias. Depois veio meu segundo livro: *Cabelos de Cenouras*.

Estudei a 3ª série em 1992 com a professora Maria José que, mais tarde, nas 5ª e 6ª séries, foi também minha professora de matemática. Como na escola não havia merenda escolar, minha mãe sempre colocava em uma marmita (pote de margarina) bolinho ou farinha com açúcar para mim e para meu irmão comermos.

A 4ª série fiz em 1993 com a professora Rosa Inês (minha irmã), que morava com meu irmão mais velho em Ponta Porã. Minha irmã havia ficado grávida, então meu pai vendeu nossas três vaquinhas, que havia comprado com o dinheiro do Procerá, e trouxe Rosa Inês para morar conosco. Ela tinha o magistério incompleto e passou a dar aulas junto com a outra professora da escola. A partir desse período, as duas professoras passaram a preparar a merenda para a garotada. Arrecadavam alimentos:

arroz, feijão, abóbora, mandioca, macarrão, frango e cozinhavam no fogão a lenha e depois serviam na hora do lanche.

Quando cursava a 4ª série, meu pai, com o dinheiro recebido pela venda do algodão que colhemos, comprou para mim uma bicicleta, no entanto, como eu não conseguia aprender a andar de bicicleta, ia a pé para a escola.

Em busca dos meus sonhos

Em 1994 comecei a cursar a 5ª série na Escola Municipal Rural de 1º grau Novo Progresso, localizada na casa velha da sede do assentamento. Saía de casa às 11h30min e retornava por volta das 19h todos os dias, outros colegas percorriam por volta de 30 km ao dia para estudar (ida e volta). Neste período tive o primeiro namorado, um vizinho que acabava de mudar-se, então vi a guerra em casa, meu pai com medo de deixar que eu fosse sozinha para a escola; minha irmã Laide, que não estudava mais, resolveu voltar a estudar para acompanhar-me e amenizar a situação.

Em 1995, minha madrinha fez minha inscrição na Escola Fundação Bradesco/Escola de Bodoquena em Miranda. No ano seguinte fui chamada para estudar lá, deixei minha família, meus amigos, minha liberdade em busca do sonho de continuar estudando, passei a morar na escola. Quando cheguei na Fundação Bradesco, meu mundo desabou, tudo era estranho, novo, não conhecia ninguém, vi meu pai indo embora e eu tão distante de casa, comecei a chorar. Alguns dias depois chamaram dois colegas lá do meu assentamento, depois mais dois, fui me animando, pois sabia que ali estava a chance de estudar, enfrentei dificuldade com a rotina de trabalho e aulas, principalmente com a matemática, para não reprovar participava das aulas de reforço. No começo foi difícil me adaptar, morar em um alojamento com mais trinta e nove meninas, tendo hora para comer, dormir, assistir televisão.

Na oitava série, um pouco mais acostumada com a rotina, e tendo liberação para ir sozinha para casa, fiquei tranqüila, participava dos cursos e lia muito na biblioteca, sempre tive resistência com a informática, quase não participava das aulas. Comecei a participar dos jogos da escola e gabei duas medalhas, melhorei as notas. Neste ano, ano de minha formatura da oitava série, foi uma honra receber o certificado de conclusão tendo meu pai presente, fiquei muito feliz.

Tristezas

No ano seguinte meu pai, estando sozinho com a minha mãe no lote e não tendo mais como trabalhar na roça, resolveu vender o lote e ir para Campo Grande. Quando eu soube, fiquei muito revoltada e não quis ir morar com eles na cidade: fui morar com minha irmã na sede do assentamento e trabalhar na escola.

Meus pais ficaram oito meses em Campo Grande, trocaram a casa por um lote em outro grupo no Assentamento Monjolinho, local distante da sede e onde não havia água. Logo ele trocou esse lote por uma casa na sede e foi morar perto de minha irmã. Fiquei mais animada, pois eu não seria ninguém fora do assentamento, da minha história de luta.

Fazer o magistério não era minha opção; contudo, devido a problemas alérgicos não pode fazer o curso de Técnico Agrícola que tanto esperava fazer, resolvi, então, após muita insistência de minha irmã, já professora, cursar o magistério. Minha experiência nos estágios realizados e nas substituições feitas para a minha irmã na escola fizeram com que começasse a despertar em mim o gosto pelo ensinar.

Em 1999 fui convidada para ser monitora do alojamento K, eu e mais três amigas. Cuidamos de trinta e seis meninas de sete a dez anos de idade. Sentia-me importante e gostava do que fazia: era muito bom receber o carinho daquelas crianças, elas fizeram parte da minha história, lem-

bro das festinhas que fazíamos no alojamento, dos desfiles, das maquiagens para elas irem ao clubinho nos finais de semana.

Ao término do ano de 2000, quando recebi o meu certificado de conclusão do Magistério, aí sim estava realizando um dos meus grandes sonhos, depois disso parti em busca do meu primeiro emprego. Não podia ficar no assentamento Monjolinho para disputar uma vaga no concurso junto com meus antigos professores, pois sempre tive grande respeito por eles que me ajudaram a crescer. Então mudei-me para o município de Rio Brillhante para morar com meu irmão e trabalhar na escola local. Lá havia falta de professores para atuar nas séries iniciais. Trabalho ali até hoje.

Meu primeiro emprego

Quando ingressei na educação sabia que no mundo hoje, para que se possa inovar e participar dele, é necessário estar preparado para elaborar as informações que nele se produzem e que se refletem em nosso cotidiano. É preciso compreender que somos cidadãos e cidadãs do mundo e que temos o direito de estar suficientemente preparados para fazer uso dos instrumentos de nossa realidade cultural, social.

Com relação à educação, se o que pretendemos é transformar ou construir novos comportamentos, atitudes, valores, é preciso organizar as condições necessárias para que os alunos vivam, durante o processo pedagógico, as mudanças que os cercam. Quando comecei a lecionar, levei um grande susto, pois realizei estágio em uma escola de primeiro mundo e, ao me deparar com minha realidade – uma escola que oferecia poucas condições de trabalho e professores quase inexperientes – quase desisti da carreira.

Fui convidada para trabalhar com Educação Física e Educação Artística no assentamento São Judas (situado em Rio Brillhante, tendo tido sua gestação em Iaquiraí). Tem como movimento responsável o MST.

Apesar da carência de material didático-pedagógico e de estrutura física: nem campo de futebol e nem quadra de esporte para o desenvolvimento das atividades, me senti realizada trabalhando com aqueles alunos, seu carinho e afetos foram muito importantes.

Em 2001 trabalhei com jovens e adultos no EJA, Projeto PRONERA, aprendi muito, foi a partir daí, dando aula para meus pais e irmãos, que senti a importância da minha profissão, de saber ler e escrever e poder transmitir isso para os outros. Com meus alunos pequenos também tem sido gratificante. Cada avanço deles, cada abraço recebido, cada gesto de carinho oferecido por eles, fazem com que eu sinta que, se algum dia eu tiver que sair da educação, parte de mim irá morrer.

Em 2002, depois de um ano de namoro, resolvi casar-me com o Clodoaldo Lérias de Oliveira que também foi assentado aqui e sempre contribuiu com a organização (MST). Clodoaldo sempre me apoiou para que eu estudasse. Nesse mesmo ano me inscrevi para o vestibular, concorrendo a uma vaga no curso Normal Superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS. Passei em 38º lugar e pude conciliar meus estudos com meu trabalho.

O trabalho como educadora, assim como a formação oferecida no curso Normal Superior fizeram-me refletir sobre a minha postura como docente, a minha prática pedagógica e também entender o porquê a educação hoje tem o perfil que tem, nós educadores não exercemos muitas vezes nossa autonomia, nos omitimos frente aos obstáculos e nem sempre conseguimos dar continuidade à nossa formação acadêmica. Os debates, as pesquisas desenvolvidas no Curso também contribuíram para que meu campo de conhecimento se ampliasse cada vez mais e meu fazer pedagógico em sala de aula seguisse procedimentos de superação, transformação e construção de um novo conceito de cidadão.

Analiso que as informações e as lições vivenciadas fizeram-me refletir mais sobre minhas ações como ser humano e como educadora, le-

vando-me a respeitar ainda mais as diferenças e os diferentes, pois também sou diferente.

Considero que os educadores do campo têm que estar preparados e serem flexíveis com o que acontece no seu dia-a-dia, mas não podem perder de vista sua origem, sua identidade, valorizando a terra, a luta e todo o conhecimento adquirido na família e na escola, pois a educação começa com o enraizamento em uma coletividade, que não nega o seu passado e projeta um futuro que só o grupo poderá ajudar a construir.

Nesse sentido, não basta mais aprender a ler, a escrever e a contar. A complexidade das sociedades contemporâneas exige competências de nível mais alto, para todo mundo, sob pena de se caminhar para uma sociedade dual controlada por um pequeno número de especialistas, de criadores e de pesquisadores. No ano de 2003 tive uma experiência muito boa no Mova – Programa Brasil Alfabetizado – em Campo Grande –. Participei de várias capacitações como palestrante sobre Educação do Campo, e também no cadastramento dos alunos para estudarem nos bairros. Apesar de ter participado apenas durante dois meses, o aprendizado que ficou valeu a pena. Neste mesmo ano, em razão de problemas pessoais e pelo fato de ter de me deslocar para Dourados para estudar, não pude arranjar emprego fixo. Trabalhei por quatro meses como doméstica para pagar o aluguel, depois como babá por 2 meses e em novembro voltei para o Assentamento São Judas.

Em 2004 voltei a dar aulas para a turma da 1ª série, alfabetização, momento em que tive muitas dificuldades com a turma e com a cobrança por resultados melhores para que nossa escola fosse reconhecida por todos. Em 2005 não foi diferente, muito trabalho e estudo. Participei de vários cursos, publiquei meu primeiro artigo.

Em 2006 meu último ano na Universidade, mais um sonho se realizando, mais responsabilidade, novas propostas e expectativas.

Em 2007 assumi o concurso que havia prestado em 2002 para a Educação Infantil, concurso que havia sido embargado pelo juiz do mu-

nicípio. Comecei a tecer planos para ficar grávida e fiquei, de uma menina cujo nome é Luna Clara. Hoje ela está com um ano e seis meses, é minha razão de viver.

Em 2008 fui convidada para prestar o vestibular para o curso de Ciências Sociais – PRONERA da UFGD. Fiquei insegura, posto que não tinha tempo para estudar e a Luna estava com apenas dois meses; contudo, não desisti. Outra dificuldade foi levá-la, aos quatro meses de idade, para ficar trinta dias fora de casa, enquanto fazia disciplinas do Curso.

Em 2009 assumi novo concurso para as séries iniciais do Ensino Fundamental, no qual estou atuando com o 5º ano e o Pré na minha escola.

Hoje, encerrando o ano de 2009, fui aprovada em prova de seleção para o curso de pós-graduação – nível de Especialização – em Educação do Campo pela UFMS/EAD (Educação a Distância). O curso será ministrado na cidade de Rio Brillante.

Cabe ressaltar que iniciei, ainda criança, meu envolvimento no movimento social Comissão da Pastoral da Terra (CPT). Com nove anos de idade meu pai já deixava que eu participasse de passeatas, encontros, reuniões, romarias junto com ele e nossos vizinhos. Em 1996, conheci o MST, por meio de meu irmão que passou a militar junto com os outros companheiros. Mas só em 2001, como educadora aqui no assentamento, passei a ter mais participação nas atividades do Movimento. Foi por intermédio do MST que nós, aqui no assentamento, conseguimos muitos recursos em menos tempo; entretanto, na escola, tudo que temos foi por meio de luta diária de todos os envolvidos, não temos uma política pública que nos tenha dado sustentabilidade, mas propostas políticas dos governantes do município.

Nosso assentamento tem sua produção pautada no cultivo da mandioca, na pecuária para o consumo. Há também o uso de pedaços de terra para o cultivo de abacaxi, mandioca amarelinha, feijão, cana, pomar, horta e de eucalipto para lenha.

Rosângela Fátima C. Ávila

Nasci em uma família simples, digo simples porque não gosto da palavra pobre, pois, para mim, essa palavra vai além de bens materiais, pobre é quando uma pessoa já não tem objetivos, expectativas, quando já não consegue sonhar, e isso nós tínhamos, nunca perdemos a esperança de dias melhores. Eu creio que a riqueza de uma pessoa está em seus sonhos e na força de lutar por eles, jamais permitindo que o mundo com suas artimanhas lhe fechem as portas. Meu nascimento se deu aos 5 de novembro de 1963, conversando com minha mãe sobre o assunto ela até tentou se lembrar do dia da semana, mas foi impossível, afinal são onze filhos e quarenta e cinco anos já se passaram desde então.

Sou a terceira filha e nasci no Hospital Santa Rita em Dourados/MS, o médico que fez o parto da minha mãe foi o doutor Jairo, ela nunca esqueceu o seu nome, pois o mesmo queria muito adotar a criança, ou seja, eu, provavelmente por pensar que o casal não teria condições de criar três filhos pequenos devido à situação financeira, mal sabia ele que viriam mais oito e que mesmo assim cresceríamos todos juntos. Fui um bebê gordo e saudável, particularmente muito bonito. Sabe como eu sei? Tenho uma foto, nela eu estou com quatro meses e, ao meu lado, estão meus dois irmãos mais velhos.

Quanto ao meu nome, Rosângela, este foi me dado por dois motivos: o primeiro, porque das cinco filhas de meus pais apenas uma, a caçula, não tem a letra R no início do nome, isso por causa de uma promessa feita à Santa Laura; o segundo motivo relaciona-se ao fato de que minha mãe era muito romântica, gostava de ler fotonovelas, quando estava grávida de mim, leu uma história em que a personagem principal tinha esse nome e era uma mulher muito bonita.

Segundo pesquisa realizada pela *Internet*, Rosângela é uma composição de Rosa e Ângela, o nome vem do grego, significa rosa angelical. Geralmente está associado a alguém que reflete longamente antes de eleger seu par, o que torna difícil o comprometer-se sentimentalmente. Eu não acho difícil o compromisso sentimental, apenas, como todo escorpiano, sou exigente e gosto de ser respeitada.

Minha infância foi tranquila, éramos felizes, apesar da difícil situação financeira. Tenho a impressão de que naquele tempo era preciso muito pouco para que as crianças fossem realmente felizes. Sempre que penso em mim, quando criança, nunca me lembro de coisas tristes, pelo contrário, o rostinho de meus irmãos pequenos estão sempre sorridentes em minhas recordações.

Quando eu tinha apenas nove anos já era responsável pelos meus irmãos menores, após o almoço sabia que deveria cuidar deles para que meus pais pudessem descansar. Usávamos nossa criatividade e improvisação, brincávamos com microfone, por exemplo, pois gostávamos de cantar, e até montávamos um palco embaixo de um pé de araticum (árvore do cerrado que produz um delicioso fruto). Também gostávamos de montar casinhas embaixo do milharal, as bonecas eram feitas com as espigas de milho; os carrinhos, com latas de sardinha e, como não podia faltar os cavalos, usávamos cabos de vassouras para fazê-los.

Passei quase toda minha infância na região de Dourados/MS, onde meu pai sempre trabalhou como administrador de fazendas, quase não tínhamos amigos devido ao fato de morarmos afastados, às vezes meus pais nos levavam às casas das comadres ou a festas em que havia as fogueiras de São João ou Santo Antônio, mas isso era muito raro.

No momento em que meus irmãos mais velhos atingiram a idade escolar, meu pai contratou um professor particular, naquela época era muito comum, então eu também passei a estudar, lembro-me dessa fase com muita saudade, eu amava aquele professor, chamava-se Aprígio e

fazia todas as minhas vontades, inclusive me dava seus óculos para eu usar. Isso teve um péssimo resultado, causou-me fortes dores de cabeça e uma grande irritação nos olhos, foram necessários dois anos de tratamento para que voltasse ao normal

Quando eu atingi a idade escolar efetivamente, meu pai resolveu nos colocar em uma escola convencional como acontece com a maioria das crianças, por isso tornou-se impossível continuar morando em fazendas, mudamo-nos para a cidade. Minha primeira escola foi a Castro Alves e pelo fato de morarmos de aluguel passei por várias outras: Reis Veloso, Imaculada Conceição e Getúlio Vargas, mas só consegui concluir o Ensino fundamental em Campo Grande.

Na minha adolescência, tive amigos artesãos, poetas, cantores, Almir Sater foi um deles, estudamos a sétima e a oitava séries no colégio Henrique Cirilo Corrêa em Campo Grande, não desmerecendo os outros do grupo, pois me lembro muito bem de todos eles. Estávamos sempre juntos em qualquer programa: nos bailes do grêmio estudantil, nas rodas de violão sentados ou na grama ou no pátio da escola. Lembro-me também das reuniões para organizar festas que tinham a finalidade de arrecadar fundos para melhorar a estrutura da escola, dos meus quinze anos, comemorados nesta escola. Foi maravilhoso poder compartilhar esse momento com todos os meus amigos, nesse dia aconteceu algo muito especial, conheci uma pessoa pela qual me apaixonei imediatamente e naquela mesma noite começamos a namorar.

Nesse tempo eu já tinha sonhos cor de rosa, sonhava com o amor, com o casamento, coisas de adolescente, sabe aquela frase, “e viveram felizes para sempre?”. Eu sonhava envelhecer ao lado dessa pessoa, mas o “para sempre” duraria apenas três anos. Foi difícil encarar a realidade, aceitar que tudo aquilo que eu havia sonhado não aconteceria. Sabe qual é o problema? Às vezes sonhamos sozinhos, criando expectativas em nossas vidas, expectativas que dependem de outras pessoas para se realizarem e nem sempre nossos sonhos são os sonhos dos nossos companheiros, hoje eu sei disso.

Talvez, ao ler este relato, me ache uma pessoa frustrada, triste, mas não é verdade, apenas guardo como algo muito particular tudo isso que, de uma certa forma, atropelou minha adolescência e me fez amadurecer de uma maneira abrupta.

Com dezoito anos, uma decepção amorosa, tudo isso me tornou muito frágil, talvez até carente, então apareceu um rapaz que se dizia apaixonado e queria se casar. Imaginei que daria certo, já que ele teria paciência e com o tempo eu passaria a gostar dele. Já consegue imaginar o resultado, não é mesmo? Que tragédia, três anos depois veio a separação, a paciência, o sentimento dele para comigo, o filho que tínhamos não foram suficientes para garantir nossa união. Alguns anos depois, me uni novamente com uma pessoa para tentar montar nova família, não queria mais ficar só, ficamos juntos quase oito anos. Dessa união nasceram três filhos, mas o alcoolismo transformou nossas vidas em um inferno. Quando percebi que, ao beber, ele estava se tornando violento e que meus filhos estavam ficando cada vez mais agressivos e tristes por causa da bebida do pai me separei. A essa altura já era uma mulher madura e preocupada em como educar meus filhos para que mais tarde a sociedade não me cobrasse e me culpasse por ser uma mulher “separada”. Então me mudei para o interior, para uma cidade chamada Batayporã, lá meus filhos cresceram e estudaram e hoje graças a Deus são rapazes dos quais posso me orgulhar, quanto ao pai, nunca esteve presente na vida dos filhos.

Eu me sinto uma mulher realizada como mãe, acredito que pude contribuir para a formação do caráter dos meus filhos, passando para eles princípios e valores importantes e sempre procurei conscientizá-los de que para cada direito existe um dever. No momento, desempenho o papel de avó, tive quatro filhos homens e agora tenho duas netas.

Quando morava em Campo Grande, até que eu tinha uma vida estável, trabalhava como manicura, cabeleireira e também com artesanato, são trabalhos leves e que dão renda principalmente em cidade grande. Mas

quando fui para Batayporã, cidade pequena e sem opção de trabalho, tive de ir para o campo trabalhar como “boia fria” colhendo algodão. Atividade que eu nunca havia realizado antes, mas foi uma experiência muito boa. Nessa época também aprendi a arrancar feijão, era um trabalho duro, mas prazeroso. Durante alguns anos, trabalhei neste arrendamento em época de colheita e foi lá que conheci alguém muito especial, meu atual esposo. Ele era tratorista. Primeiro nos tornamos bons amigos, conversávamos muito, ele estava sempre por perto quando eu precisava, após dois anos resolvemos nos casar e hoje, dezessete anos depois, tenho certeza, foi a melhor decisão tomada em minha vida, pois depois de vários anos juntos, vivemos muito bem. Amo meu esposo e agradeço a Deus por ter colocado alguém tão especial em minha vida.

Foi também nessa fase de minha vida que passei a me envolver com acampamentos, no trabalho no campo eu convivia com muitos “boias-frias” que eram acampados. Senti curiosidade e passei a sentir necessidade de obter mais informações sobre essa classe de pessoas tão marginalizadas pela sociedade, qual não foi a minha surpresa quando descobri que eu também era uma sem terra. A partir dessa descoberta, o próximo passo foi ir ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e fazer minha filiação para então ter um órgão que me representasse legalmente frente à sociedade. Alguns meses depois recebemos a visita do INCRA para fazer nosso cadastro.

Íamos para o barraco apenas nos finais de semana, mas em pouco tempo nos mudamos definitivamente para o acampamento, não me sentia bem ficando em uma casa com conforto enquanto o restante dos companheiros moravam no acampamento, onde não tinham o mínimo necessário para viver com dignidade. Assim, no acampamento poderia contribuir mais com o grupo. Nosso acampamento chamava-se Vinte de Janeiro e era composto por 550 famílias, pertencia à FETAGRI e se localizava na área urbana do então recente assentamento São Luís em Batayporã. Ali permanecemos por três anos; fizemos várias ocupações, fomos despejados inúmeras vezes, mas jamais desanimamos, enfrentamos juízes, polícia e até uma tropa com mais de cem soldados.

Queríamos ser assentados no município, pois havia algumas áreas inclusive fazendas improdutivas, mas que pertenciam a pessoas muito influentes na região, duas delas são a fazenda Primavera e a Pé de Galinha e, como se não bastasse, havia também lideranças corruptas e o prefeito da época era um fazendeiro que não incentivava nem um pouco as lutas sociais. Pelo fato de nosso acampamento ser grande e bem organizado, éramos uma ameaça para o Estado e a preocupação constate fez com que seus representantes tomassem uma atitude em relação a nós. Na verdade, o Estado usou de uma estratégia covarde, a de enfraquecer o acampamento dividindo-o em vários grupos e enviando vários componentes para outros municípios, mas ainda hoje existem pessoas, tachadas de favelados, aguardando terra em barracos ou na beira das rodovias ou na periferia de Batayporã e Nova Andradina .

Agradeço imensamente a Deus por hoje estar assentada, ter minha terra, poder plantar e colher e cada vez que isso acontece vejo que toda a luta que travamos não foi em vão, mas ainda falta muito, pois, como citei aqui, há companheiros a vagar, procurando seus espaços e contando com nossa solidariedade e apoio. Quando notei que o acampamento estava esmiuçando e que o Estado havia alcançado seu objetivo, fui para Eldorado, no Assentamento Floresta Branca, onde minha irmã era assentada e lá fiquei como excedente por dois anos. Então o presidente do sindicato local me procurou, por conhecer minha história, e disse que havia área em Juti e que eu tinha possibilidade de lá ser assentada.

Em janeiro de 2000, nos mudamos, a área era a fazenda Taturi, já havia saído o edital de desapropriação. Quanta desilusão, após alguns meses ficamos sabendo que o proprietário havia conseguido a reintegração de posse, vi novamente o mesmo filme se repetindo, novamente pessoas abandonadas à própria sorte, eram mais ou menos 190 famílias de várias partes do estado. Famílias que agora estavam sem saber para onde ir, sem ter uma casa para voltar. Mais uma vez esbarramos na corrupção de gran-

des líderes. Dentro de poucos meses vi injustiças, manobras, mentiras, pessoas sendo usadas como ferramentas para atingir o Estado, mas como dizem “entre mortos e feridos salvaram-se todos”.

Como o acampamento Taturi se desfez, recebemos convite de um acampamento vizinho, havia vaga no grupo coletivo, ficamos apenas quatro meses no barraco e então a terra foi cortada. Hoje já estamos com quase nove anos de assentados.

Não sei se sou pessimista, mas fico muito triste por ver que a reforma agrária, uma bandeira tão linda, tão sofrida e que consumiu muitas vidas, acabou por se tornar um meio de vida, na verdade uma fonte de renda, apesar de tudo é a arma que ainda temos para reivindicar justiça social.

O sorteio dos lotes foi no dia 21 de junho de 2001 nascendo assim o assentamento Sebastião Rosa da Paz, no município de Amambaí. Escolhemos este nome em homenagem ao sindicalista assassinado em Goiás. Assim, logo depois do sorteio nos mudamos para os lotes, o grupo coletivo era composto por dezessete famílias, entre as quais existiam duas lideranças. Com um desentendimento entre os dois líderes houve um racha e sete famílias resolveram sair do coletivo. Houve intervenção da justiça. A essa altura eu já acreditava que poderia dar certo e não concordei em sair, pois em qualquer dos dois grupos teria alguém falando mal de alguém. Apesar de todos dizerem que o grupo não daria certo, eu, e principalmente meu esposo, nos dedicávamos ao máximo para que o grupo desse certo. Queríamos provar aos outros que era possível, mas a minha decepção foi muito grande, pois na verdade eu não queria ver que tudo até então não tinha passado de demagogia e que tínhamos servido de apoio para oportunistas. No grupo não havia solidariedade, humanidade, companheirismo, cooperação, o que havia era uma pessoa querendo ser ditador, comportando-se dentro do grupo como se ainda estivesse em acampamento, onde sua palavra não poderia ser contestada nem contrariada.

Hoje nosso assentamento é composto por cinco grupos: Taipá, Santa Luzia, Boa Vista, Salto Pirapó, que é o antigo coletivo, e o grupo Conquista. O assentamento Sebastião Rosa da Paz situa-se no território de Amambai, mas devido à sua proximidade de Juti é lá que fazemos as nossas atividades. A qualidade da terra é variada; em algumas partes é boa, em outras nem tanto. O assentamento é cortado por dois rios importantes, rio Amambai e rio Taipá, a principal produção do local é o milho e o leite. Acredito que nenhum lugar no mundo seria melhor para viver, mas temos um problema, como o assentamento fica exatamente na divisa de território entre Juti e Amambai, temos muita dificuldade em relação a políticas públicas, visto que ficamos a mais ou menos a cem quilômetros de Amambai e por isso alegam ser muito distante. Juti, por sua vez, diz que por ser de outro município não pode investir em políticas públicas e assim o assentamento vai tentando se virar como pode. Nós não temos posto de saúde, telefone público, a escola é apenas uma pequena sala de aula onde são ministradas aulas para o primeiro ao quarto ano. Nosso lazer é apenas os naturais, como a cachoeira, o futebol, a cavalgada.

Quanto à faculdade, apesar de não ser tão jovem, jamais perdi a esperança de fazer um curso superior. Um dia, eu estava em Juti quando uma irmã da CPI, para ser mais clara irmã Lucinda, me chamou e disse que haveria um vestibular exclusivo para assentados e pediu que eu me preparasse, pois ela sabia que eu gostaria muito de fazer uma faculdade. Durante alguns meses, estudei tudo o que encontrava, na hipótese de que cairia no vestibular e finalmente chegou o grande dia.

No dia do vestibular, houve um imprevisto com o ônibus e chegamos praticamente no momento em que o portão ia ser fechado. Creio que Deus, naquele domingo, fez com que as pessoas não saíssem e a pista ficasse apenas para o nosso ônibus, por várias vezes durante o caminho pensei que ainda não seria daquela vez, pois tudo dizia que não iria dar tempo de chegarmos no horário. Fiz o vestibular, não achei difícil, falava

muito de minha realidade, principalmente, a redação. Apesar de ter achado até fácil, procurei não criar expectativas, pois havia muitos concorrentes especialmente jovens que tinham acabado de sair da escola, outros atuando em sala, enquanto eu estava fora da escola há mais ou menos quinze anos.

Tudo correu muito bem, um belo dia eu estava em casa, quando uma colega chegou com a lista de classificação. Que surpresa, eu havia passado, e em ótimo lugar, passei em décimo primeiro lugar. Isso, para mim, foi uma vitória muito grande. Naquele momento eu disse para mim mesma: “sua oportunidade chegou”. Minha colega estava triste, seu nome não constava na lista, mas tínhamos esperança que pudesse fazer parte da segunda chamada, o que não ocorreu.

Bom, já havia passado, agora precisava me preparar para o curso e essa ainda é a minha principal preocupação, cada etapa eu tento me superar, quero fazer sempre o melhor possível, mas tenho um problema: sou tímida e isso às vezes me atrapalha. Nos trabalhos também tento fazer o melhor, me dedicando e tendo um bom relacionamento com os colegas de grupo. O curso de Ciências Sociais está me ajudando muito, principalmente na minha comunidade, pois aprendi a valorizar as diferentes culturas, aprendi a entender as atitudes das pessoas que antes não conseguia, muitas vezes até criticava; hoje devido ao Curso, sei que tudo tem uma causa e um porquê. Aprendi que um cientista social é como um médico, tem que descobrir a origem da doença para poder tratá-la.

Eu espero sinceramente superar tudo que possa prejudicar meu desempenho no Curso, como também poder ser uma profissional com capacidade suficiente para ajudar minha comunidade, contribuir para o desenvolvimento local, tentando entender e aceitando a maneira das pessoas pensarem e agirem, mesmo que para mim possa parecer estranho. Quero sentir que realmente valeu a pena e que não foi em vão todo o esforço e dedicação de um grupo de professores que não medem esforços para co-

laborar com o Curso, abrindo mão de parte de suas férias. Quero deixar aqui meu agradecimento sincero, não somente aos professores, mas em especial à universidade que apostou em nós. Agradeço também às coordenadoras/professora pela forma carinhosa de conduzirem o Curso, como também a todos que direta ou indiretamente contribuem com o grupo do PRONERA.

Rosemeire da Silva

○ nascimento

A espera de mais um filho era sempre marcada por expectativas. E a certeza de que agora nasceria um menino para cuidar e dar continuidade à família, caso alguma coisa acontecesse ao pai, se revigorava. Entre os tantos planos estava a organização do enxoval, a escolha do nome (nomes de homem, é claro).

A casa grande de madeira, limpa e ordenada, era esfregada com muita água e sabão, o fim de semana se aproximava e era preciso que tudo estivesse em ordem para a recepção às visitas que sempre chegavam. No quintal, muitas árvores: não havia ali grandes plantações agrícolas. No pasto o gado era quem ocupava o espaço, quebrando o canto dos pássaros, o cacarejo das galinhas, o canto das cigarras, com seus longos mugidos. Neste lugar, onde a magia da vida se renovava a cada chuva, com novas folhas, com o perfume que exalava das flores das árvores, tudo era muito organizado pela sábia natureza.

Passam-se as nove luas: é hora de colocar as roupas na mala e seguir para a cidade, para a casa dos patrões, lá estava mais próximo o atendimento médico necessário. Enquanto a mãe organiza as malas, o pai vai a cavalo até a casa do vizinho e amigo mais próximo (Sr. Luiz), precisava que este ficasse cuidando da casa, dos animais enquanto estivesse fora. A seguir, o pai arruma a carroça, organiza a bagagem e partem para a cidade. Lá são recebidos, como sempre, pelo Senhor Paulo e por Dona Maria, com muita alegria, abraços, falatórios, aperto nas bochechas das crianças, seguido do comentário de sempre: “nossa, como você cresceu!” Dona

Mariazinha, muito animada, acolhedora, assim como o Sr. Paulo. Eram os patrões que todos gostariam de ter, gente honesta, trabalhadora e muito boa com seus empregados. Eles não tiveram filhos, mas isto não os impediram de serem pais, adotaram duas meninas e um menino, o que enchia a casa de alegria e de esperança na continuidade da família.

Chega o dia do nascimento, o alvoroço é total, a avó e Dona Mariazinha pegam as roupas, acompanham a mãe; outros cuidam das crianças pequenas; o Senhor Paulo põe o carro para funcionar – era a manivela – e lá se vão todos rumo ao hospital. As perguntas não param: – Está tudo bem? Calma! Já estamos chegando. Será que é menino? Já escolheu o nome?

E assim chego eu ao mundo, causando surpresa por não ser o menino homem tão esperado por meus pais.

A avó materna – Dona Joana, ou Noquinha como era conhecida – sempre presente na família, ficava junto até a dieta acabar. Era a avó que preparava o pirão de frango, com muito capricho e coentro, para que a filha se recuperasse logo e para que não faltasse leite durante a amamentação. A escolha do nome da criança causou dificuldade e dúvida, uma vez que não havia sugestão de nome para menina. Dona Mariazinha sugeriu Rosemeire, o mesmo nome da esposa de Pelé – Edson Arantes do Nascimento – jogador da seleção brasileira. Rosemeire da Silva, completou o pai, e convidou Dona Mariazinha para ser a madrinha de batismo.

De volta a casa no sítio, continua a avó a fazer o pirão de frango, o bolo de fubá, a canjica; a cuidar com carinho do bebê, a levá-lo para benzer pela vizinha que a todos curava com suas rezas. A criança cresce com muita saúde, ao lado da irmã mais velha: Fátima. Não passa muito tempo, nasce outra menina na família – Rosana da Silva.

Seguindo orientação religiosa da avó Mariazinha, as três crianças (Fátima, Rosimeire, Rosana) são batizadas no ano de 1969: “criança batizada é mais calma, não se pode ser pagã. Se acontece algo com a criança e

ela vem a falecer, não vai para o céu, sua alma fica no purgatório perdida, que só entra no céu quem é filho de Deus, antes disto somos apenas criaturas de Deus”.

O sonho pela terra

O sonho pela terra própria sempre esteve presente, a mãe e o pai falavam: “temos que ter alguma coisa nossa, para deixar para as meninas, não quero ser empregado sempre”, apesar de gostarem muito dos patrões, agora, compadres. Depois de fazerem muita economia, conseguem juntar dinheiro para comprar uma chácara na cidade de Brasilândia – PR. Assim o lugar onde nascemos, Astorga – PR, foi substituído pela terra onde passamos a morar, a plantar, a colher, a tirar nosso sustento.

Realiza-se então o maior sonho do casal de nordestinos que, aos doze anos de idade, deixam o Pernambuco, fugindo da seca, em busca de sobrevivência – comida, água, casa. A mãe veio com sua família, o pai veio sozinho e nunca mais teve notícias da família. Chegam ao estado do Paraná, a mãe diz: “depois que cheguei ao Paraná nunca mais passei fome, nem meus pais e irmãos”.

Frequentemente a mãe nos conta histórias de como era o Nordeste, de o porquê teve que deixar sua terra natal, da viagem no pau de arara, das paradas para dormir na beira da estrada até chegar ao estado do Paraná. Conta ela que, numa dessas paradas, houve um acidente, várias pessoas morreram, outras foram socorridas no hospital mais próximo. Com isso a família se dispersou e seguiram viagem os meus avós com seus cinco filhos. Nunca mais conseguiram re-encontrar os demais parentes: havia dificuldade de comunicação que, na época, era realizada principalmente por meio de cartas; como meus avós não sabiam ler nem escrever perderam contato com os parentes. As lembranças são tão presentes na vida de minha mãe que parece que ela saiu há poucos dias de sua terra natal.

Em Brasilândia, vivíamos em um sítio cercado de árvores, ficávamos quase o dia inteiro brincando debaixo delas em balanços feitos, por minha mãe, de tábuas amarradas em uma corda. Outros brinquedos eram feitos de espiga de milho, de pedaços de pau, de latas e de tudo o mais que encontrávamos, eram nossos tesouros guardados na caixa ao final do entardecer para outro dia. A Tinha (como chamamos nossa irmã Fátima) era sempre a mais brava, a chorona, a briguenta, era aquela que “botava ordem” nas nossas brincadeiras, mesmo quando as crianças da vizinha mais próxima vinham brincar com a gente.

Às quartas-feiras à noite aconteciam os encontros de oração. As tardes que antecediam esses encontros ficavam mais curtas quando ele se realizava na casa da vizinha mais próxima. A mãe ia, após o almoço, ajudar a fazer bolos, bolachas. Enquanto uns ajudavam na cozinha, outros organizavam o lugar para a celebração, para as leituras, para os cânticos. No quintal, as crianças maiores varriam, recolhiam folhas; as menores brincavam de roda, de barata, de passar anel, de contar estórias...

No entardecer, o pai chegava da roça, soltava o cavalo no pasto, colocava água no cocho, milho para as galinhas e porcos; e, em pouco tempo, já estava no banho. A mãe preparava nossa comida, sempre repetindo para que nos comportássemos, para que fôssemos brincar após terminada a reza e que não pedíssemos nenhum tipo de comida.

No local da reza, todos que chegavam se cumprimentavam e iam se acomodando em volta do altar. As mulheres mais velhas cobriam a cabeça com um véu, em sinal de respeito a Deus. Os cânticos eram sempre animados.

Acabada a cerimônia, eram servidos café, bolo, suco, bolacha, doce – para mim era a melhor parte, pois já podíamos sair do lugar e ir brincar. No quintal, as crianças vinham chegando e logo todas estavam nas brincadeiras; os jovens também se organizavam nas brincadeiras de roda, passa anel, declamação de versos; os adultos falavam de suas plantações, de seus

planos, dos afazeres do dia a dia. Quando o sono apertava, a mãe forrava o assoalho da carroça e nos cobria. Ao acordarmos, já era dia e estávamos em nossas camas. Pela manhã, o cheiro de café e leite invadia a casa toda, o pão caseiro com manteiga – assado na folha de bananeira e em forno de barro – assim como o bolo de fubá eram os meus prediletos.

Na rotina do dia a dia, a mãe preparava o almoço, arrumava a marmita, colocava um lenço ou um chapéu em todas nós e juntas íamos para a roça levar o almoço do pai. Era colheita de café: – este ano a safra foi boa, vai dar para construir a casa nova, dizia o pai. À tarde ficávamos na roça, enquanto a mãe ajudava o pai na colheita. Por vezes a mãe nos chamava para mostrar como se colhia o café: limpava-se embaixo do pé de café com um pau, forrava-se uma lona, puxavam-se os grãos dos galhos, recolhiam-se a lona, colocavam-se os grãos na peneira para depois serem ensacados. Era bonito ver aquele monte de saco enfileirado nas ruas de café. Ao final da tarde, os sacos eram colocados na carroça, levados para o terreiro e despejados para que fossem secados. Depois, o café era guardado na tuia, pronto para ser vendido.

Neste ano o pai inicia a construção da casa nova. Era de madeira com assoalho na sala e nos quartos, piso verde de cimento na cozinha e na dispensa. As janelas dos quartos eram grandes, dava-se para ver longe, lá no alto. Os móveis simples, mas tudo muito limpo e organizado pela mãe. Toda semana a mãe fazia faxina na casa, as panelas eram todas ariadas, brilhavam muito; à noite, na cozinha, o fogo do fogão e a luz da lamparina refletiam-se nas panelas. No armário ficavam os pratos, as louças e as nossas canecas de esmalte que usávamos pela manhã para tomarmos leite tirado na hora no mangueiro.

Nessa época, a mãe sempre deixava que fôssemos passar alguns dias na casa da avó. Quando isso acontecia, era a maior euforia. Na casa da avó, era tudo modesto mas muito divertido. Tinha uma prateleira de madeira pintada de azul onde sempre encontrávamos, em latas, bolachas de

polvilho, bolo de fubá, doces, rapadura e outras guloseimas. Na casa simples havia um fogão a lenha onde à noite, em sua volta, tomávamos chá e ouvíamos a avó contar muitas histórias, principalmente de assombração, de busca de ouro, de pessoas que morriam, que tinham dinheiro escondido e que voltavam para pedir a algum amigo para ficar com o dinheiro. Essas histórias davam muito medo. Na hora de dormir, estávamos todas na cama da avó. Por mais que rezássemos, o medo não passava, a noite parecia não ter fim e a cada barulho parecia que havia alguém no quarto que, a qualquer momento, puxaria o nosso pé.

Quando voltávamos para nossa casa, tudo era novidade, parecia que tudo estava diferente, corríamos pela casa, abraçávamos nossas irmãs, íamos verificar nossos brinquedos, as árvores, os balanços, nossos cachorros Bobi e Foque.

O tempo passou e recebemos nova companhia para nossas brincadeiras: a de nosso irmão Reginaldo – o nenê. Em casa tornava-se frequente a preocupação do pai e da mãe com nossa ida para a escola. Segundo minha mãe, “seria bom morar na cidade e ir para a escola”, mesmo que para isso tivessem que vender o sítio e fazer outra atividade que garantisse o sustento de toda a família, agora com quatro filhos. Justificam sua dificuldade por não saberem ler nem escrever, por não terem tido oportunidade de frequentar uma escola. O pai começa então a procurar comprador para o sítio e a verificar possibilidade de desenvolver uma outra atividade na cidade.

A mudança

Certo dia, chega um caminhão para carregar nossa mudança, tudo começa a ser desmontado, encaixotado e levado para cima do caminhão, os vizinhos ajudam na mudança. Com a venda do sítio comprou-se uma casa no centro da cidade: um sobrado, no piso de cima ficava nossa casa;

no de baixo, um espaço para comércio que estava sendo organizado pelo pai para ser um bar. Nesse meio tempo, ele aceita convite para ficar sócio de um restaurante com dormitórios que ficava situado na entrada da cidade, sentido Assis Châteaubriant. Assume a sociedade, agora o pai e a mãe trabalhavam o dia inteiro e parte da noite, não tinham mais horário para chegar a casa. Nós íamos dormir e os dois continuavam a trabalhar. A sociedade não dura muito tempo, pois o Sr. Lala é assassinado numa briga de família. O pai compra da família a parte que era do seu sócio.

A escola

Chega o grande dia de irmos – eu e minha irmã Fátima – para a escola. Era uma sala de madeira com duas janelas altas, o chão de tábuas com grandes frestas, onde passavam lápis e borrachas que caíam no chão. A professora chamava-se Solange, não era brava, mas mesmo assim não aprendi quase nada.

Éramos divididos por filas: cada uma constituía uma série. Nunca havia pegado num lápis ou num caderno (acho que nem sabia o que eram), a professora passava uns riscos para eu fazer; como não conseguia, ela pegava na minha mão e riscava junto, dizia que era para amolecer o pulso. A folha do caderno rasgava, a ponta do lápis quebrava e nada de eu conseguir fazer aqueles riscos, o desenho das letras era muito mais difícil. E, assim, no final do ano permaneci na mesma série; a Fátima não, passou, parece que tinha facilidade para aprender. No ano seguinte consegui ser aprovada, foi emocionante receber a prova final de volta, corrigida com a letra bonita da professora e com a seguinte escrita no alto da página: aprovada, parabéns!

Comecei a cursar o terceiro ano. A escola havia mudado, agora cada série ficava em uma sala específica, havia também mais alunos. O prédio era de madeira, o piso de vermelhão, mas, em compensação, a professora

era muito brava, deixava-nos frequentemente de castigo: ora por não termos feito a tarefa, ora por não sabermos a tabuada, ora por não termos dado conta de fazer a cópia, tudo era motivo para a professora mandar-nos ficar de joelho – em cima de tampinhas de garrafa ou de grãos de milho – na frente dos colegas ou atrás da porta. Ninguém reclamava, achava tudo normal, até mesmo quando ela nos puxava a orelha, os cabelos ou batia-nos com régua.

No ano seguinte minha irmã Rosana também começou a frequentar a escola. Agora só o Reginaldo ficava em casa, a mãe e o pai continuavam trabalhando muito. A mãe, às vezes como garçoneiro, como cozinheira, caixeira, faxineira, churrasqueira. A Fátima passou a ajudar no caixa e a servir as mesas, já não brincava mais com a gente. A escola continuava a ser um lugar não muito agradável ou divertido, tudo era difícil, as professoras cada vez mais bravas e as tarefas aumentavam cada vez mais. Apenas a Rosana estava tendo sorte com a professora da segunda série: ela era muito boa, não deixava de castigo, era amiga dos alunos, ajudava-os, quando não conseguiam aprender. Lembro-me de que eu ia junto com minha irmã a casa da professora para que ela ajudasse nas atividades de leitura e de escrita. Com isso, em pouco tempo a Rosana já dominava o ler e o escrever e a professora passava a emprestar-lhe livros. Em casa Rosana lia para a mãe, enquanto esta fazia o serviço. Lia de um lado para outro, até que a história terminasse. No outro dia, estava ela lá de novo com outro livro diferente.

O tempo vai passando, e a construção do asfalto, desviando o trânsito da cidade, faz com que o movimento no comércio diminua, com isso meu pai sai a procura de outro lugar para morarmos. Determinado dia, volta de viagem e diz que havia gostado muito do Paraguai. Lá, segundo ele, as terras eram boas, com muito mato, parecidas com as de cá (no Brasil), não ficavam muito longe da fronteira. Como o trabalho na terra sempre foi o que os dois desejavam, minha mãe concordou com a ideia da

mudança. Então começam a procurar um comprador para o restaurante. Conseguem fazer uma permuta com um casal que morava no Paraguai: a casa e o restaurante por um pedaço de terra no Paraguai.

Assim, em meados de 1977, a mãe arruma tudo de novo e seguimos para mais um lugar. O que preocupava os dois era que lá não havia escola. Então eu e a Fátima ficamos no Paraná para terminar o ano letivo. Tudo parecia muito mais difícil, principalmente o ter de ficar na casa de pessoas estranhas, eu fiquei em uma casa na cidade e Fátima, com a Dona Idalina e o Seu Belo, que eram vizinhos de sítio da minha avó. Só nos encontrávamos durante o recreio na escola. E assim foi até o término do ano.

A mudança para o Paraguai

Na nova pátria tudo volta a ser como antes, o pai e a mãe sempre presentes na casa situada em um espaço a ser desmatado e plantado. Neste lugar só havia uma abertura na mata e um rancho com uma peça só, com paredes de bambu e cobertura de tábuas: a nossa morada. O restante era tudo mata fechada, floresta que em pouco tempo começava a ser colocada para baixo. Na vila próxima havia em torno de quarenta madeiras. Viam-se caminhões carregados de toras todos os dias levando madeira para as serrarias. Um grupo derrubava no mato, fazia pilhas próximas às estradas, e outro levava as toras para as serrarias. A madeira tirada para a venda era apenas a considerada nobre; as chamadas madeiras brancas eram derrubadas e queimadas, pois a terra precisava estar limpa para o plantio de lavouras. A cada ano o espaço que era aberto para o cultivo de lavoura ia aumentando.

Nossos vizinhos de sítio eram todos brasileiros, uns do Paraná, outros de São Paulo, Santa Catarina, havia somente uma família de paraguaios. No início não tínhamos água potável, a do poço era suja e salobra. Para beber e para cozinhar, buscávamos água na mina de um vizinho,

o senhor Antonio. Para lavar as roupas, andávamos a pé com nossa mãe, às sextas-feiras ou aos sábados, em torno de dez quilômetros. Apesar da distância, não reclamávamos. O carro havia sido vendido na compra das terras.

O tempo ia passando e a casa ia sendo construída. A única coisa que não estava bem era o não podermos continuar estudando, posto que a vila mais próxima ficava a quinze quilômetros. O que nos fazia lembrar da escola eram os cadernos usados, guardados, que sempre pegávamos para ler, ou os gibis ou revistas emprestados por um vizinho: o senhor Amilton. Eu, como sempre, ia com a mãe para a roça, ajudar a plantar, a colher.

Nessa época, ganhei mais uma irmã, a Mislene. Como não havia mais a avó para fazer o pirão de frango, nem as vizinhas para ajudar nos afazeres, essas funções foram delegadas a nós (eu e Fátima), as irmãs mais velhas.

Retorno à escola

No início de 1980, mudamos para uma casa alugada na vila, para que pudéssemos voltar a estudar, mas continuamos também com o sítio. Na escola tudo parecia diferente, muitos alunos, uma fila que parecia não ter fim, a diretora fazendo a chamada para que cada aluno fosse encaminhado a sua sala. Quando entrei na sala, a professora, muito legal, nos acolheu com uma oração e pediu para que cada um se apresentasse. Depois da apresentação dos quarenta e três alunos, passou uma atividade na lousa com o título “recapitulando”, eram contas de multiplicar e dividir. Que tragédia, eu não conseguia fazer nenhuma das contas. Percebendo a dificuldade de vários alunos que, como eu, estavam sem estudar há algum tempo, a professora pediu que passássemos em sua casa para que ela pudesse dar aulas de reforço das matérias que tivéssemos dificuldade. Por quase um mês eu ia todas as tardes a casa da professora Cleonice, até que ela me dispensou, por eu já estava acompanhando bem o conteúdo.

No ano seguinte, comecei a estudar à noite e a trabalhar durante o dia, numa escola de pré-escolar, como ajudante de sala e como faxineira. Permaneci ali por dois anos. Depois comecei a trabalhar como vendedora em uma loja de tecidos e confecções.

Nesse período, tive contato com uma pessoa que marcou muito minha vida: uma professora de História e Geografia que veio de Santos/SP com o marido, proprietário de uma madeireira no Paraguai. Fui sua aluna da 5ª série ao último ano do curso magistério. Todas as vezes que eu precisava de material para pesquisas, ela era uma das professoras que mais me auxiliavam. Ainda no começo da 5ª série, ela nos passou um trabalho para ser realizado em grupo e marcou com cada grupo a ida a sua casa para apanhar material. No dia marcado, chegamos lá e foi a primeira vez que vi tanto livro em uma casa, um quarto feito biblioteca, aliás, foi a primeira vez que entrei em uma biblioteca. Havia livros, materiais sobre diferentes assuntos. Ficamos horas conversando com ela.

O começo da militância

Em determinado momento, o pai nos deixa e vai seguir sua vida. Para garantir a parte que lhe cabe por direito, a mãe tem de ficar mais tempo no sítio no Paraguai. Com isso, tive de ajudar cada vez mais em casa, o que tornou ainda mais difícil conciliar estudo, trabalho, profissão e sonhos. As dificuldades na escola aumentavam, assim como a responsabilidade em casa. A Fátima volta para ajudar a família, a Rosana começa a trabalhar e a estudar à noite, o Reginaldo não quer ficar na vila para estudar, larga a escola e vai com a mãe para o sítio, a Mislene, que estava começando a estudar na pré-escola, fica conosco na vila.

Nos finais de semana a mãe passa em casa. Tudo muda, meu dinheiro tem que dar para as despesas da casa e para outras necessidades. Começo a procurar um trabalho que ofereça salário maior e registro em carteira. Consigo um na Auto Peças Indiano. Após dois meses de traba-

lho, minha carteira foi assinada. Nesse momento eu já estava cursando o segundo grau, fazia parte da primeira turma do magistério da Escola Estadual Cel. Sapucaia. Constantemente ficávamos sem aulas, os professores entravam em greve para reivindicar o que lhes era de direito pelo trabalho que já haviam prestado. Alguns, em sala de aula nos explicavam, mostravam o que deveriam estar recebendo e o que recebiam de salário, e ainda atrasado.

Eu ficava encantada de ver os meus professores lutando por seus direitos, pela valorização humana e pela busca de dignidade. Comecei a perceber que existem outras formas de sobreviver sem ser por meio do sustento dos pais, que o estado tem como promover políticas públicas que atendam à população, independente da condição social, da escolaridade.

Aproximei-me cada vez mais daqueles professores que ampliaram meus horizontes, por exemplo, professora Maria Aparecida Lopes, Ilson, Claudio, Nilza. A campanha pelas eleições diretas, a volta dos refugiados políticos, a instalação da Assembleia Constituinte, a greve de professores, os encontros de movimentos jovens, as composições musicais como Coração de Estudante (Milton Nascimento) foram informações que passaram a me interessar por influência de alguns desses professores que se tornaram para mim uma fonte ambulante de conhecimento e sabedoria.

Início do trabalho como professora

Ainda cursando o segundo grau – magistério –, fui convidada para dar aulas numa sala de educação pré-escolar. Como em todo começo, apanei muito, às vezes tive vontade de desistir, mas a vontade de ter uma profissão falava mais alto, e a busca constante por aprimoramento e saber se tornava mais frequente.

Com o passar do tempo, o prazer pelo trabalho passa a existir. Assim também acontece com a participação nas manifestações, nas greves,

que vão surgindo. Começo a conhecer e a conviver com outro grupo de pessoas que também busca reconhecimento pelo seu trabalho, pessoas ligadas à Fetems e à APA – Associação dos Professores de Amambaí.

Ao término do segundo ano de trabalho como professora contratada e leiga, concluo o segundo grau. Nesse final de ano fui convidada para uma entrevista no banco Bamerindus da cidade, compareci e fui aprovada na entrevista para a vaga existente. A dúvida bateu: a escola ou o banco? Volto para casa, a mãe me aconselha a ir à escola, para ver o que pode ser feito. Expliquei a situação e consegui uma vaga para trabalhar à noite na Educação de Jovens e Adultos, na escola Escola Estadual Eneil Vargas. Assim passei a trabalhar de dia no banco e à noite na escola.

A participação nas lutas sindicais aumentava a cada dia. Numa das paralisações, propôs-se a criação do sindicato de professores local. Minha irmã Fátima é escolhida a presidente, com a participação e o apoio dos que foram nossos professores e agora nossos colegas de trabalho. Nessa tarefa, a Fátima passa a participar de reuniões e de atividades do sindicato no Estado, e eu passo a acompanhá-la nas assembleias, nos congressos estaduais e nacionais, em conferências de educação. Começo a participar também das passeatas, das manifestações por pagamento de salário em dia, por aumento de salário. Por vezes havia conquistas, por vezes derrotas. Começam no sindicato a falar sobre a importância de nossa participação também na área política para termos nossos direitos garantidos. No banco, a alienação é grande, o gerente nos proíbe de participar ou de falar em política, nem mesmo uma camiseta do meu partido ou do meu sindicato podia eu usar; à noite, na escola, tudo fazia. A camiseta era uniforme para ir à escola. Nas aulas sempre trazia para a sala o que acontecia no estado e em outros lugares, eram temas para serem debatidos. Com a emancipação do então distrito para município de Cel. Sapucaia, os interesses de alguns foram mudando. O convite de um cacique político local passa a valer mais que a luta pelo reconhecimento profissional e pelo pagamento

em dia. Começo a ver aqueles professores, que tanto me ensinaram sobre democracia e movimento, aliam-se a políticos e a se posicionarem contra os que permaneciam na luta. Conheci então na prática o que é a luta de classe: os “pelegos” e os “heróis”. O preço para não se corromper é alto. As perseguições, as discussões, eram cada vez mais acaloradas nas reuniões do sindicato. Com as eleições locais e com a aproximação dos mandantes políticos no estado, tivemos muitas vitórias como também muitas derrotas. Alguns diziam “isto não é partido ou sindicato, isto é religião”. Neste período os exilados brasileiros, na sua grande maioria, estavam de volta ao país. Para mim eles eram e continuam sendo os grandes exemplos a serem seguidos.

Como a sobrevivência fala mais alto, fiquei um tempo sem poder iniciar uma faculdade. Tudo era muito difícil, às vezes chegava a pensar que nunca conseguiria superar as barreiras e ter um curso superior, que minha vida de estudante já havia passado. Mas a necessidade de formação, de profissão e de salário digno não me deixavam parar. Com a convicção de que os trabalhadores tinham que começar a ocupar os espaços eletivos para mudar a realidade imposta pelas elites que no momento governavam, de que o movimento sindical era importante, comecei a participar da organização do Partido dos Trabalhadores. Algumas pessoas desse grupo conseguem ganhar as urnas e ocupar os espaços eletivos com seus mandatos e fazem a diferença, na medida em que nossas reivindicações começam a ser atendidas

Nem sempre ganhamos a simpatia de todos e todas, quem defende ou está ao lado de quem administra nos chamam de loucos, vagabundos, baderneiros, comunistas, viram nossos inimigos, mas não nos intimidam. Contra os seus rótulos, temos os nossos projetos, o resultado dos poucos mandatos que fazem a diferença, mostramos com clareza que existe sim outra forma de governar, com respeito aos trabalhadores e com políticas públicas para todos.

Em 14 de outubro de 1996, tenho o meu filho, Guilherme e, ao meu lado, este grupo de amigos, que mais parece uma família. Hoje está com 13 anos, é o que tem me dado força e impulsionado a buscar novos horizontes e a acreditar que podemos sim ter um mundo melhor, mais solidário, justo, com espaço para todos e todas. Começo a ver resultado do que construímos, ganhamos o governo do Estado. E o que nos diziam que era impossível começa a acontecer, passamos a receber por mês, o pagamento atrasado é parcelado, pela primeira vez na história do Estado, o 13º salário é pago dentro do ano. Aqueles que eram nossos inimigos políticos tornam-se nossos maiores elogiadores, passam até a nos convidar para suas confraternizações. Alguns dos nossos amigos de luta passam a ocupar os espaços administrativos estaduais. Nas eleições municipais, ganhamos mais cidades, mais vereadores, ganhamos também o Governo Federal. O que sempre falávamos começa a acontecer, não era somente utopia, uma administração preocupada com desenvolvimento, mas primeiramente preocupada com o seu povo. Alguns desses companheiros perdemos em disputas internas e hoje eles estão em outros grupos políticos, mas não deixam de reconhecer a história que ajudou a construir e a mudar o nosso Estado e agora o nosso País. Entre as realizações está a Reforma Agrária, que começa a sair do papel, a distribuição de terra começa a ser realidade, não foi em vão o nosso sonho de ter terra quem dela precisa.

Minha mãe, que sempre acompanhou essa trajetória, por meio do movimento dos Trabalhadores Rurais, pode ver também o seu sonho se realizar: foi contemplada com um lote no maior Assentamento da América Latina – com uma área de cinquenta mil hectares de terra. No local onde havia um único dono, hoje há 2.825 donos; a população que antes era de 3.000 mil moradores, hoje é de quase 18.000 mil; onde havia 300 alunos em uma única escola, hoje há mais de 3.000 mil em quatro escolas públicas.

Tudo começa a se transformar neste lugar que, a cada dia mais, recebe novos moradores, alguns saem de seus acampamentos, outros de suas cidades, outros retornam do Paraguai, o comércio começa a surgir, as

casas, nos lotes, começam a ser construídas – a então Fazenda Itamarati deixa de existir e torna-se palco de muitas realizações e donos. O que era apenas a monocultura – soja ou milho – hoje é a multi-mistura, que vai do orgânico, a sementes crioulas, a sementes híbridas, a transgênico. Ali plantam-se alimentos, árvores ornamentais, comerciais. Até mesmo a cidade de Ponta Porã, distante a 50 km, ganha nova cara com a presença do novos frequentadores, assim como a cidade vizinha Pedro Juan Cabalhero, no Paraguai, que passa a lucrar com a venda aos assentados .

Em janeiro de 2006, venho para este novo lugar com meu filho, agora não mais como visitante. Começo minhas atividades laborais como diretora-adjunta na Escola Estadual Prof. José Edson Domingos dos Santos.

Aqui conheço moradores realizados com a conquista da terra, construindo o lugar. Nessa imensidão de terras temos uma diversidade de culturas e de movimentos sociais. Todos muitos preocupados e envolvidos, por exemplo, as Irmãs Olga Manosso que têm um trabalho voltado para a organização das pessoas no Assentamento. Em pouco tempo passamos a fazer algumas atividades juntas: reuniões em Ponta Porã, Dourados, Campo Grande. Sempre em busca da organização social para a realização de políticas públicas voltadas ao povo que dela necessita.

Em fevereiro de 2008, passo a responder pela direção da mais nova escola do Assentamento, a E. E. Prof. Carlos Pereira da Silva. Com apoio das Irmã Olga e também da Irmã Gema Menegatt.

Hoje sou acadêmica do Curso de Ciências Sociais oferecido pela UFGD e, apesar de estar ainda no segundo ano, constato que ele já tem ampliado muito meus conhecimentos. Por meio deste Curso estou conhecendo pessoas maravilhosas como os professores e professoras que estão trabalhando conosco, abrindo mão de suas férias e também vindo ao Assentamento para trabalhar junto aos assentados e assentadas, para realizar pesquisas, propor projetos e parcerias voltados, por exemplo, para a agri-

cultura familiar, com o objetivo de melhorar a vida e a geração de rendas que aqui estão. Este é o combustível que não nos deixa parar nunca, cada vez mais conheço pessoas de diferentes lugares, de diferentes realidades que têm o mesmo objetivo: construir um outro mundo melhor, mais justo, mais solidário, mais fraterno e sustentável.

Sonia Regina da Silva

Não é coisa fácil elaborar uma história de vida para quem nunca se importou em escrever uma. Confesso que de início me senti um pouco constrangida com a ideia de contar sobre minha trajetória, falar das conquistas que tive, das perdas e ganhos, dos amores adormecidos num cantinho do coração esquecido até virarem lembranças. Do meu tempo de infância, tempo que não volta mais, da minha adolescência, da minha mocidade, do meu tornar esposa, mulher e mãe. Escrever sobre tudo isso, voltar ao passado é me permitir mais uma vez olhar para trás e ver o quanto fui e sou mais que vencedora, e assim ter a certeza de que todos os obstáculos vencidos têm a mão de DEUS.

O meu nascimento

Numa pequena cidade do interior de Mato Grosso do Sul, por nome de Corumbá, nasce uma menina, que logo lhe deram o nome de Sonia Regina da Silva. Segundo a minha mãe, o meu nome foi escolhido primeiramente pelo meu tio Francisco, que quando a viu grávida, disse à minha mãe que seria uma menina e vai se chamar Maria Regininha. Mas a minha mãe não aceitou o primeiro nome porque na nossa família a maioria das mulheres tem o primeiro nome Maria. Antes do meu nascimento estava tudo certo que meu nome seria Regina, a rainha do papai. Num certo dia, meu pai recebeu a visita de um grande amigo da minha família. Este senhor por nome de Izídio levou de presente para a minha mãe o meu enxoval completo, tudo para uma menina, não faltou nada e pediu a minha para deixá-lo escolher um outro nome que combinasse com o nome Re-

gina. A minha mãe de imediato concordou. Então ele pediu que me registrassem com o nome de Sofia Regina. Na hora, meu pai aceitou, mas quando chegou ao cartório, perguntou a moça que o atendeu, que nome tinha o mesmo significado que o nome Sofia e a moça respondeu que Sonia sem o acento circunflexo tinha o mesmo significado e meu pai me registrou como Sonia Regina da Silva .

Minha infância

Eu cresci ouvindo meu pai me chamar REGINA, minha rainha e meus irmãos diziam REGINA a metida do papai. Até aos seis meses, fiquei sobre os cuidados da mãe e depois fui para a creche, porque a minha mãe precisava trabalhar para ajudar o meu pai no sustento da casa, e além da Sonia, que era bebê, o casal tinha mais duas filhas para sustentar.

Assim, a vida prosseguia sua rotina normal. Até que um dia quando a minha mãe chegou à creche para nos buscar deparou-se com um fato que mudou para sempre as nossas vidas. A creche era dirigida por freiras e naquele dia a minha mãe foi recebida pela madre que quase não aparecia na creche.

Conta a minha mãe que a madre, com o semblante sempre fechado, naquele dia olhou para minha mãe com um olhar preocupado e começou a lhe falar que ela sabia que as crianças eram bem cuidadas pelas freiras e que ela tinha plena confiança nas mesmas e o que tinha acontecido foi uma fatalidade. Minha mãe sem entender nada ficou nervosa e pediu à madre que lhe falasse logo o que tinha acontecido. A madre então contou à minha mãe que eu talvez não resistisse e viesse a falecer.

Minha mãe desesperada me pegou no colo e percebeu que o meu corpo não tinha nem um movimento; atravessou a rua e entrou no hospital que ficava na mesma rua da creche só que do outro lado. Foi recebida por um médico que me internou e só depois de duas horas veio conversar

com minha mãe que no desespero não percebeu ter comido as unhas das mãos. Foi quando o médico lhe fazia algumas perguntas que ela percebeu que os dedos ardia e alguns sangravam, não conseguia responder muito bem, mas percebeu que o médico estava preocupado.

Ele pediu à minha mãe que ficasse calma para que ele pudesse lhe entregar o atestado de óbito. Ouvindo isso minha mãe quase teve um desmaio, mas se fortaleceu e invadiu o hospital e me pegou de cima de uma maca sem vida e saiu correndo. Atravessou todo o corredor comigo nos braços numa rua que dava nos fundos do hospital, sem olhar para trás correu muito e só escutava que o médico gritava pega esta mulher ela foge com um corpo de criança; desesperada minha mãe consegue fugir comigo nos braços.

Depois de algumas quadras longe do hospital, percebeu que ninguém mais a seguia, então sentou comigo nos braços numa calçada chorando sem parar, não conseguia controlar o choro, buscou forças do fundo da alma e expressou todo amor de mãe guardado no seu coração. E quando parou de chorar notou que próximo de onde estávamos havia uma capela coberta com muitas flores e algumas velas acesas, se aproximou, olhou e viu que dentro da capela tinha uma imagem de santa com uma criança no colo. Não pensou em mais nada, começou a rezar sem parar, pedia àquela santa que lhe arrancasse a dor tão grande que sentia no peito e que somente a santa como mãe sabia que dor era aquela que sentia. Repetiu várias vezes: peça a teu filho que devolva a vida da minha filha e mais nada lhe pedirei enquanto vida eu tiver.

De repente, minha mãe sentiu que uma mão lhe segurava no ombro e uma voz lhe dizendo: Filha, DEUS das alturas já ouviu o seu clamor e te respondeu. Veja sua filha está viva e pede pão. Era a mão do padre da igreja que ficava ao lado da capela. Minha mãe olhou para mim e viu que eu a olhava e de fato lhe pedia pão. Naquele mesmo instante, começou a louvar e agradecer a DEUS pela minha vida. E o padre sem entender nada, repetia para minha mãe vai em paz, sua filha está viva.

Os anos se passaram e eu fui crescendo, só que a minha infância toda convivi com uma doença que os médicos nunca conseguiram diagnosticar. Lembro-me que muitas vezes estava brincando e sentia o corpo amolecer e começava arder em febre. Com isso, me davam vários tipos de medicamentos inclusive muitos injeções e me afastavam das outras crianças.

Minha ida à escola

Quando completei sete anos, fui para a escola. No primeiro dia de aula, minha mãe foi me levar e quando lá chegamos a diretora chamou a minha mãe num canto e lhe comunicou que só poderia frequentar a escola se minha mãe levasse um atestado médico, provando que eu não tinha nem um tipo de doença transmissível. Percebi no semblante de minha mãe que ela não tinha aprovado a atitude da diretora, mas como eu estava ali perto ela apenas prometeu que iria providenciar o atestado. Comecei chorar porque não queria voltar para casa, queria estudar. A minha mãe com toda paciência do mundo me explicou, que custasse o que custasse, eu estudaria. Voltamos para casa, eu sem entender muito bem o que tinha acontecido e minha mãe tentando esconder o rosto molhado, apenas chorava, um choro silencioso. À noite quando meu pai chegou, me perguntou como tinha sido o meu primeiro dia de aula e respondi bem depressa não tive aula, a professora não me quis na escola. Minha mãe explicou para meu pai o que tinha acontecido. Assim, me lembro que desde o primeiro ano de escola até a oitava série, todo começo de ano era aquele martírio de se fazer uma bateria de exames para poder frequentar a escola.

Tirando os momentos de crise que não foram poucos, a minha infância, posso considerar, foi maravilhosa, me lembro dos cuidados de minha mãe sempre preocupada com o nosso bem estar. Ela sempre nos contava fatos que acontecidos na vida dela quando ainda morava na aldeia

e tentava nos ensinar o que lá tinha aprendido. A minha mãe trabalhava muito, mas sempre reservava um momento para nos contar história e nos ensinava cantar músicas que ela gostava e achava importante para o nosso crescimento. Recordo-me do dia dos aniversários, a minha mãe preparava uma assadeira de bolo e dizia: “hoje é um dia muito importante, é o seu aniversário. Vá buscar o seu melhor amigo ou amiga para comer este bolo com você”. E assim sempre fazíamos, eu e meus irmãos no dia do nosso aniversário; era sagrado o nosso melhor amigo estar presente em nossa casa. A minha mãe dizia que ter o melhor amigo no dia que marcava o nosso nascimento era o melhor presente que podíamos ganhar, pois quem sabe valorizar uma amizade jamais ficaria sozinho na vida. Minha mãe, uma mulher sem estudo, soube no seu agir educar dez filhos, sete que nasceram dela e três adotivos e hoje todos reconhecem que a minha mãe e o meu pai são nossos heróis. Os dois passaram por muitas lutas, mas conseguiram criar os filhos com muita dignidade.

Meu pai foi um homem que viajava muito, por isso era um pai ausente, os momentos em que estava em casa tentava suprir essa ausência nos levando para passear e brincava com os filhos e comigo era diferente nas noites em que estava em casa passava a noite sentado na beira da minha cama velando o meu sono com medo que tivesse alguma crise.

Minha adolescência

A minha adolescência teve um fato que não gostei de descobrir, descobri que papai Noel não existia. Fiquei muito aborrecida, porque passei toda a minha infância pedindo ao papai Noel que não me desse presente, mas me curasse daquela doença e papai Noel nunca me ouviu. Deste dia em diante, deixei de acreditar em milagres. Tornei-me rebelde e quando ficava doente pedia à minha mãe que me deixasse morrer, pois seria melhor para todos. Assim como a minha infância, a adolescência também

foi marcada por aquela doença que ninguém descobria o que era. Por isso, sempre queria provar que eu era capaz de ter uma vida normal como todo mundo, era só me dar alguma oportunidade. Por isso, fui bolsista numa escola particular e quando cheguei nesta escola fui tão bem recebida e o melhor de tudo pela primeira vez não exigiram nenhum atestado para eu frequentar a escola.

Ali comecei a fazer parte de grupo de alunos que se reuniam para fazer teatro, dança, poesia e música. Destaquei-me na poesia, assim ganhei um espaço num programa de rádio e todos os dias o locutor do programa lia uma poesia minha e elogiava muito o meu trabalho e dizia que eu era uma poetiza nata e que ele se emocionava ao ler minhas poesias.

O tempo passou e eu me envolvi com um dos rapazes do nosso grupo e mais uma vez a vida me surpreendeu. Todas as poesias que eu fazia, o José Ricardo as lia para mim e sempre fazia isso como uma declaração de amor. Porém, um dia minha mãe me acordou com um olhar muito triste, apenas me olhava, ficou assim um bom tempo e me pediu um abraço. Então começou a falar: tenho algo muito triste pra te contar, o José Ricardo não está mais entre nós. Confesso que não consegui ter nem um tipo de reação, apenas fiquei ali deitada e a partir daquele dia nunca mais escrevi poesias e as que tinha escrito fui destruindo uma por uma. O tempo continuou passando e eu não tinha mais razão para viver, mas os amigos que conquistei me ajudaram a superar esta grande perda.

A vida de adulta

Fiz o magistério e depois me mudei para Campo Grande. Logo comecei a trabalhar numa escola estadual e me envolvi com o movimento do MST em seguida. No início, era apenas simpatizante, mas fui me envolvendo e quando percebi estava dentro de um acampamento dando aulas de cidadania para os sem-terra. Assim, me envolvi e também me identifi-

quei com aquele povo sofrido. Como sempre, meu pai e minha mãe continuavam me apoiando em tudo e foram para o acampamento, e mais tarde para um assentamento onde vivem atualmente.

Nos anos 80 e 90, o MST lutava por um ideal do povo e cansei de pregar panfletos nos postes de luz da capital nas madrugadas, tentando chamar a atenção das autoridades. Naquela época, tínhamos como líder o senhor Antônio Pinheiro e como líder de acampamento Sérgio, este morto por uma emboscada feita por dois companheiros de luta que se venderam e traíram o MST. O fato que marcou esta época foi que meu irmão caçula andava junto com o Sérgio abrindo frente para o povo nas grandes invadidas de fazendas e três dias antes da morte desse querido companheiro, o meu irmão recebeu um convite para um trabalho de evangelização na África Do Sul. Não recusou o convite e viajou e somente seis meses depois lhe comunicamos o que havia ocorrido. Ele chorou muito, porque sabia que se estivesse no Brasil naquele dia também teria morrido. Então me pediu que me afastasse do Movimento. Tentei, mas, não consegui. E passei dez anos da minha vida morando com meus pais no assentamento Capão Bonito 2.

O meu casamento

Envolvei-me emocionalmente com outros rapazes, mas não conseguia me apaixonar por nem um deles até reencontrar o meu digníssimo esposo, o meu eterno namorado. Ele foi me conquistando aos poucos e nos casamos sem festa. Quando falo em reencontro é porque aos dezessete anos tive um rápido namoro com ele, e fiquei muito emocionada quando ele me confessou que tinha me esperado por quinze anos e que dessa vez ele não me deixaria escapar. Aos poucos consegui envolver meu marido no movimento do MST.

Ao completarmos dois anos de casados e várias tentativas de termos um bebê, descobrimos que, segundo os médicos, jamais poderia ser

mãe e isto não foi diagnóstico só de um médico, mas de cinco ginecologistas. A princípio, aceitei isto numa boa, mas com o passar dos dias esse fato começou a me incomodar porque na minha família todas as mulheres são mães de muitos filhos, porque só eu não poderia ser mãe. Eu não conseguia me apegar a Deus, minhas orações eram muito fracas, não alcançavam o trono do SENHOR. Meu irmão que estava na África me desafiou com a seguinte frase: “que tipo de seguidora de Jesus Cristo é você que vive há anos com uma doença que ninguém descobre e agora não pode ser mãe. Vai agora que eu quero ver, mostra-me o tamanho da sua fé”. Não gostei muito de ouvir meu irmão falar comigo daquele jeito porque no fundo aquelas palavras me incomodaram muito e foi aí que comecei a usar o poder da fé. Um dia de madrugada, às três horas, me levantei, dobrei os meus joelhos e mesmo sem ter uma experiência com Deus comecei a orar com toda força de minha alma, e DEUS ouviu a minha oração.

O ato maravilhoso de ser mãe

De repente, comecei sentir os primeiros sintomas de gravidez, resolvi procurar um médico quando a barriga já estava grande e mesmo assim fiz três testes e os três deram negativos. O médico resolveu fazer uma ultrassom e conseguiu ver que eu já estava de quatro meses. No dia vinte de maio de 2003, às oito horas e trinta minutos, eu senti a maior emoção da vida de uma mulher, vi sair de dentro de mim, primeiro, a cabecinha como um novelo de lã bem preta depois o corpinho e logo em seguida a enfermeira me trazendo o meu filho para que eu visse o seu rostinho lindo. Naquele momento, a emoção era tão grande que eu não sabia se chorava ou se sorria. Tornar-me mãe foi a experiência mais maravilhosa e inigualável que senti em toda a minha vida. Hoje sou mãe de dois meninos, o maior que é o Samuel e caçulinha que é o Issac. Todos os dias eu digo para meus filhos que eles são as minhas medalhas de ouro.

A vida no assentamento São Gabriel

Durante quatro anos e meio, passamos num acampamento para conseguirmos um lote no assentamento SÃO GABRIEL. No dia 25 de outubro de 2006, conseguimos ser sorteados e tomamos posse do nosso lote tão sonhado. Depois de estarmos dentro do lote é que fomos conhecer o que era sofrimento. Lembro-me do dia que entramos no lote dos sonhos de construir uma vida melhor para nossos filhos, só que isto não aconteceu; passamos dois anos e meio sofrendo todo tipo de humilhação e desesperança, não tínhamos ajuda de nenhuma autoridade muito menos do INCRA que não fazia nada para pelo menos amenizar o nosso sofrimento no que se diz respeito à água.

Vi companheiros morrerem por beberem água podre e outros contraírem infecções nos rins como o caso do meu marido, ocasionada pela água salobra que bebíamos no assentamento. Como meu marido ficou impossibilitado de morar no assentamento ele ficou na cidade e eu fiquei sozinha com duas crianças. Confesso que mesmo longe do meu marido, não fiquei triste porque ali eu fazia um trabalho por conta própria de alfabetização de adultos e um trabalho de conscientização de mulheres vítimas de violência sexual provocada pelos próprios companheiros. Era um trabalho gratificante porque as mulheres passavam a ter uma confiança tão grande na minha pessoa que quando tive que ir embora uma delas me abraçou forte e disse: **está indo embora a minha alegria**. Esta frase me marcou muito e às vezes olhando para o infinito me pego pensando naquela mulher e naquele semblante triste que docemente me pediu para ir em busca de melhorias para mim e meus filhos.

Mudei-me do assentamento São Gabriel-Corumbá há um ano, mas sinto que deixei para trás um pedaço de mim. Sei que podia ter feito muito mais por aquelas pessoas, mas no fundo tive medo. Portanto, carrego o remorso de não ter lutado mais e deixar aquele povo à mercê dos que os

ignora. O povo assim é fácil de ser enganado, pois é isto que acontece lá no São Gabriel. Lá não existe nenhum tipo de política pública destinada a esse assentamento. Aqueles que têm melhores condições plantam uma meia quadra de milho ou feijão e assim vão vivendo, os que não têm passam fome e aguardam o dia em que as autoridades públicas se lembrarão de que lá há pessoas. A situação é tão crítica no São Gabriel que as pessoas não têm mais esperanças no futuro.

O vestibular

Fiquei sabendo do vestibular por meu irmão quando eu ainda morava no São Gabriel; fiquei muito aflita porque não tinha como fazer minha inscrição. Passei alguns dias tentando emprestar uma quantia em dinheiro para me inscrever. Mas não consegui ninguém que me emprestasse e a solução foi vender um casal de cavalos dos meus filhos. Mas DEUS foi tão bom que consegui passar no vestibular e assim entrar numa faculdade federal de tão alto nível. Hoje eu me orgulho de dizer que estou me graduando na UFGD.

Tenho me esforçado para dar o máximo de mim no curso, a única coisa que está me dando medo é não conseguir me formar, porque depois de entrar na faculdade me lembrei de um sonho antigo o de chegar pelo menos no mestrado. Gostaria muito de poder chegar lá. Quanto aos outros participantes do curso, gosto de todos, mas tem aqueles com quem mais me apeguei e me afeiçoei. A mesma coisa com os professores, gosto de todos, mas têm os que marcaram a nossa vida acadêmica. A vida de uma acadêmica da UFGD.

Nos primeiros trabalhos realizados, me senti como uma criança que ganha o seu primeiro brinquedo, encantada, e quase sem acreditar que de verdade estava fazendo um trabalho acadêmico. Não medi esforços e fiz o melhor que podia, mas também não imaginei que as professoras se agra-

dassem tanto pelo meu trabalho. Meu DEUS, isto, para mim, foi mais que um incentivo, foi como se as professoras dissessem para mim “vai, você pode ir mais longe”. Nunca imaginei que a professoras fossem gostar dos meus trabalhos. Este ano tive a oportunidade de voltar em uma sala de aula e fiz um trabalho muito parecido com os trabalhos pedidos por nossos professores, e meus alunos adoraram a experiência.

Confesso que ainda tenho muitos erros que preciso melhorar, porém já me sinto mais ousada e determinada quanto ao conteúdo que devo trabalhar com meus alunos. Não estou trabalhando num assentamento, mas estou trabalhando com os ribeirinhos que também é um povo sofrido. Logo que me casei, comecei um trabalho com os ribeirinhos e parei porque fui para assentamento. Não parei totalmente, pois em 2004 a repórter Claudia Gaigher fez uma reportagem na escola no Paraguai-Mirim, onde eu era a professora e essa reportagem foi tema do Globo Repórter daquele ano. Dar aula para mim é muito mais que um trabalho é a minha religião. É o ar que respiro, porque a cada desafio que encontro neste mundo do meu DEUS é através das aulas que ministro que consigo superar. Por isso que a disciplina de Língua Portuguesa tem sido de grande valia para mim, porque vejo na professora Juliane minha inspiração de luta. Não sei se estou certa, mas vejo nela uma pessoa que faz do saber sua fonte de água viva. O trabalho de levantamento cultural não colaborou simplesmente para minha vida acadêmica, mas principalmente para meu Eu, minha vida cotidiana, na convivência com os outros e com minha família. Aprendi a valorizar muito mais as minhas raízes e entender outras coisas que não entendia.

As expectativas para o futuro

Espero ter outras oportunidades de continuar meus estudos pelo menos fazer um mestrado. Sei que minhas condições financeiras não me são favoráveis, mas quem sabe o que o futuro me reserva. Assim como

ninguém acreditava que eu chegaria a uma universidade federal e eu cheguei, e vou sair com um diploma, também posso sonhar e acreditar que sou capaz de ir além: à conquista do saber.

Esta história, que apresento agora, foi um momento muito prazerosa de contar. Assim, pude voltar no tempo, lembrar o meu passado e contar passagens da minha vida. Confesso que vocês sempre nos surpreendem com esses tipos de trabalho que parecem uma coisa boba, mas que acabam se tornando tão valiosos, porque vão lá ao fundo do baú, lá no mais profundo do nosso íntimo onde ninguém consegue chegar. E este trabalho conseguiu.

Valdirene de Oliveira

A família Lérias Oliveira é oriunda do Paraná, tem origem camponesa e sempre trabalhou em atividades ligadas à agricultura. Antonio Lérias de Oliveira, meu pai, com muito orgulho, tem uma filosofia de vida voltada à solidariedade. Dinair Lemes Rodrigues de Oliveira, uma senhora quietinha, é uma pessoa fantástica, porém um pouco chata. Costumamos brincar dizendo: “calma dona Nair”. Ela é artesã e tem prazer no que faz. Carinhosamente, minha mãe.

Tenho três irmãos, Valdeci, Clodoaldo, Claudinéia, sou a terceira filha do casal. Nasci no dia 20/07/76, em Campo Mourão - PR. Minha mãe relata ter passado mal às 22h e foi ao hospital de ônibus, o que já é uma regalia, pois sou a única que nasceu em hospital, por morarmos na cidade, naquele período. O parto foi normal. Meu pai conta que foi uma alegria meu nascimento, pois ele desejava muito de ter uma menina.

Meu nome, Valdirene, só foi pensado para combinar com o nome do meu irmão mais velho: Valdeci. Considerando que meus pais gostavam desse nome e o fato de que minha avó havia abominado o nome Nestina, que era a segunda opção, fui agraciada com o nome Valdirene. Para conhecer um pouco mais sobre ele, pesquisei seu significado, sua origem. Segundo o site que aponta o significado dos nomes: o meu tem origem germânica e significa “aquele que sabe governar”, sinônimo de fortaleza.

Passei uma infância tranquila sem grandes transtornos. Lembro poucas coisas do Paraná. Morávamos em frente a uma praça, onde eu e meus primos brincávamos de pega-pega, pique-esconde. Com quatro anos, viemos para Sete Quedas no Mato Grosso do Sul.

Desde esta época, meus pais estavam em busca de terra. Tal promessa era feita pelo governo federal. Assim como outros estados, Mato

Grosso do Sul fazia parte desta política nacional. Ficamos uns dois anos neste local. Logo os fazendeiros começaram a grilar as áreas, e por isso fomos obrigados a ir embora para Nova Alvorada do Sul. Posso afirmar que a base da minha vida está nesta cidade. Chegamos em 1982, e sempre moramos por perto, nas fazendas, pois a profissão do meu pai era tratorista.

Recordo-me do tempo em que morávamos às margens da rodovia 163, perto de Nova Alvorada, e por ali passavam muitas pessoas, chamadas de “andarilhos” que pediam comida e iam embora. E nós estávamos sempre ali quase que à espera destas pessoas. Minha avó sempre dizia: “vamos fazer comida sobrando para que possamos dar aos que vão passar hoje”, esta era uma rotina natural. Eu muito pequena, lembro-me com clareza destes fatos, visto que gostava desta atitude. Um dia passaram por lá uns ladrões, nessa ocasião, encontravam-se ali somente minha avó e nós, as crianças, foi uma experiência muito ruim vê-la naquela situação. Ela foi amarrada por aqueles homens. Depois desse episódio, mudamos de lá.

Certa vez, no local onde morávamos, choveu granizo que acabou com os nossos barracos e matou animais. Por que me lembro destas cenas? Talvez seja porque acreditava que ali nos braços de minha avó estaria protegida de tudo o que pudesse acontecer lá fora. São lembranças boas de uma infância com dificuldades, porém repleta de amor.

Durante minha infância em Nova Alvorada, brincava em um chamado “buracão”, hoje no local foi construído um Poli Esportivo. Mudou muito do que era, pois só tinha braquearia e lama. Ali os meninos tomavam banho, o short nunca mais limpava, e isso era um problema. As meninas não entravam na água, só os meninos, mas me recordo que as nossas brincadeiras eram de “empurrar boi na água”, como fala meu irmão. Mesmo assim, nós jogávamos bola na rua, bolita, e as brigas eram de moleque.

Não me lembro de brincadeira de boneca, casinha ou de fazer comidinha, ou coisa do gênero. Tenho uma vaga lembrança de um pé de colorau que servia de esconderijo, onde nós pegávamos as bolinhas de colorau para passar nos lábios, o que significava nossa maquiagem.

Ah! Outra coisa eram as folhas de mandioca. Os talinhos eram cortados e serviam de colares. Os bois eram os maxixes e as bonecas eram as espigas de milhos, os cabelos eram curtos, pois nós fazíamos questão de cortar.

Sinto que fui um pouco rebelde no bom sentido. Minha mãe controlava, porém quem colocava ritmo nas brincadeiras eram meus irmãos. Com certeza, meus pais também já passaram por isso. Minha infância foi boa, cheia de brincadeiras e surpresas. Tudo era simples, sem malícia ou maldades. Penso que éramos mais felizes, intensos e verdadeiros. Meus pais não eram repressores, o que vejo como fundamental para o equilíbrio do ser humano.

Quando iniciei minha vida escolar, não conseguia parar quieta; tive muito problema com isso. Os alunos têm dificuldade de encarar o primeiro ano, tudo é novidade, as disciplinas, o que se exige muito empenho. Para mim, não foi diferente, a escola era sinônimo de medo. A primeira professora era brava, colocava as crianças de castigo. E eu, medrosa, só me prejudicava. Todo dia um castigo diferente: atrás da porta, de joelhos no milho, segurar um livro com as mãos e braços abertos e o pior era a tampa de garrafa pra joelhar.

O tempo passou, tem um fato que considero importante, porém doloroso. Reprovei na terceira série. A vergonha de reprovar, que tristeza. O caminho de casa ficou longe naquele dia que recebi a notícia. O importante é que caiu a ficha: quem não estudava, reprovava. Este fato deu ritmo aos próximos anos.

Na escola onde estudava quem dominava eram aqueles que tinham condições financeiras. Nós, humilhados, por sermos pobres e morarmos no campo, só tínhamos uma sina: “sermos inteligentes”, estudarmos. Neste sentido, tirando a matemática, tudo se resolvia. A escola foi muito importante na minha vida, tenho certeza que na vida de todos. É um lugar onde aprendemos algo que nos acompanha na caminhada. Nela descobri-

mos amigos com os quais compartilhamos nossa vivência. Considero-me uma pessoa de poucos amigos. Aprendi a conviver e a viver com as desigualdades sociais, e por isso meus amigos eram bem selecionados. Assim, eram amigos verdadeiros. Na escola, tive duas amigas, Cristiane e Elizemare, com quem estudei da segunda à oitava série.

Com elas, passeava, estudava. Tudo era junto. Aquela mania de coordenar e lutar sem entender o porquê, hoje é explicado já que faço parte de um movimento social.

Na adolescência, começamos a nos apaixonar: é um sofrimento só, aquela ideia de encontrar um ser ideal, um verdadeiro príncipe encantado, com cavalo branco. Porém, deste estereótipo de homem ideal, não sobra nem o cavalo. Aos 12 anos, fui morar na casa de uns parentes no Paraná, foi a pior coisa que aconteceu, pois trabalhava muito. Cheguei à conclusão de que isso não funcionava e de que o melhor lugar é a casa da gente.

Nesta cidade, olhei de perto uma juventude perdida nas drogas e prostituição. Analisava sobre o que queriam aquelas meninas na vida? Pensava, devo ser uma pessoa de outro mundo e bem diferente daquilo que assisti em uma cidade grande. Residi no Paraná por dois anos e vim embora.

O ano de 1991 foi um marco em nossas vidas. Frequentávamos a Igreja Católica e através de uma marcha que passou por Nova Alvorada, conhecemos o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Nesta marcha, meu pai ajudou com produtos alimentícios, produzidos por nós. Naquele dia, o senhor Antonio queria seguir a marcha; segundo ele, já tinha certeza de nosso destino.

No ano seguinte, fomos para a ocupação. O trabalho de base foi intenso e mobilizou 500 famílias. Ocupamos uma fazenda em Rio Brilhante. Entramos na área às 3h da manhã num domingo, e fomos despejados violentamente às 10h da manhã do mesmo dia. O juiz assinou em pleno final de semana a ordem de despejo. Observamos, assim, que quando a justiça é para os grandes ela funciona e rápido.

No dia do despejo, jogaram nossa alimentação no chão, pegaram as crianças pelo braço e as forçaram a subir no caminhão. Além disso, sequestraram os militantes, porém não mataram, porque houve interferência das autoridades na época. Mesmo assim, esses militantes foram torturados e submetidos a interrogatórios.

Assim, começa nossa história de luta. Ficamos acampados em Rio Brillhante às margens da rodovia. Que tempo bom, tudo era novidade. Descobrimos o que é “ser sem terra”. Os acontecimentos passados deixamos para traz e assumimos uma nova identidade.

Em 1992, iniciei a militância, participei de um curso de preparação de quadros, em Santa Catarina, com o intuito de me preparar para assumir o trabalho de formação política no MST. Em seguida, comecei a estudar Técnico em Administração de Cooperativas no Rio Grande do Sul. O curso teve duração de três anos, sendo uma grade curricular de técnico, mas também com ênfase na formação política. O que é essencial para compreender o MST.

Tenho certeza de que a minha vida ganhou sentido quando passei a atuar no movimento, momento em que conheci um mundo até então desconhecido.

Como meus pais eram assentados em Nioaque, a minha militância era na região pantaneira. Foi lá no Acampamento Geraldo Garcia que conheci o Junior, ex-marido e pai dos meus filhos. Depois que nos casamos, nos mudamos para São Paulo, onde ficamos por um período de 10 anos. Com a separação, voltei para o MS. Do casamento, a única coisa maravilhosa foram os filhos.

Passei todo esse tempo querendo consertar algo que não tinha solução. Somos irresponsáveis, já que os anos passam e não tomamos atitudes, e de quebra temos os filhos que sofrem as consequências futuras. Não gosto de lembrar o que sofri com este relacionamento, porém, como tudo na vida passa, isso também se acabou. Agora, entre trancos e barrancos, vamos remendando essa história que se foi. Portanto, precisamos cultivar a relação entre pais e filhos.

Minha família é uma riqueza. Quando soube que estava grávida, deu certo medo, nem imaginava por onde começar. Uma alegria imensa deu vazão a um sentimento pleno. Os meses passaram à primeira “mexidinha”. Essa coisa de ser mãe é algo inexplicável. Quando fui ao hospital com muita dor, tudo era suportável; eu ria mesmo com dor. Ao nascer, que alegria. E hoje, um garotão de 10 aninhos, que se acha um homem. Como eu amo meu ainda bebê. Lênin é calado, na dele, estudioso, gosta de ler, carinhoso. Acho que ele sente falta do pai, por ter convivido mais com ele.

Guilherme Lérias, o segundo, tão especial quanto o primeiro. Confesso que quando soube da gravidez fiquei preocupada, não por ele, mas porque já estava prestes a me separar. Contudo, fiquei com o pai deles por mais um tempo. O Gui nasceu branquinho e sapeca. Já percebi pela sua maneira de se comportar na maternidade que seria diferente. Ele é um menino maravilhoso. Meu filho é exemplo na escola, no quesito nota, que fique bem claro este comentário. O Gui é meio levado, mas é uma criança adorável.

O terceiro filho chama-se Lucas. É um menino forte, decidido. Encoraja-me a continuar a luta e tomar decisões. Acredito que ele precisa ser mais criança, mas como? Nem sempre conseguimos proporcionar a vida que nossos filhos merecem. Vivenciei muita luta sozinha para criar os meninos, de modo que cada dia tínhamos que matar um leão, algo de mãe. O Lucas estuda no assentamento. Lênin e Guilherme estudam na Fundação Bradesco em Miranda.

Agora estou vivendo um outro relacionamento com uma pessoa bacana. Ele conversa, dá conselho para os guris e faz papel de pai, já que o pai biológico mora distante. Se der tudo certo como está até hoje, ele será com certeza a referência para meus filhos. Sei que ele está enfrentando um desafio, pois precisa entender essa nossa vida louca, de estar fora de casa o tempo todo em função de militância. Mas é isso, em todo o relacionamento os dois precisam ceder e construir juntos um modo de viver.

No momento, moro com meus pais no Assentamento Emerson Rodrigues em Terenos – MS. A área fica a 36km de Campo Grande. A base da produção ainda é primária e se concentra na parte de leguminosas, como quiabo, que se destaca pela aceitação do comércio local.

É um assentamento novo, com terra fértil, bem localizado e de região montanhosa. As casas ao pé das serras formam lindas paisagens. Grande parte das casas já então prontas e contam com água encanada e luz elétrica. É lugar que recebe muita gente nos finais de semana, pois tem rios. É neste local que passamos parte de nossas vidas.

Nestas idas e voltas, soube do vestibular par o curso de Ciências Sociais. No começo, estava empenhada na busca de pessoas para fazer o curso. Destas, alguns passaram no vestibular. Fizemos uma etapa preparatória para a prova, na verdade, não tinha intenção de fazer o curso, mas um companheiro nosso do setor de Educação do MST me disse para fazer o vestibular e sorrindo ressaltou: “é sua cara estudar Ciências Sociais”. Falei: “será?”.

Resolvi, depois de dezoito anos fora da escola. Passei no vestibular. Quando entrei, percebi que não poderia ter escolhido outro curso. Amo Ciências Sociais, principalmente, com a coordenação da Alzira e da Marisa.

Quanto à turma, o pior já passou; na primeira etapa, os conflitos eram acirrados, pois cada um tem uma forma de ver a vida, e as intenções não são iguais. Acredito que os conflitos são importantes para o crescimento. As disciplinas têm importância inquestionável. Têm professores que se adaptam mais, outros menos, ao ritmo da turma. Isso pode ocorrer pelo fato de as aulas serem em período integral, o que exige bons métodos. Na minha avaliação, não temos grandes problemas neste sentido, depende da turma, e da busca de cada um.

Quanto à disciplina de Língua Portuguesa, confesso que tenho dificuldades, até porque, quanto mais estudamos, percebemos que precisamos

estudar mais e mais, porém nada que uma boa metodologia não facilite. Temos ótimas professoras, sem “rasgar seda”, é sério. Admiro o trabalho de vocês.

No que se refere aos trabalhos com o levantamento de elementos culturais, conhecemos coisas que nem imaginávamos, foi maravilhoso. A nossa intenção é dar continuidade. Este trabalho cumpre papel de integração entre as famílias e de registro destas experiências de vida. O que é importante, pois em nosso Curso estudam-se as sociedades e os elementos sócio-culturais. E nós, que seremos também pesquisadores, estamos aprendendo a observar, a analisar, a registrar a realidade vivida por nós, que, quando não estudamos, passa despercebida.

De forma geral, a experiência de fazer uma faculdade, já que infelizmente apenas 8% dos brasileiros têm acesso, não deixa de ser uma oportunidade que não podemos deixar de dar prioridade neste momento. Ciências Sociais é a minha área, só descobri quando comecei a estudar. Eu trabalho com pessoas o tempo todo e agora posso compreender o seu modo de agir na sociedade.

As expectativas futuras são enormes, sonhos que ainda serão conquistados. Como diz o poeta moçambicano: “Não basta que seja pura e justa a nossa causa, é necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós”.

Talvez eu nem me entenda, mas uma coisa tenho certeza: estou no caminho certo. Vivo intensamente com responsabilidade, tendo claro que faço uma militância transparente. O que me move é ver as mudanças que já aconteceram e acontecem a cada instante na minha vida e de muita gente que nem conheço.

Talvez eu seja uma professora, educadora que vá dizer aos alunos todos os dias: estudem, aprendam a ser críticos, amem suas famílias e toda a sociedade, compreendam os outros, sejam solidários e lutem por aquilo que acreditam. Não busquem resposta para tudo, pois talvez não haja.

É isso! Eis um pouco da minha vida, cheia de vitórias e derrotas como a de tantos outros. Seguiremos, porque não podemos parar e nem fraquejar, já que muitos dependem de nós. Sei que agora nossas histórias, a minha e a sua, se misturam, assim como as lágrimas que agora rolam se juntam às palavras que aqui escrevo. Isso acontece por falar de mim e do Movimento que mexe com a nossa vida e colabora para que sejamos sujeitos históricos e capazes de mudar o nosso destino de servidão.

Vilma Martins de Oliveira

O nome *Vilma/Wilma*, de origem germânica, é o diminutivo de *Willemina*, que significa “protetor resoluto” e “Vitória”. Segundo pesquisa, o nome Vilma possui uma lucidez incomum, especialmente no que se refere a julgar o mundo e as pessoas. Quem tem esse nome sempre abre a boca para dizer a coisa certa. O problema é que não vive com os pés no chão, e desliga sua atenção com uma rapidez incrível.

Conforme minha família, o nome Vilma foi escolhido por indicação de familiares, tios tias, avós, que acharam o nome bonito e fácil de ser pronunciado, pois os mesmos não queriam nomes americanizados. Porém, não se importaram muito com o significado dele, só vieram a saber, realmente, o que significa Vilma depois de alguns anos.

Meus pais se conheceram em Minas Gerais, casaram-se e foram para São Paulo, entre idas e vindas, nasci em São Paulo e tive dois irmãos e uma irmã.

A mudança de São Paulo para Campo Grande se deu quando eu tinha 8 anos de idade. A vida era difícil, pois éramos em 4 irmãos, e meu pai trabalhava conforme iam aparecendo os “bicos”, como dizia ele, empregos temporários de pedreiro. Lembro-me que moramos em um sítio de um amigo de meus pais. Era divertido, porém recordo-me vagamente deles reclamando que o dinheiro era pouco, mas isso não era feito na nossa frente. Porém, eu sempre prestava muita atenção e percebia a dificuldade. Um dia, acordei e lá estava tudo pronto para outra mudança. Mudamos para uma vila: muitos lotes, muito mato, poucas casas. Era um lote na vila chamada Moreninhas. Lá passei minha adolescência.

Algum tempo depois, um milagre – eu acreditava em milagres –, mais uma irmãzinha... a Adriane. Sem compreender muito como ela veio

ao mundo, eu vi minha mãe descendo do ônibus com aquele bebê tão pequeno. E com o nascimento dela descobri muita coisa, uma delas é que a criança já nascia com todos os dedos, pois antes achava que após o nascimento da criança, os dedos iam nascendo um a um, eu tinha apenas 9 anos. A casa tinha 4 peças e não possuía acabamento. Tinha tábuas para escorar tanto portas como janelas. Minha mãe começou a costurar e meu pai arrumou um emprego de guarda-noturno. Com muitas dificuldades, foram terminando a casa.

As brincadeiras eram muitas e as brigas também. À noite com as crianças da rua, as brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde, caiu no poço, queimada, roda, bola, eram a que eu mais gostava. Toda noite saíamos na rua para brincar, eram em torno de 10 crianças, nossos pais ficavam conversando em casa, ou na rua olhando de longe as brincadeiras e batendo um papo. Gostávamos quando eles ficavam por perto, já que assim brincávamos mais à vontade. Aconteceram vários fatos durante as brincadeiras, um deles eu acho importante registrar, pois me marcou muito. Era noite do dia das bruxas, combinamos de brincar de esconde-esconde. Pegamos uma abóbora, a cortamos com formato de um rosto apavorante, dentes largos, olhos esbugalhados e nariz com buraco. Colocamos uma vela acesa dentro da abóbora e a escondemos no meio do mato. Iniciou-se a brincadeira e fizemos força para que um grupo de crianças fosse esconder-se bem onde a caveira estava escondida, e deu certo, 5 crianças partiram para o mato. Chegaram todos ao mesmo tempo perto da caveira, foi uma gritaria, uma correria, as crianças choravam, correram para suas casas aos prantos. Os pais vieram e deu trabalho para explicar a brincadeira. Eu e meus irmãos ganhamos uns dois dias de castigo sem ir para rua brincar, mas foi divertido.

Devido às dificuldades, comecei a vender pipoca na escola para ajudar em casa. Então aconteceu um fato que me marcou demais, tanto emocionalmente como fisicamente. Todos os dias, guardava o carrinho na vi-

zinha, pois não cabia no portão de casa, e a vizinha se mudou e a nova vizinha esticou um arame farpado para estender roupas e, infelizmente, as crianças não andam, correm. Lembro-me como se fosse hoje, o arame rasgando meu rosto. É engraçado que senti como se fosse um filme: bati, cai para trás, gritei e parece que tudo aconteceu novamente como uma reprise, bati e cai novamente. O meu desespero só não foi maior que o da minha mãe. Ela quando ouviu os gritos, veio correndo ver a cena, ficou desesperada. Logo arrumaram um carro, e eu exigia aos gritos que queria me ver em um espelho antes de ir ao hospital. Assim, ela resolveu ceder e para aumentar meu desespero vi meu rosto cheio de cortes feitos pelo arame.

Queria muito que minha mãe me acompanhasse ao hospital, mas tinham os outros irmãos e eu fiquei mais triste ainda, pois naquele momento achei que ela não ligava para meu sofrimento – hoje fico imaginando o quanto ela não sofreu em casa até eu voltar. Foram 14 pontos nas bochechas e dois nos lábios, os médicos fizeram um trabalho e tanto, deram os pontos por dentro, mesmo assim recomendaram plásticas, mas não foi possível, pois era muito caro. Mamãe usou nódea de abóbora por muito tempo e o carinho dela com o remédio caseiro foi um santo remédio, sumiram bem as cicatrizes. Entre outros acontecimentos, há o que subi em um pé de coqueiro e quando já estava lá em cima fui fazer graça e desci escorregando; minha barriga e meus braços ficaram em carne viva, mas passou, só não passaram as travessuras com primos e amigos.

Aos 14 anos fui para um colégio interno de freiras, Coração de Maria, em Campo Grande, onde estudei por dois anos. Porém, tanto eu quanto as irmãs percebemos que eu não tinha vocação para seguir a carreira religiosa. Embora não tenha prosseguido na intenção de ser freira, a formação que tive lá contribuiu muito com minha personalidade.

Já aos 16 anos, sofri o maior choque da minha vida, minha mãe tem um ataque cardíaco e falece. Lembro-me da nossa última noite, tínhamos vindo do encontro dos Vicentinos da Igreja, e ao acordar fiquei sabendo

do que ela havia desmaiado. Fui ao hospital levar seus documentos, mas, quando cheguei lá, meu irmão veio chorando e nem precisou me falar o que tinha acontecido. Seu choro inconsolável, seu nervosismo e ao mesmo tempo a vontade de me consolar, talvez por ser meu irmão mais velho, deixou claro que não tinha mais jeito, ela não estava mais entre nós, “seu corpo não estava mais presente”, mas seus ensinamentos, seu amor ficaram com cada um de nós até hoje. A ausência dela, com o tempo, parou de doer, ficando só o sentimento de saudades, boas lembranças, sua sabedoria, que até hoje seus conselhos me servem de amparo em momentos difíceis.

Na juventude, entrei para o grupo de jovem, e assim entre coordenação de grupos e participação na Pastoral de Juventude, conheci meu companheiro, eu tinha 20 anos e com 21 me casei. A vida de casada foi um desafio, tive de aprender a dividir, a ter que ceder às vezes, mas também saber se impor. Contudo, tudo com carinho para não desgastar a relação. Aos 22 anos, tive minha primeira filha, “Luana”, um novo desafio pra mim, pois devido ao meu tipo sanguíneo e do meu companheiro, ela teve incompatibilidade sanguínea, ficando internada por 5 dias. Mas como era forte, logo ficou boa. O segundo filho veio quando ela estava com 11 meses e, por incrível que pareça, eu sabia que era um menino, “Lucas”.

Depois de dois filhos, o envolvimento com o MST e a mudança para um acampamento, tive minha terceira e última filha. No acampamento, as coisas são difíceis, as saídas ao médico eram complicadas e fiz minha primeira visita a um ginecologista já com sete meses. Felizmente, foi uma gravidez tranquila e uma criança filha da terra, forte e saudável.

O tempo de acampamento foi difícil, mas gratificantes; o contato com as pessoas, as dificuldades, o pouco que todo mundo dividia, os momentos de confraternização, as cantorias à noite, a falta de energia, de aparelhos como televisão. Enfim, muitas destas coisas ou tudo isso contribuíram para repensarmos nossa prática, rever alguns conceitos. O acam-

pamento é uma escola, informal, porém seriamente formadora, o conhecimento popular adquirido dentro desse ambiente é enorme, e ajuda na construção de homens e mulheres, sujeitos de sua história.

Depois do acampamento, fui para o Assentamento São Judas, situado em Rio Brilhante, mas a sua gestação deu-se em Itaquiraí. Era início do ano de 1997, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) mobilizou um grupo de militantes para que estes fizessem o trabalho de conscientização da população da região Sul do Estado, no intuito de organizar um grande acampamento. Com muito esforço e dedicação destes militantes, houve um grande movimento no dia 8 de março, do mesmo ano, formando-se um grande acampamento às margens da BR-163, em Itaquiraí, com 2.500 famílias, tendo em torno de 7.000 pessoas.

É claro que no início tudo é difícil, porém o sonho era maior, e a esperança de dias melhores andava junto com os acampados. Com a ocupação da fazenda Santo Antonio, grande latifúndio improdutivo, houve reação do governo e em posse do mandato de reintegração de posse, a polícia foi acionada para que se fizesse cumprir a desocupação da área. Foi um momento de tensão e muita preocupação das famílias, mas tudo acabou bem, com as famílias voltando para as margens da rodovia.

A partir daí, passaram-se alguns meses, e o MST, através do Setor de Formação, trabalhou intensamente com estas famílias para que conquistassem o seu lote com um conhecimento maior, tanto na questão da produção, como na questão social, e organizativa do assentamento.

Como já era previsto que não haveria uma área que comportasse todo o grupo, 2.500 famílias, o MST discutiu o assentamento destas famílias por parte, ou seja, conforme iam sendo liberadas as áreas, ocorriam sorteios entre os grupos e os sorteados iam sendo assentados. Foi assim que nasceu o assentamento São Judas.

Com a liberação da fazenda São Judas, houve o sorteio e o grupo se desligou do grande acampamento e veio continuar a luta em Rio Brilhante. Este assentamento situa-se a 30 km da sede do município de Rio

Brilhante/MS, é composto por 187 famílias, e foi iniciado em 12 de março de 1999. As famílias que compunham o São Judas eram bastante carentes, sem formação escolar, sem conhecimento da influência que os letrados têm na mudança e nos rumos da sociedade, sem muitas habilidades técnico-científicas. Aí se inicia uma nova fase, um distanciamento entre as pessoas, a individualidade, de alguma forma explicável devido a toda uma cultura já presente nos seres humanos, de que somos avaliados por aquilo que temos, assim se não temos nada individualmente, não somos nada.

Iniciamos então a luta pela escola dentro do assentamento. Uma parte da comunidade não queria a escola ali, porque assim ficariam sem o ônibus para irem para Rio Brilhante. Após uma grande discussão, o grupo que estava articulando a escola decidiu que abriria mão da remuneração, trabalhando de forma voluntária para assim garantir o início da escola dentro do assentamento. Assim, foi dado início ao trabalho, à discussão com os assentados, à busca por recursos junto ao Estado, através da Secretaria de Estado da Educação.

Mesmo com a resistência da maioria dos grupos, iniciamos a construção na reserva, de uma escola de madeirite e telhado de brasilite, material doado pelo Estado para esse fim. Erguido com madeira bruta por voluntários que acreditavam que em um assentamento tem que ter escola e que se não tivesse esse início, depois seria mais difícil. No chão batido, com bancos e mesas também feitos de madeirite e madeira bruta, mesmo sem lousa, foi dado início às aulas, em abril de 1999.

Neste período eu estava grávida de 6 meses, e como não tinha recurso do lote tive que vender minha casa em Campo Grande contra minha vontade. A escola era longe e minha ida até ela era de bicicleta, com a barriga cada vez maior, isso se tornava a cada dia mais difícil. Trabalhei até os 8 meses e meio, foi quando o grupo coletivo conseguiu um jovem para me substituir voluntariamente.

Quando minha filha completou 2 meses, por necessidade na escola retornei à sala de aula, e novamente o grupo coletivo contribuiu, cuidando da minha filha, a Raquel, também de forma voluntária, pois eu não tinha

como pagar pelo trabalho. Íamos ajudando umas as outras, essa solidariedade era gratificante e superava qualquer dificuldade.

A escolinha, como era conhecida, tinha 40 educandos, 3 educadores, uma merendeira, muita coragem e força de vontade. O trabalho era voluntário, mas nem por isso deixava de ter qualidade, é claro que dentro das possibilidades e de todas as dificuldades. As educadoras auxiliavam uma as outras. Ao final de 1999, as crianças tiveram sua vida escolar regularizada, através da escola Artur Tavares de Melo (Polo). E no início de 2000, o município de Rio Brillhante decidiu realizar a contratação dos educadores, fornecer merenda escolar e material didático e pedagógico para a escola. Em 2001, as paredes de madeirite já não suportavam mais chuvas, ventos e sol. A escola passou então a funcionar no retiro do assentamento, embora a estrutura fosse um pouco melhor, ainda era muito precária. Porém, o que mais contava para nós era o apoio da comunidade, que aos poucos foi reconhecendo o trabalho realizado, e aquela ideia de que professor de assentamento não ensina nada, foi aos poucos sendo desconstruída.

No ano de 2001, passei no vestibular para o curso Normal Superior, o município de Rio Brillhante contribuiu muito com a realização desse curso com xérox e transporte, do contrário seria quase impossível, pois a vida no assentamento era muito difícil e os recursos escassos. Em 2005, fiz pós-graduação em Psicopedagogia Institucional.

Paralelo á minha formação, caminhava a escola e a cada dia era um educando (a) novo (a) que entrava para a escola e fomos crescendo, nova construção de madeira, mais crianças estudando, nova construção de alvenaria, séries finais do Ensino Fundamental. E com profissionalismo e compromisso, fomos conquistando um a um, e hoje temos o apoio da maioria da comunidade, uma média de 190 educandos e 19 educadores, sendo apoiados por 5 companheiros de serviços gerais e duas coordenadoras pedagógicas.

Iniciei meu trabalho como professora em 1999, e em 2008 assumi a coordenação da escola. Nesse época, as dificuldades eram muitas, a diretora ficava na escola polo, e embora fosse uma pessoa disposta e muito compromissada com a educação, ficava difícil acompanhar a escola dia a dia. Ela me ajudou muito, até porque eu não tinha nenhuma experiência com coordenação.

Hoje com 38 anos, meu maior orgulho são meus filhos e minha profissão. Faço Ciências Sociais, que contribui com meu trabalho em sala de aula, com meu trabalho na coordenação, e esse foi um dos objetivos com que iniciei esse curso. Acredito em uma educação libertadora, que contribui para a formação do sujeito, enquanto ser social que constrói e transforma o meio em que vive.

Wagner José da Rosa

Meu nome é Wagner José da Rosa, nasci no município de Caarapó – MS, mas sou natural de Juti-MS. Nasci em Caarapó, pois os médicos que atendiam às duas cidades eram os mesmos e neste dia não havia nenhum deles em Juti. Em 10 de janeiro de 1983, minha mãe já não havia passado muito bem durante a madrugada, entretanto foi pela manhã que avisou meu pai e o mesmo foi em busca de ajuda para levá-la juntamente com a minha avó para a maternidade na cidade Caarapó – 37 km de Juti. Às 15h vim ao mundo por parto cesariana. A cirurgia teve algumas dificuldades, pois eu era muito grande e estava encaixado por baixo das costelas de minha mãe, que relata que podia sentir a mesa de cirurgia chacoalhar ao me puxarem para fora de seu corpo. Por conta da cesariana, minha mãe ficou um bom tempo internada e depois de repouso, sendo assim minha tia Irene que teve comigo os primeiros cuidados, como já havia feito com sobrinhos anteriores e outros mais que vieram depois.

Meu nome – Wagner – foi escolhido por minha mãe, porque minha avó lavava roupas para um senhor que tinha um filho com esse nome e minha mãe achou bonito. O meu segundo nome é em homenagem aos meus dois avôs que tinham o nome de José – José Cassavara e Amado José da Rosa – o meu sobrenome ficou somente com o de meu pai – Rosa. Todas as decisões em relação aos nomes dos filhos, o do meu e o de minha irmã, foram tomadas por minha mãe, uma vez que meu pai é surdo-mudo.

Até meus 3 anos, vivi no município de Juti, algumas poucas lembranças tenho deste período: de nosso cachorro – Ringo – , de minhas idas a casa da Dona Léia, Dona Geleia (dizia eu), para buscar leite, daquelas que foram eternizadas em fotografias e das que minha mãe faz questão de lembrar, por exemplo, minhas brincadeiras com minha irmã – Veridiana.

Em 1986, fomos para Alta Floresta-MT, onde vivia parte da família de meu pai, passamos pouco tempo lá, as condições da cidade fizeram com que minha mãe decidisse pela nossa volta para Juti.

Nesse retorno, eu já estava com 5 anos e pedi para minha mãe para frequentar a escola, ingressei no pré-escolar. No ano seguinte, com 6 anos, fui para a primeira série. Porém, foi na matrícula para a 2ª série que descobrimos que eu estava apenas como “ouvinte” na primeira série e as alternativas seriam fazer a 1ª série novamente ou fazer a 2ª como se fosse a 1ª. Escolhi fazer a 2ª série como se fosse a 1ª, e no ano seguinte tive que fazê-la novamente.

Desse período, lembro-me das brincadeiras que tínhamos na rua de casa, brincávamos de carrinho, de construir casas com areia e com os pés, de betes, queimada, rouba bandeira, morto vivo, esconde-esconde, balança caixão. Além disso, construíamos cabanas, subíamos em árvores, algumas vezes me custou apanhar por chegar com a roupa suja, com arranhões, por ter brigado com colegas.

Os aniversários sempre eram recordados, mesmo que de forma muito simples, com um bolinho feito em casa, mas bem confeitado. Os primos e os amigos mais próximos estavam junto para cantar os parabéns.

Aos 8 anos, nos mudamos para Naviraí, cidade vizinha; fomos morar de aluguel em uma casa no Jardim Progresso. Eu e minha irmã fomos estudar na escola Antônio Fernandes no período da manhã. Durante um tempo quando eu chegava da escola pegava a marmitta de meu pai e ia levar para ele no trabalho, na construção de um frigorífico a mais ou menos 3 km de casa.

Com 9 anos, entrei na Guarda Mirim, foi lá que fiz novas amizades e tive por um tempo uma disciplina militar. Lá acumulava pontos e, por estar sempre no pelotão “A” e entre os cinco primeiros alunos, aos 12 anos, fiz a minha primeira viagem sem meus pais. Fomos à Chapada dos Guimarães no MT, uma semana de viagem – lembranças maravilhosas que

estão guardadas com muito carinho até hoje. Esse período foi muito rico para minha vida, foi através da guarda mirim que comecei a trabalhar. Trabalhei como entregador de folhetos das lojas na cidade, de garçom, de segurança em estacionamento. Certa vez substitui uma colega em um supermercado como pacoteiro. Foi um aprendizado muito grande. Um tempo depois, tornei-me instrutor, pois já havia passado da idade limite, mas não era mais como no meu tempo.

Nesse mesmo período, lembro-me de ter apanhado muito de minha mãe por ir tomar banho escondido em uma lagoa e em uma bica que havia perto de casa. A mãe saía e eu e minha irmã íamos para lá, não conseguimos esconder a areia no fundo das roupas, o que sempre nos denunciava.

Mudei de bairro para uma casa própria, e por isso tive que mudar para a escola Eurico Gaspar Dutra. Quando mudei para essa escola, fui para a quarta série, estudei com uma professora que tinha até prego e martelo em seu armário na escola, era uma verdadeira carrasca, a ponto de uma colega urinar na sala por medo de pedir para ir ao banheiro.

Em 1996, mais uma vez nos mudamos e dessa vez fomos para Aripuanã, onde morava minha avó, mãe de meu pai. Foi uma viagem cansativa, era um lugar longínquo, mais de 400 km de estrada de chão. Porém, um lugar muito lindo, isso eu estava na 8ª série. Ficamos lá apenas 2 meses, pois nada deu certo. Nesse período, eu fui ajudar meu tio no mato, sendo o responsável pela comida, enquanto eles iam para a retirada de madeira. Durante a noite, podia ouvir o rugido das onças. Ali cobras era comum e também macacos rodeando o barraco.

No mesmo ano, mudamos para Tangará da Serra – MT, onde moramos junto com a família de um irmão de meu pai, foi um desastre, duas famílias com costumes diferentes morando em uma casa pequena, em uma cidade estranha e mais uma vez meu pai sem emprego. Minha mãe conseguiu uma Kit net para nós, levamos apenas um fogão, panelas e colchões. Meu pai conseguiu umas diárias e eu trabalhava vendendo picolé na cida-

de, depois consegui um trabalho em uma horta perto de casa. Logo depois, voltamos para Juti e meses depois voltamos para o MT, desta vez para Pontes e Lacerda.

Ali trabalhei com meus tios em uma compra de ouro e depois em um supermercado e fiz meu primeiro ano do Ensino Médio na escola Dormevil Farias. Era uma cidade linda e boa de se morar. Minha mãe estava empregada, meu pai e eu também, mas decidimos voltar para Juti e logo após para Naviraí. Nesse período, iniciei a caminhada vocacional na igreja Católica com a intenção de ir para o seminário. Em Naviraí, dei continuidade participando de uma equipe de vocacionados, terminei o segundo ano e em 2000 fui para Rondonópolis morar no seminário franciscano como aspirante e terminei o terceiro ano na escola La Salle. Nesta escola, tive um pouco de dificuldade, pois os professores exigiam bastante de seus alunos e os preparava para o vestibular, tive uma turma muito boa.

O seminário foi um aprendizado muito grande, nesse ano dei início à minha biografia, que ficou por lá mesmo. Tive que aprender a conviver em uma casa com mais vinte e sete pessoas, a dividir quarto com quem eu nunca havia convivido e a ter uma vida toda programada com horários. Os horários não eram problema durante a semana, o problema eram os fins de semana que tínhamos o tempo livre, momento em que batia a saudade de casa, todo fim de semana era uma eternidade para passar.

Foi nesse período que minha mãe e meu pai tomaram uma decisão muito importante para a nossa vida e para a de meu irmão mais novo – Mateus –, que veio para nossa família por meio de adoção. Mateus, desde seus primeiros meses de vida, já tinha contato conosco e foi adotado com menos de um ano de idade.

Ainda no tempo de Seminário, em férias em casa, aconteceu um acidente comigo e com minha mãe. Eu a estava ajudando a fazer sabão de álcool quando o sabão pegou fogo e fomos parar no hospital, tivemos queimaduras leves e até de 2º grau. Queimei uma boa parte de minha per-

na e os movimentos eram muito doloridos, me arrastei pelo chão por uma semana, pois não conseguia colocar minha perna na posição em pé.

Ainda em recuperação, retornei ao seminário, desta vez em Cuiabá, onde era a casa dos postulantes e somente estávamos eu e um colega, já que os outros desistiram. No retorno de um retiro em Anápolis e Catalão (estado de Goiás), para onde iria no próximo ano, eu senti necessidade de retornar para minha casa para pensar um pouco mais no compromisso que iria assumir, uma vez que já me tornaria, a partir do próximo ano, um noviço, membro da ordem dos franciscanos. No dia 13 de setembro de 2001, dois dias após os atentados das torres gêmeas, decidi que retornaria para minha família.

Ao sair do seminário, fui para Aripuanã novamente e mais uma vez minha família foi para lá. Esse período foi bem melhor que o anterior, pois eu trabalhava como professor de ensino religioso, porém ficamos apenas um ano. Vários fatores influenciaram para nosso retorno a Mato Grosso do Sul, mas, para mim, a dificuldade maior era a necessidade de cursar o nível superior ou um curso de nível técnico, já que onde estávamos a faculdade mais perto era em Juína a 200 km de estrada de chão. Nesse período, participei ativamente de um grupo de jovens na paróquia e de formação litúrgica e catequética.

Ao retornar para Juti, fiz vestibular em uma faculdade particular de Dourados para o curso de Letras; minha irmã, em outra em Naviraí para Letras também. Contudo, surgiram os problemas, como nos manter em universidades particulares. Tínhamos o salário de meu pai e o dinheiro que eu fazia vendendo verdura na cidade. Assim, tanto eu como minha irmã desistimos da faculdade.

Nesse período, minha mãe começou a participar de umas reuniões sobre determinado acampamento que tinham uma área em vista. Por curiosidade um dia fui a uma dessas reuniões, o que bastou para eu começar a me envolver, quando percebi, eu era líder de um grupo dentro do

acampamento. Um dia, fui convidado a ir para Campo Grande em uma reunião, meses depois estava no congresso de fundação da Federação da Agricultura Familiar de Mato Grosso do Sul. Assumi a coordenação de juventude, daí por diante fui me envolvendo cada vez mais tanto na temática da juventude quanto na da formação. Junto com isso, ainda era liderança do acampamento e cheguei a correr risco de vida por ameaças de morte. Dentre as lutas que tivemos, ocupamos fazendas e trancamos rodovias para fazer pressão ao governo federal e dizer que existíamos.

Conheci muita gente, viajei pelo Brasil, fiz minha primeira viagem de avião para Brasília com uma amiga. No retorno, descemos do avião e pegamos uma carona com uma amiga que nos deixou na rodoviária e tínhamos que decidir: comprar as passagens ou fazer um lanche, pois não tínhamos dinheiro para comprar as passagens para os dois. Particpei de muitas lutas dentro da federação – de sua criação, de sua ampliação, dos primeiros convênios para formação e de outras atividades.

Enquanto isso, surgiu a possibilidade de uma fazenda no município de Juti ser comprada para “resolver o problema do Panambi” no município de Dourados. Quem conhecia a área e a quantidade de terra necessária para resolver o problema, sabia que iria sobrar a metade da fazenda. Acampamos em frente a ela, e depois de alguns meses foi feita a sua demarcação, no dia 24 de novembro de 2004.

O assentamento homenageia uma pessoa muito importante para o processo de Reforma Agrária no MS e que ainda está vivo, reside em Dourados e continua trabalhando com a Comissão Pastoral da Terra, é o Padre Adriano Van de Vem, holandês que vive no Brasil há mais de 30 anos.

O modelo de assentamento em que vivemos é um pouco diferente do tradicional, já que os lotes são cortados de forma societária; temos ao todo 12 hectares, sendo 4 de forma individual, 6 em sociedade e 2 de reservas. Esse é um dos gargalos dentro do processo de organização do assentamento, o outro se dá pela divisão das famílias em dois grupos dis-

tintos. Grupos que se formaram depois do assentamento. Até hoje não sabemos como vamos trabalhar a parte societária. O INCRA veio e fez uma discussão que eu acho muito interessante, porém as pessoas não estão preparadas para assumirem esse tipo de organização; na teoria é tudo muito lindo, mas não podemos nos esquecer que são pessoas diferentes, de culturas diferentes e que não passaram por um processo de formação adequado para esse tipo de proposta. Hoje estamos divididos em 4 grupos para o processo de organização.

A maioria das famílias sobrevive do leite e do ganho do trabalho nas fazendas vizinhas ou da usina que está se instalando próxima ao assentamento. Em nosso sítio, temos algumas vacas leiteiras, carneiros, frangos, porcos e gado de corte, além de produzirmos horta, café, feijão, frutas. Temos hoje uma casa que nunca tivemos na cidade, assim, a qualidade de vida da minha família é muito maior de que há algum tempo atrás. A minha casa está na fase de construção.

Quando iniciei o curso técnico, eu não tinha perspectiva de outro curso, uma vez que eu fazia parte dos movimentos sociais que estavam na comissão de acompanhamento do projeto do curso de alternância, juntamente com a UEMS. Quando soube do vestibular da UFGD, eu já havia me decidido a estudar. Saí de cena do movimento para dedicar um tempo para minha formação pessoal. Foi então que prestei o vestibular e estou terminando Ciências Sociais, curso com o qual me encontro muito mais do que com o de técnico, que já terminei.

Durante o curso, tive a oportunidade de realizar um trabalho sobre o levantamento dos elementos culturais do meu assentamento. Neste momento, percebi que lá as histórias são poucas e os aspectos culturais ainda não têm raízes bem definidas. Os dados que coloquei no meu trabalho foram resultados de pesquisa em outros momentos quando a paróquia fez um resgate histórico do município para uma festa de Santa Luzia – padroeira da cidade.

Chegar onde estamos, eu e minha família, foi uma luta muito grande e nos custou muitas idas e vindas, mas creio que aqui é o lugar de criarmos raízes. Amo essa região, amo essa terra e nela quero fazer minha morada por muito tempo.

Estou certo de que a forma mais fácil de tornar essa vida terrena mais simples e mais agradável é através do conhecimento, pois, quando saímos da ignorância em que nos encontramos, conseguimos alcançar voos que até então nos pareciam impossíveis.

Wellyngton Silva de Jesus

Por meio deste texto, permito a você conhecer um pouco do que se passou no meu processo de desenvolvimento como indivíduo, o que tive, o que perdi, o que conquistei. As batalhas que travei para defender o que, de fato, vale a pena e o que amo. Na minha vida aconteceu de tudo. Desde instabilidade financeira até relações espirituais. Por isso, tive um amadurecimento, até certo ponto, forçado, pois o processo de acampamento exigiu demais de mim quando criança.

No ano de 1989, no dia 24 de dezembro, às 9 horas da manhã de domingo, na maternidade Cândido Mariano, em Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, nascia Wellyngton Silva de Jesus. Este nome fora dado por meu pai, que achava o nome Wellyngton bonito. Quando moço, ele, aos domingos, escutava um programa evangélico na rádio no qual havia a participação de um menino que se chamava Wellyngton, este tinha apenas 9 anos, era muito sábio, por esse motivo é que meu pai me deu o nome de Wellyngton. O Silva veio de minha mãe (Selma Izabel da Silva de Jesus) e o Jesus de meu pai (Edson de Jesus).

Cresci junto com meu irmão e com meus primos; de fato nós éramos muitos. Fui criado meus primos porque meus pais foram morar no fundo da casa de minha avó materna. Ela fazia bolinhos e fazia questão de sentar os netos em roda para colocar um bolinho na boca de cada. Nessas rodas, minha avó nos contava histórias de quando ela era moça. Lembro que todas as noites brincávamos com os filhos dos vizinhos de esconde-esconde, pega-pega, pula-corda, queimada, cobra cega, e outras brincadeiras de crianças.

Naquela época, eu tinha tudo o que uma criança queria. Meus pais e tios tinham um restaurante (Panela Quente), forneciam salgados e mar-

mita para obras. Este foi um tempo bom. De vez em quando, ajudávamos em alguma coisa, mas nada tão grande assim, nossa responsabilidade era manter a casa limpa e organizada.

A primeira vez que frequentei a sala de aula foi em 1995, na Escola Municipal Padre José de Anchieta, na vila Planalto em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Entrei na pré-escola com cinco anos de idade. Dois primos meus da mesma idade também iniciaram comigo a pré-escola. Sempre fui um dos menores da turma.

Quando chovia, eu e meus primos saíamos da sala de aula escondidos para tomar banho de chuva, isso para nós era uma coisa normal, pois antes de entrarmos na escola fazíamos isso em casa, mas a coordenação da escola nos levava à direção do colégio e chamava nossos pais. Molhados, íamos para casa. Sempre quando chegava a casa, minha mãe ou fazia chocolate quente ou me dava leite quente com açúcar queimado para evitar que eu ficasse resfriado, pois só era mudar o tempo que me atacava a bronquite.

Quando eu estava em férias da escola, meus pais levavam eu e meu irmão para viajar. Várias vezes fomos ao sítio de minha tia Izabel, irmã de meu pai, em Rio Negro, onde eu andava a cavalo, corria pelo campo, ajudava a marcar os bezerros, pegava coquinho para fazer mingau com leite, brincava com os filhos dos vizinhos e com minha prima. Levantávamos cedo para não perder um minuto, e a primeira coisa que eu fazia era ir com meu pai na chácara do vizinho pegar leite.

Certa vez em que fui com meu pai e meu tio ajudar um vizinho que estava com um boi atolado no brejo, eu e meus primos subimos na carreta do trator e fomos ver o boi. As tentativas de salvar o animal não foram suficientes e por isso tiveram que sacrificar a criação, mas não perderam a carne. Chamaram os vizinhos que estavam ali e carnearam o boi.

Em uma dessas férias, meu pai e meu tio encheram os carros e nos levaram para as águas turvas, próximo a Campo Grande. Meu irmão brin-

cava na beira do rio quando, de repente, ele sumiu. Eu o vi no meio do rio e corri para socorrê-lo, e quando eu pequei na mão dele fomos arrastados para um poço, onde morreríamos. Mas minha avó foi mais rápida, quando meus primos gritaram, ela não pensou duas vezes e nos grudou pelos braços e nos arrancou do poço. Eu tinha apenas seis anos; e meu irmão, quatro. Eu não poderia deixar acontecer nada com ele.

Quando fiz oito anos de idade, meus pais receberam convite para irem para o acampamento na fazenda Matinha, no distrito de Campo Grande, a 17 km da Capital, próximo a Rochedinho. No início, meu pai só iria ficar acampado por dois meses e em seguida seria assentado. Porém, isso não aconteceu. Quando completei dez anos fui morar com meus pais no acampamento, e com isso comecei a estudar em Rochedinho, a 9 km da fazenda Matinha, na Escola Municipal Barão do Rio Branco.

A escola no campo era estranha, havia apenas seis salas de aula de primeira a quarta série. Eu fui para outra escola, pois já estava na quinta série. Eu não via nenhuma dificuldade, tudo o que eles estavam estudando eu já havia estudado. Então, eu terminava todas as atividades primeiro que os outros colegas, com isso comecei a ajudá-los a fazerem as tarefas que a professora passava. Saía de casa às 11h e só voltava às 22h, mesmo a aula acabando às 17, já que dependia do transporte escolar para ir embora.

Assim que começamos a morar no acampamento, fizemos a primeira ocupação da fazenda e fomos desapropriados por uma liminar trazida por um oficial a pedido do juiz. Depois, meu pai foi chamado para ir para um acampamento em Ponta Porã, na Fazenda Itamarati, porém a distância fez com ele dispensasse esse convite, porque todos os parentes se encontravam próximos e por isso não havia necessidade de ir para tão longe.

No início era bom, amigos novos e a escola era um lugar de descontração para mim. Quando eu estava em casa e meu pai tinha saído para trabalhar, era minha obrigação buscar água para cozinhar, beber, lavar roupa

e tomar banho. Para isso, andava 3 km com um carrinho de mão com dois galões de 20 litros cada, e por dia chegava a fazer de três a quatro viagens, e só depois ia para a escola.

Tinha muita amizade, inclusive de amigas. Nesse mesmo tempo, comecei a trabalhar com meu pai nos feriados e na época de férias. De dois carros que tínhamos, só sobrou um, uma Brasília que usávamos para irmos à igreja.

As responsabilidades aumentaram e as brincadeiras de crianças foram esquecidas. Aos quinze anos de idade, voltei à cidade, pois não havia Ensino Médio em Rochedinho. Assim, a casa de minha avó se tornou novamente minha casa, mas meus pais continuaram no acampamento. Entrei no Projeto Agente Jovem, o qual era vinculado à Secretaria da Educação do município. Em 2005, comecei a trabalhar na Escola Municipal Prof. Nelson de Souza Pinheiro, lecionando na pré-escola, isso porque a escola tinha vínculo com o projeto Agente Jovem. Recebíamos capacitação para trabalhar com jovens e crianças e para dar palestras sobre Drogas, DST's, direitos e deveres das crianças e adolescentes e explicávamos o que se entendia como violência em um amplo leque.

Assim que voltei à cidade, percebi que não era mais a mesma coisa de antes do acampamento. Porém, tive que me adaptar de novo. Nesse ano, meus pais foram chamados para o projeto de assentamento (PA) na fazenda Santa Mônica onde permaneceríamos mais um ano no acampamento e, em seguida, seríamos assentados, o que aconteceu em 2007 no PA Santa Mônica, no município de Terenos-MS, a 54 km da capital.

Em 2008, prestei meu primeiro vestibular para Física na UFMS de Campo Grande-MS, e não passei. Então comecei a trabalhar durante o dia todo e nos finais de semana à noite em uma lanchonete. Meu pai ficou sabendo, pelo Movimento do qual ele faz parte, a FETAGRI (Federação dos Trabalhadores Rurais), do vestibular para os assentados e seus filhos, na UFGD em Dourados-MS. Em junho de 2008, prestei o vestibular junto com um primo e passamos para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais/Pronera e estamos neste até o momento.

Wilki Richard Almeida do Nascimento

No dia 21 de abril de 1988, nasce Wilki Richard Almeida do Nascimento na maternidade Promater, às sete horas, no município de Campo Grande/MS. Filho de Odélia Gomes de Almeida Silva e Edson Batista do Nascimento. Sua mãe era secretária de um consultório odontológico, onde realizava exames clínicos de Raio-X; seu pai trabalhava como encarregado em um almoxarifado na indústria de gás *Copagaz*.

A escolha de seu nome deu-se da seguinte forma: em determinada noite, sua mãe e o irmão mais novo dela, após dialogarem, chegaram à conclusão de que o nome Wilki seria um nome diferente; o irmão mais velho de sua mãe escolheu o nome Richarlison. No dia em que foram registrar o menino, a secretária do cartório não conseguia escrever a palavra Richarlison. A criança então recebeu o nome de Wilki Richard Almeida do Nascimento, Almeida por parte de mãe e Nascimento por parte de pai.

O menino não teve convívio com o pai durante o período da infância e da adolescência. E ainda hoje, no início de sua fase de adulto, não tem notícias de seu pai. Apesar disso, não sente vontade de conhecê-lo, pois considera que o pai é quem deveria ter esse interesse.

Wilki foi criado por seus avós maternos (Lindalva Gomes de Almeida e seu avô, Ozair Freitas de Almeida e Souza) tendo sempre a presença da mãe durante os finais de semana. Ele foi, aos oito dias de nascido, com a mãe morar na fazenda onde seus avós trabalhavam. Quando fez oito meses, sua mãe volta a trabalhar, deixando-o com seus avós, com quem Wilki mora até os dias de hoje.

Sua infância foi vivida na área rural. Ganhava muitos brinquedos, mas não deixava de lado brincadeiras como, por exemplo, as que tinham boizinhos feitos de frutas. Como era o único neto homem na família, brin-

cava muito pouco com suas primas e com sua irmã, dava mais atenção a suas próprias brincadeiras e não gostava que as meninas mexessem com seus brinquedos. Só aceitava brincar de jogar bola, pega-pega; em suas fazendinhas, os brinquedos mais velhos e quebrados eram os que ele deixava para as meninas.

Seus primeiros amigos foram quatro meninos, dois moravam em uma fazenda vizinha e os outros dois em uma chácara próxima à fazenda. Brincavam apenas nos fins de semana. Arranjou mais dois amigos quando começou a ir para a escola. Nessa época os meninos vinham a sua casa, ele raramente ia a casa de seus amigos. Ao completar seis anos de idade, começou a frequentar a escola. Cursou a pré-escola na Escola Municipal Antonio Sandim de Resende, localizada no município de Terenos/ MS.

Por ter sido criado com pouco convívio com outras crianças, teve certa dificuldade para se adaptar na escola, porém, não demorou muito para ter bom convívio em sala de aula, sendo solidário com os colegas. Sua matrícula foi realizada por seu avô, que ficou o primeiro dia de aula com ele.

Para tomar o ônibus que levava os alunos para a escola, Wilki andava em torno de 500 metros, esse trajeto era feito com o acompanhamento de sua tia, que estudava na mesma escola que ele. Trajeto que foi realizado por aproximadamente sete anos e meio; quando estava ainda cursando a 6ª série, mudou-se para o Assentamento Nova Querência, localizado também no município de Terenos. Ao iniciar a oitava série, a turma de Wilki foi transferida para a escola que havia no Assentamento Nova Querência – uma extensão da Escola Jamic Pólo Sala Nova Querência. Nela havia, na época, apenas o ensino de 1ª a 4ª série. No ano de 2002, a escola conseguiu recursos para que ali funcionasse o Ensino Fundamental completo. A primeira turma a completar a oitava série no Assentamento era composta por dez alunos – seis mulheres e quatro homens.

Ao concluir o Ensino Fundamental, Wilki pretendia cursar o Ensino Médio e entrar numa faculdade. Porém, no ano seguinte, após ter par-

ticipado, a convite, de um fórum social contra a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), no Rio Grande do Sul, recebeu proposta para fazer o Ensino médio em uma escola profissionalizante. Aceitou o convite e foi estudar na Escola Família Agrícola (EFA-COAAMS). Seu curso durou 4 anos (um ano a mais do que o ensino regular) e no ano de 2006 tornou-se um Técnico em Agropecuária. Durante o período em que permaneceu na EFA-COAAMS, construiu muitas amizades, aprendeu a viver no coletivo, a respeitar as ideias das outras pessoas, assim como a expor suas próprias opiniões. Um fato marcante desse período foi o que levou à mudança do nome da escola: dois anos antes de a turma de Wilki se formar, falece o diretor da escola, Rosalvo da Rocha Rodrigues. Em homenagem aos trabalhos realizados pelo diretor, a escola passa a receber o nome de EFAR (Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues).

Após concluir seus estudos na EFA, Wilki passa a trabalhar, por dois anos, como voluntário em uma associação, em seu assentamento. Nesse momento surge a oportunidade de ele ingressar no curso de graduação de Ciências Sociais oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Atualmente Wilki encontra-se no terceiro semestre.

Assim que começou a cursar a faculdade, as coisas começaram para ele melhorar, na segunda etapa do curso recebeu proposta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), para trabalhar em uma equipe técnica. Mudou-se então para o Assentamento Emerson Rodrigues, no município de Terenos, que ficava em torno de 20 quilômetros da casa de seus familiares que gostaram bastante da notícia.

Vale lembrar que, quando trabalhou como voluntário, recebeu várias críticas, principalmente de seus familiares; contudo, levantava a cabeça e seguia em frente. Juntou todas as pedras que lhe atiraram e começou a fazer seu caminho. Hoje é reconhecido devido ao seu esforço. Não se arrepende do que fez, se pudesse faria tudo de novo, só que, desta vez, melhor, pois a cada dia que passa adquire mais experiência.

Atualmente trabalha no MST, como Técnico em Agropecuária, realizando assistência técnica no assentamento Emerson Rodrigues, município de Terenos. Estuda na UFGD pela COAAMS, interage nos dois Movimentos, apesar de sua atuação e convivência ser maior no MST.

Sua participação em acampamentos, na luta pela terra, acabou não acontecendo. Na época de acampamento, quem foi para ele foi a sua avó materna. Entretanto, assim que descobriram que seus avós não poderiam pegar terra, uma vez que seu avô era assalariado, houve discussão com o presidente do sindicato e seus avós não puderam obter o lote. Nessa época, sua avó cuidava também do barraco de um tio de Wilki. Este tio, sabendo que ela não havia conseguido pegar a terra, propôs que ela permanecesse no acampamento no lugar dele até que houvesse o sorteio do lote previsto para ele, o tio de Wilki. Os avós consideraram uma ótima proposta e aceitaram-na.

No dia em que o lote foi sorteado, foi uma alegria para todos. Contudo, quando entraram no lote, o tio de Wilki disse para seus avós escolherem um lugar para que construíssem uma casa. No restante do lote somente ele iria trabalhar, uma vez que a terra era dele e ali ele faria o que bem quisesse.

Decepcionados com a atitude do genro, os avós de Wilki decidiram não discutir, deixando o lote somente para seu genro (mesmo indignados, ajudaram, dando arame para cercar o lote, postes). Reuniram-se então com a filha mais velha (mãe do Wilki) e decidiram comprar um lote para eles.

Pesquisaram, pesquisaram, encontraram um lote, mas não fecharam negócio em razão de o proprietário ter desistido da transação no último momento.

Tal fato fez com que a mãe do Wilki e seu padraсто decidissem ir para um acampamento. Com isso Wilki e sua irmã estudavam durante a semana e iam para o acampamento somente nos finais de semana. Até que um dia, ao escurecer, o fazendeiro mandou que os seus peões soltassem a

boiada no meio do acampamento. A mãe de Wilki, assustada com a situação, resolveu deixar o local imediatamente. Alguns dias depois, um amigo da família, comunicou a existência um lote abandonado no Assentamento Nova Querência. Os pais de Wilki Interessaram-se e foram conhecer o lote: um lugar distante da cidade, porém com terra boa e realmente abandonado. Após conversa com toda a família, decidiram ocupar o lote. Da ocupação participaram a avó, a mãe, a irmã, o padrasto. Os três primeiros dias foram chuvosos; no primeiro ficaram atolados e tiveram que dormir no carro. A vizinhança achou muito bom que eles tivessem ocupado o lote, situado no meio do assentamento.

Mais tarde, quando os pais de Wilki descobriram a real história do lote, ficaram preocupados. Um laudo apontava ser a área considerada improdutiva devendo, portanto, ficar como reserva. Em torno de um ano e meio depois que a família de Wilki estava ali instalada, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização Agrícola e Reforma Agrária) fez notificação informando que teriam um mês para desocuparem o lote, caso isso não ocorresse, seriam retirados com o apoio da polícia federal.

Recorreram a lideranças do assentamento, ao prefeito de Sidrolândia. Ficou decidido que o prefeito iria acompanhar a conversa entre os familiares de Wilki e os representantes do INCRA que seria realizada em Campo Grande/MS. A conversa aconteceu, na sede do INCRA em Campo Grande, no momento em que estava vencendo o prazo previsto na notificação. O INCRA assumiu o equívoco em relação ao laudo que indicava as terras do lote como improdutivas, após a família de Wilki ter apresentado documentos, fotos que mostravam dados das plantações que ali eram cultivadas, cuja produção permitia a sobrevivência da família. No entanto, para que a família pudesse tornar-se efetivamente dona das terras seria necessária a carta de anuência. Até que isso ocorresse, o INCRA permitiu que os familiares de Wilki continuassem trabalhando no lote, mesmo sem a documentação. Depois de muita luta, desgastes, contatos infru-

tíferos, a família consegue finalmente a carta de anuência, a construção da casa, o acesso ao PRONAF e a tranquilidade de estar com tudo certo dentro do lote. Com tranquilidade, vive lá até hoje, estão felizes e isso é prova viva de que “a persistência não está em nunca cair, mas em se levantar cada vez que se cai”.

Em relação à faculdade, cabe registrar que Wiliki é participativo em sala de aula, tem um bom convívio com os colegas e professores. Há aqueles colegas com quem conversa mais do que com outros, porém convive bem com todos do curso.

Nos seus trabalhos, como bom brasileiro, deixa quase tudo para a última hora. Tem consciência disso e tenta melhorar. No decorrer da terceira etapa do tempo universidade, começou a namorar com a Renata, acadêmica de Ciências Sociais da UFGD, no curso regular. Hoje acadêmica de direito na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS/Dourados.

No que diz respeito ao seu futuro, pretende, para concluir o curso de Ciências Sociais, realizar uma monografia voltada a sua realidade e que possa dar retorno viável a todos. Após o término da faculdade, ainda tem dúvidas sobre continuar ou não estudando, trabalhar ou não na área, continuar ou não na assistência técnica. Apesar dessas indefinições, uma coisa é certa: vai viver cada momento, aproveitando todas as oportunidades, independente de saber se darão certo ou não.

Zilda Alves de Souza

A caçula

Era 8 de outubro de 1978, um lindo dia de primavera, quando a contração se intensificou, e mamãe, Maria Núbia da Silva Souza, revelou à vizinha Vilma que a hora chegava. Esta, instantaneamente, ansiou-se, já que papai, José Alves de Souza, nos cuidados da lavoura, deixou sua ausência, mas providenciou o táxi. Deu entrada às 6h na maternidade Nossa Senhora da Glória, na cidade de Glória de Dourados-MS. Não dei muito trabalho e às 8h nasci. Porém, só após 3 anos, 11 mês e 24 dias, exatamente em 14 de setembro de 1982 recebi a identificação de existência, o registro de nascimento.

Era a caçula da família em função do destino, que deixou a mãe, ainda mulher fértil e sadia, nortista de Bravo Urubú - Aracajú-Sergipe, determinada, de personalidade forte, viúva aos 36 anos e partir de então ficou sozinha, pois o discurso que carregava dizia que era mulher de um homem só. Fiquei órfão de pai com 3 meses e 24 dias de idade. A morte veio recebê-lo ainda muito cedo, com 36 anos de idade. A mãe ficou com oito filhos, “uma verdadeira escadinha”. Naquele momento, o que tínhamos era uma carroça e um cavalo, uma bicicleta, a velha casa de madeira com cinco cômodos na região periférica da cidade e alguns troquinhos.

Ao saberem do falecimento de papai, muitas pessoas pediam, em coro, os filhos à mamãe, sendo os mais solicitados os de menores idades. Porém, mãe Núbia sempre sustentava: “onde um comer, todos comem”, ou se um morrer todos morrem”, não tinha argumento que lhe convenesse a doar os filhos.

Junto ao sepultamento do pai, foram também muitos sonhos, ficando muitas dificuldades. A mãe, analfabeta, quando solteira não teve oportunidade de acumular conhecimento, depois de casada, o esposo não permitia, a tal ponto de que ela não fazia nem a compra de uma esponja de aço no barzinho da esquina. Depois do acontecimento, mãe teve de atuar dobrado, e sempre que podia dividia a grande e árdua responsabilidade com os filhos maiores.

Na rotina de boias-frias, ficaram Edilson, Ailton (Nenê) e Ademilson, esse com pouquíssima idade. Este era amarrado no pau de arara para não saltar e conseguir chegar à roça. Segundo a mãe, isso era para não ficar ocioso/vadio em casa, dando trabalho para a irmã mais velha.

Dilma, com 9 anos, assumiu responsabilidade que não lhe competia; Vilma, de 8 anos, ficava com a tarefa de toda lavagem de roupas de toda família; Zilma, de 2 anos, e eu com 4 meses incompletos eram cuidadas por Dilma.

Extraíndo algumas informações da matriarca, os nomes eram pensados entre mamãe e papai. E assim aconteceu com os dos oito filhos. Os dois pensaram o ritmo dos fonemas: Wilson, Edilson, Adailton, Ademilson, Dilma, Vilma, Zilma e, finalmente, Zilda. Assim, meu nome além de continuar a sequência de pronúncia, também homenageava minha madrinha.

Em função das fatalidades, acompanhei o ritmo dos meus irmãos, tendo uma sobrecarga de responsabilidades nas fases impróprias. Mesmo assim, em uma atropelada rotina de todos os membros da família, recordo-me vagamente das brincadeiras de rodas, como ‘atirei o pau no gato’, ‘cobra-cega’, ‘balança cutia’ e a música ‘nana nenê’, que me embalava no sono na velha rede de algodão, ensinada pelas minhas irmãs nos curtos tempos vagos. Tivemos a infância de poucos amigos e com muitas cobranças e exigências da mãe, que se desdobrava na tentativa de atingir a meta, no realizar do seu duplo papel, ora incorporava o pai, ora a mãe.

Depois de quase cinco anos, mamãe iniciava uma nova fase na vida. Junto com os filhos de mais idades encaminharam-se para o acampamento, integrando o primeiro movimento de luta pela terra do estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 1983. Esse movimento surpreendeu e sacudiu muitos governantes, por se tratar, naquele momento, de um Estado consolidado de latifúndio, em que predominava a alta produção da monocultura da soja.

Foi um período de conturbação, medo e ameaça, em que as 1.000 famílias acampadas, pós-ocupação da fazenda Someco (Sociedade de Melhoramento e Colonização), vivenciavam momentos de incertezas. A ocupação foi a ferramenta encontrada pelos sem-terras para movimentar os governantes. Mas a mídia, com ideologia burguesa, se encarregou do simulacro, afirmando que o Estado estava recebendo ataques terroristas.

No nosso caso, não foi toda a família acampar, somente dois filhos, pois havia entre outros problemas o risco na travessia do rio dos pássaros, situação agravada pelo conflito de sem-terras e latifundiários.

Nesse tempo, iniciei os meus estudos em Glória de Dourados, com a senhora professora Filomena, numa pequena escola do bairro, que oferecia da 1ª a 4ª série no método de múltiplo seriado.

Nesse mesmo ano, com negociações, houve uma prévia resolução dos sem-terras e da Someco, no sentido de as famílias serem levadas para a antiga fazenda Padroeira do Brasil, em Nioaque, que atingia um total de 2.500 hectares. Assim, meu ano letivo, como de tantas outras crianças foi interrompido, até que se desse a organização, a estruturação e o funcionamento da escola no método de múltiplo seriado no Padroeira do Brasil.

As fases de crianças e adolescentes foram tranquilas, sem apresentar problemas. Fui uma adolescente bastante pacata e simples, percebia que o meu comportamento era distinto das colegas da mesma idade, que exigiam dos seus pais roupas da moda, brinquedos, bicicleta, apesar de eu também ter vontade de adquirir. Com 15 anos, minhas duas irmãs – Dilma

e Vilma – uniram-se e compararam uma bicicleta caloi cesi de cor rosa para mim. Mas usufruí muito pouco, pois meu próprio cunhado tirou de dentro de casa e vendeu para seu benefício próprio. Vivi este período com poucas colegas, tendo sempre a mesma rotina, da escola para casa e da casa para escola. Meu entretenimento acontecia com a colega e vizinha Cristiane, com quem brincava de elástico, pedrinhas, fazer ponte, estrelinha no gramado do quintal.

As descobertas, os desejos foram pacíficos e racionais. O primeiro namoradinho, por exemplo, já estava com 17 anos, antes só pensava em brincar, viver a fase que por exigências da vida não tinha vivido, tanto que a minha primeira boneca ganhei com 7 anos de idade. Meus irmãos, por sua vez, nem tardiamente tiveram a oportunidade de possuir brinquedos. Os princípios morais e religiosos eram intensos, quase toda a família era da igreja Assembleia de Deus e assim os namorados deveriam atender aos critérios para a iniciação do namoro. Neste momento, fiquei noiva de João, um membro da igreja. Fui para São Paulo para fazer um curso profissionalizante de Auxiliar de Enfermagem e voltei em 2001, após o término do curso. Porém, minha saúde psíquica não estava bem, e precisava realizar tratamento de psicopatologia, iniciada por fatores ocorridos negativamente na minha vida, como a perda do pai, o acidente de moto com morte fatal que levou Dilma, a dupla tragédia do assassinato de Wilson e da esposa grávida, e por fim a complexa responsabilidade de cuidar de duas crianças órfãs. Esta sobrecarga me deixou depressiva, João contribuiu bastante, mas meu pensamento oscilava muito ao decidir dar os nomes no cartório para o casamento. Assim, achei uma fuga, após a vinda de um primo de São Paulo, articulei e encaminhei junto a ele minha ida para lá, sustentando a justificativa, como de fato, de fazer o curso de Auxiliar de Enfermagem do Trabalho.

Tempos depois, voltei para morar com a mãe no Assentamento Padroeira do Brasil. Com poucos meses, fazendo a terapia campestre, cole-

gas do assentamento me convenceram a ir acampar, com o argumento que a área do Reverendo Moon sairia com três meses. Antes mesmo de me decidir, consultei meu irmão Nenê. Este me aconselhou que se eu realmente me decidisse a ir, que fosse uma ida permanente até a conquista, devido ao alto custo financeiro, tempo e desgaste físico. Por causa de sua experiência, tomei a instrução.

Fretei uma camionete, 22 de fevereiro de 2003, que me custou 120,00 reais para levar poucas traíais, fogão, cama, lampião, painéis. Fui montar barraco com o colega Burcão, que também me ajudou a tirar esteio, forquilha, vara, jogar a lona e logo depois me acomodou. Depois de quase dois meses de acampada, o coordenador de NB (Núcleo de Base) me convidou para ir com outro acampado para uma atividade do setor de Direitos Humanos (DH), pois o acampamento não dispunha de recursos financeiros suficientes para ida de ônibus, nem veículos para atender a demanda de dois integrantes do setor, a não ser eu com a minha moto. Esta foi minha primeira participação direta nas atividades do MST enquanto acampada.

No acampamento conheci todos os Coordenadores Estaduais do setor e outros contribuintes da secretaria do MST de Campo Grande. A viagem em muitos aspectos me marcou, principalmente no retorno, eu e o companheiro Ricardo tomamos chuva ao sair do Centro de Formação CEPEG (Centro de Estudo e Pesquisa Geraldo Garcia) até no acampamento situado a 30 km de Guia Lopes, sentido Bonito.

A minha quarta ida ao acampamento 8 de outubro, nome em homenagem à memória de Che Guevara, foi no dia do levantamento do acampamento. Desta vez fui convocada pelo coordenador a participar da Marcha Estadual, que saiu do CEPEG (Sidrolândia) no dia 13 e encerrou no dia 17 de abril em Campo Grande. Nessa marcha, o embate era contra a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). Os marchantes durante o percurso em coro diziam: “*Soberania Sim, Alca Não*”.

No término da marcha, não retornei ao acampamento, pois o coordenador Estadual do Setor de DH, hoje falecido, Olímpio Frases, me segurou e me convidou a ser a mais nova integrante do setor. Depois da marcha, fomos em três pessoas para uma atividade Nacional do setor em Guararema – SP. O senhor Olímpio, num curto tempo de conhecimento/amizade, mas de extrema necessidade, me consultou se eu aceitaria contribuir internamente na secretaria com a função de secretária, recepcionando, atendendo telefones. Eu aceitei de imediato.

A parti do dia 2 de junho de 2003 me tornara o mais novo membro do quadro funcional da AESCA (Associação Estadual de Cooperação Agrícola), que subsidia os assentamentos com as assistências técnicas, em junção à secretaria do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras). O novo me provocava medo, insegurança. Tudo se tornava difícil, mas, tudo isso não era surpresa.

Atuava como porta de entrada e saída da secretaria, o rosto da entidade, muitas informações, ocorrências eram filtradas por mim, no bom senso agia com sensatez e sigilo, já que este era um dos critérios primordiais para garantir a permanência na função.

Na realidade o tempo na base do acampamento foi expressamente curto, sucinto, de quatro meses incompleto, o período maior foi no quadro interno, que levou quatro anos, um mês e 20 dias, com saída no dia 22 de julho de 2007. Mas ao entrar, enfatizei nas primeiras conversas que a minha prioridade era a conquista da **terra**. Assim, segui meu duplo objetivo, pela Associação que garantia uma ajuda de custo e desta sobrevivia, e aos finais de semana cumpria com a responsabilidade de acampada, indo na base, participando de reuniões, atividades e contribuições financeiras, ou até mesmo atendia outras atividades maiores do movimento em outros setores. Para conter custo, facilitar e garantir a presença na base, pedi transferência de base, solicitando ao Jonas, falamos também com o coordenador da base. Desse modo, pude persistir nestes quatro anos de luta,

em busca da conquista da terra sonhada. Isso foi possível pela maturidade, determinação e por acreditar no projeto, o qual proporciona a dignidade, moradia e educação para qualquer cidadão, pois eu e meus familiares somos testemunhas disto, que de fato o projeto funciona. Sem sombra de dúvida digo e afirmo que todo processo vivido até agora valeu a pena, sem margem de arrependimento.

Um fato muito interessante, pois uma das primeiras cultuações dos trabalhos de militância, quando ainda acampada, me encantei com aqueles discursos ideológicos em que somente visava atender a necessidades dos excluídos e com a primeira impressão me sustentei em todo o período de contribuição.

Com entusiasmo da primeira impressão adquirida, sem oscilação de personalidade e comportamento, contribuí quatro anos, aprendi a ser voluntária, espontânea, de secretária a motorista de carro de passeio, van, sendo Oxi-boy. O legado de Che foi de muita absorção, assimilação e fixação, que se iniciou após quatro meses. Fomos voluntários na faxina, na lavagem de calçadas, paredes, na campinagem, nas doações de sangue, nas entidades carentes proporcionando alegrias às crianças que pelo preconceito foram esquecidas, atos realizados em menção à memória de Guevara.

Foram várias participações sociais, como nas Jornadas de lutas do mês de abril; Marcha estadual; Encontro nacional do setor e das secretarias (SP); V Congresso Nacional do MST (Bsb); Encontros estaduais; Encontro das coordenações estaduais; Encontro dos setores; Paralisações em BR; Manifestações frente ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Expansão da Reforma Agrária), manifestações na frente da Caixa Econômica, Banco do Brasil, reivindicando aceleração das linhas de crédito e do projeto habitação. Também contribuí e participei várias vezes do movimento ***Grito dos Excluídos***. Inúmeras vezes percorri de moto áreas de acampamento em muitos municípios do Estado para coleta de assinatura

para posteriormente os preenchimentos dos recibos das supostas realizações das atividades para o fechamento das prestações de conta dos incontáveis projetos financiados por entidades estrangeiras, às vezes bem recebida, em outras esculachada.

Foi nesta caminhada e convívio junto à militância do MST, que conheci José Jusceli, atuante no setor de cultura. Iniciamos o namoro no dia 22 de agosto de 2004. Este deu-se início com uma alta dosagem de encanto, em que ambos correspondiam a magia do momento. Fomos contemplados na mesma área do Assentamento 17 de Abril, antiga fazenda do grupo Teijin, distrito de Casa Verde, município de Nova Andradina.

Eu percebia que se tratava de um rapaz da luta, que buscava justiça, igualdade e solidariedade, e também me chamava a atenção o nível de formação intelectual na produção do conhecimento por meios de suas poesias, era “o diferente”. Acredito que ele me via como uma mulher distinta, determinada, de personalidade forte.

O namoro corria tudo bem até apresentar as primeiras responsabilidades, apareceram os primeiros sintomas da gravidez. Vi-me numa situação complexa, pois nasci e cresci no berço evangélico, dotada de princípios morais e religiosos, já preocupada com a mudança física que me denunciaria aos meus familiares, e também a amigos. Busquei ajuda a uma amiga que tinha vivido esta experiência, mas que não tinha levado adiante, por ela encaminharíamos a mesma resolução. Diante desta situação ainda via o posicionamento passivo e quase nenhum entusiasmo de José, foram muitas noites sem dormir, comer. Passados três meses de formação física e psicológica, na carência de abrir o assunto para alguém que pudesse me apoiar, já que encontrava em José umas duas ou três confortantes palavras, me abri com minha irmã Vilma. Ela me disse que a criança nasceria! Mesmo com o enfrentamento, o falatório, a insatisfação ou outras coisas deste gênero, e em última ela o criaria e com seus conselhos eu e o pai falamos à minha família da situação.

A gestação foi de rigoroso acompanhamento, mesmo que pelo SUS (Sistema Único de Saúde), para isso a estável imunidade favorecia, nos nove meses não faltei nem um único dia, mesmo nos dias das consultas mensais; logo após o atendimento me encaminhava direto ao emprego, esbanjava saúde.

Vilma chegou para me acompanhar e com dois dedos de dilatação eu mesma fui dirigindo. José foi chegar já meado do dia, próximo ao horário do nascimento. Foi a partir das 16h47min que minha responsabilidade dobrou. Ele nasceu com 51centímetros e 3.825 kg. O choro tomou conta de mim, não cessava, algo mesmo sem explicação, mas sem sombra de dúvida era um choro feliz, de satisfação, diante daquela criatura tão perfeita saída das minhas entranhas.

O nome do pequeno ficou RHYANN¹, e o segundo nome o pai mesmo sugeriu, Marx. Assim, completou-se o nome Rhyann Marx Souza Santos. Depois do nascimento de R. Marx, as responsabilidades aumentaram, com as limitações de tempo, gasto financeiro, até mesmo porque o pai não se doava em compartilhar estas situações. Tristemente poucas vezes pude contar com ele.

A entrega simbólica das parcelas da minha comunidade ocorreu no dia 2 de dezembro de 2006 na sede da ex-fazenda, quando faltavam quatro dias para Rhy completar 6 meses. Mas não fui em seguida para o lote, pois a secretaria por falta de funcionários me segurou por mais alguns meses. Mas, eu sabia que não iria fazer muita coisa em cima da parcela, pois estava sozinha, com criança pequena e sem recursos financeiros, o crédito de investimento PRONAF (Programa Nacional de Financiamento) só sairia depois do 2º ano para a aplicação nos projetos.

No início do mês de junho de 2007, todo o movimento estava em plena agitação na preparação do V Congresso do MST em Brasília, inclu-

1 RHYANN e ZILDA, Poucos minutos pós o parto, Santa Casa/Campo Grande-MS. Dia 06/06/2006.

sive eu com as preparações, contagens e embalagens dos produtos da Reforma Agrária para a venda no evento.

Com relação ao José, resumindo, após dois anos do rompimento, visitou o menino uma vez, nem se quer telefonava nas datas comemorativas, como aniversários, dia das crianças ou natal.

Hoje proporciono a meu filho uma condição não distinta do que representou minha infância, conforme retratei minha história.

Vale destacar que a luta intensa/direta dos sem-terras por todo o Brasil tem em média de 26 anos, antes disto não se ouvia e nem se via a busca por terras, gerações adultas que iniciaram neste período, uns permanecendo outros não, também transferiram a outra gerações esta objetividade. Eu mesma sou um caso deste, de pertencer, acreditar, permanecer e dar continuidade ao processo da luta pela terra. Quando minha mãe foi acampar, eu tinha 5 anos de idade, de lá para cá esta é a rotina de sempre, que todos sem-terras conhecem e sente ao decidir em mudar de vida, na perspectiva de atingir uma vida com mais liberdade, justiça e dignidade. O meu pai carregava uma identidade, de roceiro, vida do campo, mas não no campo, pois não lhe pertencia, a qualquer momento poderia não mais estar ali. A mãe recebeu esta força de vontade depois da viuvez, tomando os primeiros passos em acreditar em novos horizontes, pois o que mais lhe restaria, analfabeta, com uma carga de oito filhos, para ela naquele momento além da alternativa de ir para a luta, acampar, conquistar o pedaço de chão e poder ver seus filhos crescerem, sem risco e perigo, longe da violência urbana.

Devido a isso que eu reafirmo, minha identidade é de sem-terra, mesmo após a conquista do meu pedaço de chão, não passei pelo processo de conhecer e aceitar as lutas, ora, pois nasci e cresci dentro deste movimento, arraigado pelo sentimento de injustiça: “Ser capaz de sentir indignação contra qualquer injustiça cometida, contra qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo. É a qualidade mais bela de um militante.” Pensamento de Che Guevara.

Então toda minha existência foi na base de resistência, sem-terra, desafortunada, diante da triste dureza, no forte verão dezembro, dentro do barraco à vista de um intenso mormaço, as lonas demonstravam a sensação de derretimento, opostamente à estação anterior, no inverno numa contínua perda de suor expelida pela lona e o corpo tremia ao tentar resistir ao frio.

E assim se foram esta labuta, por muitos anos, mas mantendo-se em pé, uma identidade que passou por crises, pensou em desistir, ir para o espaço urbano e lá ficar a mercê da violência, exploração e exclusão. Mas com otimismo nos mantivemos, mesmo com fragilidade, na busca do novo, gradativamente se fortalecendo, e a prova disto, lenta, mas, continuamente, somos nós, eu e outros de pertencer este cíclico movimento, visando mudanças, agentes transformadores, os alunos do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária).

Da mesma forma, que fui batizada pela justiça, estou transferindo para meu filho, que sente e identifica com toda esta movimentação, pois iniciara desde a vida intra-uterina. Rhyann, muito precocemente, com 1 ano e seis meses de idade, contribui na plantação de mudas de tifton (pastagem) para formação de um piquete, acompanhou a germinação de sementes de café, coco da Bahia. Hoje temos em nosso lote um plantio de café com 70 pés na segunda flora, um plantio de coco com 30 pés, além de muitas árvores frutíferas, árvores de leis. Naturalmente, será ele que dará continuidade à identidade de sem-terras, mesmo depois da conquista da terra, é preciso continuar lutando, como revela a música de Ademar Bogo:

*“Quando chegar na terra
Lembre de quem quer chegar
Quando chegar na terra
Lembre que tem muitos passos pra dar*

*Quando chegar na terra
Lembre que tem outros passos pra dar
Mire o olhar na frente
Por que atrás vem gente querendo lutar*

*Neste caminho obscuro
Esta o futuro para preparar
Não desanime, caminhe
Trabalhe, se alinhe no passo de andar
[...]*

Como foi para mim, a Rhyann não está sendo diferente, no sítio, quando não está Vilma (irmã) nos auxiliando no desenvolvimento da terra, somente eu e ele, apesar de muito pequeno, estamos, mas mesmo com sua pouca idade já sente a difícil e árdua vida no campo: o sol de quase 40 graus, ao me acompanhar nos afazeres das atividades no campo, na arrancada do quiabo, na planta da rama de mandioca, do abacaxi.

Não posso me esquecer do dia em que escolhemos o nome do assentamento, para o qual foi escolhido o nome de EMERSON RODRIGUES, em homenagem a um companheiro tombado na luta. Seu pai era militante do MST, morava no estado de Paraná, e presenciou que um acampado foi expulso e impedido de pegar o lote por questões peculiares. Este ameaçou o pai de Emerson que devolveria o troco. Já no assentamento, o ameaçador investigou passo a passo a família, e num dia de domingo, o pai foi para uma reunião na área, quando o ex-acampado assassinou Emerson dentro de sua própria casa com arma de fogo, deixando o sinal de vingança com a vida inocente do adolescente.

A comunidade num panorama geral tem produzido bastante e diversificadamente, onde o mais enfatizado é a produção do quiabo, a comunidade produz por mês uma média de 5.000 kilos. A explícita implicação é

a evacuação dos produtos, que passam pelas mãos dos atravessadores, que extraem sobre a força do pequeno produtor um ganho de 100% de lucro. Resumindo, quem mais trabalha e necessita é o que menos ganha. Os assentados estão na expectativa das consolidações das cooperativas e associações para estruturar o assentamento, encaminhar a produção e assim os parceiros receberem por seus produtos um preço mais justo.

A intensa e incessantes lutas dos movimentos sociais tem possibilitado uma vida mais íntegra para os assentados. Em função das acirradas manifestações, as políticas públicas estão mais direcionadas, um visível exemplo é a conquista superior do teto habitacional, de 12 para 18 mil a fundo perdido. Além do crédito inicial, antes conhecido como fomento que dobrou o saldo, há a linha de crédito Pronaf para estruturação da parcela via projetos de investimento.

A vida em qualquer assentamento, independente onde seja, é difícil, exige bastante esforço físico, o ritmo é distinto da vida urbana, de muito suor, força braçal, desempenho e dedicação, onde só permanecem os indivíduos que se identificam com a terra, a mata, o meio ambiente. Enfim, aqueles que têm prazer em jogar a semente sobre chão, esperar esta germinar, crescer e finalmente colher o fruto, e acima de tudo aceitar sua condição, ou seja, sua identidade enquanto sem-terra, depois com terra, sentindo-se filho terra.

Até a prova seletiva do vestibular me serviu de lição de vida, pois quando acessei a lista dos candidatos a concorrer uma das sessenta vagas, estando lá conhecidos professores graduados em outras áreas, filósofos, sem querer assumir uma postura ridícula e covarde, pensei em desistir, já que não acreditava, sentia-me incapaz de passar na prova, minha preocupação estava em fazer e não passar, pois 80% dos candidatos eram conhecidos da luta durante a atuação no MST.

Comentei meu receio com minha irmã que me chamou a atenção e me fez voltar atrás da ideia em desistir; melindrosamente resolvi me escre-

ver e ir às realizações das provas. Quando saiu o resultado on-line, percorri com o olhar a lista, não acreditava, lá estava meu nome.

Mas como todo novo traz apreensão, no início do curso no tempo universidade, o tempo comunidade, novas disciplinas, e tenho me esforçado muito para superar as dificuldades. A minha dificuldade maior é na exposição dos trabalhos de seminário, pois até consigo me relacionar bem com o conteúdo, mas quando chega lá na frente, sinto um suador, uma tremedeira e uma quantia sem igual de atropelamento de palavras.

Mas que bom que temos poucas pessoas como amigos, mas que valem por muitos, nos servindo, sem tratar com indiferenças em relação às circunstâncias ocorridas em torno, até mesmo sujeitando a futuros riscos, perseguições por causa de nossa amizade, neste intuito que quero enaltecer a pessoa especial de Edmilson, amigo de sala de aula e das lutas anteriores.

A relação com os professores tem sido tranquila, com um grande aproveitamento, pois são muito mais que professores acadêmicos. Em diversas situações visualizo o comportamento da equipe docente, principalmente das coordenadoras do curso, quanto à doação, ao voluntarismo, à espontaneidade em acreditar em outro projeto, o popular, e, às vezes, comportando-se como mães, psicólogas. Penso que temos que explorar estes intelectuais o máximo, já que não podemos levá-los para casa, aproveitar o momento, tirando o maior proveito, pois nos encontramos numa rica e exclusiva oportunidade.

A experiência de vida enquanto acadêmica é algo inédito mesmo, marcante, em que há possibilidade de retirada da sólida membrana da ignorância e a construção de um ser intelectual. Visando explorar e tirar proveito máximo dos professores, nas disciplinas no tempo universidade, pois a minha carência de tempo, recurso financeiro e estrutural como o computador, muito me preocupa, pois gostaria de poder me dedicar mais aos meus trabalhos, principalmente no TTC (Trabalho Tempo Comuni-

dade), não pretendo somente levar a referência da boa Universidade onde cursei, mas sim deixar a referência por onde passarei do bom profissional que me tornei.

Sobre a disciplina de Língua Portuguesa, que excelente presente os cinquenta e nove alunos do PRONERA do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFGD receberam, pois nos contemplaram com duas pessoas incríveis, dinâmicas, espontâneas, energizantes. Nos trabalhos do primeiro semestre, as exigências das professoras me deixaram perdida em meio a tantos trabalhos, mas foram importantes, necessários depois de muitos anos fora da sala de aulas.

Destaco o trabalho do levantamento dos aspectos culturais, foi rico, que buscou e enfatizou os valores culturais, apreço de um determinado grupo, região ou localidade. Então os distintos alunos em seus retrospectivos assentamento salientaram em seus trabalhos os traços culturais mais fortes e consideráveis, os apreciados localmente ou não-locais. Entre os vários elementos culturais coletados estavam o Sarravulho (prato tipo e significativo de Corumbá) e a sopa paraguaia. Do trabalho acadêmico fomos à confraternização, possibilitando a socialização e a valorização de outras identidades. Quando me refiro que as professoras foram dinâmicas, energizantes, sem intenção de enaltecer, mas sim para evidenciar, desvelar a criatividade que de um trabalho teórico, criou-se situações empíricas, uma confraternização que mexeu com o tempo, a circunstância e as pessoas dissociadas da origem, comprovando tamanho empenho e esforço, se ocupando de nós mesmo os preparativos, e olha quem estavam lá! Elas mesmas, a dupla, esperando ferver o sarravulho, mexendo o torrão do arroz, até o resultado final e o momento da festa, num transbordante gesto modesto e simpatia, que envolvia e contagiava toda a turma.

Ao lembrar parte de minha história, penso que às vezes nos questionamos o porquê fulano age assim, se comporta de tão maneira, mas não paramos para pensar, refletir o que aconteceu no momento sua formação,

no período de preenchimento de suas lacunas, na formação da personalidade. Vivi muitas experiências, fatos que marcaram minha vida, como um corte no braço aos 5 anos, o par de tênis, a caloi cecí, o acidente fatal de minha irmã Dilma, a compra do primeiro carrinho, o nascimento do Rhi, o lote, a produção, dentre outros que me marcam.

Enfatizo ainda que toda produção é difícil, seja a escrita ou a oral, principalmente ao se tratar de si mesmo. Mas devido ao limitado tempo e meio para escrever, pretendendo não se estender muito e facilitar o acesso à leitura, deixei de mencionar vários fatos da minha vida que em outro momento quero desenvolver.

Pretendo conquistar o grande sonho, não sendo somente meu, mas de muitos brasileiros, o de alcançar uma graduação, e não me estacionar. Percorrendo vários conteúdos da etapa passada da disciplina de Antropologia, suscitou em mim um intenso interesse de lutar pela pós-graduação, despertado pela especialização no campo da saúde. Pude me identificar muito com a disciplina de Antropologia, e assim espero conquistar mais este sonho. Com o trabalho de leitura e escrita, também percebi a importância do registro, tanto de minha vida quanto de outras pessoas.

Espero que depois destes quatro anos de graduação, eu venha sofrer bruscas e visíveis mudanças, rompendo com o véu da ignorância, doando-me a um amplo futuro, feliz e próspero.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; rev. da trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HEBERLE, Viviane Maria. & JORGE, Sabrina. Análise crítica do discurso de um folder bancário. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Déssiré (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 177-198.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configurações, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário *et alii* (Orgs.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 23-36.
- MENEGAT, Alzira Salet. *No coração do Pantanal*: assentados na lama e na areia – as contradições entre os projetos do estado e dos assentados no Assentamento Taquaral-MS. Dourados: Editora UEMS/UFMS, 2008.
- MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, José Luiz *et alii* (Orgs.). *Gêneros teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 81-106.
- _____. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, José Luiz, MOTTA-ROTH, Déssiré (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 17-29.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.
- VIEIRA, Juliane Ferreira Vieira. *Uma análise crítica das relações de poder no gênero relatório*: o caso dos Kaiowá da aldeia Panambizinho. 2007. 126 f. Dissertação.
- ZUNTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.